

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

PAULA MARTINI

**EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO NOS
CURRÍCULOS DE BIBLIOTECONOMIA BRASILEIROS**

Porto Alegre
2024

PAULA MARTINI

**EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO NOS
CURRÍCULOS DE BIBLIOTECONOMIA BRASILEIROS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCIN, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
Orientadora: Profa. Dra. Jussara Borges.

Porto Alegre
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Marcia Barbosa

Vice-Reitora: Pedro Costa

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria de Moura

Vice-Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Coordenador: Prof.^a Dr.^a Jussara Borges

Coordenador Substituto: Prof.^a Dra.^a Caterina Marta Groposo Pavão

CIP - Catalogação na Publicação

Martini, Paula

EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO A
PARTIR DOS CURRÍCULOS DE BIBLIOTECONOMIA BRASILEIROS /
Paula Martini. -- 2024.

190 f.

Orientadora: Jussara Borges.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Educação em informação. 2. Formação de
bibliotecários. 3. Mediação da informação. 4.
Bibliotecário educador. 5. Análise de discurso. I.
Borges, Jussara, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN)

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Campus Saúde - Porto Alegre - RS - CEP 90035-00 - Telefone:

(51) 3308.5067 - E-mail: ppgcin@ufrgs.br

PAULA MARTINI

**EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO A PARTIR DOS
CURRÍCULOS DE BIBLIOTECONOMIA BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Porto Alegre, 25 de setembro de 2024.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Jussara Borges – Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Ivete Pieruccini – Titular
Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/ECA/USP)
Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Prof. Dr. Valdir José Morigi – Titular
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros – Titular
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Sonia Elisa Caregnato – Suplente
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Seria muito difícil nomear todas as pessoas que me ajudaram com a realização deste trabalho, em primeiro lugar porque não quero arriscar esquecer alguém, em segundo, porque não caberia em uma página.

Portanto, agradeço a cada mensagem de afeto e incentivo da minha família, em especial à minha filha, porque foi com ela que consegui compreender minha incompletude como ser humano. Foi com ela que aprendi a educar e me deixar ser educada todos os dias.

Agradeço ao InfoCom, um grupo que de pesquisa que é também minha casa. Agradeço sobretudo e imensamente à minha orientadora, pelas trocas, pela paciência, por se revelar uma verdadeira amiga nessa caminhada e por ser uma de minhas referências acadêmicas.

Agradeço ao meu orientador anterior por me auxiliar com dúvidas frequentes, por ser meu amigo e por sempre me deixar assistir suas aulas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, ao seu corpo docente e administrativo que igualmente contribuíram com essa formação. Agradeço em especial ao coordenador dos anos em que fui estudante e representante discente: como estudante me beneficieei com as trocas acadêmicas, com as instruções metodológicas da pesquisa. Como representante discente, pude ver de perto o que o programa fez pelos alunos e fui muito beneficiada com todo aprendizado.

Agradeço enormemente à bolsa de estudos CAPES que foi crucial para a realização do curso de mestrado, pois me amparou financeiramente, auxiliando a execução da pesquisa e demais despesas que um estudante tem no Brasil.

Agradeço à banca de defesa pelo estímulo e aprovação deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos e colegas porque foram compreensivos comigo nos momentos em que precisei me isolar para dar conta da pesquisa, pelas mensagens de apoio e torcida, pela acolhida sempre.

RESUMO

Esta pesquisa aborda o tema da educação em informação e a sua relação com a formação de bibliotecários no contexto brasileiro. O estudo combina a análise de conteúdo para a extração de dados e executa a análise de discurso nos enunciados provenientes dos marcos políticos de educação em informação e dos planos de ensino que abordam a temática, relacionando-a com a formação dos bibliotecários brasileiros. A partir desta metodologia a pesquisa se caracteriza com abordagem qualitativa e resultados quantitativos, é de natureza aplicada e visa auxiliar na compreensão da formação dos bibliotecários no período contemporâneo propondo a educação em informação como uma alternativa para o enfrentamento à desinformação. Além disso, discute a formação de bibliotecários, educadores através da mediação da informação como um processo de significação e sentidos, propiciando sujeitos informacionais e protagonistas que estejam preparados para lidar com os desafios informacionais diante de um cenário de desinformação. Conclui que tanto os marcos políticos quanto os planos de ensino preconizam ações de educação em informação e colocam o bibliotecário como protagonista de tais ações, portanto há formação de bibliotecários educadores com viés social, porém ainda é necessário refletir sobre os conteúdos abordados na formação desses profissionais para que sua interferência na sociedade seja transformadora e significativa auxiliando os sujeitos a se relacionar com a informação de maneira saudável e proveitosa.

Palavras-chave: Educação em informação; Formação de bibliotecários; Mediação da Informação; Bibliotecário educador, Análise de discurso.

ABSTRACT

This research addresses the topic of information education and its relationship with the training of librarians in the Brazilian context. The study combines content analysis for data extraction and performs discourse analysis on statements from information education policy frameworks and teaching plans that address the topic, relating it to the training of Brazilian librarians. Based on this methodology, the research is characterized by a qualitative approach and quantitative results, it is applied in nature and aims to help understand the training of librarians in the contemporary period, proposing information education as an alternative to combating misinformation. Furthermore, it discusses the training of librarians and educators through the mediation of information as a process of meaning and meaning, providing informational subjects and protagonists who are prepared to deal with informational challenges in the face of a misinformation scenario. It concludes that both political frameworks and teaching plans recommend information education actions and place the librarian as the protagonist of such actions, therefore there is training of librarian educators with a social bias, but it is still necessary to reflect on the contents covered in the training of these professionals so that its interference in society is transformative and significant, helping individuals to relate to information in a healthy and beneficial way.

Keywords: Information education; Librarian training; Information Mediation; Librarian educator, Discourse analysis.

O bibliotecário, diga-se, não existe, é um complexo em cujo interior se acham introvertidos e extrovertidos, atentos e distraídos, rotineiros e aventureiros. É uma vantagem dessa profissão não se reduzir a uma só função, o que lhe permite transformar-se.

Michel Melot

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratégia do levantamento bibliográfico.....	27
Quadro 2 - Relação de pesquisas envolvendo a AD.....	33
Quadro 3 - Variações da nomenclatura da competência em informação.....	57
Quadro 4 - Eixos de trabalho do GT – CoInfo.....	95
Quadro 5 - Sistematização da análise de discurso dos marcos políticos.....	105
Quadro 6 - Estabelecimento de categorias de análise.....	117
Quadro 7 - Análise das ementas.....	119
Quadro 8 - Palavras mais frequentes no corpus da COINFO nas ementas.....	121
Quadro 9 - Enunciados da categoria COINFO nas ementas.....	121
Quadro 10 - Enunciados da categoria INFOCOM nas ementas.....	125
Quadro 11 - Enunciados da categoria INFOEDU nas ementas.....	127
Quadro 12 - Análise dos objetivos.....	131
Quadro 13 - Enunciados da categoria COINFO nos objetivos.....	132
Quadro 14 - Enunciados da categoria INFOCOM nos objetivos.....	136
Quadro 15 - Análise da categoria MED nos objetivos.....	137
Quadro 16 - Análise dos conteúdos programáticos.....	140
Quadro 17 - Palavras mais frequentes no corpus da COINFO nos conteúdos.....	142
Quadro 18 - Enunciados da categoria COINFO nos conteúdos programáticos.....	142
Quadro 19 - Enunciados da categoria INFOCOM nos conteúdos.....	147
Quadro 20 - Enunciados da categoria INFOEDU nos conteúdos.....	149
Quadro 21 - Palavras mais frequentes no corpus.....	154
Quadro 22 - Disciplinas que contemplam metodologias.....	155

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fases da metodologia da pesquisa.....	25
Figura 2 - Resumo dos objetivos específicos: etapas da pesquisa.....	29
Figura 3 - Busca avançada no e-MEC.....	30
Figura 4 - Fluxograma da análise documental dos currículos.....	31
Figura 5 - Conquista da autonomia.....	43
Figura 6 - Conceitos gravitando a educação em informação.....	52
Figura 7 - Esquema das competências infocomunicacionais.....	63
Figura 8 - Estrutura conceitual das competências infocomunicacionais.....	66
Figura 9 - Mapa conceitual da pedagogia crítica.....	72
Figura 10 - Intersecção das áreas da Informação e da Educação.....	75
Figura 11 - Elementos necessários de um perfil mediador.....	87
Figura 12 - Nuvem de palavras da categoria CoInfo nas ementas.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de IES por estado brasileiro.....	114
Gráfico 2 - Quantitativo de disciplinas por IES.....	115
Gráfico 3 - Distribuição das ementas nas categorias.....	118
Gráfico 4 - Distribuição dos objetivos nas categorias.....	130
Gráfico 5 - Distribuição dos conteúdos nas categorias.....	139
Gráfico 6 - Inscrição dos planos de ensino na Biblioteconomia.....	157
Gráfico 7 - Inscrição dos planos de ensino na Biblioteconomia.....	158
Gráfico 8 - Distribuição dos contextos por plano de ensino.....	161
Gráfico 9 - Universidades que contemplam conteúdos didáticos.....	162
Gráfico 10 - Universidades que preparam educadores.....	163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRL	<i>Association of College and Research Libraries</i>
AD	Análise de Discurso
ALA	<i>American Library Association</i>
ALV	Aprendizagem ao Longo da Vida
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BN	Biblioteca Nacional
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em CI
CABAM	Centro Acadêmico da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia/UFRGS
CCI	Competência Crítica em Informação
CI	Ciência da Informação
COINFO	Competência em Informação
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i>
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
GT-COINFO	Grupo de Trabalho - Competência em Informação da FEBAB
IA	Inteligência Artificial
IES	Instituição de Ensino Superior
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IL	<i>Information Literacy</i>
INFOCOM	Competências Infocomunicacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases Curriculares
LGPD	Lei de Geral de Proteção de Dados Pessoais
MEC	Ministério da Educação
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização Mundial das Nações Unidas
PCD	Pessoas Com Deficiência
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
UDESC	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFG	Universidade Federal De Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFR	Universidade Federal de Rondonópolis
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO L	Universidade do Estado do Rio de Janeiro Licenciatura
UNIRIO M	Universidade do Estado do Rio de Janeiro Manhã
UNIRIO N	Universidade do Estado do Rio de Janeiro Noturno
USP	Universidade de São Paulo
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 CONFORMAÇÃO DA PESQUISA.....	16
2.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	16
2.2 OBJETIVO GERAL.....	21
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
2.4 JUSTIFICATIVA.....	21
2.5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	24
2.5.1 Tipo de pesquisa.....	25
2.5.2 Levantamento bibliográfico.....	26
2.5.3 Atendendo aos objetivos específicos da pesquisa.....	28
2.5.4 Tratamento das informações coletadas.....	32
2.5.5 Método de análise.....	33
3 EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	36
3.1 A EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO COMO AÇÃO MEDIADORA.....	39
3.2 EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO.....	45
3.2.1 Competência em informação.....	52
3.2.2 Competências infocomunicacionais.....	62
3.2.3 Competência Crítica em Informação.....	68
3.2.4 Infoeducação.....	73
4 O BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI.....	82
4.1 BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR.....	85
5 ABORDAGEM DOS MARCOS POLÍTICOS E DOS PLANOS DE ENSINO.....	94
5.1 MARCOS POLÍTICOS.....	97
5.2 RESULTADO DA ANÁLISE DOS MARCOS POLÍTICOS.....	104
5.3 PLANOS DE ENSINO.....	113
5.3.1 Ementas.....	116
5.3.2 Objetivos.....	130
5.3.3 Conteúdos programáticos.....	139
5.3.4 Metodologias.....	153
5.4 RESULTADO DA ANÁLISE DOS PLANOS DE ENSINO.....	156
6 CONCLUSÃO.....	165
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXO 1 - EXEMPLO DE UM PLANO DE ENSINO.....	182
APÊNDICE A - RELAÇÃO DAS DISCIPLINAS ANALISADAS.....	187

1 INTRODUÇÃO

A educação em informação (Borges; Brandão; Barros, 2022) tem avançado como uma abordagem educativa capaz de fazer resistência à desinformação, entre outros desafios relacionados à informação como seu uso crítico e saudável. Tal abordagem relaciona a Competência em Informação (CoInfo), a Competência Crítica em Informação (CCI), as Competências Infocomunicacionais (InfoCom) e a Infoeducação no intuito de consolidar competências e saberes informacionais de maneira multidimensional para lidar com a informação em diferentes suportes e formatos, bem como com a desinformação.

A abordagem da competência diverge substancialmente da Infoeducação, pois a primeira se estrutura com a finalidade de fornecer eficiência e eficácia no uso da informação, enquanto a Infoeducação, ao abordar o aspecto formativo da informação, se fundamenta na apropriação cultural dos signos pelos sujeitos nos processos educativos. As Competências e a Infoeducação, apesar de distantes epistemologicamente, são complementares na educação em informação. Entende-se a educação em informação como uma alternativa crítica para mitigar as consequências da desinformação unindo diferentes abordagens.

A desinformação emerge como um dos problemas que permeiam o século XXI, e pode ser caracterizada por conteúdos falsos, desatualizados, informações errôneas e/ou maliciosas, por vezes disseminadas desmedidamente, conforme Heller, Jacobi e Borges (2020). Segundo uma matéria do jornal O Globo, publicada em julho de 2022, o entrevistado Idrees Mughal¹ expressa que, para cada produtor de conteúdos baseados em evidências, há pelo menos 50 ou 60 outros que compartilham desinformação. Mughal passou a observar perfis que publicam informações falsas sobre a ação de remédios e seus efeitos colaterais. Conforme o médico britânico, o índice de postagens de informações erradas em saúde é superior ao de especialistas que tentam desmascará-las.

A desinformação é um fenômeno que pode colocar em risco a vida de muitas pessoas, principalmente aquelas que consomem informações sem qualquer contraponto ou verificação, o que as torna mais suscetíveis a direcionar para a emoção. De acordo com D’Ancona (2018), há situações em que a opinião pública pode concordar com informações levando em consideração apenas os apelos emocionais, relegando a objetividade dos fatos ou evidências

¹ Idrees Mughal: médico de hospital em West Midlands, formado em medicina e com mestrado em pesquisa nutricional, tem um milhão de seguidores no TikTok depois de desafiar a ciência falsa no popular aplicativo social. Mais informações disponíveis em: <https://www.easterneye.biz/british-doctors-are-fighting-health-myths-and-misinformation-on-tiktok/>. Acesso em: 02 ago. 2024.

contundentes. Para o jornalista, assim se caracteriza a pós-verdade. O autor traz a visão de que “a honestidade e a exatidão não são mais consideradas como a maior prioridade nas trocas políticas” (D’Ancona, 2018, p. 20). Não apenas nas trocas políticas, mas no convívio social em nível global, sobretudo no que concerne à informação.

No tocante à informação, pode-se dizer que o mundo vem enfrentando desafios informacionais que necessitam de um conjunto de conhecimentos estratégicos para que se possa frear os danos, pois a desinformação vêm corroendo as relações, minando o cotidiano das pessoas com mentiras, ódio e furor. A informação é um direito de todos, e para isso é necessário ética, responsabilidade, consciência de seus deveres, competências e saberes informacionais que possam intervir em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna. O mundo precisa de profissionais aptos para auxiliar a população com a apropriação, a disseminação, a busca e o uso consciente da informação.

Considera-se neste trabalho que o bibliotecário, enquanto profissional da informação, tem um papel relevante frente a esses desafios. Cabe a ele se desenvolver plenamente, para poder exercer seu papel de educador, e assim educar em informação. Portanto, este preparo por parte do profissional perpassa uma dimensão formativa, em que se questiona se a formação vem acompanhando tais demandas. O bibliotecário vem transformando as suas práticas ao longo dos séculos, mas será que está devidamente amparado por competências e saberes informacionais capazes de fazer frente a tais transformações? Será que os cursos de Biblioteconomia estão preparando bibliotecários educadores? Estas perguntas serviram de força motriz para o desenvolvimento desta pesquisa, cujo objetivo é compreender como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário brasileiro.

Procurando responder tais questões, esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: Conformação da Pesquisa, onde as variáveis da pesquisa são problematizadas, levando aos objetivos geral e específicos, seguidos da justificativa e da metodologia. No referencial teórico, abordam-se o contexto informacional e a CI, em seguida a mediação da informação como fundamento para a educação em informação, onde também são combinadas abordagens de diferentes ancoragens como uma alternativa para se educar em informação: Competência em informação (CoInfo), Competências Infocomunicacionais (InfoCom), Competência Crítica em Informação (CCI) e Infoeducação. Em continuidade, aborda-se o bibliotecário do século XXI e o bibliotecário educador. Por fim, seguem as seções de análise dos marcos políticos, posteriormente, a análise dos planos de ensino e a conclusão.

2 CONFORMAÇÃO DA PESQUISA

Nesta seção problematizam-se as transformações no papel dos bibliotecários. Aborda-se, similarmente, a categorização das bibliotecas de acordo com Perrotti (2016): *templum*, *emporium* e *forum*, a fim de demonstrar as tipologias e como estas têm se modificado para atender aos interesses dos cidadãos no que diz respeito à disseminação de informação, construção de conhecimento e desenvolvimento de senso crítico. Pondera-se um profissional com perfil de educador considerando os aspectos sociais, bem como os problemas informacionais em ascensão. Por fim, questiona-se quanto à presença da educação em informação nos currículos dos cursos de Biblioteconomia, como está contemplada. Nas subseções seguintes são abordados os objetivos e a justificativa da pesquisa, seguindo posteriormente para a seção de metodologia.

2.1 PROBLEMATIZAÇÃO

As práticas bibliotecárias surgiram na Antiguidade e foram marcadas nesse período pela importância da escrita e seus suportes que vão do barro ao pergaminho; mas principalmente, pelas variadas modalidades de destruição do acervo, como incêndios, guerras, etc. (Barbier, 2018). Esse contexto exigiu atenção dos bibliotecários da época, voltando-se para as práticas de conservação e restrição de acesso mantidas no período seguinte. As bibliotecas da era medieval são vistas, por Martins (1996), como um prolongamento das bibliotecas antigas; percebe-se nelas a prática da censura e o desprezo pela literatura pagã, por outro lado, fica evidente o serviço de cópia, o que garantiu posteriormente o contato com a ciência antiga e escrituras de cunho teológico cujo acesso servia à elite de clérigos literatos.

Gradativamente o conhecimento deixa de ser trancafiado em mosteiros, nas bibliotecas monacais. A prática bibliotecária voltada para a preservação de informações não permitia o compartilhamento com qualquer público. De acordo com Martins (1996, p. 71), “[...] até à Renascença, as bibliotecas não estão à disposição dos profanos [...]”, sendo acessadas apenas pelos guardiões ou iniciantes. Nesse período, percebe-se que o conhecimento era mantido fora do alcance de pessoas que não compartilhassem de preceitos comuns aos pensadores da época. Esta é a representação do poder traduzido em conhecimento e informação detido nas mãos de pensadores. Por volta de 1453, com a tomada de Constantinopla, onde as bibliotecas particulares se destacam, a Idade Média chega ao fim dando início ao período renascentista (Martins, 1996).

Na Renascença, os bibliotecários se modernizam a partir das transformações nas bibliotecas. De acordo com Barbier (2018, p. 173) “[...] as bibliotecas modernas com milhares, por vezes dezenas de milhares de volumes, são instrumentos de legitimação do poder [...]”. Nessa época, ainda prevalecem os ditos religiosos e os princípios da soberania da igreja católica, dos reis e dos príncipes. “A cultura escrita e o livro são objeto, em um país reformado, de uma atenção, senão maior, pelo menos orientada de maneira diferente, porque a salvação está ligada a leitura da Bíblia, e porque a ética da ‘vocação’ acarreta uma racionalização do trabalho e da formação” (Barbier, 2018, p. 173). Ou seja, ainda que os bibliotecários tivessem alguma autonomia, eram rigidamente conduzidos pelos caprichos da realeza e dos religiosos.

Durante o período iluminista, movimento que propunha conhecimento e cultura para todos, as práticas se transformam (Perrotti, 2016). “Nesse clima surgem as bibliotecas contemporâneas com algumas características similares às das modernas porém incrementando mais os seus serviços.” (Bottentuit; Castro, 2000, p. 27). O que antes era explicitamente enclausurado torna-se, aos poucos, libertado e, conseqüentemente, com o acesso constante, o volume de conhecimento produzido aumenta, exigindo novas reformulações nas práticas dos bibliotecários, sem relegar a preservação e a organização. Pelo contrário, soma-se a disseminação de informação e de saberes encerrando o período do conhecimento como um segredo no século XVIII.

Perrotti (2016) ilustra essas passagens históricas categorizando as bibliotecas em bibliotecas *templum* (o saber detido), bibliotecas *emporium* (momento da difusão cultural) e, no período contemporâneo, em bibliotecas *forum* (momento da apropriação cultural). Ou seja, nas bibliotecas *forum*, as práticas são alteradas de modo que os bibliotecários possam atender aos cidadãos, propiciando, não apenas o acesso à informação, mas um espaço alternativo ao modelo *emporium*, em que seja despertado o senso crítico. Nestes espaços, os sujeitos discutem e interagem problematizando as questões que interferem em seus respectivos contextos.

Compreendendo a sociedade como um conjunto de todos os grupos sociais e profissionais e da forma como atuam e travam relações, pode-se imaginar a ocorrência de mudanças desde que a dominação se transforme em problematização e que esta leve a um pensar sobre os limites do ser dominado. Ao atingir vários grupos da sociedade, essa ação de pensar sobre os limites, poderá produzir orientações sobre outras formas possíveis de ação em que a educação em geral, a comunicação e a informação possam ser utilizadas não apenas para afirmar e confirmar o poder econômico e político dominador, mas também para fornecer recursos materiais capazes de apresentar outras realidades possíveis (Souza, 1997, p. 25).

Diante do exposto, entende-se que a prática do bibliotecário precisa se atualizar consoante as demandas sociais do período vigente. Deve ele situar-se temporalmente, socialmente, geograficamente, historicamente, para compreender quais são as questões em voga, as dificuldades sociais e as lacunas informacionais pelas quais passam os cidadãos, para - então - poder agir. A prática desse profissional tem se transformado consideravelmente ao longo do tempo, e em cada época há uma nova exigência, novas gerações, novas tecnologias e novos desafios, como a desinformação na atualidade, por exemplo.

Um problema danoso da desinformação para o país e para o mundo é descredibilizar a informação científica que durante muito tempo proporciona resoluções para tantos problemas sociais. Para uma tomada de decisão apropriada, por exemplo, é imprescindível informação consistente, de fonte confiável, bem como de sujeitos providos de estratégias para encontrá-las e utilizá-las. Talvez, por este viés, é que deva ser vista a formação dos profissionais da Biblioteconomia, no sentido de formar bibliotecários para educar em informação. A educação em informação, de acordo com Brandão (2022), é um conjunto de ações que visa à promoção de competências para busca, apropriação e uso crítico da informação. Logo, parece salutar pensar a formação dos bibliotecários como educadores.

A formação de bibliotecários (Mueller, 1986; Russo, 1966; Souza, 1997; Almeida, 2012, 2013; Castro, 2000; Fonseca, 2007) surgiu no Brasil, entre 1911 e 1915, na Biblioteca Nacional do estado do Rio de Janeiro. Esse primeiro curso teve influência francesa da *École de Chartes*, cujas bases seguiam um cunho humanista, que posteriormente sofreu alterações devido às influências norte-americanas, como ocorreu com o surgimento do curso de Biblioteconomia no estado de São Paulo em 1935 (Martins, 1996). Porém, em ambos os cursos, a predominância era tecnicista, de acordo com Martins (1996). Futuramente, com as transformações curriculares ocorridas em 1944, os cursos de Biblioteconomia passam a incorporar conteúdos de gestão e administração voltados às bibliotecas. Em São Paulo, só começam a aparecer em 1941 os conteúdos de cunho administrativo (Castro, 2000). Anos mais tarde é que vão surgir teorias comportamentais voltadas para estudos de usuários, com uma abordagem mais social, passando a incorporar a formação de bibliotecários no Brasil.

Na área da Biblioteconomia ocorreram tensões entre as visões tecnicistas e as visões humanizadas na atuação profissional. Tais tensões provocaram o estabelecimento do primeiro currículo mínimo oficial em 1960. Uma década depois, em 1970, os conteúdos despontam aproximando-se da CI, retoma-se então a discussão acerca dos conteúdos mínimos e designa-se um novo currículo mínimo em 1982 (Tanus, 2018). A Lei de Diretrizes e Bases da

educação preconiza a adoção de competências, habilidades e atitudes em 1996 e nos anos 2000, aproximam-se da Biblioteconomia áreas como a Arquivologia e a Museologia.

Concorda-se que a formação desse profissional pode ser mais do que meramente técnica, ou concentrada na gestão de unidades de informação. Ainda que estes serviços sejam indispensáveis, percebe-se a importância do desenvolvimento de competências e saberes que possam auxiliar os sujeitos quanto à apropriação e uso crítico da informação. O bibliotecário é mais do que gestor da informação, ele é facilitador informacional, balizador, crítico, negociador, avalizador de informações, mediador. Nesse sentido, é oportuno considerá-lo como educador, protagonizá-lo quando se trata de educar em informação. É importante salientar que, para se educar em informação, conjectura-se aqui uma combinação estratégica de competências: competência em informação, competência crítica em informação e competências infocomunicacionais.

A Competência em Informação pode ser entendida por Belluzzo (2020, p. 4) como

um aprendizado baseado em habilidades, onde é equiparada às habilidades informacionais exigidas no processo de busca de informações. Por outro lado, a competência em informação é conceituada como um fenômeno complexo, que atua como um catalisador para a aprendizagem. Na maioria das vezes, isso reflete os processos de pesquisa e pensamento crítico, que são compreendidos por diferentes profissionais da informação e educadores. Da mesma forma, também existem debates na literatura especializada sobre como a competência em informação deve ser ensinada: incorporada em disciplinas ou como uma especialidade autônoma.

A autora sugere que a competência em informação deve ser ensinada, disso entende-se que existem pessoas competentes e não competentes. Um discurso que defina quando se propõe a educação em informação, pois se entende que todas as pessoas possuem algum nível de competências desenvolvidas. Belluzzo também discute a inclusão da disciplina de competência em informação como uma especialidade autônoma, mencionando o pensamento crítico como um reflexo desta. No entanto, a CCI que recupera as noções do pensamento crítico, permeia as relações humanas e a informação “promovendo uma interação que contribui para a construção de uma consciência crítica que atravessa as literacias e promove uma mudança de comportamento do usuário, que passa a ser sujeito desta relação e das transformações sociais” (Brisola, 2022, p. 21). O usuário se torna sujeito a partir da crítica que exerce sobre a sua condição social, questiona o porquê de ser assim e não de outra maneira.

No entanto, nem a CCI, nem a CoInfo, abrangem competências para comunicar e para operar tecnologias como as InfoCom. As competências infocomunicacionais podem ser indispensáveis nos processos de informação, pois igualmente promovem sujeitos conscientes

e críticos no consumo, na produção e na comunicação da informação e de maneira multidimensional com a crítica no sentido de que o sujeito adquire consciência sobre suas próprias competências.

As InfoCom se tratam de um processo que entrelaça três competências: competência em informação, competência em comunicação e competência operacional (Borges, 2011). O termo competência para Borges (2018) compreende um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes. Observa-se que tais competências estão na atuação dos bibliotecários cotidianamente, assim com seu papel educador aprimorado, poderá ele auxiliar aos sujeitos no desenvolvimento de suas competências para lidar com a informação no seio das bibliotecas, independente da sua tipologia.

Assim, aprimorar a formação do bibliotecário com vistas à educação em informação e um perfil educador tem se tornado premente. Como se pode perceber com os exemplos anteriores, questões como a busca, a apropriação, o uso crítico e a disseminação consciente da informação são uma demanda social. O bibliotecário se atualiza e se transforma juntamente com a necessidade e demanda social (Souza, 1997). Incorporar às grades curriculares e projetos políticos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia, a educação em informação, além de amparar uma formação consistente para os bibliotecários, pode prepará-los para educar em informação.

Neste ponto, além das competências, discute-se outra abordagem igualmente importante e que se coaduna com a educação em informação, a infoeducação (Perrotti; Pieruccini, 2007). Tal abordagem possibilita a aproximação dos sujeitos com o patrimônio cultural. Com o enfoque de ações direcionadas às bibliotecas, a infoeducação se propõe a trabalhar com processos informacionais entrelaçados com a cultura em espaços que permitam a construção de sentidos através do debate, valorizando as bibliotecas como dispositivos educativos, culturais e de memória. Essa abordagem difere substancialmente das competências que por vezes estão mais relacionadas com a informação e como saber utilizá-la com eficiência e eficácia.

Existem muitos debates sobre a formação dos bibliotecários envolvendo a competência em informação. Determinadas organizações e associações na área da Biblioteconomia, a exemplo da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), consideram indispensável à formação dos bibliotecários um compilado estratégico de conhecimentos de avaliação, crítica e uso da informação, para responder aos problemas informacionais à medida que a sociedade se desenvolve. Desse modo, tais organizações indicam os manifestos, declarações e marcos

políticos para auxiliar na reflexão sobre os currículos e projetos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil. Uma estratégia de condicionamento da profissão do bibliotecário. Contudo, ponderar estes marcos políticos na consolidação dos currículos pode contribuir de modo significativo para a formação dos bibliotecários em relação às competências.

Diante disso, entende-se que há a necessidade de analisar em que medida os cursos de Biblioteconomia do país abordam a educação em informação na grade curricular. A proposta é compreender se as universidades estão formando bibliotecários para serem educadores, protagonistas na ação de educar em informação. Nesse sentido, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: de que modo a educação em informação está presente na formação do bibliotecário brasileiro na contemporaneidade?

2.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário a partir dos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) analisar os marcos políticos que abordam a educação em informação e a sua relação com a formação do bibliotecário;
- b) identificar as competências e saberes necessários para que o bibliotecário exerça a sua função de educador em informação;
- c) analisar como o tema da educação em informação está inserido na formação do bibliotecário brasileiro.

2.4 JUSTIFICATIVA

Enquanto egressa do curso de Biblioteconomia da UFRGS, me preocupo com a formação dos bibliotecários, no que se refere ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e saberes para o acesso, uso, apropriação e operação da informação num momento histórico relativamente delicado para o país, caracterizado pela desinformação e contextualizada pela pós-verdade. Compreendo que o bibliotecário, a partir de seus conhecimentos específicos, pode contribuir de forma significativa para sanar as demandas

informacionais atuais, porque desde muito tempo esse profissional vem se encarregando de disponibilizar a informação com base em fontes seguras e confiáveis.

Me preocupo com as novas gerações e a população das regiões periféricas em relação ao acesso à informação em tempos em que ela parece ser a chave para a conscientização e transformação de suas realidades, de seus contextos. Acredito que um profissional consciente, pelo enfoque educador, poderá mediar o desenvolvimento de competências e saberes na comunidade e assim minimizar as consequências da desinformação, da infodemia, entre outros desafios que giram em torno da relação informação e sociedade.

Desse modo, esta pesquisa se justifica pelo fato de que pode servir de apoio para docentes e gestores dos cursos de Biblioteconomia pensarem em transformações na formação desses profissionais, voltadas às problemáticas de seu tempo. Penso que os profissionais podem ser sensibilizados quanto a sua responsabilidade com a comunidade e os processos informacionais que a envolvem desde a sua formação. O corpo docente e os gestores podem se unir em favor de um currículo amplo e qualificado, propenso a formar sujeitos protagonistas, capazes de atuar com ética e pensamento crítico e com perfil educador. A formação de bibliotecários pautada em um perfil educador e mediador pode incidir diretamente na sociedade de forma positiva, por exemplo, viabilizando o acesso à informação, ao conhecimento, à cultura e desenvolvimento de saberes e competências, de modo que os sujeitos possam reconhecer em seu contexto oportunidades para transformações.

O bibliotecário enquanto agente social pode colocar ao acesso de todos a informação fidedigna e de qualidade. Para isso, é imprescindível que ele esteja amparado pelo senso crítico e por conhecimentos pertinentes às problemáticas em voga. O contexto sociopolítico brasileiro se encontra em um momento frágil e, por essa razão, exige dos bibliotecários o desenvolvimento complexo de suas competências para o exercício pleno de suas funções, visando um país mais justo e igualitário. Isso também justifica política e socialmente a pesquisa, por abordar a formação profissional dos sujeitos considerando que suas ações impactam diretamente na sociedade, no desenvolvimento do país, auxiliando na diminuição da pobreza, da ignorância, das desigualdades, e principalmente fazendo resistência à desinformação. Logo, os bibliotecários poderão auxiliar no desenvolvimento sustentável, político, social e econômico em âmbito nacional, como preconiza a Agenda 2030.

Além disso, observei no decorrer do curso de extensão “Promoção de Competências Infocomunicacionais para Bibliotecários e Arquivistas” a ação e desenvolvimento de educadores com formação diversa mediando o desenvolvimento de competências infocomunicacionais – competência em informação, em comunicação e em operação – com

bibliotecários. O curso teve carga horária de 180h, coordenado pela professora Jussara Borges, no ano de 2022 e proporcionado pelo Grupo de Pesquisa em Competências Infocomunicacionais (InfoCom), do qual sou integrante. A partir de minha atuação no curso, como professora, tive a oportunidade de trabalhar empiricamente, mediando o desenvolvimento de determinados aspectos relacionados às competências infocomunicacionais e assim ampliar meus conhecimentos acerca da temática, bem como o meu próprio desenvolvimento no que diz respeito às competências e para além delas. O curso de extensão demonstrou ser uma das tantas possibilidades de se pensar a educação em informação, especialmente para os bibliotecários.

Ocorreu mais uma edição do curso em 2024, desta vez com o título “Educação em informação” voltado para bibliotecários, arquivistas, jornalistas, publicitários, etc. O curso teve carga horária de 60h, foi coordenado também pela professora Jussara Borges e proporcionado pelo InfoCom. Em ambas as edições a aula ministrada foi sobre a produção de conteúdos e nesta última edição houve o acréscimo dos conteúdos acerca da Inteligência Artificial (IA) e da propriedade intelectual, onde estimulamos os cursistas ao comportamento ético, ou seja, utilizar as informações referenciando os autores em suas produções, bem como reconhecer as potencialidades e fragilidades da IA ao elaborar conteúdos. A aula de Produção de conteúdos, IA e propriedade intelectual foi ministrada em parceria com colega Lucas George Wendt mestre em Ciência da Informação (PPGCIN/UFRGS).

Ainda sob a perspectiva do ensino, pude acompanhar como estagiária uma turma da disciplina de Organização, Controle e Avaliação em Ambientes de Informação no semestre 2022/1, exercendo a prática docente. Posteriormente, acompanhei como observadora a disciplina de Competência em Informação, que, na época, era de caráter eletivo. Quando passou a ser obrigatória, tive a oportunidade de praticar mais dois estágios docentes na disciplina de Competência em Informação nos semestres 2023/2 e 2024/01, todos no curso de Biblioteconomia da UFRGS. Ao todo, desenvolvi três estágios docentes, o que oportunizou a observação da prática e a experiência empírica dos conhecimentos e competências docentes, indo desde a curadoria de materiais à execução de atividades com os alunos e avaliação das mesmas. Essas experiências demonstraram que é possível formar bibliotecários educadores. Além de possível, é necessário, pois tanto profissionais quanto estudantes manifestaram a relevância de tal atuação.

A inclusão da carga horária direcionada para ações de extensão no ensino superior pode ser citada como outra razão que apoia esta justificativa. A Resolução n.º 7, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior

Brasileira (Brasil, 2018), pode articular iniciativas como a criação de projetos junto às comunidades, oportunizando a ação de bibliotecários em prol da educação em informação, investindo nos cidadãos e visando uma melhora na qualidade de vida destes.

Quanto à relevância desta pesquisa para a CI, entendo que por tratar de aspectos da formação de profissionais que estudam ou trabalham com a informação e seus processos, a CI pode ampliar suas abordagens teóricas ao tratar de propostas didático-pedagógicas se aprofundando no conceito de educação em informação. Ao traçar relações entre a informação e a educação é possível trilhar novos caminhos tendo em vista a interdisciplinaridade da CI e da Educação. Além disso, quando realizado o levantamento bibliográfico, encontraram-se poucos documentos abordando a formação de bibliotecários e o desenvolvimento de competências e saberes para lidar com a desinformação.

Considero de suma importância a inclusão da educação em informação na formação desses profissionais, reforçando suas capacidades para agir frente aos desafios associados aos processos informacionais. Nesse sentido, esta pesquisa poderá contribuir para a ampliar a visão sobre os processos formativos dos profissionais da informação e repensar as competências e saberes diante do cenário das transformações sociais que envolvem a CI.

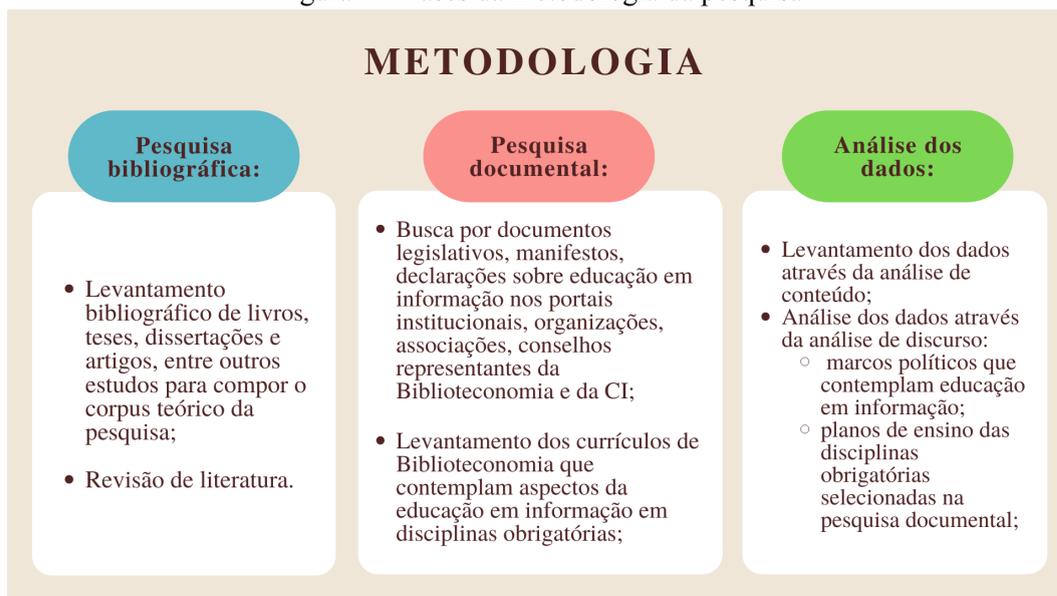
2.5 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia do trabalho científico é responsável por detalhar os meios para a realização da pesquisa, conforme Marconi e Lakatos (2021, p. 107) “responde a um só tempo às questões *como?*, *com quê?*, *onde?*, *quanto?*”. Nesse sentido, visando atender ao objetivo geral desta pesquisa, que busca compreender como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário brasileiro, empregou-se mais de um método de pesquisa e técnicas de coleta de dados para a sua efetivação. Enquanto pesquisa qualitativa, optou-se por técnicas e métodos das pesquisas sociais, apoiando-se em Godoy (1995) e Medeiros (2021), para citar alguns. Minayo (2014, p. 13), afirma que “o nível de consciência histórica das Ciências Sociais está referido ao nível de consciência histórica da sociedade de seu tempo, embora esses dois níveis não se confundam”. Nesta pesquisa, estudam-se fenômenos humanos e sociais no período em que ocorrem trazendo fatos e problemas que acometem a sociedade brasileira na contemporaneidade.

Diante disso, reflete-se sobre a formação dos bibliotecários e busca-se por aspectos de educação em informação nos marcos políticos e nos planos de ensino das disciplinas obrigatórias dos cursos presenciais de Biblioteconomia das universidades do país,

investigando se estas estão formando bibliotecários para serem educadores e a relação entre os marcos políticos e a formação dos bibliotecários. Isto é, propõe-se a compreender como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário a partir dos marcos teóricos e dos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Assim, este estudo se desenvolve metodologicamente conforme ilustrado na Figura 1:

Figura 1 – Fases da metodologia da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Todas as fases estão descritas detalhadamente nas seções seguintes. Na próxima subseção, apresentam-se as características da pesquisa: o tipo de pesquisa, a natureza, os procedimentos de coleta, o tratamento, a análise dos dados, a discussão e os resultados.

2.5.1 Tipo de pesquisa

Delineia-se uma pesquisa de natureza aplicada e abordagem qualitativa com resultados quali-quantitativos, permitindo gerar conhecimentos para superar desafios sociais específicos (Minayo, 2014), o que oportuniza a discussão da formação de bibliotecários com perfil educador no que tange à educação em informação. Os resultados quantitativos foram levantados a partir de inferências qualitativas. Segundo os propósitos, a pesquisa é descritiva (Medeiros, 2021), pois expõe características da formação de bibliotecários e a sua relação com a educação em informação, nos marcos políticos e nos currículos, proporcionando um panorama passível de aferições.

São descritos todos os passos adotados durante o processo investigativo, desde o levantamento de dados até os resultados, visando uma melhor compreensão e delimitação do problema de pesquisa. Para auxiliar nessa compreensão, aprofunda-se na literatura da área da Biblioteconomia, da CI, da Sociologia e da Educação, com o intuito de recuperar pesquisas já realizadas e inovações acerca da educação em informação em cursos presenciais gratuitos de Biblioteconomia do Brasil. Assim, segue-se para a pesquisa bibliográfica.

2.5.2 Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico consistiu na busca planejada de livros, artigos, monografias, dissertações e teses para auxiliar no encontro dos conceitos e respectivos autores acerca do tema da educação em informação e abordagens correlatas, poupando, assim, o tempo na pesquisa no caso de haver problemas já solucionados (Medeiros, 2021). Desse modo, foi possível incorporar os achados neste estudo, a fim de sustentar a argumentação.

Durante a pesquisa bibliográfica, foram selecionados documentos científicos com maior grau de afinidade com esta pesquisa. Ao aprofundar-se na literatura especializada em âmbito nacional e internacional, o levantamento se ateve às áreas da Biblioteconomia, CI, e posteriormente foram acrescentadas as áreas da Sociologia e da Educação, a fim de expandir a busca. A primeira etapa do levantamento foi realizada entre 20 de janeiro e 03 de fevereiro de 2023.

Os critérios para a escolha dos documentos foram: a relevância e a pertinência ao tema da formação de bibliotecários, bem como aos temas correlatos da educação em informação. Priorizaram-se documentos de autores formados nas áreas da Biblioteconomia e/ou da CI. O levantamento restringiu-se aos idiomas português, espanhol e inglês, no caso de haver publicações sobre a temática em revistas estrangeiras ou mesmo no Brasil em outro idioma.

Por outro lado, os critérios para a exclusão de documentos foram: não tratar do tema apesar de ter ocorrência dos mesmos termos nos documentos recuperados, registros repetidos (duplicidade), ou relativos a outros aspectos da formação do bibliotecário, como o fazer técnico, a pesquisa escolar, administração de bibliotecas, acessibilidade informacional, alfabetização de dados, organização e tratamento da informação, entre outros. Ponderou-se uma delimitação de dez anos retroativos a partir do ano de início da realização dessa pesquisa, em 2022. O problema dessa delimitação foi o fato de não recuperar pesquisas mais antigas, o que impede de fazer um levantamento histórico sobre a formação de bibliotecários com

aspectos de educação em informação. Por essa razão, excluiu-se a delimitação do ano expandindo a busca e considerando os anos retroativos a partir de 2022.

Para justificar a definição das bases de dados foram ponderados os seguintes requisitos: **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações** (BDTD), por ser uma base que contempla a produção científica nacional, especificamente, teses e dissertações das áreas da Biblioteconomia e da CI, entre outras; **Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em CI** (BRAPCI), esta base foi selecionada por conter toda a literatura científica publicada em periódicos, anais e eventos específicos da área da CI; **Scientific Electronic Library Online** (SCIELO), base multidisciplinar que contribuiu trazendo documentos da área da CI e de outras áreas do conhecimento; por fim, a **SciVerse Scopus**, um banco de dados também multidisciplinar, que abarca a literatura internacional da área da CI entre outras; neste, a busca foi realizada a partir de termos em inglês.

A escolha dos termos (Quadro 1) foi discutida com uma especialista para garantir a qualidade da busca. Compreende-se que os termos selecionados puderam contemplar da melhor forma os critérios de seleção no levantamento, auxiliando em uma busca mais precisa e direcionada. Mas o conceito de educação em informação é relativamente novo nas áreas da Biblioteconomia e da CI e, por essa razão, pouco difundido, culminando em um número menor de registros recuperados ou quase zero, a não ser pela sua relação com outros conceitos arrolados neste trabalho como a competência em informação ou as competências infocomunicacionais, por exemplo. Ademais, os termos foram combinados estrategicamente nas bases de dados com auxílio de operadores booleanos.

Quadro 1 – Estratégia do levantamento bibliográfico

Base de dados	Palavras-chave utilizadas na busca	Registros recuperados	Registros úteis
BDTD – Multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> ● Formação de bibliotecários; ● Competência em informação; ● Competência informacional; ● Literacia da informação; ● Letramento informacional; ● Information Literacy (IL); 	87	41
BRAPCI - CI	<ul style="list-style-type: none"> ● Alfabetização informacional; ● Educação para a informação; ● Competências infocomunicacionais; ● Competência crítica em informação; ● Infoeducação. 	192	76

SCIELO	<ul style="list-style-type: none"> ● Formação de bibliotecários; ● Educação de bibliotecários; ● Competência em informação; ● Competência informacional; ● Literacia da informação; ● Letramento informacional; ● Information literacy; ● Alfin; ● Alfabetização informacional; ● Educação para a informação; ● Competências infocomunicacionais; ● Competência crítica em informação; ● Infoeducação. 	68	30
SCOPUS	<ul style="list-style-type: none"> ● Library and information Science ● Education; ● Information Literacy ● Higher Education; ● Library science students; ● Bachelor of library Science; ● Library students; ● Library bachelors; ● Brazil; ● Library Science; ● Library and information science professionals; ● Library and information science educators; ● Brazilians. 	1.074	334

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Dentre os registros recuperados e úteis, havia um número considerável de títulos duplicados pelo fato de serem indexados em mais de uma base. Os documentos úteis são aqueles que contemplaram de alguma forma o que se traz nesta pesquisa. Em grande proporção, os registros mais antigos abordam a inserção da competência em informação na formação do bibliotecário no sentido de que ele adquira competência em informação. São incipientes os trabalhos que se voltam para a formação de educadores em informação.

Este levantamento bibliográfico teve o propósito inicial de fundamentar o referencial teórico da pesquisa e foi planejado para encontrar pesquisas que contemplassem aspectos da educação em informação na formação de bibliotecários. Foram incorporados neste trabalho documentos encontrados ao acaso, indicações de colegas e da própria orientadora. Os registros encontrados colaboraram diretamente com todas as seções da pesquisa.

2.5.3 Atendendo aos objetivos específicos da pesquisa

Os objetivos específicos corroboram com o cumprimento do objetivo geral, compreender como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário a

partir dos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Para ilustrar os procedimentos, métodos e técnicas adotados ao longo da pesquisa, elaborou-se um resumo explicativo (Figura 2). Posteriormente, esses objetivos encontram-se detalhados.

Figura 2 – Resumo dos objetivos específicos: etapas da pesquisa

Compreender como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário a partir dos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros:

Objetivo	Método	Procedimento	Técnicas
a) analisar os marcos políticos que abordam a educação em informação e a sua relação com a formação do bibliotecário;	indutivo	<ul style="list-style-type: none"> pesquisa documental: levantamento dos marcos políticos no site da FEBAB; busca por enunciados relacionados à educação em informação. 	<ul style="list-style-type: none"> análise de conteúdo para coleta de dados; análise de discurso para análise dos dados.
b) identificar as competências e saberes necessários para que o bibliotecário exerça a sua função de educador em informação;	hipotético dedutivo	<ul style="list-style-type: none"> levantamento bibliográfico; redigir uma seção sobre o perfil de um bibliotecário educador identificando as características; 	<ul style="list-style-type: none"> revisão de literatura.
c) analisar como o tema da educação em informação está inserido na formação do bibliotecário brasileiro.	Indutivo	<ul style="list-style-type: none"> levantamento dos planos de ensino nos portais institucionais; tratamento dos dados em planilha do Excell, categorização e análise. 	<ul style="list-style-type: none"> análise de conteúdo para coleta de dados; análise de discurso para análise dos dados.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para atender ao objetivo específico (A), levantar os marcos políticos que abordam aspectos da educação em informação e a sua relação com o bibliotecário, realizou-se a coleta de dados por meio de pesquisa documental (Godoy, 1995). Foram levantados documentos legislativos brasileiros, declarações e manifestos nos portais institucionais, organizações e associações representantes da área da Biblioteconomia no Brasil. Estes documentos foram submetidos à análise de discurso (Orlandi, 2020), identificando enunciados que evidenciam a relação entre a educação em informação e os bibliotecários, bem como com a sua formação.

Para o cumprimento do objetivo (B), identificar as competências necessárias para que o bibliotecário exerça a sua função de educador em informação, foi empregado o método hipotético dedutivo reunindo tais características a partir da revisão de literatura. O procedimento iniciou com o levantamento bibliográfico, revisando as características de um perfil educador para compor a seção 4.1.

Visando atender ao objetivo específico (C), analisar como o tema da educação em informação está inserida na formação do bibliotecário brasileiro, buscou-se pelos currículos nos portais institucionais. Para identificar os currículos das Instituições de Ensino Superior (IES), realizou-se um levantamento dos cursos de Biblioteconomia na modalidade presencial com ensino gratuito e em atividade no Portal do e-Mec. A justificativa dessa decisão reside na impossibilidade de adquirir os planos de ensino de universidades privadas, principalmente aquelas com fins lucrativos, uma vez que os currículos não se encontram disponíveis nos sítios dessas instituições, tampouco foi possível contatar os docentes ou gestores dos cursos.

Justifica-se o recorte na modalidade presencial pelo fato de acreditar na interação entre o bibliotecário e os sujeitos na abordagem da educação em informação. Ademais, a autora passou por estágios docência, experienciando na prática a construção de competências com os estudantes da graduação na mesma modalidade. No caso do ensino à distância, os currículos ainda não estão consolidados, já que são cursos mais recentes. Ainda, no portal do e-MEC - Cadastro Nacional de Cursos², teve-se como requisito ‘consulta avançada’ e ‘curso em atividade’ (Figura 3). Isto porque existe o interesse de compreender o que e como está sendo feito no período contemporâneo na formação dos bibliotecários nesses.

Figura 3 – Busca avançada no e-MEC

Buscar por: Instituição de Ensino Superior Curso de Graduação Curso de Especialização

Nome, Sigla ou Código da Instituição:

Curso: Biblioteconomia Pesquisa Exata

Classificação de Curso:
 Seleccione Area Geral
 Seleccione Area Especifica
 Seleccione Area Detalhada
 Seleccione Area Curso

Filtro indisponível: Em processo de atualização para a nova tabela de classificação CINE Brasil.

UF: Seleccione...

Município:

Gratuidade do Curso: Sim

Modalidade: A Distância Presencial

Grau: Bacharelado Licenciatura Tecnológico Sequencial

Índice: Seleccione... 1 2 3 4 5 SC

Situação: Em Atividade

Fonte: Captura de tela no ato da consulta no Portal do e-MEC (Brasil, 2024).

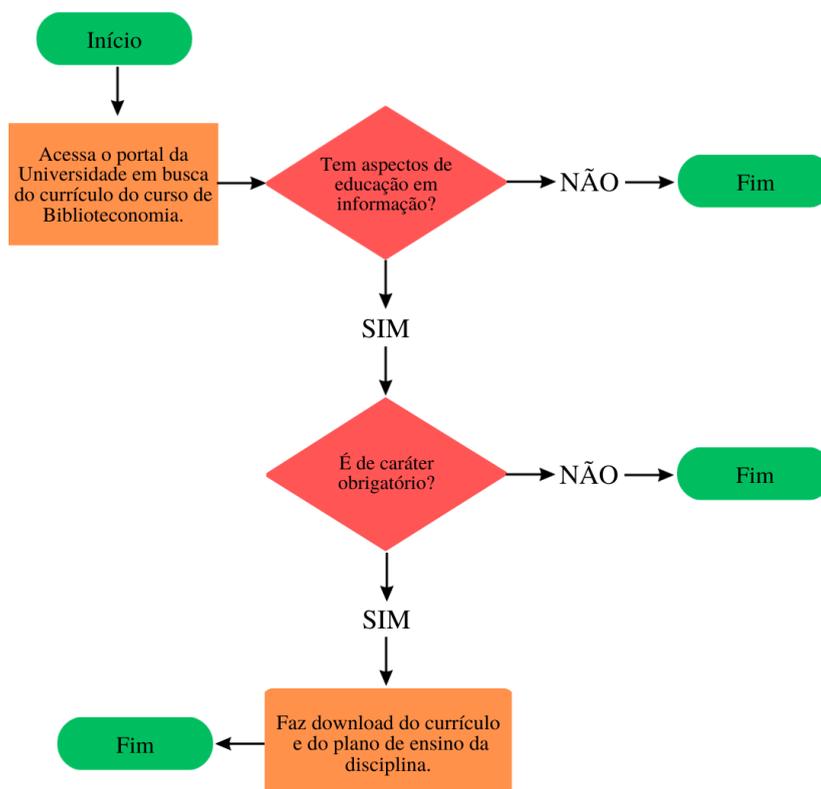
² Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior - Cadastro e-MEC: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>.

A partir das universidades identificadas e dos currículos selecionados empregou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977) para apurar aspectos da educação em informação na grade curricular de disciplinas obrigatórias. O recorte no caráter obrigatório pautou-se no fato de que as disciplinas obrigatórias abordam conhecimentos fundamentais, sem os quais um estudante de Biblioteconomia não avança no curso, tampouco obtém a titulação de bacharel.

Examinaram-se os currículos selecionando as disciplinas que estão diretamente relacionadas com a educação em informação, assim, excluiu-se da análise os planos que estão relacionados com a formação técnica e específica da Biblioteconomia sem envolver os aspectos de uma formação educadora, de profissionais educadores em informação.

O levantamento primário das disciplinas seguiu o fluxograma registrado na Figura 4 utilizando a análise de conteúdo. Inicialmente, buscou-se apenas pelas relações entre a formação de bibliotecários e a educação em informação para a seleção dos planos.

Figura 4: Fluxograma da análise documental dos currículos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para conseguir os planos de ensino das disciplinas priorizou-se a consulta diretamente nos portais das instituições, onde ocorreu maior parte da aquisição. Quando não foi possível a

aquisição no portal, contataram-se as universidades nos setores e departamentos dos cursos como: coordenação, comissão de graduação e professores responsáveis pelas disciplinas. O contato se deu mediante e-mail, não havendo resposta, partiu-se para ligações telefônicas.

Posteriormente, os conteúdos foram analisados minuciosamente nos planos de ensino a fim de constituir o *corpus* para o emprego do método de análise de discurso. Quando necessário, foram considerados outros documentos reguladores, como o projeto pedagógico do curso, por exemplo, com a intenção de levantar o máximo de itens dos planos de ensino como a ementa, os objetivos, os conteúdos programáticos, a metodologia, etc. A apresentação da análise e dos resultados ocorreu de forma descritiva, amparando-se na utilização de quadros, figuras e gráficos demonstrativos para auxiliar a compreensão da análise, bem como do trajeto percorrido pela pesquisadora e estão identificados na seção 5.3.

2.5.4 Tratamento das informações coletadas

Na fase de tratamento de dados realizou-se três verificações para eliminar possíveis falhas, erros ou aspectos que possam comprometer o resultado da pesquisa (Marconi; Lakatos, 1999). O tratamento de dados consistiu em armazenar os planos de ensino adquiridos, de modo a submetê-los a uma leitura flutuante, o que auxiliou a mensurar a quantidade de materiais coletados para compor o *corpus* de análise. Ou seja, a “seleção cuidadosa pode apontar tanto o excesso quanto a falta de informações” (Marconi; Lakatos, 1999, p. 35) para auxiliar na evidência de aspectos relevantes para os resultados.

Após coletados, os dados passaram por uma inspeção rigorosa e crítica na fase de seleção, proporcionando um contato minucioso com o seu teor. Ao cumprir o objetivo específico (A) referente aos marcos políticos, foi executada a leitura cuidadosa para identificar os aspectos da educação em informação, considerando a sua relação com os bibliotecários. Os marcos políticos estão identificados na seção 5.1 e posteriormente, dispõe-se a análise e interpretação da autora.

Para o atendimento do objetivo específico (C), quanto aos planos de ensino das disciplinas com aspectos de educação em informação, foi executada primeiro uma leitura flutuante, posteriormente a leitura cuidadosa do texto buscando por formações discursivas em torno da educação em informação por meio da análise de conteúdo, em seguida a organização e estruturação dos dados em planilha do Microsoft Excel; dessa organização foram elaboradas categorias de análise a partir dos sentidos dos enunciados; por fim, a interpretação da autora.

Foi elaborado um quadro com as universidades e os planos de ensino analisados. Os resultados gerados se encontram na seção 5.4.

2.5.5 Método de análise³

A análise do discurso é o estudo da língua em sua prática com pelo menos três vertentes: Linguística, Marxismo e Psicanálise (Orlandi, 2020), tendo seu início em meados do século XX, por volta de 1960. A análise de discurso também traz outras origens como em Pêcheux e Saussure, que estudavam o “como” a língua se manifesta no discurso do sujeito, contrapondo discurso e contexto em uma perspectiva dialética marxista que se propõe a compreender como a língua falada se expressa na relação com outros aspectos do seu cotidiano, sua história, o simbólico. Em outras culturas ocorreram estudos discursivos sob diferentes perspectivas, conforme o Quadro 2, a começar pela visão estruturalista de Z. Harris em 1952, por exemplo.

Quadro 2 – Relação de pesquisas envolvendo a Análise de Discurso

Estados Unidos	França	Inglaterra	Rússia
Z. Harris: Análise de Discurso, linguagem, 1952.	Michel Pêcheux: Análise Automática do discurso, 1969.	M.A.K. Halliday, 1969.	Mikhail Bakhtin: Estética da Criação Verbal, 1997.
	Michel Foucault: Arqueologia do saber, 1995.	Norman Fairclough: Linguagem e Poder, 1989; Análise Crítica do Discurso, 1992.	
	Maingueneau: Novas tendências em AD, 1997.		

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para Orlandi havia um interesse literário no discurso. Estes pesquisadores buscavam uma lógica interna no texto, uma análise diferente da análise de conteúdo tradicional (Orlandi, 2020). A propósito, a análise de discurso não deve ser confundida com a análise de conteúdo, pois a análise de conteúdo se preocupa com o conteúdo do texto, ou seja, o que o texto quer dizer (Bardin, 1977) sem se preocupar em dizer como o conteúdo do texto é expresso, discursado (Mendonça, 2007; Orlandi, 2020). Ou seja, a análise de discurso

³ Esta seção foi discutida na disciplina de Análise de Discurso durante o curso de Mestrado no PPGCIN/UFRGS.

não trabalha a língua enquanto um sistema abstrato, mas a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando considerando a produção de sentido como parte de suas vidas seja enquanto sujeitos ou enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (Orlandi, 2020, p. 13-14).

Barros (2021, p. 69) reforça que

Para a análise do discurso, a produção textual funciona como um objeto de inscrição daquele e da ideologia; o discurso é um espaço aberto, que parte da língua, já que a materialidade é o texto e é atravessado pela ideologia, circunscrito por sua própria historicidade, isto é, o discurso é, do ponto de vista de sua formulação, um acontecimento e uma estrutura. Um ato único e um ato coletivo. Textos filiam-se a posições ideológicas, históricas, sociais e culturais sem necessariamente se dar conta disso.

Orlandi e Barros, respectivamente, evidenciam a relação do discurso com o tempo e com os acontecimentos históricos. Ambos demonstram que o discurso não é algo solto e destituído de materialidade, ao contrário, o discurso é um acontecimento com seu momento, com uma lógica aparente de ocorrência e de atravessamentos de indivíduos na sua relação com o social. O discurso diante da análise ocorre em um determinado período, é oriundo do comportamento social, é a palavra em movimento, prática de linguagem (Orlandi, 2020).

Fiorin (2017) coloca que a linguagem é constituída pela fala, esta é objeto de estudo da linguística. “A fala é a realização individual daquilo que a língua permite produzir” (Fiorin, 2017, p. 971). Pela visão de Benveniste, Fiorin (2017) formula que a linguagem é o exercício da língua e a transição da língua para a fala se dá através da enunciação. Esta, por sua vez, é a instância mediadora da língua e da fala, precisamente o ato de pôr a língua em funcionamento e isso se dá em três categorias: pessoa (eu), espaço (aqui) e tempo (agora) (Fiorin, 2017). Diante disso, pode-se afirmar que a enunciação funciona como a instância mediadora do abstrato e do concreto no discurso do ponto de vista da análise. Isso implica dizer que para a análise de discurso, o que se analisa efetivamente é o discurso nas suas condições de produção, identificando o contexto social, quem é o sujeito e sob que ideologias produz o seu discurso.

Para Althusser (1980, p. 69) a ideologia é “o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” A ideologia rege o comportamento dos indivíduos como uma construção imaginária daquilo que se projeta como sendo o ideal. Em outras palavras, os indivíduos produzem representações e projeções imaginárias sobre as suas condições de existência, o que os leva a condicionar suas ações e seus discursos que, por vezes, mas não necessariamente, estão alinhados aos conceitos pré-estabelecidos por essa idealização do real com base em suas concepções de mundo.

Por outro lado, a análise de conteúdo (Bardin, 1977) permitiu selecionar os planos que seriam submetidos à análise de discurso. Nesse sentido, houve uma combinação das duas técnicas, pois foi necessário identificar os conteúdos das disciplinas que se relacionavam com a educação em informação e assim se deu a coleta dos dados nos planos e sobre esses dados foi executada a análise de discurso.

O emprego do método auxiliou no aprofundamento sobre o tema da educação em informação na literatura das áreas da Biblioteconomia e da CI, onde se aplica o método da análise de discurso nos marcos políticos da FEBAB; conforme Orlandi (2000, p. 21).

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

A partir do emprego desse método foi possível entender como o tema da educação em informação está empregado nestas áreas; com quais ideologias se relaciona; quem são os sujeitos que discursam e quais são suas posições por trás de seus discursos; em qual(ais) contexto(s) o tema da educação em informação se insere. Uma vez que a análise de discurso relaciona sujeito, memória e contexto.

O método da Análise de Discurso não traz a inferência como uma certeza de um sentido no discurso, mas auxilia na compreensão das possibilidades de sentido que o discurso produz. Portanto, a interpretação da autora é limitada pela condição humana, posto que não existe sujeito sem ideologia, sem história, sem memória (Orlandi, 2020). O que significa que a interpretação também é afetada pela ideologia, uma limitação da pesquisa e do método.

A análise de discurso enquanto um método para a análise dos dados tem se difundido cada vez mais na CI (Barros, 2021), para o autor, a AD pode ser considerada um método próprio da área. Nesta pesquisa a AD foi empregada como uma estrutura teórico metodológica e combinada com a Análise de Conteúdo utilizada para o refinamento e categorização do *corpus* de análise. A utilização da AD para compreender o discurso da educação em informação nos marcos políticos se firma na ideia de que a temática está intimamente relacionada com a educação em informação. Compreende-se que essa última, no contexto da Biblioteconomia e da CI, apresenta-se como uma ação mediadora do bibliotecário, como se pode observar nas seções seguintes.

3 EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O contexto informacional pode ser caracterizado pelas muitas transformações, mas também tem levado a reflexões de ordens prática, operacional e epistemológica, como, por exemplo, a visão paradigmática de Silva (2006). Segundo a sua perspectiva, a informação vive sob um novo paradigma, o da pós-custodialidade, que se refere ao momento em que a informação passa a não ser mais custodiada apenas pelas instituições. O ambiente informacional está em constante desenvolvimento.

No paradigma pós-custodial, a Ciência da Informação é uma ciência social que investiga os problemas, as questões e os casos relacionados com o fenómeno infocomunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacional. Uma ciência que estuda todo um processo desde a origem, passando pela coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação (Silva, 2006, p. 141).

Cabe salientar que, na concepção do autor, tal paradigma carrega alguns traços, resumidos aqui como: valorização da informação como um fenómeno humano e social; constatação do dinamismo informacional que se opõe à informação documental; prioridade no acesso à informação (o acesso público que fornece subsídios, legitimando a custódia e a preservação); imperativo de indagar, compreender e explicar (conhecer a informação social) por meio de modelos teóricos-científicos; alteração do quadro teórico-funcional da atividade disciplinar e profissional; substituição da lógica instrumental pela lógica científico-compreensiva da informação (Silva, 2006).

Silva (2006) ainda descreve pontos importantes sobre o contexto informacional. Conceber a informação como um fenómeno humano e social é essencial para se compreender o contexto informacional na contemporaneidade, pois os indivíduos se tornam cada vez mais produtores de informação (e de desinformação), tanto quanto são consumidores e disseminadores. Tal produção provoca parte do dinamismo informacional, como, por exemplo, a rapidez com que a informação se prolifera e é disseminada a despeito de análise e escrutínio. O acesso à informação é um direito dos cidadãos que consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos desde 1940, e os imperativos indagar, compreender e explicar, se mostram como competências a serem desenvolvidas pelos sujeitos, pois saber criticar, avaliar e refletir acerca das informações que chegam é salutar para a manutenção da vida em sociedade.

Contudo, o contexto informacional contemporâneo tem sido minado por desinformação, um fenômeno nocivo para a vida no mundo, um dos tantos problemas que se instauram neste cenário. Para Heller, Jacobi e Borges (2020, p. 193), acerca da desinformação, “[...] é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que engane, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou enviesado”. São variadas as formas de desinformar, como uma mensagem descontextualizada, manipulada, incompleta, etc. “Uma informação pode ser verdadeira ou falsa a depender da intenção de sua produção e/ou uso em determinado contexto” (Zattar, 2020, p. 05).

Ainda há muito o que se explorar em relação aos meios de resistência à desinformação. Um desses meios é a devida responsabilização de quem as dissemina. Esse é o caso do Projeto de Lei 2630/2020 que visa responsabilizar plataformas pelos conteúdos veiculados. “O texto cria medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais, como Facebook e Twitter, e nos serviços de mensagens privadas, como WhatsApp e Telegram, excluindo-se serviços de uso corporativo e e-mail.” (Haje, 2020, primeiro para.)⁴.

Os recursos digitais auxiliam na disseminação e viabilizam a produção de informações, mas também de desinformações, culminando em uma enxurrada informacional, também conhecida como infodemia. Originado pela OMS por volta de 2020, infodemia é um termo que remete ao aumento vertiginoso da quantidade de informação disponível. Tal conceito foi caracterizado na pandemia de Covid-19⁵ e associado à abundância informacional.

A infodemia, portanto, não está relacionada à qualidade ou ao tipo de informação e sim à quantidade de modo primário, ou seja, o excesso de informação atrapalha na verificação da confiabilidade e/ ou da veracidade. Tem-se que a quantidade sem qualquer tipo de organização engloba rumores, boatos e muitos outros tipos de desinformações, impactando significativamente o dia-a-dia da sociedade em escala global ou mundial, a partir da manipulação de informações com intenção duvidosa que prejudica a saúde pública, seja em nível clínico, médico ou social (Zattar, 2020, p. 3).

Nesse contexto de excesso de informação, os sujeitos ficam mais suscetíveis a manipulações. É um cenário onde perfis, falsos ou não, alcançam seus objetivos, sejam eles políticos, econômicos e/ou de popularidade, por meio de especulação, disseminação de

⁴ O Projeto de Lei 2630/20 institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. O texto cria medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais, como Facebook e Twitter, e nos serviços de mensagens privadas, como WhatsApp e Telegram, excluindo-se serviços de uso corporativo e e-mail. Para saber mais sobre a Lei 2630/2020 acesse: <https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/>.

⁵ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. Para saber mais sobre a pandemia acesse: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

discórdia e opiniões contrárias à realidade e à veracidade dos fatos; informações distorcidas; notícias falsas ou falta de comparação com outras fontes. Esse cenário é possível pela confluência de outro fenômeno contemporâneo: a pós-verdade. Para D’Ancona (2018), há uma forte tendência em se tomar por verdade informações que mobilizam as pessoas emocionalmente, em detrimento do pensamento racional, do senso crítico e da reflexão.

“Quando se confia menos na investigação baseada em provas do que numa coleção de anedotas e se presta menos atenção à autoridade institucional do que em teorias da conspiração, as consequências podem ser imprevistas e fatais.” (D’Ancona, 2018, p. 72-73). Aqui, pode-se tomar como exemplo a dita eficácia da cloroquina no combate à Covid-19 e a responsabilidade de um representante nacional. Ao afirmar que determinado remédio combate o vírus e o fazer em meio a uma pandemia mundial, mobiliza vários elementos desinformativos, como a infodemia e a pós-verdade. O advogado e professor Fernando Aith⁶ é enfático ao concordar com a Resolução n.º 96, de 17 de dezembro de 2008⁷ e com a Lei 9.294 de 15 de julho de 1996⁸, legislação na qual a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) está pautada.

Pode ser considerado tanto uma infração sanitária como um crime mesmo. Não só por ter infringido a resolução que proíbe propaganda de medicamentos, mas também se encaixa em charlatanismo, que é oferecer cura sem ter a capacitação técnica para isso, nem permissão estatal para indicar medicamentos (Aith, 2021, oitavo para.).

Naquele momento, as pessoas estavam fragilizadas, vulneráveis, em pânico, sem previsão de quando haveria a cura da doença para que a vida voltasse à normalidade. Por essa razão, agiram por impulso aqueles que adquiriram o remédio sem a devida prescrição médica e sem avaliar as consequências e riscos de seu uso. Informações como essa amplamente divulgadas por pessoas públicas, sem serem questionadas quanto à sua integridade e autoridade, se mostram como potenciais ameaças à dignidade, ao respeito, à sociedade, à democracia e, principalmente, à vida.

Diante disso, se tornam ainda mais importantes estratégias e ações de educação para a população com enfoque na informação. A educação em informação diz respeito à formação

⁶ Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (Cepedisa), da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

⁷ Dispõe sobre a propaganda, publicidade, informação e outras práticas cujo objetivo seja a divulgação ou promoção comercial de medicamentos. Para saber mais sobre a Resolução-RDC n.º 96 de 17 de dezembro de 2008 Para saber mais acesse: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/fiscalizacao-e-monitoramento/propaganda/legislacao/arquivos/8812json-file-1>.

⁸ Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal. Para saber mais sobre a Lei 9.294 de 15 de julho de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19294.htm.

de sujeitos críticos perante o contexto infocomunicacional. Essa educação pode se desenvolver a partir da promoção de competências infocomunicacionais (Borges; Brandão; Barros, 2022), por exemplo, mas também na atuação mediadora do bibliotecário, desde que este esteja ciente de sua responsabilidade na formação de sujeitos autônomos e protagonistas.

3.1 A EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO COMO AÇÃO MEDIADORA⁹

O propósito desta seção é refletir sobre a mediação da informação em Gomes (2016; 2021), configurando um fundamento para pensar o papel do bibliotecário enquanto educador em informação. Isto é, compreende-se a educação em informação como uma ação mediadora do bibliotecário que atua como protagonista consciente de sua responsabilidade social e de sua interferência. Pressupõe-se que educar em informação por meio da mediação fundamenta a formação de sujeitos mais conscientes e críticos na sua relação com a informação.

A mediação pode ser um caminho para se educar em informação, promovendo o desenvolvimento de competências entre os sujeitos e enfatizando o papel social e consciente do bibliotecário. Esse papel pode ser desenvolvido tendo a biblioteca e demais unidades de informação como um dispositivo que propicie e potencialize as ações de mediação. Educar em informação, pelo viés da mediação, implica na atuação do profissional enquanto educador e da unidade enquanto educadora. Ambos proporcionam um ambiente de trocas de conhecimentos em prol de uma comunidade protagonista. A mediação coaduna com essa perspectiva porque é interação, troca de conhecimentos entre os sujeitos através da comunicação (Gomes, 2022, verbalizado).

[A Mediação da informação é] Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2016, para. 14).

Para construir o fio condutor entre a mediação da informação e a educação em informação faz-se necessário abordar as dimensões da mediação da informação em Gomes (2016; 2021). A autora expõe cinco dimensões: dimensão dialógica, dimensão formativa, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política. As dimensões podem ser ilustradas como um processo em forma de espiral, onde essas dimensões são contínuas e se

⁹ Esta seção foi discutida e apresentada no XXIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação em novembro de 2023, para fomentar o compartilhamento de conhecimentos.

desenvolvem constantemente, principalmente, na relação com o outro. É na interação entre os sujeitos que todos os envolvidos contribuem para uma relação de construção de sentidos e apropriação da informação, para poderem juntos transformar seu contexto.

A mediação da informação não é um processo estanque que se inicia na dimensão dialógica e termina na dimensão política, porque os sujeitos estão em constante aprendizado e desenvolvimento ao longo da vida. Partindo, então, da dimensão dialógica, busca-se compreender a relação entre informação e comunicação que se encontram no cerne da interação. A informação, como explica Gomes (2016), transita entre a materialidade e a imaterialidade na comunicação, mas sua materialidade se estabelece na transmissão.

Na transmissão busca-se auxiliar a construção da história, a geração do patrimônio social, preservando o conhecimento e a cultura. Na comunicação se valorizam as percepções geradas nas interações que fluem nas relações temporais imediatas. Na transmissão a materialidade da informação ganha maior relevo [visibilidade], enquanto na comunicação a informação transita entre materialidade e imaterialidade (Gomes, 2016, p. 94).

A transmissão através da comunicação sustenta a interação social, onde ocorre a concretização do compartilhamento de saberes, de ideias, de conhecimentos que culminam na informação materializada (Gomes, 2016).

A relação entre informação e comunicação nem sempre é ponto abordado nos estudos de Ciência da Informação, mas permeia e embasa este estudo. Concordamos com Passarelli e colegas (2014, p. 102) quando lembram que “a informação encontra na comunicação a forma de descobrir o seu sentido; sem comunicação, informação e dispositivos técnicos perdem a sua razão de ser.” Essa compreensão destaca o papel da mediação, enquanto mobilizadora de conteúdos. É a comunicação engendrada pela mediação que vai movimentar as informações trazidas pelos sujeitos, disponíveis nos dispositivos para construir conhecimento e ação perante o mundo.

Pode-se dizer que a dimensão dialógica começa a se configurar, pois os sujeitos envolvidos na interação compartilham e trocam informações produzindo novos conhecimentos sobre linguagens e signos. É o momento do debate e da confluência de experiências entre os sujeitos, em que a mediação intensifica a comunicação e a transmissão de informação, de saberes, de experiências e de cultura num modo de construção e reconstrução. “A mediação atua na dialogia instauradora de espaços de interação mobilizadores de transformações e de ressignificações das informações no acesso e geração

de novos saberes e conhecimentos” (Gomes, 2016, p. 99). A mediação da informação propicia aos sujeitos envolvidos neste processo a transformação de seus estados cognitivos.

A dialogia oportuniza espaço para a constatação de lacunas perante a informação, o conhecimento e o contexto. Além disso, a comunicação sob a perspectiva dialógica propicia aos sujeitos uma zona de desenvolvimento proximal (ZDP) trabalhada em Vygotsky (Jesus; Gomes, 2021). Nesta zona ocorre a construção de sentidos e a apropriação da informação, revelando a dimensão formativa da mediação da informação.

Na abordagem da educação em informação proposta neste estudo, a dialogia é o próprio caminho pedagógico, pois se compreende que é no encontro e debate com o outro que o sujeito compreende a si e seu papel no mundo. De outra forma, “[...] isolado, preso ao que pensa ser o curso “natural” de sua vida e às concepções de mundo inculcadas em sua mente eficientemente, reforçadas na educação, o sujeito sequer tem noção de sua participação na construção do mundo como é” (Brisola, 2022, p. 24).

Na dimensão formativa da mediação o sujeito desenvolve o protagonismo social, conciliando agentes e dispositivos de informação geradores de sentido (Perrotti; Pieruccini, 2007). Porque é na sua relação com o outro, com as diferenças e com o próprio contexto informacional que o sujeito passa a perceber a si, a perceber as situações que necessitam de interferência na sua realidade, e isso é oportunizado pela ação mediadora. Ou seja, “[...] a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas ‘ferramentas auxiliares’ da atividade humana” (Rego, 2014, p. 42).

Dessa forma, ao mediador sugere-se a conscientização sobre sua responsabilidade nesse processo. O protagonismo pode ser considerado um estado cognitivo ulterior ao da dimensão formativa, onde bibliotecários se tornam mediadores conscientes. Brandão (2021) chama a atenção para a prática mediadora e consciente do profissional da informação no contexto informacional, bem como de sua ação educadora:

Acredita-se que estudos voltados para a formação de mediadores da informação podem colaborar com o desenvolvimento de uma ação mediadora mais consciente e, de maneira prática, colaborar para tornar os mediadores competentes e protagonistas, cientes de sua responsabilidade social de ajudar o prosumidor a educar-se e assumir uma postura mais ativa, crítica e autônoma frente ao cenário infocomunicacional atual (Brandão, 2021, p. 119).

Nesse sentido, transita-se em outra dimensão da mediação da informação, conhecida como estética. No ato de conscientização do mediador em reconhecer-se protagonista, ele passa a constituir-se como “[...] sujeito da estética, da ética e da produção humanizadora do

mundo, portanto um agente político também” (Gomes, 2016, p. 100). A partir dessa compreensão, o sujeito age, cria, constroi e interfere na sua realidade e no seu meio.

Mediante o reconhecimento do outro, ambos os sujeitos se acolhem mutuamente, se permitindo a liberdade e o conforto para poderem se expressar sem censura ou rejeição (Jesus; Gomes, 2021). Dessa mesma maneira, a educação em informação visa educar e acolher, reconhecendo que não é mais apropriada a ideia de usuário, de consumidores passivos. Antes, são sujeitos, como preconizado por Dudziak (2003, p. 30): “[...] considerar a dimensão social e ecológica do aprendiz, percebendo-o não mais como usuário, nem tampouco como indivíduo, antes como sujeito, que é o indivíduo enquanto ator social, cidadão.”

Portanto, o bibliotecário enquanto educador assume um lugar onde compreende a sua condição e respectiva responsabilidade na ação da educação em informação. Assim, este profissional pode proporcionar o espaço para que os sujeitos consigam debater sobre suas experiências e trocar conhecimentos se reconhecendo como parte do mundo e como sujeitos ativos, protagonistas sociais, agentes políticos, contribuindo ainda para o respectivo desenvolvimento da autonomia.

Nesta circunstância, o bibliotecário enquanto mediador encarrega-se de superar suas próprias limitações sob um processo de autoavaliação constante, ressaltando a dimensão formativa da mediação da informação (Gomes, 2016).

E o fará melhor toda vez que, integrando-se ao espírito delas [épocas históricas], se aproprie de seus temas fundamentais, reconheça suas tarefas concretas. Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada [e pelas mídias digitais], ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez [mais], sem o saber, à sua capacidade de decidir (Freire, 2022, p. 60).

A renúncia de decidir, alertada por Freire, hoje se dá, inclusive, no consumo de conteúdos. Cada vez mais, as pessoas abdicam da busca ativa em prol do consumo passivo daquilo que “cai” ou “aparece” em suas telas, levando a uma dieta informacional rica em supérfluos e, não raras vezes, em desinformação.

A educação em informação promove a capacidade de decisão e atuação dos sujeitos no mundo para fazer frente aos desafios informacionais da contemporaneidade. Os sujeitos decidem cada vez mais embasados em suas emoções, como se pôde ver na discussão quanto à pós-verdade. Relegando a razão, o sujeito coisifica-se, pois não pensa, apenas segue a massa (Freire, 2022).

Na dimensão política da mediação da informação, que parece vir a reboque das dimensões ética e estética, os sujeitos devem se reconhecer em seus lugares de fala, respeitando-se mutuamente em suas diferenças, em suas pluralidades. De acordo com Gomes (2016), a autonomia se desenvolve no cerne da mediação, na confluência de uma ação semiótica. Na conquista da autonomia (Figura 5), o sujeito informacional se torna consciente das experiências que ocorrem durante a mediação, podendo, assim, reconhecer-se em seu lugar de fala.

Figura 5 – Conquista da autonomia



Fonte: Baseado em Gomes (2016).

“A conquista da autonomia proporciona a liberdade do movimento em direção ao conhecer, o que gera prazer e o sentido do belo, aspectos que assinalam a dimensão estética da mediação da informação” (Gomes, 2016, p. 102). Nesse momento, os sujeitos envolvidos na mediação da informação se beneficiam mutuamente nessa interação, proporcionando prazer e liberdade para ambos, por meio do autoconhecimento, da humildade, da autoestima, do acolhimento e da conquista da autonomia. Cabe resgatar a perspectiva freireana porque

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se

tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos e autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo (Freire, 2012, p. 75).

Sob esse viés, o agente mediador realiza a interferência da ação mediadora que lhe é proporcionada pelo seu lugar de fala, seu contexto social, cultural e político. Isso porque ele possui conhecimento diferente do outro, do mesmo modo que o outro realizará a mediação de seus conhecimentos, ambos em meio ao diálogo. Assim, eles se desenvolvem através da interação com os demais sujeitos em quaisquer unidades de informação. Ou seja, por meio de uma relação sociointeracionista, como no pensamento vygotskyano, na relação dialógica com o outro, “[...] o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura” (Rego, 2014, p. 93), bem como nas interações educativas.

Educação traduz-se como prática educativa, processo de ensinoaprendizagem, que leva o indivíduo a aprender a aprender, a pensar, a saber, a criar, a inovar, ou seja, construir conhecimentos, participar ativamente das dinâmicas do conhecimento de apropriação de informação e cultura. Sob esse último enfoque, trata-se de processo de humanização, que alcança o pessoal e o estrutural, partindo da situação concreta em que se dá a ação educativa, sempre tomada como relação de diálogo entre os participantes do processo (Avena; Pieruccini, 2013, p. 3).

Nesse momento pode se ressaltar todas as dimensões da mediação da informação de maneira resumida (Gomes, 2016):

- a) dialógica: quando o espaço do diálogo é aberto à interação;
- b) formativa: quando agentes e dispositivos se conciliam em prol do protagonismo através do processo dialógico;
- c) estética: quando os agentes se conscientizam e se libertam somando experiências até conquistar a autonomia;
- d) ética: quando os sujeitos se respeitam em suas diferenças e;
- e) política: quando os sujeitos interferem em suas realidades transformando-as.

A educação em informação é embasada por todas as dimensões da mediação, pois se relacionar com a informação pressupõe espaço de diálogo, depende de linguagens e signos, dispositivos para que todos os envolvidos na mediação se compreendam como partícipes de um processo de ensino-aprendizagem. Tornando-se autônomos e independentes, estes sujeitos podem adquirir e produzir informações conforme as suas necessidades. Tudo isso sem relegar a ética, pois ela evidencia os limites entre os agentes, garantindo o respeito às suas diferenças

e limitações. E por fim, perpassa a dimensão política que entrelaça as dimensões da mediação da informação, porque envolve sujeitos protagonistas cientes de suas responsabilidades sociais e políticas em diferentes momentos do processo. Afinal, entende-se educação em informação também como um ato político.

A educação em informação não é possível sem o agente mediador (e consciente) que é encarregado de desenvolver o contexto e proporcionar as ferramentas auxiliares e dispositivos para mobilizar a informação. Isso envolve incentivar competências e saberes nos sujeitos para a busca ativa, uso consciente, avaliação crítica dos conteúdos e disseminação da informação.

A consciência crítica perpassa a educação em informação, pois não se trata apenas de ensinar este ou aquele conteúdo, mas de incentivar a reflexão sobre a pertinência de determinado conteúdo ao sujeito. Portanto, neste trabalho, a mediação da informação é considerada como uma ação de interferência do bibliotecário, que educa em informação com o auxílio de dispositivos e ferramentas que, por sua vez, proporcionam aos sujeitos uma relação saudável com a informação e com outras pessoas. Educar em informação, assim, apresenta-se também como um processo de construção de sentidos a partir do diálogo, de ensino aprendizagem entre bibliotecários e comunidade.

Isso pressupõe a valorização do bibliotecário em seu papel social, no qual ele pode mediar as competências e saberes necessários para que os cidadãos lidem com a informação de maneira saudável com vistas à apropriação. Mas para isso faz-se necessário uma formação que contemple aspectos teóricos-pedagógicos para esse profissional, possibilitando assim, o seu desenvolvimento como educador, como agente mediador consciente.

3.2 EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO

O propósito desta seção está relacionado ao objetivo específico (B) da pesquisa, assim, pretende conceituar a educação em informação, compreendê-la, identificando as competências necessárias para que o bibliotecário exerça a função de educador em informação. Relacionam-se conteúdos para o seu desenvolvimento enquanto profissional, durante a formação e para servir de apoio para a atuação como educador nas bibliotecas e nas comunidades. Alinha-se a educação em informação com a CoInfo, com a CCI, com as InfoCom e com a Infoeducação.

Percebe-se um aspecto amplo para a atuação dos bibliotecários quanto aos serviços e recursos informacionais, isto é, uma complexidade de ações que podem ser realizadas diante de um contexto desafiador que carece de informações fidedignas, capacitação,

conscientização e educação em informação. Considera-se salutar que se repense a formação e a atuação dos bibliotecários, mas estas dependem do conhecimento, da apropriação simbólica e de capital cultural acumulado ao longo de toda a trajetória profissional, principalmente durante a formação dos sujeitos nos cursos de Biblioteconomia. Para refletir sobre uma formação profissional educadora em informação, pondera-se, nesse sentido, não só a CoInfo, mas a CCI, as InfoCom e sobretudo, a Infoeducação.

A Competência em Informação proporciona habilidades para lidar com a informação, ou seja, como selecionar, avaliar, utilizar a informação, etc. de maneira eficiente e eficaz, enquanto a CCI propicia o desenvolvimento do pensamento crítico, o questionamento, a dúvida. As Competências Infocomunicacionais transcendem a competência em informação por traçar diferentes instâncias relacionadas com a informação, como a comunicação e a operacionalidade, desenvolvendo conhecimentos, habilidades e atitudes. Já a Infoeducação é imprescindível para o acréscimo de um elemento fundamental para efetivar a apropriação simbólica dos bens culturais pelos sujeitos: a memória (discutem-se os conceitos nas subseções correspondentes).

Considerando a vertente capitalista da *Information Literacy* (IL), que no Brasil deu origem à expressão competência em informação, entende-se que é importante trabalhar com o consumo consciente de informações ao invés de priorizar o capital. O principal enguiço do capitalismo é o consumo desenfreado que faz perecer a razão, a consciência e a dúvida, elementos fundamentais para o exercício do questionamento, do pensamento crítico. Um exemplo disso é a utilização de recursos baseados em Inteligência Artificial (IA).

O uso indiscriminado de *Chatbots* como o *Chat Generative Pre-trained Transformer* (ChatGPT)¹⁰, por exemplo, pode dificultar o processo de apropriação da informação. Isto porque os indivíduos buscam por respostas rápidas para solucionar seus problemas e ao utilizarem recursos como esse, esquecem ou desconhecem que as respostas são desenvolvidas com o que há disponível na *internet*, um ambiente onde coexistem informação e desinformação. Consequentemente, a falta de apropriação de informações pode incorrer em danos à democracia e ao próprio mercado.

Luciano Floridi, em uma entrevista para a Revista Época sobre a regulamentação da IA, especificamente sobre a ameaça à pluralidade do mercado, ao livre comércio e à democracia, o filósofo recomenda estabelecer o equilíbrio entre economia e política.

¹⁰ *Chat Generative Pre-trained Transformer Open AI* para saber mais acesse: <https://openai.com/index/chatgpt/>.

[...] ‘Veja, a economia costumava estar a serviço da política’, podemos interpretar o antitruste não apenas como impulsionado pela economia, mas também pela democracia. Nesse ponto, você olha para essas empresas e decide que elas não estão prestando um bom serviço em termos de escolha, possibilitando irmos por um caminho ou por outro; a partir daí podemos começar a reorganizar as leis antitruste. Até que façamos isso, não acho que a América terá uma boa legislação sobre essa revolução tecnológica. (Kaufman, 2023, décimo segundo para.).

Floridi afirma que se deve olhar para o futuro para regulamentar a IA, com uma perspectiva filosófica. Assim, a economia deve estar a serviço da política e da sociedade e não o contrário como se observa no controle das grandes empresas de tecnologia, as chamadas *big techs*. A lógica da produção voltada para o consumo é predatória e acarreta problemas à sociedade e à democracia. Ao invés disso, considera-se a lógica comunitária da produtividade para o bem comum, proporcionando equiparação social com acesso à informação e ao conhecimento. “Ajustes no contexto das políticas públicas devem ser estimulados para permitir que atividades criativas de mercado e baseadas nos bens comuns aconteçam paralelamente” (Mansell; Tremblay, 2015, p. 14).

O desenvolvimento de políticas públicas está entre as ações multidimensionais da educação em informação, assim como ações educativas orientadas para lidar com a informação. Nesse sentido, podem ser imaginadas as políticas de regulamentação do uso de dados e informações criminalizando o uso e a disseminação de desinformação, seja como estratégia política ou fins lucrativos. Também é possível criar uma política pública visando fomentar a educação em informação para a prevenção de danos sociais. Dessa forma, acredita-se que educar a população em informação seja uma alternativa viável, ainda que se estabeleça uma regulamentação adequada.

Por exemplo, para Buckingham (2020), como os governos nacionais vêm encontrando dificuldade em regular as empresas globais de comunicação - e as empresas vêm oferecendo resistência à regulação - a educação em informação vem sendo apresentada como um meio aparentemente democrático de resolver a situação: “[...] os mercados não podem ser regulados, então os consumidores precisam se regular”¹¹. (Buckingham, 2020, p. 234, tradução nossa).

Para Brandão (2022, p. 40), a educação em informação pode ser entendida “[...] como um conjunto de ações multidimensionais voltadas à promoção de competências para a busca, apropriação e uso crítico da informação”. Ou seja, uma abordagem na qual são investidas diversas estratégias para estimular os sujeitos a desenvolverem autonomia, senso crítico,

¹¹ Traduzido do inglês: “[...] markets cannot be regulated, so consumers need to regulate themselves.” (Buckingham, 2020, p. 234).

conhecimentos, habilidades, atitudes e saberes para lidar com a desinformação, visando uma relação profícua dos sujeitos com a informação.

A partir da perspectiva de Borges, Brandão e Barros (2022), pode-se compreender que a educação em informação desenvolve os sujeitos para além das competências, pois os conhecimentos abordados refletem a possibilidade de transformação da própria realidade. Na abordagem das autoras pode ser encontrados indícios da pedagogia crítica freireana visando estimular a reflexão-ação, como a implicação no consumo de conteúdos de forma responsável e ética. Nesse sentido, a educação em informação relaciona os processos informacionais aos princípios éticos indispensáveis para a vida em sociedade e para o reconhecimento de fontes, autoridades e informações fidedignas que possam orientar o consumo saudável da informação e do conhecimento. É oportuno reconhecer que a educação em informação não pretende solucionar todos os problemas informacionais, mas fazer resistência à desinformação.

A ética em relação à preservação de dados pessoais no uso das plataformas digitais, que podem ser pautadas em legislação, como a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) – Lei n.º 13.709, é importante destacar que

[...] as noções de privacidade e ética estão sendo reconfiguradas a partir de uma cultura de pervasividade da tecnologia, que acaba por criar vários mecanismos de captura, armazenamento e disseminação de dados, que podem ser utilizados para diversos fins, por empresas, governos e pessoas, sem consentimentos e uma discussão pública sobre a finalidade de seus usos (Botelho-Francisco, 2022, p. 204).

A partir disso, compreende-se que os sujeitos têm liberdade de escolher a sua conduta, o que implica em escolher certo ou errado, baseado em princípios éticos (Cortella; Barros Filho, 2014). No entanto, muitas vezes os sujeitos desconhecem que existem meios de amparar as suas escolhas, assim como desconhecem que estão fornecendo dados, produzindo conteúdos ou reproduzindo a ideia de alguém sem o credibilizar.

Outro conhecimento implicado na educação em informação é a Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV), que também se relaciona com a competência em informação, com as competências infocomunicacionais e é caracterizada como toda e qualquer atividade de aprendizagem de forma contínua para melhorar aptidões, competências e conhecimentos, consoante a Comissão Europeia (1995). Embora oriundas de vertentes diferentes epistemologicamente, as competências se alinham com outras abordagens voltadas para a aprendizagem. Na educação em informação, abordagens como a ALV, CoInfo, CCI, InfoCom detêm um fundo em comum: educar os sujeitos em informação.

Compreende-se por educação em informação, portanto, um fenômeno que se desenvolve de modo multidimensional nos sujeitos a medida em que estes se põem em exercício. Na educação em informação, os sujeitos são estimulados ao protagonismo e ao desenvolvimento de consciência crítica. Através da ação mediadora do bibliotecário, em meio ao diálogo e nas trocas de conhecimento, se depreende que as competências impulsionam os sujeitos para o processo de significação e construção de sentidos.

Entendemos, a partir disso, que o pensamento freireano é uma base consistente para pensar a promoção das competências infocomunicacionais à luz de uma perspectiva dialógica com ênfase na autonomia e no desenvolvimento de consciência crítica na produção de sentido daquilo que ensinamos e aprendemos (Brandão, 2022, p. 32).

Ao conciliar a pedagogia freireana, discutindo e problematizando em cada comunidade o seu respectivo cotidiano, a construção do conhecimento coletivo passa a ser história compartilhada e reconhecida nos processos de mediação e nas relações entre os sujeitos. Acredita-se que dessa forma, a educação em informação propicie:

- a) sentimento de pertença dos sujeitos;
- b) fortalecimento da confiança na comunidade;
- c) desenvolvimento consciente e crítico voltado para o próprio cotidiano;
- d) reconhecimento de seus valores e de seus conhecimentos;
- e) relacionamento profícuo com a informação na solução de problemas da comunidade;
- f) transformação da própria realidade;
- g) desenvolvimento da comunidade como um todo¹²;
- h) liberdade de expressão com responsabilidade e propriedade;
- i) desenvolvimento da coletividade, cooperação e apoio mútuo.

Entende-se que a educação em informação se afasta da ideia da produção do mercado e volta-se à produção e desenvolvimento da comunidade, ponderando um olhar para o valor cultural da informação. Observa-se que a informação tem valor cultural, porém o capitalismo tende a precificar as coisas, transformando tudo em mercadoria que culmina no consumo exacerbado. Por outro lado, olhar para a produção e o consumo desenfreado de informações pode estabelecer uma perspectiva sobre a conscientização dessas ações.

¹² A Arte com Escamas na Ilha da Pintada, coordenado por Ana Maria Dalla Zen, obteve o Prêmio Santander Universidade Solidária em 2013 e está exposta no Museu Ilha da Pintada (um ecomuseu constituído por espaço expositivo, atelier e ponto de venda localizado no centro da Ilha). O Programa Ilha da Pintada, Mulheres, Trabalho e Desenvolvimento Sustentável resultou na eficácia da integração entre ações de ensino e de pesquisa. O programa também propôs-se a utilizar elementos da memória da Ilha e centrou-se no artesanato com escamas de peixe como alternativa de mudança e desenvolvimento social de uma comunidade em risco social.

Na verdade, uma noção expandida da *information literacy* é essencial para o futuro da democracia, se os cidadãos forem modeladores inteligentes da sociedade da informação ao invés de seus peões, e para uma cultura humanista, se a informação fizer parte de uma existência significativa ao invés de uma rotina de produção e consumo. (Shapiro; Hughes, 1996, p. 3, tradução nossa)¹³

Assim, pressupõe-se que a educação em informação tenha potencial para depauperar a desinformação sem relegar conhecimentos teóricos, empíricos, sócio-históricos e culturais.

Estamos realmente falando de um novo quadro curricular: um que equipa as pessoas não apenas com um punhado de habilidades técnicas, mas também com uma perspectiva ampla, integrada e crítica sobre o mundo contemporâneo do conhecimento e da informação, incluindo suas origens e tendências de desenvolvimento, suas redefinições de experiência e vida social, sua justificativa filosófica, vieses e limites, seu potencial para a emancipação humana e a dominação humana, e para o crescimento e destruição (Shapiro; Hughes, 1996, p. 4, tradução nossa).¹⁴

Mas para isso torna-se indispensável a presença do bibliotecário para mediar como agente social consciente das suas responsabilidades e do impacto de suas ações na vida dos sujeitos. Além disso, a ideia de educação em informação que se defende neste trabalho visa “[...] contribuir para a liberdade através do avanço do conhecimento dos cidadãos, através da democratização da educação [e do acesso]. Permita-nos projetar um currículo de alfabetização informacional cuidadoso, abrangente e multidimensional” (Shapiro; Hughes, 1996, p. 6, tradução nossa)¹⁵.

Com essa ideia, destaca-se a importância da infoeducação, uma abordagem oriunda da Informação e da Educação, voltada à compreensão das conexões existentes entre apropriação simbólica e dispositivos culturais. A partir da sistematização de uma metodologia de mediação cultural, pretende-se focar no processo de apropriação dos bens simbólicos, compreendendo-o como um ato que não é simplesmente natural, mas culturalmente construído, aberto e comprometido com a diversidade e a pluralidade do mundo (Perrotti; Pieruccini, 2007); transformar algo que se recebe (cultura) em algo próprio; ação afirmativa,

¹³ Traduzido de: Indeed, such an extended notion of information literacy is essential to the future of democracy, if citizens are to be intelligent shapers of the information society rather than its pawns, and to humanistic culture, if information is to be part of a meaningful existence rather than a routine of production and consumption.

¹⁴ We are really talking about a new curricular framework: one that equips people not only with a bunch of technical skills but with a broad, integrated and critical perspective on the contemporary world of knowledge and information, including its origins and developmental trends, its redefinitions of experience and social life, its philosophical justification, biases and limits, its potential for human emancipation and human domination, and for growth and destruction.

¹⁵ Traduzido de: contribute to liberty through advancing citizens' knowledge, through democratizing education. Let us design a comprehensive, multi-dimensional and thoughtful information literacy curriculum.

não simplesmente a recepção mecânica e automática de sinais e mensagens. A apropriação da informação envolve não somente o ato natural de assimilar uma informação, mas também a construção de sentidos e significados para o sujeito a partir de sua história sociocultural (Perrotti; Pieruccini, 2007).

Além disso, a infoeducação, ainda que distante da abordagem por competências, conforma base para o conceito trazido por Borges (2018) em suas pesquisas, o que sincronicamente sustenta a educação em informação. Afirma a autora que a educação que viabiliza o desenvolvimento das InfoCom é estratégica para a formação de “[...] cidadãos capazes de decidir de que informação necessitam, que sejam ativos na produção de conhecimento e cultura, e conscientes das intervenções que desejam” (Borges, 2022, p. 55). Isto porque “O horizonte da infoeducação não é o do consumo, mas o da apropriação e da criação cultural” (Perrotti, 2016, p. 14).

Trata-se de uma educação que avança do desenvolvimento de competências para fazer algo – como lidar com os diversos conteúdos (informação) e relacionar-se com pessoas (comunicação) – para competências metacognitivas no sentido de não só saber fazer, mas decidir quando e por que fazer (Borges, 2022, p. 55).

Nesse sentido, a educação em informação, pautada nestes conceitos, pode viabilizar a formação de sujeitos autônomos, conscientes e capazes de instrumentalizar a informação para benefício próprio e coletivo. Na educação em informação, estimula-se a ética, o pensamento crítico, a criatividade e a conscientização, o compartilhamento e a coletividade; nela, a competição se transforma em assistência e cooperação.

Nessa abordagem são considerados alguns conceitos que se fazem necessários para compreendê-la. Como um conjunto de ações, a educação em informação trata-se de uma abordagem ampla e complexa, podendo ser entendida como um foco que concentra em si diferentes conceitos cujas ações estão intimamente relacionadas (Figura 6). Ela reúne diferentes formas de aprendizagens, estratégias, saberes, dispositivos educacionais e culturais que vão além de competências informacionais. Parte desses conceitos estão relacionados entre si, por uma questão terminológica, outros por manterem origens semelhantes ou que divergem epistemologicamente, no entanto, são complementares na educação em informação. Nesse sentido, pode-se dizer que todos esses conceitos se apresentam como formas de se educar em informação.

Figura 6 - Conceitos gravitando em torno da educação em informação¹⁶



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Nesta pesquisa trabalha-se quatro principais abordagens que conformam a fundamentação teórica: Competência em Informação, Competências Infocomunicacionais, Competência Crítica em Informação e Infoeducação. Os demais conceitos que gravitam a educação em informação estão contemplados de forma tangencial no referencial teórico para não desviar do escopo do estudo. Assim, inicia-se a discussão pela competência em informação, compreendendo a sua origem, como se relaciona com os processos informacionais e de que maneira auxilia na educação em informação.

3.2.1 Competência em informação

O objetivo desta seção é compreender a origem do termo competência em informação, discutindo as suas bases na década de 1970 através da *Information Literacy*. Também

¹⁶ Não seria possível abordar todos os conceitos em uma dissertação de mestrado, portanto, procurou-se esboçar apenas aqueles que se constituíram como fundamentais na educação em informação.

discute-se a questão da nomenclatura e as distintas traduções em diferentes localidades do mundo, incluindo a sua abordagem no Brasil. Pretende-se refletir sobre as dimensões da competência em informação, alinhando-a aos propósitos da educação em informação e ao papel do bibliotecário.

Em 1974, nos Estados Unidos, Paul Zurkowski, presidente da Associação da Indústria de Informação, publicou um relatório *The Information Service Environment Relationships and Priorities*, no qual refere, quanto ao contexto norte-americano, que o papel das bibliotecas e de atividades informacionais no setor privado estavam em transição (Zurkowski, 1974). Salienta-se que nessa época a informação estava sendo altamente valorizada, logo as indústrias de informação ampliaram o seu interesse sobre o fenômeno. Dessa forma, Zurkowski sugere que os usuários de informação necessitam de capacidades para lidar com ferramentas de informação, isto é, receber “[...] treinamento adequado na utilização dos recursos de informação disponíveis e que venham a surgir” (Nascimento; Perrotti, 2017, p. 5).

Ainda de acordo com Nascimento e Perrotti (2017), o relatório de Zurkowski mantém uma intencionalidade velada, pois o real interesse consiste em fins lucrativos. Logo, a pretensão do capitalismo assume a dianteira e em nada se preocupa com o cidadão, pois neste sentido, a capacitação de pessoas para lidar com a informação aumenta a competitividade no mercado de trabalho. Além disso, *information literates*¹⁷ alimentam as indústrias de informação no setor privado que continuam se mantendo no mercado financeiro e alavancando suas vendas pautadas no valor da informação enquanto atividade econômica. Isto porque “[...] as bases de dados [e bancos de informação] cobram pelo acesso ao material disponibilizado” (Nascimento; Perrotti, 2017, p. 5).

O relatório de Paul G. Zurkowski traz a ideia de que naquele contexto, com a oferta crescente de serviços e recursos informacionais, os cidadãos deveriam passar por um programa de IL por um período de dez anos, indo de 1974 a 1984 (Zurkowski, 1974). No entanto, durante esse percurso, em 1983, surge um novo relatório produzido pela Comissão Nacional de Excelência em Educação, sobre o contexto educacional estadunidense, *A Nation at Risk: The Imperative for Educational Reform*.

De acordo com Campello (2009), *A Nation at Risk* não havia considerado a contribuição da dimensão educativa do bibliotecário nem das bibliotecas, o que causou

¹⁷ Information Literates do inglês: *People trained in the application of information resources to their work can be called information literates. They have learned techniques and skills for utilizing the wide range of information tools as well as primary sources in molding information solutions to their problems* (Zurkowski, 1974, p. 6). Tradução nossa: Pessoas treinadas na aplicação de recursos de informação em seu trabalho podem ser chamadas de letradas em informação. Eles aprenderam técnicas e habilidades para utilizar uma ampla gama de ferramentas de informação, bem como fontes primárias, para moldar soluções de informação para seus problemas.

mobilização da classe bibliotecária norte-americana, culminando na apropriação do termo *Information Literacy*.

Utilizando o conceito de letramento informacional como base para suas argumentações, os praticantes da área iniciaram um movimento de reação, em que tentavam provar a sua capacidade de influir no processo de aprendizagem. É necessário lembrar que, embora utilizassem antes o termo *bibliographic instruction*, muitos bibliotecários norte-americanos que atuavam em escolas já vinham desenvolvendo uma ação pedagógica mais ampla do que esse termo implica e tinham consciência da influência positiva na aprendizagem exercida por esse trabalho (Campello, 2009, p. 12).

Naquele contexto, diante do aumento de informações, diferentes formatos e recursos tecnológicos, o letramento informacional contribuiria com a necessidade de adaptação à cultura digital, ao mundo globalizado e à nova sociedade do conhecimento (Campello, 2009). Isto é, “Implicaria fundamentalmente que as pessoas tivessem capacidade de entender suas necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável” (Campello, 2009, p. 13). Em abordagens relacionadas à cidadania, a competência em informação ampara decisões positivas quanto à responsabilidade social dos sujeitos (Behrens, 1994; Campello, 2003; Vitorino; Piantola, 2020).

Concorda-se com Nascimento e Perrotti (2017) quando criticam o discurso de Zurkowski quanto ao surgimento da IL sob o interesse capitalista. Entretanto, Campello (2009) expõe o movimento de reação dos bibliotecários em prol do desenvolvimento educacional, alterando o sentido inicial do termo. Cabe lembrar ainda o esforço dos bibliotecários e demais pesquisadores na luta pelo acesso aberto. A educação em informação interfere nesse ponto, oportunizando aos usuários não apenas os conhecimentos, habilidades e atitudes, como também o acesso e reconhecimento às informações e fontes fidedignas e oficiais sem qualquer custo. Além disso, a perspectiva da educação em informação ampara o desenvolvimento de senso crítico, do ensino-aprendizagem de forma dialógica, como visto através da mediação, sobretudo, ultrapassa a visão de que os cidadãos são meros usuários de informação, mas produtores de informações e conteúdos.

Nesse sentido, Nascimento e Perrotti (2017) trazem outras perspectivas, relacionando Informação e Educação, passíveis de superar a ótica economicista da IL formulada inicialmente no relatório de 1974. Uma delas é a Infoeducação (discutida na seção 3.2.4) que considera “[...] não só aspectos práticos, como teóricos envolvidos na questão e que, articulados, e tomados em perspectiva sociocultural, apontam para concepções, usos e

direções crítico-reflexivas da informação e da educação na contemporaneidade (Nascimento; Perrotti, 2017, p. 7). A perspectiva inaugural da IL para estes autores é que

No Brasil, por exemplo, o relatório de Zurkowski não passa em geral de menção ligeira para referendar iniciativas no campo da “alfabetização”, do “letramento” ou da “competência” informacional, sem contrapartida reflexiva consistente, necessária ao enfrentamento das questões complexas e relevantes envolvendo as relações entre informação e educação, em nosso tempo (Nascimento; Perrotti, 2017, p. 3).

De fato, do relatório de Zurkowski surgiram iniciativas de aprendizagem, de alfabetização, de letramento, de competência informacional que podem ser insuficientes sozinhas. Uma das fragilidades encontra-se no cerne da competência em informação que é o alcance da eficiência e eficácia, que, por sua vez, acabam ficando à mercê do valor utilitário da informação e do conhecimento, favorecendo o modelo de mercado.

O modelo de mercado vê o conhecimento a partir de uma perspectiva utilitária orientada para a produtividade, a comercialização e a competência, tendendo a limitar o acesso mediante direitos de propriedade intelectual. Em contraposição, o modelo comunitário se baseia no princípio da liberdade de expressão como direito fundamental da vida democrática (Capurro, 2017, p. 47, itálico do autor).

Para que se possa ter uma sociedade mais justa e igualitária com garantia de acesso é crucial que se discuta questões complexas e relevantes que envolvem a Educação, a Informação e os valores democráticos. Se torna necessário compreender que a liberdade de expressão tem limites, como a difamação, a injúria ou a calúnia (Brasil, 1988, Artigo 5º). Além disso, é impreterível transgredir a concepção utilitarista da competência, como sugere Daher Junior e Borges (2021, p. 6), “[...] experimentando a práxis reflexiva, [...], promovendo a inovação social e processos protagonistas coletivos”. Com esse intuito, é importante manter o questionamento acerca da educação que se promove, para saber que educação é essa.

A IL pode ser definida como um “[...] conjunto de habilidades necessárias para encontrar, recuperar, analisar e usar informações¹⁸” (ALA, 2006, tradução nossa). Observou-se no decorrer deste estudo, que tal conjunto já está contemplado na formação dos bibliotecários, mas de forma esparsa e dividida entre as disciplinas que compõem o currículo dos cursos de Biblioteconomia sob uma perspectiva histórica da informação. Pode-se perceber que em disciplinas de educação de usuários, a questão da busca, acesso e uso de informação é predominante a depender do período histórico.

¹⁸ Do Inglês: *The set of skills needed to find, retrieve, analyze, and use information. Para saber mais acesse: <https://www.ala.org/acrl/issues/infolit/overview/glossary>.*

De modo geral, a área voltada para os recursos e serviços informacionais¹⁹ contempla assuntos voltados para os serviços que envolvem as funções relacionadas ao atendimento das necessidades informacionais dos usuários, de forma a estabelecer a mediação entre informação e o usuário, a sistematização dos canais e sistemas de disseminação da informação, bem como atividades e ações culturais e educacionais. Essa área é composta por diversas disciplinas, entre elas: fontes de informação, serviço de referência e informação, estudo de usuários, mediação da informação, ação cultural, educação de usuários e/ou competência em informação (Mata; Casarin, 2018, p. 1).

Salienta-se que naquele período se tem a visão de um profissional intermediário e usuário passivo da informação, porque na divisão dos eixos temáticos da formação dos bibliotecários em 1996 se discutia a satisfação de necessidades informacionais, onde a mediação consistia em fazer do bibliotecário uma ponte entre o consumidor e a informação desejada. Ou seja, a orientação que se delineia nessa época está voltada para o consumo, assim como nos tempos primórdios da IL. Contudo, a definição do termo no Brasil recebe outras conotações posteriormente.

Para Belluzzo (2020), a Competência em informação deriva da *Information Literacy* de Zurkowski. O termo Competência em Informação é preferido pelos profissionais e cientistas da informação no Brasil e é utilizado pela FEBAB. Houve ainda discussão e crítica sobre o termo *literacy* nos Estados Unidos, demovendo profissionais de dentro e de fora da área da Biblioteconomia. Snavely e Cooper (1997) fizeram uma análise dos prós e contras contidos nos argumentos sobre o termo e concluíram que

[...] deve continuar a ser usado, desde que os bibliotecários privilegiem o “melhor significado do termo”. Essa conclusão baseia-se na opinião das autoras de que *literacy* possui vários significados e um deles se aplica de forma adequada à expressão *information literacy*. É aquele que o considera enquanto “conhecimento básico de um campo ou assunto, diferente do conhecimento do especialista” (Campello, 2003, p. 36, grifo da autora).

Em outros países, sua tradução modifica-se um pouco, mesmo assim mantém relação aproximada do conceito nas suas diferentes definições. No Brasil, Mata e Casarin (2018) afirmam que cresceu o número das pesquisas de competência em informação a partir de 2001 e veio acompanhada de variações na nomenclatura. Para as autoras, os conceitos estão inter-relacionados apesar das variações que são características da tradução brasileira, expressando a variabilidade de correntes teóricas e a adesão institucional. No Quadro 3 apresentam-se algumas variações do termo; não houve intenção de esgotá-las, mas de

¹⁹ Eixo temático da Biblioteconomia estabelecido no evento “Encontros de Diretores e Docentes de Biblioteconomia do Mercosul” em 1996.

demonstrar que realmente ocorreu uma ampliação do movimento em prol da competência em informação em escala global (Nascimento; Perrotti, 2017; Mata; Casarin, 2018).

Quadro 3 – Variações da nomenclatura da competência em informação

País	Termo	Conceito	Autoria
Austrália	<i>Information Literacy</i>	um fenômeno que está acima do desenvolvimento de habilidades, pois [...] é muito mais uma questão situacional experimentada pelos sujeitos, resultando disso uma ênfase em determinadas concepções e experiências.	Bruce (1999).
Brasil	<i>Information Literacy</i>	[...] um processo de aprendizado contínuo que envolve informação, conhecimento e inteligência. É transdisciplinar, incorporando um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e valores pessoais e sociais; permeia qualquer fenômeno de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões.	Dudziak (2003)
	Alfabetização informacional	[...] inclui a habilidade de localizar, processar e usar informação eficazmente, independentemente do mecanismo de obtenção e do tipo de formato no qual aquela informação aparece. ²⁰	Caregnato (2000)
		Estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita.	Soares (2002);
		Capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação. Ao longo do processo de letramento informacional, os aprendizes desenvolvem competências para identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos.	Gasque (2013);
		É possível entendê-la como o conhecimento e a capacidade de usar, de modo reflexivo e intencional, o conjunto de conceitos, procedimentos e atitudes envolvidos no processo de obter, avaliar, usar e comunicar a informação através de meios convencionais e eletrônicos”	Mata (2014);
	Competência informacional	Conjunto de habilidades necessárias para localizar, interpretar, analisar, sintetizar, avaliar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas;	Campello (2003);
	Competência em informação	um aprendizado baseado em habilidades, onde é equiparada às habilidades informacionais exigidas no processo de busca de informações. Por outro lado, a competência em informação é conceituada como um fenômeno complexo, que atua como um catalisador para a aprendizagem.	Belluzzo (2020);
Colômbia	<i>Alfabetización informacional</i>	O processo de ensino-aprendizagem que busca um indivíduo e um grupo, graças ao apoio profissional e de uma instituição educacional ou bibliotecária, utilizando diferentes estratégias didáticas e ambientes de aprendizagem (presencial, “virtual” ou	Uribe-Tirado (2009);

²⁰ MCCLURE, C. R. Network Literacy: a role for libraries? *Informations Technology and Libraries*, Chicago, v. 13, n. 2, p. 115-125, 1994.

		<i>mixed - blend learning</i> - modalidade), atingir as competências (conhecimentos, aptidões e atitudes) em informática, comunicação e informação, que lhe permitam, após identificar as suas necessidades de informação, e utilizando diferentes formatos, meios e recursos físicos, eletrónicos ou digitais, ser capaz de localizar, seleccionar, recuperar, organizar, avaliar, produzir, partilhar e divulgar (comportamento informacional) de forma adequada e eficiente essa informação, com um posicionamento crítico e ético, baseado no seu potencial (cognitivo, prático e afetivo) e conhecimentos prévios (outras literacias), e conseguir uma interação adequada com outros indivíduos e grupos (prática cultural-inclusão social), de acordo com os diferentes papéis e contextos assumidos (níveis educacionais, investigação, trabalho ou desempenho profissional), para finalmente, através de todo este processo, alcançar e partilhar novos conhecimento e ter as bases da aprendizagem ao longo da vida para benefício pessoal, organizacional, comunitário e social face às exigências da actual sociedade da informação. ²¹	
Espanha	<i>Alfabetización informacional</i>	uma forma de desenvolver, conhecimentos e valores para aprendizagem ao longo da vida através do uso eficiente da informação que se encontra e consome - seu principal elemento deve ser a compreensão do papel que joga a informação na sociedade e na vida particular dos indivíduos - considerando todos os tipos de suporte e formas de comunicação. ²²	Almeida (2014);
EUA	<i>Information Literacy</i>	Conjunto de habilidades necessárias para encontrar, recuperar, analisar e usar informações. ²³	ALA (2006);
Portugal	Literacia da informação	As práticas de literacia da informação visam dotar os alunos de conhecimentos que os capacitem para o acesso, produção e uso crítico da informação e para uma comunicação eficaz, ética e socialmente responsável. O aluno procura, avalia criticamente e trata os dados, atendendo à credibilidade das fontes e respeitando princípios éticos e normativos.	Portugal (2017).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

²¹ Do espanhol: *El proceso de enseñanza-aprendizaje que busca que un individuo y colectivo, gracias al acompañamiento profesional y de una institución educativa o bibliotecológica, empleando diferentes estrategias didácticas y ambientes de aprendizaje (modalidad presencial, «virtual» o mixta -blend learning-), alcance las competencias (conocimientos, habilidades y actitudes) en lo informático, comunicativo e informativo, que le permitan, tras identificar sus necesidades de información, y utilizando diferentes formatos, medios y recursos físicos, electrónicos o digitales, poder localizar, seleccionar, recuperar, organizar, evaluar, producir, compartir y divulgar (comportamiento informacional) en forma adecuada y eficiente esa información, con una posición crítica y ética, a partir de sus potencialidades (cognoscitivas, prácticas y afectivas) y conocimientos previos (otras alfabetizaciones), y lograr una interacción apropiada con otros individuos y colectivos (práctica cultural-inclusión social), según los diferentes papeles y contextos que asume (niveles educativos, investigación, desempeño laboral o profesional), para finalmente con todo ese proceso, alcanzar y compartir nuevos conocimientos y tener las bases de un aprendizaje permanente para beneficio personal, organizacional, comunitario y social ante las exigencias de la actual sociedad de la información.* Para saber mais acesse: <http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v20n4/aci011009.pdf>.

²² Do espanhol: *una forma de desarrollar actitudes, conocimientos y valores para el aprendizaje a lo largo de la vida a través del uso eficiente de la información que se encuentra y consume - su principal elemento debe ser la comprensión del papel que juega la información en la sociedad y en la vida particular de los individuos - considerando todos los tipos de soportes y formas de comunicación.* Para saber mais acesse: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15488/1/Tesis%20completa%20versi%C3%B3n%20final.pdf>.

²³ Do Inglês americano: *The set of skills needed to find, retrieve, analyze, and use information.* Para saber mais acesse: <https://www.ala.org/acrl/issues/infolit/overview/glossary>.

A partir das definições é possível inferir que a competência em informação, viabiliza a produtividade em relação aos processos informacionais e pode funcionar como um catalisador na aprendizagem (Belluzzo, 2020). Igualmente, se pode perceber que a competência em informação que se busca na contemporaneidade, não é mais a mesma que derivou da *Information Literacy* em meados da década de 1970, ainda que carregue o estigma de sua vertente capitalista. Ao resgatar as transformações ocorridas na formação e atuação dos bibliotecários ao longo dos séculos, nota-se que os conceitos e as pessoas se transformaram com o passar dos anos.

Houve um tempo em que a Biblioteconomia justificava a sua natureza tecnicista, pois considerava o contexto em que a recuperação da informação era uma das principais exigências nos séculos XIX e XX. Porém, no período contemporâneo, sem o viés social, torna-se inviável a execução de determinadas tarefas do bibliotecário como educador, por exemplo. Os tempos são outros e diante do paradigma pós-custodial, saber utilizar a informação de forma crítica passa a ser o princípio da transformação de si.

Por outro lado, a perspectiva do conceito pode mudar segundo a abordagem, talvez amanhã nem se chame mais competência em informação. No entanto, é necessário reconhecer que a abordagem se faz pertinente no contexto contemporâneo, tendo em vista a desinformação. Pois os sujeitos carecem de aprendizado para lidar com a informação, saber acessar, avaliar e utilizar de forma eficaz em prol da sua sobrevivência.

É por meio do acesso a informações que o cidadão tem condições de conhecer e cumprir seus deveres, bem como de entender e reivindicar seus direitos. Somente através de informação os indivíduos podem contribuir, participar e ocupar seu espaço na sociedade, assim como acompanhar, avaliar e questionar as ações do Estado com o objetivo de promover o bem comum. (Santos; Duarte; Prata, 2008, p. 212).

É necessário discernimento, conhecimento e criticidade para que os sujeitos possam questionar a informação, sua própria realidade e o Estado, bem como as demais estruturas de dominação nas quais estão inseridos. Mas para questionar é necessário saber lidar com as informações, articulá-las. Quer seja para questionar um contrato imobiliário ou bancário, para entender as cláusulas, é fundamental saber ler estes documentos para compreender que poderes as empresas têm sobre cada um dos indivíduos aos quais prestam seus serviços, sobretudo que direitos e deveres os cidadãos têm diante dos termos de compromisso que

assumem. Isso requer competência em informação que está atrelada à capacidade de leitura, ou seja, envolve habilidades de leitura e de uso de informação (Campello, 2003).

A ênfase da inclusão competência em informação nos currículos de Biblioteconomia está pautada no desenvolvimento profissional dos bibliotecários, e poderia ser ponderada no papel educador. Para Rios (2006), a competência de docentes deve estar pautada nas seguintes dimensões: técnica, estética, política e ética. A abordagem percebe as mesmas dimensões para Vitorino e Piantola (2020, p. 19):

A primeira, a dimensão técnica, é base e cerne da competência, pois revela ação dos profissionais, num domínio de saberes e nas habilidades para a intervenção prática na realidade. A segunda, a dimensão política, está no âmbito de compromisso político, no coletivo e na sociedade: é o exercício de direitos e deveres e o compromisso com as necessidades do contexto social. A terceira, a dimensão estética, é a percepção sensível da realidade: refere-se à criação, à inovação, às sensações, à apreensão consciente da realidade, à afetividade. A quarta, a dimensão ética, é o elemento de mediação entre as quatro dimensões e garante o caráter dialético da relação.

Reforça-se a questão da mediação da informação e do papel mediador dos bibliotecários. Estes profissionais, podem desenvolver a competência em informação fundamentando-se nas mesmas dimensões e potencializando o seu papel de educador em informação. Dessa forma, ele pode conciliar em sua prática, como se viu através da mediação, todo o seu aprendizado em torno da competência em informação para auxiliar na formação de sujeitos informacionais, aproveitando-a como catalisador na aprendizagem, nas escolas, e em diversas unidades de informação.

Espera-se que o bibliotecário seja um profissional habilitado e possua conhecimento para agir diante dos desafios que possam surgir em meio às bibliotecas e em seu fazer cotidiano. Para isso, aspira-se que ele seja um sujeito capaz de se desenvolver visando o exercício pleno de suas atividades enquanto cidadão e profissional. Conforme Rios (2006, p. 86) “[...] é importante considerar-se o saber e o dever como elementos historicamente situados, construídos pelos sujeitos em sua práxis”. Sendo assim, há aspectos que são indispensáveis ao progresso profissional, pois a competência em informação

[...] se mostra como um tipo de competência a ser desenvolvida, nas mais diversas modalidades de trabalho e nas mais diversas organizações e, seguramente, no âmbito do trabalhador que se profissionaliza ou se especializa em lidar com a informação (profissional da informação) (Vitorino; Piantola, 2020, p. 57).

Daí a importância da inclusão da competência em informação na formação do bibliotecário. Sinaliza-se que os registros do levantamento bibliográfico abordam a inserção dessa competência na formação dos bibliotecários para que eles se desenvolvam profissionalmente, mas nenhum estudo aborda o tema como nesta pesquisa.

Quanto às perspectivas formativas da competência nos cursos de Biblioteconomia,

A educação voltada para a competência em informação encontra respaldo em práticas curriculares, como o currículo integrado baseado na transdisciplinaridade e o aprendizado baseado em recursos (resource-based learning). Ambos têm como objetivo maior instrumentalizar e interiorizar comportamentos que levem à proficiência investigativa, ao pensamento crítico, ao aprendizado independente e ao aprendizado ao longo da vida (Vitorino; Piantola, 2020, p. 76).

A CoInfo auxilia na formação de bibliotecários na pesquisa, busca, uso, organização e síntese da informação. Estes elementos são indispensáveis na formação destes profissionais. Afinal, a tecnologia tem sido aliada para a busca, recuperação e organização da informação, e nestes processos as ferramentas tecnológicas são úteis e complementares na atuação de um profissional educador. Porém, para a formação de educadores, há que se ministrar também conteúdos pedagógicos na formação do bibliotecário. Como se pode observar as recomendações da ACRL, um programa de alfabetização informacional “Utiliza tecnologia de informação relevante e apropriada e outros recursos de mídia para apoiar a pedagogia e a aprendizagem²⁴” (ACRL, 2003, Categoria 5: Pedagogia, tradução nossa).

Nos estudos de Vitorino e Piantola (2020), parte dos entrevistados relataram que a graduação em Biblioteconomia não dá conta de tudo. Em outros relatos, foi identificado pelas autoras que o desenvolvimento da competência em informação estava predominantemente concentrado na área de gestão. Não por acaso, o termo competência também pode derivar da área da Administração. Contudo, a competência em informação, como visto, é uma das traduções da IL.

O desenvolvimento de competência em informação é apenas uma das formas viáveis de se educar em informação no contexto atual e repercute diretamente na formação dos bibliotecários e demais profissionais da informação. Não somente nesse contexto, pode-se perceber a necessidade de ações criteriosas que possam fazer resistência aos problemas informacionais no Brasil e no mundo. Parece que a formação dos bibliotecários necessita de algum aperfeiçoamento ou formação continuada no que diz respeito a trabalhar com a informação e seus processos.

²⁴ Do inglês: *Uses relevant and appropriate information technology and other media resources to support pedagogy and learning* (ACRL, 2003).

Admite-se que as profissões da informação se consolidam e se legitimam no contexto da sociedade contemporânea e que esta se encontra em processo acelerado de transformações e rupturas, sob o signo do acesso e da retenção da informação. Essas transformações exigem definições e redefinições de métodos que valorizem e destaquem os aspectos importantes desta relação de disseminação e compartilhamento de conhecimentos e de informação. A informação, peça fundamental no desenvolvimento da competência, necessita que o profissional desenvolva o conhecimento de seu fluxo, percepção do ambiente informacional, habilidade no manuseio e uso de recursos informacionais que favoreçam o acesso, o tratamento, a recuperação, e o uso da informação, e que facilitem, em última instância, a geração de novos conhecimentos (Vitorino; Piantola, 2020, p. 147).

Por essa ótica, destaca-se mais uma vez a relação da competência em informação com as competências infocomunicacionais porque estas compreendem um conjunto de “[...] conhecimentos, habilidades e atitudes [...]” conforme Borges (2018, p. 126), que podem contribuir para mitigar as consequências da desinformação. Envolvem ainda criticidade para lidar com a informação e com a comunicação na sociedade contemporânea. Nesse sentido, as InfoCom incluem capacitação para identificar fontes confiáveis, bem como para verificar a qualidade das informações, além de comunicar de forma clara e coerente, demonstrando capacidade de síntese.

Por outro lado, as competências infocomunicacionais avançam em relação à competência em informação por considerar a competência em comunicação e compreender habilidades de uso e manuseio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Isto é, não basta saber utilizar a informação, mas comunicá-la e, principalmente, operar diferentes tipos de suporte ou fontes de informação no ambiente digital. O que denota um conceito mais amplo que envolve as questões tecnológicas no sentido de auxiliar as pessoas a interagir e se comunicar compartilhando e produzindo informações por meio de ferramentas e mídias digitais. Pois cada vez mais o uso de tecnologias digitais se mostra como uma condição do contexto informacional.

3.2.2 Competências infocomunicacionais

As competências infocomunicacionais são igualmente importantes para o desenvolvimento da educação em informação, pois além dos aspectos já tratados sob o conceito de competência em informação, destaca-se a dimensão comunicativa, a capacidade de relacionar-se com pessoas: dialogar, negociar, construir sentidos em colaboração. Borges (2011) explica que as competências infocomunicacionais estão relacionadas às capacidades de informar, comunicar e operar em ambiente digital. Afirma a autora que

[...] as competências ligam-se à capacidade de lidar com informação (localização, avaliação e aplicação) e às competências relacionadas ao estabelecimento e manutenção de comunicação. Subjacentes a essas duas competências estão as competências operacionais, ligadas ao manuseio de hardware e software. (Borges, 2011, p. 156)

O desenvolvimento dessas competências intenciona mobilidade e empoderamento para mudar o mundo, fazendo dele um lugar onde se mantêm uma relação saudável com a informação, sabendo buscar, acessar, informar-se, comunicar e produzir informações e conteúdos. O que pode ser significativo para o desenvolvimento da sociedade brasileira, já que o contexto é de transformações aceleradas que descortinam problemas sociais que antes não seriam perceptíveis sem o uso das tecnologias, ou pelo menos essa visão ficaria limitada.

As competências infocomunicacionais são transversais umas às outras proporcionando o desenvolvimento mútuo de cada uma delas (Borges, 2011) conforme a Figura 7.

Figura 7: Esquema das competências infocomunicacionais



Fonte: Borges (2011, p. 156).

As competências informacionais, em azul, no âmbito das InfoCom, representam conhecimentos, habilidades e atitudes para identificar necessidades de informação, buscar, avaliar e utilizar a informação. Isso inclui a capacidade de síntese do sujeito ao elaborar estratégias de busca, posteriormente desenvolver estratégias de avaliação da informação quanto a sua fidedignidade, por último e não menos importante, a utilizar de forma adequada (Borges, 2011), para uma tomada de decisão, por exemplo.

O uso da informação é percebido a partir de um viés crítico indissociável da apropriação da informação, assim, compreendemos que ele engloba também a produção de conteúdo, ação para a qual o sujeito recorre aos seus saberes informacionais, capacidades cognitivas, experiências e vivências para se apropriar

das informações, ressignificá-las e transformá-las em conhecimento (Brandão, 2022, p. 36).

A informação é elemento que constitui materialidade por meio da comunicação, conforme visto em Gomes (2016). Entretanto, no caso da competência em comunicação, representada pela cor verde (Figura 7), esta pode ser definida a partir da união de competências e valores que estão incutidos na “[...] capacidade de interação, argumentação, partilha, trabalho colaborativo e participação em redes e comunidades de acordo com os interesses de cada indivíduo ou organização” (Borges, 2011, p. 167).

Por fim, as competências operacionais, representadas na cor vermelha, apontam para o uso de tecnologias de informação, mídias digitais, recursos que viabilizam a comunicação da informação, por exemplo, os aplicativos de redes sociais, ou programas de produção de conteúdos. Tais competências implicam em “[...] saber lidar criticamente com as tecnologias, considerando o seu impacto social, político e cultural. Estes saberes são, portanto, transversais e indispensáveis” (Brandão, 2022, p. 40).

[...] as discussões sobre as habilidades operacionais, que as colocam invariavelmente indivisíveis à comunicação e à informação, destaca-se também que o domínio técnico não pode ser pensado separadamente do domínio político. Um interregno tende a se formar nesse lugar face às tendências e disputas sobre esse espaço midiático, com duas fortes correntes: a possibilidade de se tornarem espaços para a constituição de poderes individuais e coletivos no que tange ao conhecimento ou ao incremento de poderes administrativos e mercadológicos para controlar o indivíduo (Daher Junior; Borges, 2021, p. 8).

Evidenciando o caráter político ligado à competência operacional é importante mencionar o filtro-bolha (discutido na seção 3.2.3), onde Pariser (2011) denuncia o controle de grandes empresas como *Google*, *Meta*, entre outras que dispõem de recursos digitais prontos para capturar e controlar os sujeitos direcionando-os ao consumo e favorecendo ao mercado. Nesse sentido, tanto a competência operacional quanto as demais se mostram como competências críticas no contexto informacional contemporâneo.

Essas três competências são transversais, e talvez um dos principais focos da educação em informação, porque são consideradas indispensáveis para se traçar estratégias para informar e informar-se, receber e comunicar-se, e operar os recursos tecnológicos que forem necessários para a efetividade das ações anteriores. Nesse sentido, as InfoCom propiciam uma ampliação na formação dos bibliotecários. Tal fato se justifica pela criatividade e capacidade de reinventar-se do bibliotecário, bem como suas práticas, sua atuação profissional.

Sob a perspectiva de atuação profissional, a educação para a informação representa um amplo campo de possibilidades para o bibliotecário. Primeiro porque em diferentes segmentos – por faixa etária, por área de atuação etc. – todos necessitam de algum tipo ou nível de [educação em informação]. Segundo porque, embora existam outros profissionais que medeiam a informação, o bibliotecário parece ser um dos mais próximos do sujeito, ou seja, conhece suas necessidades e comportamentos de perto, e, portanto, pode customizar uma formação dedicada a pequenos grupos (Borges, 2022, p. 58).

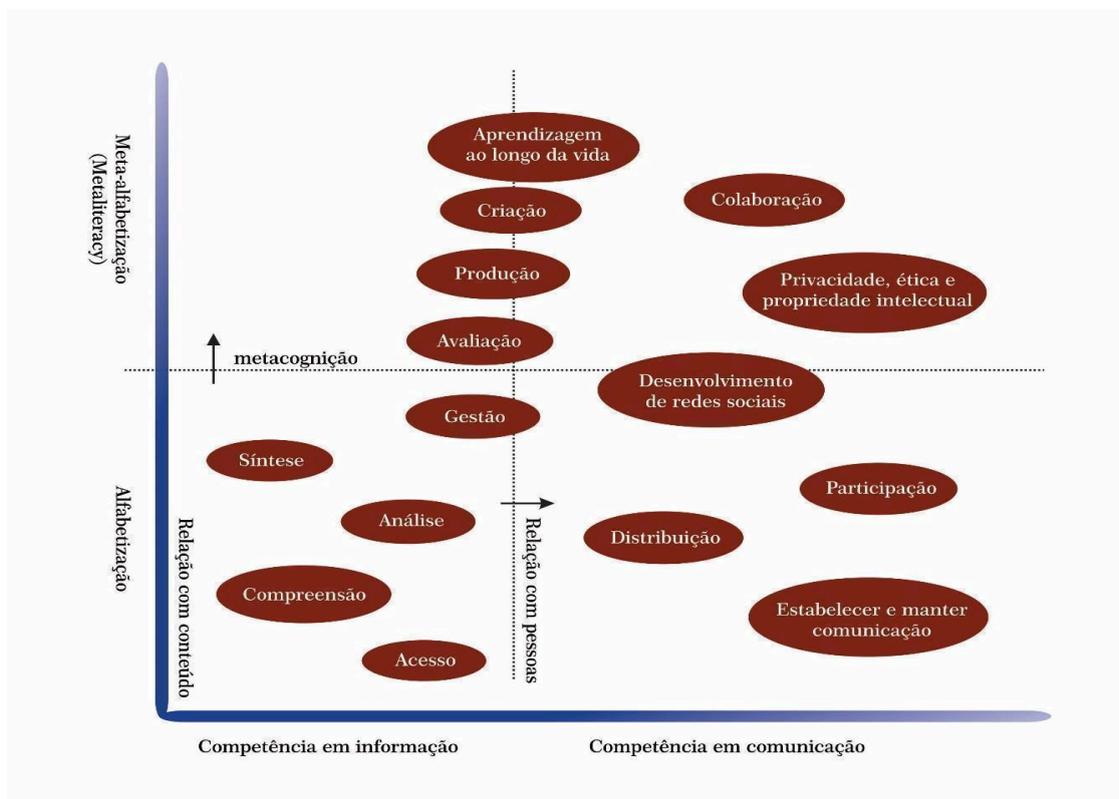
Além disso, pode-se conciliar essas competências para pensar a ALV, pois se entende que a educação não cessa de acontecer, é sempre um processo inacabado ou como coloca Freire (1996, p. 50) “[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”.

Por outro lado, as competências infocomunicacionais estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da metacognição, associada à definição de *Metaliteracy* que ressalta a habilidade do sujeito reconhecer suas competências e explorá-las integrando-as em ambientes informacionais (Jacobson; Makey, 2013). Para Borges (2018), sujeitos capazes de, a cada contexto, rearticular suas competências, são necessários em uma sociedade cuja ação participativa auxilia na construção coletiva do conhecimento.

Esses aspectos [novas formas de acesso, consumo e produção de informação] precisam agregar-se a uma dimensão crítica e metacognitiva que possibilite ao sujeito pensar sobre o próprio aprendizado e refletir sobre suas ações para que possa se reconhecer enquanto sujeito cognoscente. Compreendemos, desse modo, que esse conjunto de saberes e práticas sociocognitivas podem contribuir para a autonomia do sujeito (Brandão, 2022, p. 41).

Noutra forma de entender as competências infocomunicacionais Borges (2018) elaborou uma estrutura conceitual das competências (figura 8) na qual se pode perceber a relação destas com a *Metaliteracy* e com a ALV. Explora a alfabetização que avança para a meta-alfabetização na vertical e na horizontal da competência em informação para a competência em comunicação.

Figura 8 – Estrutura conceitual das competências infocomunicacionais



Fonte: Borges (2018, p. 127).

Os conceitos devem ser entendidos como flutuantes no plano, uma vez que, a cada contexto, podem variar assumindo uma posição mais afeita à informação ou a comunicação. Eles também foram testados em cursos de extensão que visavam à promoção das competências infocomunicacionais. Em uma das edições foi elaborado o livro *Educação para a Informação: como promover competências infocomunicacionais* (Borges, Brandão, Barros, 2022) que vem sendo utilizado como material didático em iniciativas semelhantes. Compreende-se que esse aprendizado não deve ser imposto, mas mediado considerando os conhecimentos e saberes de cada sujeito e aproximando-o do contexto cultural, social, político em que ele está inserido, de modo a tornar esse aprendizado significativo ao relacionar teoria e ação. (Borges; Brandão; Barros, 2022).

Nesse ponto, é possível compreender o exercício da crítica, e da autocrítica, pois a metacognição implica ao sujeito saber que sabe. Isso leva ao resgate das abordagens da mediação da informação e da Infoeducação (seção 3.2.4), pois exige o processo dialógico considerando os contextos dos sujeitos e suas subjetividades em interlocução com os dispositivos culturais. Tanto na Mediação da informação quanto na Infoeducação, assim como nas InfoCom, é necessário a tomada de consciência dos sujeitos, o que evidencia o

autoconhecimento e reconhecimento de suas realidades. Por meio do autoconhecimento, os sujeitos podem se reconhecer capazes de interferir na sociedade fazendo as transformações necessárias ao seu bem viver em coletividade.

Estes aspectos tornam as competências infocomunicacionais indispensáveis à dimensão formativa dos sujeitos, principalmente de bibliotecários, posto que estes lidam com a informação, suas tecnologias e necessitam desenvolver o seu papel social para o crescimento da sociedade. Outro aspecto que se retoma aqui é que as profissões emergem como demanda social. O que pressupõe, diante deste estudo, formação adequada para que os profissionais se sintam seguros de fornecer e prestar serviços adequados às demandas.

O desenvolvimento de competências infocomunicacionais interfere positivamente nesse contexto, na medida em que exercita e naturaliza a busca ativa da informação, mas também porque promove a reflexão, a dúvida e o questionamento. A abordagem deve ser sempre a de formar pessoas capazes de decidir de que informação necessitam, que sejam ativas na escolha das fontes e mídias que consomem e protagonistas das intervenções que desejam (Borges, 2022, p. 49).

Portanto, a formação dos bibliotecários pode aderir à estratégia para fazer resistência à desinformação, à infodemia, entre outros problemas que possam surgir para que estes profissionais se sintam preparados para atuar. É sua responsabilidade, estar ciente das transformações sociais, tendo em vista que a sociedade demanda a cada contexto, a cada realidade e a cada cultura, novas exigências para lidar com a informação, colocando o bibliotecário e demais cidadãos como protagonistas. Antes, no entanto, é necessário educá-los e o bibliotecário parece estar melhor preparado para assumir essa responsabilidade.

Consideram-se as competências infocomunicacionais de extrema importância para alavancar a igualdade de acesso e comunicação efetiva de informações fidedignas, para desvelar a cortina de fumaça que a desinformação causa quando se discute o bem-estar da população em âmbito mundial. A vida é o bem mais precioso que o ser humano pode ter e o desenvolvimento do pensamento crítico pode libertar os sujeitos das condições sociais que lhe são impostas a qualquer preço e que os oprime. Se for para ser operário, que os sujeitos sejam operários das transformações de seus contextos e do desenvolvimento de sua comunidade visando a prosperidade coletiva. Assim, ressalta-se a necessidade de integrar a CCI na educação em informação.

3.2.3 Competência Crítica em Informação

A CCI, baseada na teoria crítica freireana, pode contribuir significativamente com a formação e a atuação dos bibliotecários quanto à educação em informação, porque agrega o aspecto da reflexão-ação, a partir da qual os sujeitos são estimulados a questionar o seu contexto e, a partir dessa tomada de consciência, agir sobre ele. A CCI “[...] aponta para as perspectivas de emancipação social, colocando-se como um dos possíveis caminhos para a práxis transformadora no cerne do regime de informação em vigor” (Bezerra *et al.*, 2019, p. 30). Desenvolver o senso crítico sobre a informação significa oportunizar escolhas, apresentar alternativas de melhoria de vida para os indivíduos. Por consequência, eles mesmos poderão transformar suas realidades.

De acordo com Bezerra e colegas (2019), é possível enxergar o poder e o privilégio informacional de parcelas da sociedade brasileira, e isso pode ser fundamental para que o bibliotecário possa atuar propiciando acesso à informação, ao conhecimento, ao diálogo. Por essa razão, se compreende que a CCI é outro fator que emerge em virtude da qualificação na formação dos profissionais da informação. Essa abordagem tem forte correspondência na educação em informação por fazer resistência à desinformação.

Se ensinar a população excluída a ler era essencial para a emancipação nos anos 1960, quando quase 40% da população brasileira era analfabeta (Bittar; Bittar, 2012) e só alfabetizados podiam votar, hoje a CCI é importante para resistir à desinformação e manipulação, para garantir a democracia e uma real participação cidadã [...]. Da mesma maneira que freire pretendia alfabetizar para conscientizar da opressão e municiar a mudança social, a CCI pretende hoje “alfabetizar” ou “letrar” a população para conscientizá-la da condução informacional que mantém a opressão e o *status quo* (Brisola, 2022, p. 22).

Nesse sentido, a CCI ajuda também a desvelar a opressão camuflada diante da suposta liberdade nas redes sociais. Por exemplo, consoante os termos de serviço do Facebook, estes informam que “usamos os dados sobre as conexões que você faz, as escolhas e as configurações que seleciona e o que compartilha e faz dentro e fora dos nossos Produtos para personalizar a sua experiência” (Facebook, 2022, seção 1). Mas isso em nome de proporcionar uma experiência personalizada ou um ponto de partida para questionar se as pessoas são tão livres quanto pensam nas redes digitais. No livro *Infocracia*, Byung-Chul Han (2022, p. 22) alerta que não.

Mídias eletrônicas, nesse sentido, mídias de massa, uma vez que produzem um ser humano da massa: “o ser humano da massa é o habitante eletrônico do globo

terrestre e está conectado ao mesmo tempo com todas as outras pessoas, como se fosse um espectador de um estádio esportivo global”. O ser humano da massa não tem identidade. Ele é “ninguém”. Mídias digitais põem fim ao tempo do ser humano de massa. O habitante do globo terrestre digitalizado não é “ninguém”. É, ao contrário, um *alguém com perfil*, enquanto na era da massa, apenas criminosos tinham perfil. O regime de informação se apodera dos indivíduos, à medida que lhes elabora seus *perfis de comportamento*.

Na contemporaneidade é salutar que se discuta sobre as bolhas informacionais, um fenômeno que mediante a elaboração de perfis, como demonstra o autor, os sujeitos se tornam cada vez mais enclausurados em suas bolhas à medida que clicam em conteúdos de seus interesses na internet. Os *clicks* também geram novos conteúdos e dessa forma vão elaborando perfis de interação e consumo para os indivíduos. “Usamos seus dados pessoais, como informações sobre suas atividades e interesses, para lhe mostrar anúncios personalizados que possam ser mais relevantes para você” (Facebook, 2023, seção 2).

Pariser (2011) alerta para o cuidado com os “filtros-bolha”. O sistema de personalização das experiências na internet faz com que pessoas diferentes obtenham notícias diferentes. “E isto nos leva muito rapidamente para um mundo no qual a internet nos mostra aquilo que ela pensa que queremos ver, mas não necessariamente o que precisamos ver”²⁵ Pariser (2011, minuto 3:30, tradução nossa). Segundo ele, muitos sites de notícias, entre outras empresas ‘flertam’ com esse tipo de personalização. Diante disso, nota-se a importância da CCI e da ação de mediadores na sociedade para que os sujeitos não fiquem à mercê das grandes plataformas digitais, de uma dominação velada e do controle das necessidades dos indivíduos. Isso denota mais uma vez a força do capitalismo.

Cada vez que se preenche cadastros com dados de identificação pessoal, como endereço, telefone ou números de documentos de identidade, entre outros, em compras ou mesmo plataformas digitais, o sistema vai capturando esses dados e delineando os perfis (Botelho-Francisco, 2022). Portanto, principalmente através de suas próprias interações, um mapa comportamental de consumo é desenvolvido para o capitalismo e o consumo desenfreado. Tudo em nome de uma experiência personalizada.

Dessa maneira, os indivíduos acreditam serem livres para fazer suas escolhas, mas, na verdade, só contribuem para o novo regime de informação na era digital (Bezerra, 2017; Han, 2022). Neste novo regime de informação, as pessoas fornecem por vontade própria seus dados para o relatório da plataforma que compartilha diretamente com grandes comerciantes.

²⁵ Traduzido do inglês: “And this us moves very quickly toward a world in which the internet is showing us what it thinks we want to see, but not necessarily what we need to see.

O conhecimento sobre tal realidade foi oportunizado pelo escândalo da *Cambridge Analytica*, quanto à manipulação de eleitores através do uso de seus dados pessoais (Canalli, 2023). E isso não foi um caso isolado, ocorreu no mundo inteiro. Nos Estados Unidos e no Brasil as eleições foram marcantes para ambas as nações. Esse é apenas um exemplo de manipulação de indivíduos por meio do uso de dados, sem citar golpes no ambiente digital.

Outro exemplo que pode ser citado é o uso de *smartphones*, de tecnologias inteligentes, como Alexa que fornecem as principais notícias do dia e do mundo, mas captura as conversas que ocorrem no ambiente. Ou ainda os aspiradores de pó que circulam pela casa com o propósito da limpeza, porém capturam informações diretamente do lar das pessoas e configuram o que se chama de liberdade vigiada (Han, 2022). Quem nunca falou de um determinado produto que teria interesse e este se materializou na tela do computador ou do celular sob a forma de um anúncio? Parece que a célebre frase “Sorria, você está sendo filmado” nunca fez tanto sentido quanto agora. Portanto, cabe sinalizar a responsabilidade social corporativa “Com o atual desenvolvimento das redes sociais e a utilização de aplicações externas, o equilíbrio entre privacidade pessoal, divulgação e segurança torna-se mais importante do que nunca” (Gallo-León, 2015, p. 89).

Uma das inquietações que a pedagogia crítica freireana oferece em relação à mídia

[...] está explícita na preocupação de “desocultar” e desmistificar as frases ideológicas e “enfrentar o extraordinário poder da mídia”. Ainda inclui a quantidade de temáticas sem tempo para reflexão, o encurtamento do mundo e a diluição do tempo. Para ele [Freire], educadores não devem desconhecer estes meios, mas utilizá-los criticamente, discutindo-os educativamente, antecipando o que hoje chamamos de Alfabetização em Mídia e Informação (Brisola, 2022, p. 28, grifos da autora).

A partir disso, percebe-se que a mídia exerce poder sobre os sujeitos e estes, muitas vezes, nem se questionam, pois estão imersos na pressa de se fazer presente no espaço digital. A ausência de mediação acaba por facilitar o domínio das mídias, principalmente porque graças à tecnologia o mundo acontece depressa, e assim não se reflete sobre o uso consciente dessas ferramentas. Nota-se que há anos, Paulo Freire já havia percebido a relação do tempo com as mídias digitais e Han também chama a atenção para isso ao demonstrar a fragilidade da ação mediadora que pode ser entendida como um impedimento para a veiculação imediata dos interesses individuais.

A mídia digital é uma mídia da presença. A sua temporalidade é o presente imediato. A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são

dirigidas e filtradas por meio de mediadores. A instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida. Mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação (Han, 2018, p. 35).

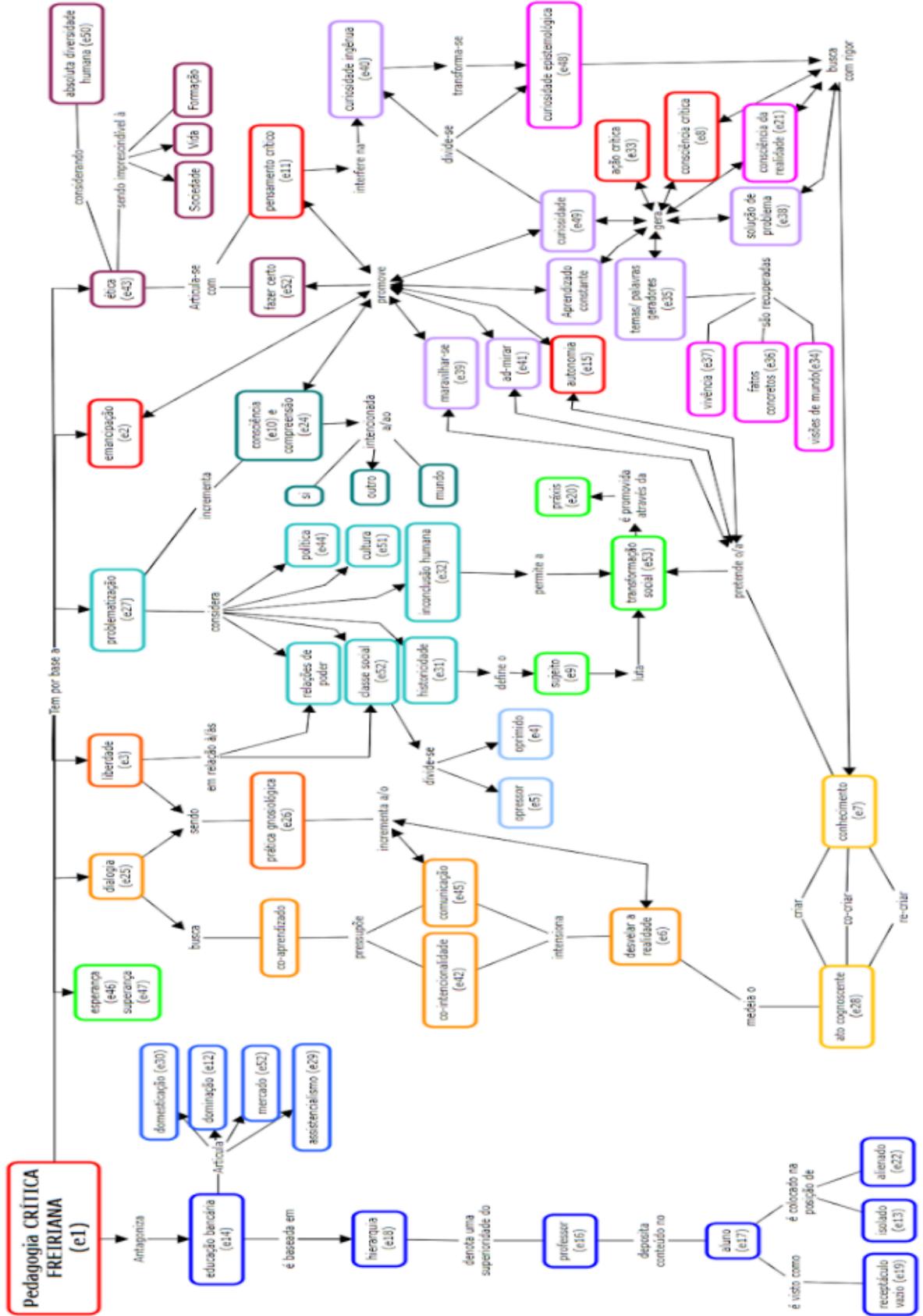
Percebe-se que a ação mediadora não só é importante como urgente, porque as informações disponíveis já não servem para emancipar os sujeitos, mas para mantê-los consumindo constantemente. Isso faz com que a busca por novas informações, a curiosidade, e a reflexão sejam relegadas a um só tempo. Brisola (2022) alerta que a consciência crítica é o que auxilia os sujeitos a perceberem-se condicionados. “[...] quanto mais evidente estiver a informação, menor será o espaço destinado ao questionamento, à investigação e à dúvida” (Oliveira; Souza, 2022, p. 83). Logo, a CCI gera a possibilidade de os sujeitos se reconhecerem em sua natureza como curiosos, inquietos, propensos a questionar, pois como está o contexto informacional contemporâneo, a carência é de dúvidas (Freire, 1996). Daí a importância da CCI na educação em informação e do bibliotecário para realizar a mediação.

[...] necessita-se em linhas gerais do que sempre se necessitou, a medida em que o volume e a velocidade da totalidade de informações circulantes em todas as épocas sempre foram superiores à capacidade humana, individual e coletiva, de processá-las. Por isso, se o conhecimento teórico e domínio operacional de ferramentas informacionais foram e são vitais, ao mesmo tempo que foram e são, sempre, insuficientes, caso o sujeito e, sobretudo, a coletividade como um todo não possuam a devida competência, que lhes permitia conhecer e, mais do que conhecer, questionar suas próprias necessidades informacionais, vislumbrar qual informação poderia supri-las e ser capaz de localizá-la, processá-la, utilizá-la de modo adequado, bem como de questionar por quê este ou aquele modo de utilização seria o mais adequado (Schneider, 2019, p. 79-80).

É necessário incentivar a criatividade, impulsionar a curiosidade, alavancar o questionamento, proporcionar o diálogo e a problematização, oportunizar a construção de conhecimento coletivo, estimular a inquietação para que o desejo de intervir no mundo seja realidade. “Para o fomento e o ensino da CCI, como na Pedagogia Crítica, não basta compreender teoricamente as estruturas, mas é preciso pensar suas características, na realidade de quem se pretende alcançar e seu universo cultural” (Brisola, 2022, p. 30).

Para o desenvolvimento da CCI utiliza-se a perspectiva da pedagogia crítica de Freire e aprofundada por Brisola (2021), em um mapa conceitual exibido na Figura 9, onde a autora demonstra a concepção da educação bancária e da pedagogia crítica de Freire fazendo oposição à anterior. A visão de Brisola contribui principalmente para alargar a visão sobre a educação e refletir sobre o que é e como educar e educar-se. Nesse sentido, tanto o bibliotecário quanto demais profissionais da informação podem se orientar.

Figura 9 – Mapa Conceitual da Pedagogia Crítica



Fonte: Brisola (2021, p. 185).

A autora descreve que as cores agrupam os termos a partir de afinidades e as relações com a CCI. Entretanto, destacam-se alguns pontos em que pode ser relacionada a educação em informação. Como, por exemplo, a base da pedagogia crítica onde se situam a dialogia, a problematização, a emancipação e a ética. Estes termos possuem relação direta com a educação em informação, pois os sujeitos ao se relacionarem com a informação de forma crítica, pressupõe-se que sentirão a necessidade de comunicar-se, de trocar conhecimento e de compartilhar suas descobertas, de desenvolver e criar coletivamente soluções para os problemas do cotidiano. Destaca-se ainda o aprendizado constante que se relaciona com a ALV, pois os sujeitos ao trabalhar a criatividade adquirem a condição de se manter em movimento na direção do conhecer, em busca de satisfazer suas curiosidades, de se aprimorar constantemente.

Apesar de as competências se relacionarem na educação em informação em prol de benefícios sociais, sob um olhar positivista e educativo é necessário que a aprendizagem seja deveras significativa, que considere os sujeitos em suas realidades, em seus contextos, que considere a sua cultura e o seu conhecimento. Também é essencial que se problematize coletivamente as situações particulares e coletivas como as questões políticas e de consumo, etc. Dessa forma, pode se considerar que na educação em informação possa ocorrer a devida apropriação dos conhecimentos pelos sujeitos.

Nesse sentido, considerar a CCI na educação em informação é elementar para potencializar a competência em informação e as competências infocomunicacionais, pois a união dessas competências pode promover o desenvolvimento de sujeitos críticos, éticos, autônomos, interventores e cidadãos. Mas é de suma importância agregar a esses conhecimentos à Infoeducação que oferece uma ótica crítica e fundamental para fornecer subsídio cultural na abordagem da educação em informação.

3.2.4 Infoeducação

Nesta seção apresenta-se a infoeducação na tentativa de demonstrar como ela pode ser aliada na educação em informação. Serão discutidos os aspectos relevantes referentes a mediação cultural, a apropriação cultural, e o protagonismo dos sujeitos. A importância da infoeducação na formação dos bibliotecários se mostra fundamental e a sua inclusão nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia complementa a abordagem das competências, pois envolve saberes informacionais, além de oferecer a perspectiva do

bibliotecário como um profissional da memória. Considera-se indispensável a infoeducação entre os conhecimentos da educação em informação, porque a abordagem percebe o simbólico que permeia as duas áreas da Informação e da Educação.

Sem os conteúdos da Infoeducação, a educação em informação pode tender para o instrucionismo. Isto porque a abordagem das competências pouco mencionam a questão cultural da informação, embora necessárias na solução imediata de problemas cotidianos envolvendo a informação. A educação em informação preocupa-se com o contexto dos sujeitos, pois é a partir dele que serão pensadas as transformações oriundas das relações dos sujeitos com a cultura. Observa-se ainda que as ancoragens das competências e da Infoeducação divergem rigorosamente; enquanto a primeira se alinha aos processos informacionais visando o melhor proveito a partir da relação dos sujeitos com a informação a segunda estabelece a relação dos sujeitos com o patrimônio cultural que é também contexto sócio-histórico onde se mobilizam as transformações sociais.

A infoeducação reflete sobre os dispositivos, os signos e os significados, necessários para a compreensão teórica e cultural da participação dos sujeitos sociais na sociedade contemporânea. Tal compreensão evidencia a importância desta abordagem para a formação dos bibliotecários e para a educação em informação porque se preocupa com a dimensão formativa da informação (Perrotti, 2016). Assim, os sujeitos podem contemplar durante a sua formação mais do que aspectos práticos e instrumentais propostos pelas competências.

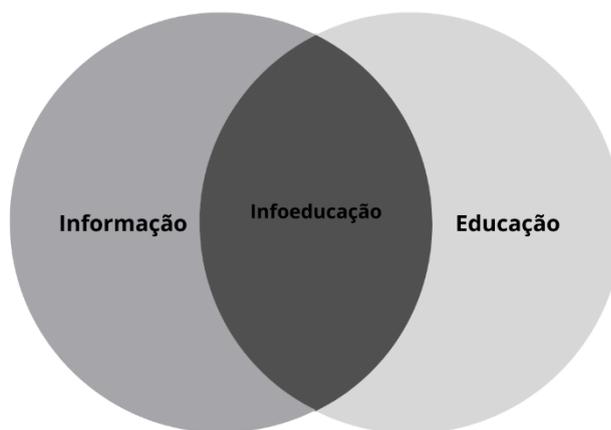
Considerar a relação entre a Educação e a Informação é perceber que os desafios impelem novas transformações aos profissionais da informação.

Os campos da Informação e da Educação constituíram-se buscando eficácia nos mecanismos de transmissão do saber. Em função disso, relegaram os mecanismos de recepção a posições secundárias nos processos de significação, definindo-os quase sempre como simples desdobramento mecânico e reflexo da transmissão. Na segunda parte do século passado, em função dos quadros histórico-culturais que emergiram pós segunda guerra mundial, tal direção começou, contudo, a ser questionada não só teoricamente, mas também na prática. Nesse sentido, tanto uma área quanto a outra deslocaram o olhar para além dos horizontes da transmissão de informações, condição que lhes permitiu descobrir os usuários e os aprendizes como sujeitos dos processos simbólicos de que participam, tratando-os não mais como mera projeção dos desígnios da emissão. (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 53)

Perrotti e Pieruccini (2007) articulam, sob uma perspectiva histórica e francófona, a Informação e a Educação, sinalizando que sempre estiveram separadas. “[...] apesar das abordagens comuns, a cristalização disciplinar instituída e mantida não permitirá a superação dos vazios criados pela fragmentação e pelo isolamento dos territórios científicos” (Perrotti;

Pieruccini, 2007, p. 55). A infoeducação emerge da confluência entre a Informação e a Educação, conforme se pode observar na Figura 10.

Figura 10 – Intersecção das áreas da Informação e da Educação



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O mundo contemporâneo exige reformulações no modo de relacionar-se com a informação, a mesma compreensão da educação em informação, bem como das competências infocomunicacionais (Borges, 2018) que teve como base fundamental a infoeducação. De acordo com Perrotti e Pieruccini (2007), informar e ensinar foram substituídos por informar-se e aprender, o que retira o sujeito de uma posição passiva e o coloca em protagonismo. Nesse sentido, os sujeitos desenvolvem a partir da educação em informação, saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes, portanto transcende o ensino por competências. Não se pode negar que a informação se trata de um objeto complexo por investir também saberes informacionais no contexto contemporâneo.

Para a infoeducação, por se tratar de objeto complexo, a informação implica dimensões operacionais, algumas inclusive mecânicas, como saber manusear um mouse, um controle remoto de TV, saber ligar e desligar um smartphone, um computador etc. Todavia, além destas e das dimensões lógicas, implica dimensões políticas, culturais, afetivas, éticas, dentre outras. E tal diversidade remete a saberes e fazeres abrangentes, a saberes culturais indispensáveis a intervenções afirmativas na cultura de nossa época. Os domínios operacional, metodológico e epistemológico não se separam, andam de mãos dadas na infoeducação. Para ela, forma e conteúdo constituem uma unidade dinâmica, assim como o procedimental e o conceitual, o teórico e o prático, o singular e o plural (Perrotti, 2016, p. 11-12).

A Educação, por outro lado, envolve conhecimentos tácitos e explícitos baseados na experiência de convívio dos sujeitos com o simbólico (Passos; Pieruccini, 2021). Ela se dá através das relações em um ambiente socializante propiciando aos sujeitos a visão de mundo e

inculcando saberes culturais, cotidianos e epistemológicos, capital cultural e simbólico que funciona de forma organizada e estruturante (Bourdieu, 1992). “[...] educar é informar e informar é educar” (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 69).

A infoeducação compreende o protagonismo cultural e a apropriação simbólica, nesse sentido, afirmam os autores que os resultados do projeto²⁶ da infoeducação nos tempos da experimentação prática foi positiva para crianças e idosos, pois havia ressignificação e reapropriação das histórias de vida ao dividi-las com crianças e jovens. Tal ação demonstrou o estabelecimento de vínculos significativos no processo (Perrotti; Pieruccini, 2007). Isso demonstra que a memória é elemento fundamental nos processos educativos.

Outro exemplo de que as histórias de vida, quando compartilhadas pelos ancestrais, auxiliam os sujeitos quanto à apropriação, reconhecimento e fortalecimento da própria cultura e de sua identidade é o relato de um indígena do povo Munduruku. Daniel Munduruku demonstra a força do vínculo com a sua ancestralidade e o faz reconhecendo a sua memória ao relatar as transformações de processos culturais envolvidos na sua educação.

Conto essas coisas para não esquecer. Elas revelam minha origem humilde e de muitas dificuldades. Lembro de meu avô dizendo que é preciso valorizar nossa história para não nos deixar vencer por esta sociedade de consumo que quer a gente escravo do ter. Ele afirmava que a gente corria o risco do esquecimento quando se deixava levar pela ingratidão. Nós não podemos nunca esquecer de onde viemos para não desejar humilhar, escravizar, diminuir ou desmerecer as pessoas com as quais a gente convive em nosso cotidiano. Embora nem sempre concorde com as práticas dos religiosos que estão presentes em áreas indígenas, não posso ser ingrato ou desconsiderar o importante trabalho que fizeram em prol de nossos povos indígenas. Houve erros, claro. Houve acertos, é certo. Faz parte de nossa humanidade. O que sei é que isso marcou meu corpo e minha história pessoal. Para ser fiel ao meu avô, não posso negar os benefícios que recebi e que fazem parte daquilo que sou (Munduruku, 2016, p. 56).

O autor evidencia em seu relato a importância de sua memória ao afirmar que conta para não esquecer. Sua memória ganha força relacionada à sua ancestralidade e remonta a visão de um sujeito protagonista, consciente da sua relação com o mundo. A memória é

²⁶O projeto iniciou por volta dos anos de 1970 a partir da percepção dos autores quanto à crescente participação cultural na sociedade brasileira. O projeto foi se desenvolvendo ao longo dos anos e sofrendo alterações conforme as limitações iam surgindo: “Dessa forma, nem os dispositivos concebidos sob os ideais conservacionistas, herdados da Antiguidade e da Idade Média, nem aqueles pautados pelo difusionismo moderno atendiam aos nossos propósitos, o que nos obrigou a romper com o conservacionismo e o difusionismo do passado, atribuindo novos valores à assimilação e à difusão. Foi assim que nomeamos e adotamos o paradigma da apropriação cultural como referência de trabalho. Segundo ele, conservação e difusão são categorias-meio, instrumentais, e não categorias fim nos processos culturais que nos interessavam. Em tal circunstância, instituições de memória como as do passado, não serão vistas como depósitos inertes a serem cultuados, mas repositórios culturalmente marcados, onde contemporâneos podem se alimentar para protagonizar o presente e o futuro” (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 63). Atualmente a Infoeducação se constitui como uma área de convergência entre a Informação e a Educação.

dicotômica e se configura através das lembranças e dos esquecimentos, das evocações e dos apagamentos, ora involuntária, ora proposital, ela carrega a objetividade e as subjetividades dos sujeitos (Candau, 2021). Quando Munduruku afirma que não se deve nunca esquecer de onde se vem, ele alerta para o risco de perder a sua identidade. As marcas em seu corpo e em sua história revelam o seu *habitus*²⁷, bem como as memórias que ajudam a contar a sua história. Assim, ocorre a apropriação cultural através da memória e da transmissão da cultura, da apropriação cultural.

[...] conservação e difusão são categorias-meio, instrumentais, e não categorias fim nos processos culturais que nos interessavam. Em tal circunstância, instituições de memória como as do passado, não serão vistas como depósitos inertes a serem cultuados, mas repositórios culturalmente marcados, onde contemporâneos podem se alimentar para protagonizar o presente e o futuro (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 63).

A partir disso se entende que instituições de memória são repositórios com marcas culturais. Isto é, a construção de sentidos e de significados se dá pela compreensão do sujeito a partir da sua história sociocultural, um movimento histórico que implica no ato de reconhecer-se no mundo e, portanto, um ato político engendrado na memória. Em outras palavras, pode-se dizer que os sujeitos não se constituem apenas com o que lhe é dado, imposto ou dirigido, mas quando combinam e configuram suas percepções de mundo, sua história, sua cultura, suas memórias. Contudo, a memória necessita de transmissão para instrumentalizar a perpetuação das informações.

A transmissão propicia o compartilhamento de saberes, crenças, representações, comportamentos, modos de ser e de agir. Transmitir a memória não se reduz a passar um legado, uma tradição ou uma herança, mas propagar um fenômeno que acomoda a subjetividade, os sentimentos, as ideias, os gestos, as crenças, os valores morais e éticos, as identidades sociais (Martini; Morigi, 2022, p. 30).

Isso precisa ser considerado na hora de educar em informação. Não há protagonismo e autonomia sem ponderar a subjetividade dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, sem considerar o seu contexto sociocultural, a sua identidade. A

²⁷O *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente (WACQUANT, 2007, p. 65-66, grifos do autor). Esta noção tem sua origem em Bourdieu (1972) que atribui o *habitus* a um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções apreciações e ações e possibilita o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas graças à transferência analógica de esquemas adquiridos em uma prática anterior.

identidade dos sujeitos está intimamente relacionada com a informação e a memória. Contudo, o modo como a sociedade contemporânea vem convivendo com a desinformação, a infodemia, e o ambiente digital, inviabiliza a construção da identidade e a apropriação. “O quadro atual traz implicações aos processos de apropriação dos signos não somente face à circulação veloz e abundante como se apresentam, como também face às rupturas simbólicas que as distâncias culturais impõem entre esferas de produção e recepção da informação” (Passos; Pieruccini, 2021, p. 2).

Han (2018) explica como a sociedade tem adoecido em meio a esse turbilhão de informações e imagem; o autor adjetiva os sujeitos como iconoclastas, posto que a sociedade digital vem se firmando na imagem. A imagem nesse sentido é apenas um esboço da realidade, ela exclui a experiência vívida do mundo. O filósofo também critica as capacidades analíticas dos sujeitos diante do excesso de informações.

[...] Justamente a capacidade analítica constitui o pensamento. O excesso de informação faz com que o pensamento defina. A faculdade analítica consiste em deixar de lado todo material perceptivo que não é essencial ao que está em questão. Ela é, em última instância, a capacidade de distinguir o essencial do não essencial. A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial. [a capacidade analítica] É necessariamente própria ao pensamento, porém a negatividade da distinção da seleção. Assim, o pensamento é sempre *exclusivo* (Han, 2018, p. 105, grifo do autor).

Observa-se que as sociedades estão adoecendo da capacidade de obter concepções concretas, isto é, o consumo desenfreado de informações, sem avaliar a necessidade destas, apenas consumido-as sem escrutínio, deturpa a concepção da realidade. A experiência cognitiva está sendo alterada pelas tecnologias digitais de forma irreversível (Passos; Pieruccini, 2021). Nesse cenário, a informação perde a função de informar e passa a deformar a visão de mundo, assim como a comunicação, se torna cumulativa ao invés de comunicativa (Han, 2018). “As possibilidades de informar-se e comunicar-se pela internet tornaram possível e fácil a aproximação entre pessoas de todas as latitudes do globo, mas ao mesmo tempo descortinam as diferenças e as dificuldades de interação” (Borges, 2018, p. 137).

A educação em informação visa respeitar as diferenças culturais e preza pelas interrelações, pois nela estão compreendidas o desenvolvimento da capacidade de comunicar-se com o outro e de resolver questões de diferentes naturezas colocando os sujeitos em debate, mediante processos de significação dialógicos. O relacionamento oportunizado pela comunicação necessita ser trabalhado visando ao desenvolvimento de interlocutores e receptores, afinal o debate é próprio da cultura democrática e viabiliza o desenvolvimento

social e cidadão. De acordo com Borges (2018), há que se considerar o respeito às diferenças, ao contexto sociocultural do outro para manter o diálogo.

Na relação dialógica com o outro os sujeitos se reconhecem e performam a sua identidade, constituem memórias, constroem conhecimento. As relações entre o Eu e o Outro, vencem as dificuldades do processo e alcançam consciência dos ganhos envolvidos na coexistência e na inclusão da perspectiva de outros. “O Eu e o Outro são atores sociais concretos, posicionados em campos sociais dos quais eles retiram o status, os recursos e o poder para que sejam reconhecidos” (Jovchelovitch, 2008, p. 216). Nos processos dialógicos de educação em informação estão compreendidos os aspectos socioculturais e históricos indispensáveis para o reconhecimento dos sujeitos e do respeito às diferenças.

Nesse sentido, a infoeducação demonstra tendência cultural e histórica, percebendo o tempo e a participação ativa dos sujeitos na cultura, essa abordagem possui caráter mais amplo. Perrotti esclarece que a infoeducação, “além de diferentes atores, coloca em interlocução objetivos, processos e procedimentos, sem no entanto diluí-los, hierarquizá-los ou subordiná-los” (Perrotti, 2016, p. 5). Assim, esta se pretende como uma abordagem teórica e transformadora da educação. Na perspectiva de Souza e Freire (2022, p. 55), os saberes informacionais:

São ao mesmo tempo, instrumentais e essenciais, transversais, e específicos, procedimentais e conceituais, servindo como instrumento para que possamos atuar nos mais diferentes campos do conhecimento e da ação, assim como elementos fundamentais, chaves para a reflexão sobre a natureza e o conhecimento e seus processos na “era da informação”.

Os autores, ao sinalizarem a reflexão sobre a natureza e o conhecimento e seus processos, parecem fazer um apelo à capacidade analítica (na era da desinformação). Isso se dá no reconhecimento da construção do conhecimento a partir da relação dos sujeitos com o mundo real (não virtual). Nesse sentido, os saberes informacionais possuem uma característica mais profunda que se engendra na matriz perceptiva dos sujeitos, lugar onde estão acomodadas as memórias. Tais saberes informacionais são adquiridos através dos processos de mediação, uma vez que os sujeitos se apropriam da cultura através da mediação.

A mediação é um dos fatores que demonstra a relevância de se incluir a Infoeducação na formação dos bibliotecários. Pois como um profissional da memória, o bibliotecário tem o papel de mediar a transmissão de saberes considerando, nesse processo, a memória. Esta que, por sua vez, nos processos educacionais e informacionais também se transforma em

informação. Assim, os sujeitos constituem memórias que serão articuladas, combinadas e recombinadas, formulando novas informações e novas memórias sucessivamente.

A informação é um conjunto de elementos selecionados pelos indivíduos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões, ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informação em marcas, traços, que constituem o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção (Thiesen, 2013, p. 240).

Nem todas as pessoas aprendem da mesma maneira, cada um absorve os conteúdos com uma configuração única e isso depende fundamentalmente do seu contexto próprio, de suas experiências de vida que também são únicas, assim como as memórias. Daí a importância de se ter um profissional que atue na mediação dos saberes a fim de orientar a educação em informação.

De acordo com a infoeducação, o infoeducador é “um profissional que tem o domínio da lógica e do funcionamento das Estações do Conhecimento e das Estações Culturais em especial, das Redes de Dispositivos Culturais em geral, para atuar como mediador de processo de aprendizagem informacional” (Souza; Freire, 2022, p. 55). A educação em informação, inicia com a proposta de bibliotecários, educadores, cuja definição se aproxima do infoeducador.

[...] a biblioteca tradicional passa por um momento de questionamento, dada a diversidade e facilidade de acesso a outras fontes de informação. Essa suposta ameaça ao espaço de atuação profissional pode bem significar uma oportunidade de repensar o perfil e o papel do bibliotecário. Se o seu objeto de trabalho é de fato a informação e não o livro, se essa informação extrapolou os limites da biblioteca, talvez o foco deva se deslocar de gerir a informação para educar para gerir a informação e sua comunicação em diferentes contextos (Borges, 2022, p. 58).

Dessa maneira, é que se entende que a infoeducação é complementar na educação em informação. Apenas o ensino de competências pode ser insuficiente no que tange a educação em informação para a sociedade porque se

[...] não considerarem quadros sociohistóricos brasileiros, marcados por índices de analfabetismo, baixa escolarização, evasão escolar, precarização econômica, de acesso a recursos culturais circunscritos a determinados setores, tais modelos correm o risco de se importar como regra, acentuando a exclusão, a submissão cultural disseminados via ordem informacional dos dispositivos culturais, cujas respostas podem ser limitadas apenas à oferta e consumo de informações (Passos; Pieruccini, 2021, p. 4).

O bibliotecário é um profissional social, possui um grande conhecimento técnico e de extrema importância para a sua atuação, mas é imprescindível que seu papel não seja resumido mais à mera técnica e gestão de acervos e sim voltado para a sociedade, como o um profissional da memória, da informação, como mediador, educador. Necessita ainda que seja contemplada em sua formação aspectos teóricos e pedagógicos que possam dar subsídios para a sua função educadora e não somente de técnico. Visto que a sociedade, hoje, com o acesso e expansão dos dispositivos tecnológicos, em todos os setores sociais, está surgindo uma cultura digital e ela traz para a prática do bibliotecário novos desafios.

Face ao desenvolvimento tecnológico, histórico e cultural em suas diferentes dimensões, tanto informar, quanto informar-se são atividades não apenas cada vez mais imbricadas, mas também cada vez mais complexas e especializadas, envolvendo dispositivos, saberes e fazeres que, por suas características e condições, necessitam ser, eles próprios, continuamente desenvolvidos e apropriados, cultivados e redimensionados, como condição de sobrevivência e participação no universo do conhecimento e da cultura (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 51).

Desse modo, o currículo da Biblioteconomia poderia oportunizar o desenvolvimento do papel do bibliotecário como educador e também crítico para atuar em quaisquer ambientes que a criatividade deste profissional permitir, sejam eles espaços culturais, unidades de informação, ou bibliotecas.

Torna-se salutar pensar uma biblioteca que considere a apropriação dos sujeitos da cultura informacional de forma crítica (Perrotti, 2016). Sinaliza-se com relação à infoeducação, a importância das bibliotecas educadoras por serem dispositivos formativos que também se opõem ao instrucionismo por considerar a expressão dos sujeitos como uma categoria essencial dos processos de ensinoaprendizagem. Ou seja, a infoeducação atua em uma perspectiva que estabelece relações entre sujeitos e sujeitos em contexto com o patrimônio histórico cultural, com a memória cultural produzida pela humanidade e que se traduz por meio de acervo, coleções, repositórios que permitem aos sujeitos experiências de construção dialógica com os signos a partir de seus próprios contextos.

Busca-se uma formação de sujeitos protagonistas e interventores, preocupados com o bem-estar da população, com a inclusão, com a história, com a cultura, com a memória. Para a formação deste profissional, a infoeducação somada às competências, envolve um olhar crítico e reflexivo sobre os rumos do contexto histórico-social imbricado pelas tecnologias de informação e comunicação e pelos desafios que acompanham esse cenário como a precariedade de acesso, desinformação, as mudanças dos valores sociais, alto índice de analfabetismo, carência de políticas públicas entre outros.

4 O BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI

Nesta seção serão abordadas algumas perspectivas da CI buscando compreender como estas podem contribuir para se pensar a formação do bibliotecário contemporâneo. Isso pressupõe trilhar um caminho que oportunize a inserção de conteúdos atuais que possam auxiliar na relação dos sujeitos com a informação, com a sociedade e com o mundo.

A razão de se pensar a relação entre a formação de bibliotecários e a CI, tratada nesta pesquisa, pode ser observada em Silva (2017), pois o autor aborda características da Era da Informação, como o desenvolvimento das tecnologias, o pensar de novas dimensões, competências para alfabetização e a promessa de melhores alternativas sociais. Pode-se dizer que, no tocante à alfabetização, o bibliotecário pode ser educador. Assim, ele poderia auxiliar mediando o desenvolvimento de competências críticas.

Se faz necessário e urgente o desenvolvimento de competências para avaliar as informações que chegam via *whatsapp*, no acesso à *internet*, às tecnologias como o celular, *tablets* e em demais veículos e aplicativos de comunicação instantânea, pois a informação pode ser facilmente manipulada e disseminada em questão de segundos. Sem os conhecimentos necessários para saber avaliar, criticar ou conhecer as fontes, a desinformação ganha espaço na vida das pessoas, seja na infância ou na fase adulta. No sentido de bem informar os sujeitos entra a ação educadora e mediadora do bibliotecário. Propiciar a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes para avaliar a informação e compreender seus processos, parece ser interesse da CI e responsabilidade do bibliotecário enquanto profissional da informação. Assim, pondera-se a mediação para desenvolver as competências.

A mediação, como traz Gomes (2021) - discutida na seção 3.1, é uma estratégia para estabilidade do social, pois o compartilhamento de saberes e conhecimentos está incluído na necessidade de socialização, na comunicação, na interação com o outro e com o meio. Ou seja, para a emancipação de sujeitos e para que estes se tornem transformadores de suas realidades, é necessário educar em informação fundamentando-se em mediação. Assim, pode-se conceber bibliotecários educadores mediando competências e saberes informacionais que possibilitem aos cidadãos saber selecionar as informações. Mas é necessário direcionar a atenção antes para a formação dos bibliotecários e a devida atualização.

A formação destes profissionais recebe novas perspectivas a cada tempo: como se pôde ver anteriormente, sempre surgem desafios que mobilizam as transformações, o que exige atualização constante. É também por essa razão que se investiga, nesta pesquisa, como a educação em informação está presente na formação do bibliotecário brasileiro. Esta

investigação permite compreender como essa formação tem se mantido, se atualizado e quais os caminhos percorridos até o que se tem hoje, e ainda refletir sobre alternativas para os profissionais da Biblioteconomia. De acordo com Castro (2000, p. 22):

A perspectiva profissional engloba desde a formação até os estudos de mercado de trabalho. A técnica, as formas de controle, processamento e armazenamento da informação e, também, o uso das novas tecnologias e linguagens documentárias. Os modelos de influência evidenciam o currículo e a inserção política, social, cultural e educacional do bibliotecário.

O autor menciona a evidência da inserção social e educacional do bibliotecário. Aqui se percebe o respaldo para uma formação com o enfoque educador que possa ser fundamentada na educação em informação. Ou seja, competências e saberes para manusear, avaliar e questionar a informação de forma positiva e criteriosa, conhecer as fontes, saber operar e comunicar, sobretudo, informar-se a si e aos outros sob uma perspectiva salutar. Acredita-se que trabalhar com a formação pode ser um modo de sensibilizar os bibliotecários quanto à sua responsabilidade com a sociedade, evidenciando o seu papel mediador, educador.

Sugere-se que os bibliotecários se conectem com as problemáticas de seu tempo, e mobilizar esforços para viabilizar as relações sociais, interações que considerem o valor social e humano da informação. De acordo com Silva (2017), o discurso da Era da Informação vem no sentido de resolver os problemas que se relacionam com a cultura, com a tecnologia e com a economia, mas, na prática, só viabilizou as estratégias de dominação e uma democratização de acesso à informação voltada para o consumo, pressupondo um distanciamento entre o discurso e a prática desta Era.

Em caráter incisivo, a educação é condição *sine qua non* para pensar as transformações do mundo globalizado, seja para apoiar os processos de dominação, seja para apoiar uma sociedade menos desigual. É preciso considerar que um dos primados básicos para se pensar um desenvolvimento (no sentido de distribuição em detrimento da dominação) cultural, social, e econômico é a educação (Silva, 2017, p. 39).

O autor salienta a importância da educação para o desenvolvimento cultural, social e econômico, o que reforça a necessidade de se educar em informação. Assim, é possível gerar transformações em muitos contextos como estes citados por Silva (2017), possibilitando uma melhora na condição de vida para os cidadãos no Brasil, a partir das bibliotecas. E neste processo, na relação educador e educando é que ambos aprendem e ensinam, concomitantemente (Freire, 2012). Dessa forma, bibliotecários e comunidade podem juntos fazer resistência à desinformação e à infodemia.

Em meados de 1957, a CI já demonstrava preocupação com a produção, o acesso e o uso, a transferência, a análise, a organização e a disseminação da informação (Araújo, 2018). Isso procede em outros movimentos epistemológicos, no entanto, não com a mesma magnitude e perspectiva. Nesta pesquisa se entende a CI como um campo onde se vê os processos da informação por um viés social e pós-estruturalista. As partes dependem do todo, tal como o todo não é nada sem as partes, e ambos interferem um no outro. Da mesma forma, sob a perspectiva social, conforme Berger e Luckmann (2014), o ser humano não está só consigo mesmo, ele existe e é transformado pelas interações com o meio em que vive e nas relações com o outro. Dessas relações pode se extrair o desenvolvimento dos sujeitos em prol de uma sociedade mais justa, igualitária em direitos, com educação e informação para todos.

Viabilizar o acesso à informação é uma das tarefas do bibliotecário e conciliar a educação abre espaço para que este profissional possa continuar se transformando como vem fazendo por tanto tempo. Afinal, com o surgimento da CI houve avanço nos estudos sobre informação, por conta disto, tornaram-se evidentes a desigualdade e as consequências do mau uso da informação. Diante disso, tanto o acesso quanto o uso, assim como a disseminação e os processos que envolvem a informação demonstram que Biblioteconomia e CI, apesar de próximas e distantes ao mesmo tempo, prestam serviços uma à outra.

Isso se baseia, em especial, na construção de práticas gerenciais, tecnológicas e de recursos/serviços aplicadas em ambiente de informação e as contribuições que ocorrem mutuamente entre as duas áreas, favorecendo novas perspectivas de atuação no âmbito informacional (Furtado; Magela, 2023, p. 7).

Assim, discutir a formação de bibliotecários se torna tão importante na contemporaneidade por duas razões: a primeira diz respeito à atualização, ou seja, para acompanhar as mudanças; e a segunda refere-se à ação interventora, ao causar transformações significativas na sociedade.

Silva (2017, p. 44) sinaliza o caráter social da CI alegando que “o fato é que a informação, na Era da Informação, não somente está fortemente ligada às tecnologias, quanto é protagonista na transformação social”. A transformação social parece ter a informação como uma força motriz, além de caracterizar e transformar a profissão do bibliotecário. A CI, através das lentes sociais, vê os sujeitos como protagonistas, tal como a educação em Vygotsky e em Freire, o que enfatiza a importância desta pesquisa tanto para a formação dos bibliotecários e profissionais da informação, quanto para a sociedade e as transformações inexoráveis.

A formação de bibliotecários e a CI, sob a perspectiva deste trabalho, são temas correlatos e indissociáveis. Isto porque a informação atravessa os indivíduos, causando transformações nos sujeitos e no meio em que vivem, nas relações de uns com os outros, e nestas interações é que se pode reconhecer o quão humana e social é a informação. Do mesmo modo, se torna inevitável reconhecer que a informação está diretamente atrelada às transformações pelas quais passam a profissão dos bibliotecários.

Portanto, o tema escolhido aproxima-se da Ciência da informação a partir da perspectiva social que compreende a informação como um fenômeno humano e social no período dos movimentos socioculturais. Por outro lado, este estudo distancia-se de perspectivas meramente cognitivistas por extrapolar a ideia de um ser humano destituído do convívio social, das relações com o outro. Nestas relações, ocorrem as formações, considerando a soma do potencial da informação com o auxílio da mediação do bibliotecário educador, podendo operar em diferentes esferas da sociedade, visando desenvolvimento social e próspero à nação.

4.1 BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR

O papel do bibliotecário é bastante desafiador, manter-se atualizado e informado, exige esforço, estudo constante e atenção ao contexto sociocultural, informacional e político, bem como aos comportamentos dos sujeitos. Abandonar velhos hábitos contribuiu para a transformação dos bibliotecários ao longo dos anos: “[...] O bibliotecário depende do rompimento com estruturas e modelos mentais muitas vezes arraigados, que impedem seu próprio desenvolvimento e engajamento nessa sociedade mutável e dinâmica” (Dudziak, 2013, segundo parágrafo). Experimentar novos conhecimentos e desbravar novos caminhos auxilia no aprimoramento da função social a ser exercida. Aos profissionais da Biblioteconomia, pressupõe-se a necessidade de reformulações, tanto na sua formação, quanto na sua prática.

Para Almeida (2008), os bibliotecários devem se fazer ativos na vida profissional, buscando conhecimentos em prol de seu próprio desenvolvimento, aprimorar suas competências e habilidades, participar de eventos, fazer cursos, saber assimilar os conhecimentos teóricos desde a formação inicial para poderem encontrar respostas para os desafios cotidianos visando a manutenção do emprego. O autor sinaliza que há a necessidade de atualização constante para esse profissional e este é um dos aspectos defendidos também pelas competências.

Para Dudziak (2008, p. 42) a competência em informação “como prática, desenvolveu-se inicialmente no escopo da atividade bibliotecária, ligada originalmente ao processo de educação de usuários de bibliotecas e à orientação bibliográfica”. Embora este parágrafo inicie falando da competência em informação, o foco da seção está relacionado ao objetivo específico (B) que é identificar as competências e saberes necessários para que o bibliotecário exerça a sua função de educador em informação. Assim, a competência em informação é um componente importante na formação desse profissional, porque educar em informação, requer o domínio e a tomada de consciência sobre o uso da informação.

Consoante o contexto informacional atual, o bibliotecário pode transcender o fazer técnico em uma biblioteca: cada vez mais esse profissional vem ganhando espaço dentro e fora dela por conta dos desafios que vêm exigindo perfis proativos que possam auxiliar a população em geral quanto à informação. E, por esta razão, defende-se que o bibliotecário educador continue desenvolvendo suas habilidades para encorajar, estimular e impulsionar o desenvolvimento de múltiplas competências e saberes informacionais no outro. O bibliotecário educador é multiplicador de competência em informação, podendo ele

orientar, instruir e motivar seus usuários, independente do contexto político e social, exercendo também o papel que “educa” para a vida. Ele precisa se apropriar de sua posição transformadora dentro da sociedade e multiplicar [conhecimentos e atitudes] habilidades informacionais para que as pessoas possam minimamente exercer seus direitos ante a todo o desfavorecimento que as acompanham (Okada; Alcará; Santa Anna (2021, p. 805).

As autoras defendem o papel educador do bibliotecário em auxiliar pessoas ante a todo desfavorecimento, mas para isso compreende-se que este papel necessite se constituir politicamente. Assim como a informação se trata de um fenômeno humano e social, cabe lembrar que é também político. Dessa forma, a educação em informação extrapola a promoção competências, pois se desenvolve fundamentalmente humana, social e política, propiciando a construção de saberes. Nesse sentido, o bibliotecário educador que recebe desde a sua formação estímulo para questionar, criticar e ter consciência de sua incompletude enquanto humano, profissional, educador e educando (Freire, 1997), naturalmente despertará para a necessidade de continuar em desenvolvimento.

Brandão (2021) traz os elementos de um perfil mediador (Figura 11), tal como se defende neste trabalho para o bibliotecário educador, acrescenta-se que tal perfil, além de criativo, protagonista, multidisciplinar e proativo, seja também político, que por sua vez se

torna necessário quando se entende que a Biblioteconomia é uma área que visa à formação de profissionais liberais.

Figura 11 - Elementos necessários de um perfil mediador



Fonte: Brandão (2021, p. 117).

O bibliotecário educador poderia assumir a metodologia conforme Freire (2012) no sentido da Ação-Reflexão, que pressupõe o processo docente em movimento, agir sobre uma situação específica, refletir crítica e teoricamente sobre tal ação observando resultados e implicações para agir novamente a partir da reflexão alterando estratégias e teorias com a finalidade da mudança social em relação à informação. Sobretudo, sugere-se que ele encare sua responsabilidade social de educador compreendendo e assumindo a sua incompletude, reconhecendo-se na posição de ser e estar no e com o mundo, ser e estar com o outro e paralelamente agir reconfigurando sua ação a partir de uma tomada de consciência política (Freire, 1997; 2012).

A compreensão política do educador emerge do acolhimento à diversidade e ao contexto no qual os sujeitos estão inseridos, pois o contexto sócio-histórico constitui os sujeitos e é igualmente constituído por eles, portanto não pode ser desconsiderado. Ao contrário, deve ele ser o ponto de partida para auxiliar os sujeitos no conhecimento e no reconhecimento de sua realidade, de sua comunidade e de seu potencial para agir.

A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização (Freire, 1997, p. 34).

Assim, amarrando os conteúdos da CoInfo, da CCI, das InfoCom e, sobretudo, da Infoeducação no que tange os aspectos simbólicos e subjetivos, possibilita-se a formação de

um educador em informação protagonista para causar transformações e fazer resistência à desinformação, um profissional capaz de instigar a conscientização dos sujeitos durante sua prática educadora. “É através do trabalho que o homem, ao mesmo tempo que transforma a natureza (objetivando satisfazer suas necessidades), se transforma” (Rego, 2014, p. 51). O educador em informação se ampara na mediação da informação, na sua consciência de interferência na sociedade e no fato de que, ao educar, é também educado pela mesma ação. Dessa maneira, é possível fornecer esses conteúdos e construir conhecimento de forma coletiva, uma vez que, a educação em informação se desempenha na ação colaborativa e no processo de conscientização.

[...] o bibliotecário que atua no ambiente educacional em geral acaba por incorporar as atividades de criação, disponibilização e divulgação das ações e materiais educativos e informativos, em meios impressos ou eletrônicos, na forma de orientações, treinamentos, tutoriais, aulas, dinâmicas, jogos, vídeos e palestras. Também cabe a ele a iniciativa de estabelecer parcerias com administradores, docentes e outros profissionais, no sentido de promover ações educacionais ou, ainda, articular e tornar efetivas as diversas medidas administrativas e pedagógicas necessárias, no âmbito do plano estratégico institucional, visando a inclusão da competência em informação e em mídia como integrantes do projeto pedagógico e curricular (Dudziak, 2013, décimo sétimo para.).

A autora evidencia o papel educador do bibliotecário e a contribuição que este profissional pode oferecer desde que tenha uma formação que ampare teoricamente a prática, que desperte nos estudantes a consciência da ação visando o bem-estar coletivo, proporcionando benefícios à comunidade que recebe educação em informação. De acordo com Almeida e Freire (2017), o bibliotecário educador deve saber buscar, acessar, selecionar, organizar, utilizar e compartilhar a informação, mas isso já se encontra diluído nas disciplinas dos cursos de Biblioteconomia desde os currículos de 1962 e 1968. O desafio que se percebe para a formação contemporânea é de o bibliotecário saber ensiná-las a outrem, daí a importância de analisar os currículos nesta pesquisa na busca da educação em informação.

Doravante, o perfil profissional idealizado neste estudo considera a valorização do ser humano, do contexto histórico, social e informacional, pois entende que estes são indissociáveis. Concebe-se o bibliotecário educador como agente de transformação, dispondo de pensamento crítico e consciência política, se posicionando em favor das minorias, visando desmantelar a desinformação que alavanca o preconceito, a desigualdade e a hegemonia das classes sociais dominantes na detenção do conhecimento e da informação. Sem isso, a superação dos desafios se torna inexecutável. Logo, o educador, para além de saber lidar com os processos da informação, agrega a estes a consciência política.

Nesse sentido, a educação em informação é percebida no interior da perspectiva freireana que supera a educação bancária de reproduções elitistas. Pode-se dizer que a educação em informação, obtendo os pressupostos da educação popular, “[...] tenta o esforço necessário de ter no educando um sujeito cognoscente, que, por isso mesmo, se assume como um sujeito em busca de, e não como a pura incidência da ação do educador” (Freire, 1997, p. 34). O sistema reprodutor da educação bancária coloca o sujeito em caixas nas quais ele não avança em suas ações. A educação em informação, em contrapartida, afasta a redução de pensamento, trazendo o sujeito como protagonista e questionador de suas bases, de sua educação, de sua sociedade, de sua classe e de sua história e, conseqüentemente, das informações que acessa.

Como exemplo de uma formação educadora em informação podem ser citados os trabalhos de estudantes de terceira etapa do curso de Biblioteconomia da UFRGS, que desenvolveram no decorrer da disciplina de Competência em Informação (2022/1), trabalhos que reconhecem o papel do bibliotecário como educadores em informação. Entre os trabalhos elaborados, os estudantes propõem ações educativas que envolvem informação ambiental, transformando a informação científica em popular para facilitar a compreensão de grupos sociais à margem da sociedade, proporcionando inclusão. Na tentativa de conciliar o pensamento crítico com a informação sobre as catástrofes naturais, tal trabalho questiona a origem de produtos veganos e a possível relação com a extinção de florestas para a sua produção. Além disso, tal ação questiona a responsabilidade das pessoas com as mudanças climáticas, ou então, sobre o teste de cosméticos em animais.

Outro exemplo de trabalho desta mesma turma, é o reconhecimento da comunidade do entorno da biblioteca, com um acervo enxuto, mas que dialoga com os cidadãos que moram no seu entorno. Nessa biblioteca, os sujeitos discutem sobre a busca por segurança na comunidade, sobre educação, entre outros assuntos, compartilhando conhecimentos e saberes com os moradores. A iniciativa surgiu da motivação pessoal de uma estudante, cujo acervo era pessoal, mas graças a sua motivação se tornou disponível para quem quisesse se deleitar.

Os estudantes foram instigados pela professora da disciplina a observar seu entorno informacional, detectar problemas ou fragilidades e elaborar propostas de intervenção nas quais a competência em informação fosse promovida, mas o que se observa é que não apenas a competência em informação foi desenvolvida na atividade. Os estudantes demonstraram ter desenvolvido competências infocomunicacionais e críticas, utilizando redes sociais para expandir e comunicar os conhecimentos. Também desenvolveram compreensão sobre a infoeducação, pois contextualizaram seus problemas, consideraram a subjetividade dos

sujeitos e seus contextos, bem como relacionaram dispositivos formativos. Indagam tanto quanto estimulam o questionamento por parte do público com o qual compartilham suas propostas. Afirmaram em uma aula que ficaram mais críticos e questionadores quanto às informações e a atuação do bibliotecário, pois perceberam que são universos incipientes.

Outra ação, como trabalhar a informação com idosos para prevenção de golpes, demonstrou evidências da carência de atenção com este público que, por sua situação, que pode ser a de abandono, se tornam vulneráveis à desinformação. Um estudante reconheceu a necessidade de auxiliar pessoas na terceira idade quanto à informação, percebendo sua própria realidade, pois lida com parentes idosos e é solidário às questões emocionais, estimulando e valorizando o conhecimento e as memórias destas pessoas também. Isso demonstra a capacidade de pensamento crítico desenvolvido nestes estudantes, pois eles percebem o mundo à sua volta, e consideram sua própria história para promover ações e iniciativas promissoras de educar a população em informação.

Diante disso, nota-se que o bibliotecário pode atuar em diversos espaços que vão além das paredes das bibliotecas, desenvolvendo ações nas comunidades que as cercam. Sabe-se que este profissional atua predominantemente em ambientes educacionais, institutos de convívio social, centros de desenvolvimento infanto-juvenil, entre outros. A biblioteca ainda é vista como o principal dispositivo educacional de atuação dos bibliotecários, porém ela não deve ser limitante da prática e do fazer bibliotecário, que se percebe ser mais do que organização e serviços de informação: saber lidar com os processos da informação ou capacitação de usuários. A atuação de bibliotecários educadores implica um espaço de trabalho que seja igualmente educador, seja ele uma biblioteca ou não.

As pessoas bibliotecárias que atuam frente aos fenômenos da informação têm o papel de orientar e aproximar as pessoas à informação, tendo como objetivo satisfazer a necessidade de informação que elas possuem através de produtos e serviços diversos, como não tão somente (Furtado; Magela, 2023, p. 11).

Quanto ao fornecimento de informações, retoma-se como ponto de partida a biblioteca educadora, um espaço que há muitos séculos é reconhecido por seu apoio educacional. Nela, podem ser mediadas as competências e os saberes informacionais, o que enaltece o papel social do bibliotecário como educador diante das trocas de conhecimento e do desenvolvimento de competências críticas. Acredita-se que estes serviços devem estar alinhados com os princípios das bibliotecas que são o acesso, neutralidade, equidade, proatividade, respeito, etc. (Gallo-León, 2015). Em Perrotti (2016), há três modalidades de

bibliotecas, mas o enfoque vai para a modalidade de bibliotecas *forum* ou dispositivos formativos. Pode-se dizer que é um espaço com condições suficientes para a educação em informação.

Os dispositivos de mediação cultural assim concebidos modelam a oferta dos signos com expectativas, interesses, condições, histórias, experiências, memória cultural dos diferentes públicos que neles atuam. Por outro lado, ao modelar, modelam-se, também, e adquirem, necessariamente, dimensões formativas implícitas e ou explícitas. Em vez de entreposto, o *Forum* cultural apresenta-se, em consequência, como local de aprendizagens e de negociação de sentidos, de ação afirmativa dos sujeitos com e *sobre* os signos, ao mesmo tempo que de apropriação de saberes indispensáveis às negociações- os *saberes informacionais*. A **Biblioteca Forum** articula, assim, ações informativas e educativas implícitas e explícitas, apresentando-se como palco de apropriação não só de saberes culturais gerais, como também de saberes específicos, os *metassaberes informacionais*. (Perrotti, 2016, p. 21, grifos do autor).

Entende-se a biblioteca como um lugar propício para a construção de conhecimento, como defende o autor e também para a transformação dos sujeitos. Um espaço de constante interação, onde os sujeitos se educam mutuamente, bibliotecários e demais sujeitos podem trabalhar juntos para o desenvolvimento de competências e saberes elaborando novas alternativas para superar suas limitações individuais e coletivas, bem como os desafios informacionais.

Assim, se compreende a importância do papel do bibliotecário educador e da biblioteca educadora: ambos são imprescindíveis para que a educação em informação possa ser efetiva. Efetiva no sentido de proporcionar um espaço de trocas de conhecimento e metac conhecimento, de promoção de debates, de apropriação, de formação de sujeitos, para que se possa transformar as pessoas e por conseguinte, o contexto social. Afinal, as bibliotecas estão se tornando cada vez mais espaços onde se expande a criatividade (Jesus; Cunha, 2019).

Nestes termos, conseqüentemente, pode-se observar que profissional e dispositivo trabalham para o cumprimento da Agenda 2030²⁸. A biblioteca, como espaço de troca de saberes e de conhecimento, de apropriação cultural e de memórias, recebe a infoeducação, conforme apresentam Perrotti e Pieruccini (2022, verbalizado), e corroboram com a ideia de “bibliotecas para um mundo melhor”. Dessa forma, conseguem contribuir com todos os objetivos da Agenda 2030 reforçados pela FEBAB.

²⁸ Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. Mais informações, acesse: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pesso_Idosa/Agenda2030.pdf. Acesso em: 08 maio 2024.

Em todo o mundo 320.000 bibliotecas públicas e mais de um milhão de bibliotecas parlamentares, nacionais, universitárias, de pesquisa, especializadas, comunitárias e escolares garantem que as informações e o conhecimento para utilizá-las estejam disponíveis para todos, convertendo-se em instituições fundamentais para a era digital. Muitos programas e projetos estão sendo realizados para apoiarem o cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, pois as bibliotecas estão comprometidas com esse chamado mundial por um mundo mais justo, solidário e com respeito ao meio ambiente. As bibliotecas brasileiras também estão engajadas e fazendo a diferença nas comunidades onde atuam. Nós da Federação Brasileira de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) - uma instituição que milita por mais e melhores bibliotecas no país - compilamos alguns exemplos para mostrar que as bibliotecas são parceiras estratégicas para o cumprimento dos ODS. Esse trabalho pode ser potencializado se tiver mais apoio do poder público e sociedade civil. As bibliotecas podem também contribuir com a comunicação entre os municípios, estados e governo federal, mostrando os avanços que estão ocorrendo no país sobre a Agenda 2030 para as comunidades onde elas estão inseridas (FEBAB, 2018, terceiro para.).

Isso auxilia na percepção de que a biblioteca é um espaço promissor para a ocorrência de promoção de competências e de difusão cultural, no modelo *forum*, e sobretudo para mediar o desenvolvimento da educação em informação num processo de educação mútua entre todos os envolvidos. Uma relação positiva que transforma as pessoas de fato, sensibilizando-as para apropriação, uso e disseminação de informação adequada, fidedigna, contextualizada, bem como para o despertar do pensamento crítico e político. Isso oportuniza o despertar da consciência coletiva, de que os indivíduos não estão sós no mundo.

Dessa forma, cabe repensar acerca de uma formação educadora para os bibliotecários, aproveitando o potencial social da profissão no intuito de trabalhar a formação profissional para desempenhar um papel com posicionamento político, educador, promotor de competências em prol do desenvolvimento de saberes informacionais. Em suma, proporcionar a formação de um profissional consciente de suas ações, reflexivo e que saiba lidar com a informação de forma saudável e, ao mesmo tempo, difundir esse saber na comunidade.

O bibliotecário, para ter êxito em suas ações, necessita se organizar institucionalmente com a sua classe, unir-se com seus colegas de profissão, bem como professores, pesquisadores e demais profissionais da CI. Necessita considerar também o apoio de todos os recursos que for possível agregar para educar em informação, como as bibliotecas e demais espaços e unidades informacionais e comunitárias. Por fim, compreender que, para viabilizar a educação em informação, cabe ao bibliotecário ponderar a adaptação da ação para diferentes públicos, curadoria de materiais e de recursos, o uso de metodologias de aprendizagem e de atividades informacionais para cada tipologia e incentivar a inclusão social.

Sinaliza-se que outros estudos vêm defendendo a formação de um bibliotecário educador, como Mata e Casarin (2018), Oliveira e Cranchi (2017), Okada, Alcará e Santa Anna (2021), para citar alguns exemplos. Em sua grande maioria esses estudos apontam para a participação do bibliotecário em bibliotecas escolares, o que denota um diferencial para esta pesquisa que entende que o bibliotecário educador não fique restrito a esse espaço, devido à sua importância em todos os âmbitos da sociedade brasileira.

Nesta seção, buscou-se traçar elementos considerados fundamentais para o bibliotecário educador sem a intenção de esgotá-los, pressupõem-se características delineando um perfil ideal para a sua atuação ao educar em informação. Acredita-se que este profissional tem potencial para se atualizar e se apropriar da mediação, da educação popular, dos dispositivos educacionais e dos conteúdos quantos forem necessários para auxiliar cada vez mais a sociedade com os desafios informacionais. Considerar o contexto sócio histórico, político e informacional da sociedade, bem como dos sujeitos, para trabalhar coletivamente e, ao mesmo tempo, aprender com seus semelhantes é importante e necessário na ação educativa. Compreender que: como ser humano, é limitado e incompleto, tal como a educação que é um processo inacabado; que a biblioteca não é o único lugar para a sua atuação e que advogar em nome da sua classe é fundamental para evitar o apagamento da profissão e; a educação em informação faz resistência à desinformação, um ato político.

Por ser um ato político, a educação em informação vem acompanhada de um movimento que também é político e foi iniciado no Brasil com a CoInfo. Portanto, na próxima seção, consta a análise dos marcos políticos de competência em informação conforme considerado pela FEBAB.

5 ABORDAGEM DOS MARCOS POLÍTICOS E DOS PLANOS DE ENSINO

Para tentar conter ou mesmo minimizar as consequências da desinformação, há instituições e representantes da classe de bibliotecários, cientistas da informação, entre outros profissionais envolvidos em ações e mobilizando estratégias de enfrentamento ao fenômeno. Entende-se que estes esforços devam estar fundamentados por teorias, pesquisas, políticas públicas e ações de promoção de competência em informação (CoInfo). A FEBAB atua em defesa do tema da CoInfo na vida dos cidadãos, a ação é pautada em marcos políticos que são analisados nesta seção cumprindo o objetivo específico (A) identificar os marcos políticos que abordam a educação em informação e a sua relação com a formação do bibliotecário.

Nesse sentido, o objetivo da seção é analisar os marcos políticos e planos de ensino, por meio do emprego do método da análise de discurso (Orlandi, 2020) que consiste na análise de enunciados que podem descrever o contexto em que a competência em informação se inscreve nesses documentos. Os marcos políticos e os planos de ensino são importantes para compreender como a educação em informação está presente na formação dos bibliotecários: os marcos políticos oferecem uma perspectiva dos movimentos políticos no campo da CI acerca da competência em informação, tais documentos estipulam conhecimentos, habilidades e atitudes para os profissionais da informação; os planos de ensino, por sua vez, que orientam a formação profissional, fornecem um panorama do que está sendo implementado na respectiva formação e cumprindo o objetivo específico (B). A seção se propõe a averiguar quem são os sujeitos do discurso e com quais ideologias o discurso de competência em informação se filia.

Observa-se que diversos autores vêm defendendo a inserção da competência em informação na formação dos sujeitos e a trazem como tarefa do bibliotecário. Outras manifestações nesse sentido são as ações da FEBAB, por exemplo. No sítio da FEBAB identificou-se o Grupo de Trabalho Competência em Informação – CoInfo, criado em maio de 2020. O grupo possui o objetivo de consolidar ações e estratégias para a promoção da competência em informação no Brasil, por meio de uma rede colaborativa e associações.

O GT - CoInfo fundamenta-se nos cenários da informação e do conhecimento, da educação e do aprendizado ao longo da vida, da cidadania e da governança, do desenvolvimento social, cultural e econômico, da inclusão social e digital, dos ambientes de trabalho, das tecnologias de informação e comunicação, do desenvolvimento sustentável, da saúde e dos serviços, do uso inteligente, crítico,

responsável e ético das informações, como os balizadores fundamentais de suas ações e estratégias (FEBAB, segundo parágrafo)²⁹.

As ações e estratégias são voltadas para os processos informacionais, com foco na aprendizagem e criticidade ao envolver-se com a apropriação, uso e disseminação da informação. Mas compreende-se que são muitos processos imbricados em tais estratégias, como o processo de formação dos sujeitos, onde considerar o contexto dos sujeitos é fundamental para que estes possam se apropriar devidamente das informações.

A partir das contribuições de Almeida, avança-se, com a *Alfabetización Informacional* (Almeida, 2014), nas ações de identificar, localizar, avaliar, organizar, e criar, e/ou utilizar e comunicar, etc. a autora identifica que

[...] a incorporação da ALFIN por meio do currículo acadêmico é destacada na literatura como uma das formas mais adequadas para que o aluno desenvolva e pratique as competências informacionais durante sua etapa universitária. Porém, essa forma de integração depende de políticas institucionais que reconheçam a ALFIN como uma prioridade de aprendizagem institucional e da estreita colaboração entre professores e bibliotecários, valorizando o trabalho interdisciplinar (Almeida, 2016, p. 4).

Ou seja, para ela há que se iniciar a inserção da competência em informação nos currículos de Biblioteconomia para o desenvolvimento deste profissional. Além disso, a FEBAB propõe associação de sujeitos engajados para a promoção e mapeamento da CoInfo como “bibliotecários, estudantes e docentes de cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação, instituições, associações e demais profissionais da área da informação”. (FEBAB, 2000, terceiro parágrafo). O GT CoInfo aborda três eixos de trabalho demonstrados no Quadro 4.

Quadro 4 - Eixos de trabalho do GT – CoInfo

Elaboração de materiais didáticos com foco na bibliografia sobre competência em informação (CoInfo) em sua transversalidade, considerando os diversos ambientes e práticas informacionais;	Formação e capacitação com a oferta de cursos, palestras e eventos sobre a temática;	Aplicação de estudos e ações regionais com o mapeamento da CoInfo, enfatizando ações conjuntas com associações de bibliotecários, escolas de Biblioteconomia e grupos locais;	Estabelecimento de redes profissionais com ações em eventos profissionais e científicos.
--	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora com base em FEBAB (2020).

²⁹ Disponível em: <https://www.acoesfebab.com/competenciainfo>. Acesso em: 04 ago. 2024.

Conforme o sítio da FEBAB as ações e estratégias do GT - CoInfo são preconizadas por marcos políticos internacionais e nacionais; são eles:

- a) **Declaração de Havana** da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA, 2012);
- b) **Declaração de Lyon** da Organização das Nações Unidas (ONU, 2014);
- c) **Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação** da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB, 2011);
- d) **Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias** da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB, 2013);
- e) **Carta de Marília sobre Competência em Informação** da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade de Brasília (UnB) e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (2014);
- f) **Manifesto Político Sobre Competência em Informação: Profissional Luz** (FEBAB, 2022);

A FEBAB corrobora com Campello (2009) argumentando que

Os marcos políticos sobre CoInfo destacam os bibliotecários e os profissionais da informação como os principais protagonistas na promoção e desenvolvimento da CoInfo em suas instituições, sublinhando que são eles que devem promover, a partir de seus recursos disponíveis, a inclusão social, o bem-estar e a qualidade de vida da população a partir do uso inteligente, crítico, ético e responsável das informações (FEBAB, quinto parágrafo)³⁰.

Estes documentos, preconizam a competência em informação na formação dos bibliotecários e demais profissionais da informação, bem como na educação da população em geral com vistas ao alcance da qualidade de vida. Logo, para poder compreender como a competência em informação vem se inserindo na educação da população e dos profissionais da informação no Brasil, torna-se relevante para este trabalho a execução da análise de discurso nesses marcos políticos. A Análise de Discurso foi utilizada como uma estrutura teórico metodológica e a Análise de Conteúdo para refinar e categorizar dos dados. Foram relacionados na próxima seção cada um dos marcos políticos seguidos da respectiva análise.

³⁰ Disponível em: <https://www.acoesfebab.com/competenciainfo>. Acesso em: 04 ago. 2024.

5.1 MARCOS POLÍTICOS

Nesta seção apresenta-se a execução da análise de discurso de forma descritiva empregada nos marcos políticos da CoInfo constantes no site da FEBAB. A ordem de análise segue a cronologia de elaboração dos documentos. Quanto às etapas, primeiro foi realizada uma análise flutuante do documento, depois uma leitura cuidadosa identificando os enunciados por meio da análise conteúdo, seguido da interpretação da autora. Os resultados e sistematização encontram-se dispostos na subseção 5.2.

O objetivo desta análise de discurso consistiu em entender como o conceito da competência em informação (e correlatos) estão empregados nas áreas da Biblioteconomia e da CI; como se dá a sua materialidade histórica (especificada pelas adjetivações em torno do tema); com quais ideologias eles se relacionam; quem são os sujeitos que discursam em seu favor e respectivas posições; em qual(ais) contexto(s) o conceito se insere. Apresentam-se os Marcos políticos e a respectiva análise.

- a) **Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação:** A declaração de Maceió demonstra aspectos de uma educação em informação voltada à competência em informação sob o viés da cidadania. Assim, a inscrição nas áreas da Biblioteconomia e da CI se dá na Competência em informação. O documento está alinhado com o período contemporâneo, menciona o contexto da Sociedade da Informação. Nele, os sujeitos do discurso são instituições e bibliotecas e estão filiadas às ideologias que visam o desenvolvimento humano e profissional.
- b) **Declaração de Havana:** A declaração de Havana mantém um discurso que considera associações em âmbitos nacional e internacional no contexto contemporâneo da sociedade da informação consoante as tendências, para compartilhamento de experiências entre profissionais. Nesse sentido, a competência em informação parece estar voltada à formação de profissionais mais do que para a sociedade em geral, além de estabelecer a formação de educadores. Parece que o conceito da Competência em Informação ainda não estava devidamente definido no ato da formulação do documento, sendo comparado à ALFIN em alguns enunciados. Dessa maneira, considera-se importante refletir sobre o que se pretende desenvolver na educação da sociedade. O discurso da Declaração de Havana está alinhado às ideologias que visam promover os direitos dos cidadãos, melhoria da qualidade de vida,

inclusão social e igualdade de gêneros. Os enunciados reforçam a responsabilidade da Biblioteconomia e da CI diante do desenvolvimento da competência em informação que se inscreve nestas duas áreas como ALFIN. O discurso se concentra no contexto ibero-americano e contemporâneo, trazendo as perspectivas de países hispano e luso americanos. Os sujeitos que discursam em favor da competência em informação aqui, pressupõe-se que sejam docentes e demais pesquisadores do tema que se autodenominam Alfineros. Observou-se o destaque de instituições de renome e organizações internacionais para convencer de que a Alfin é fundamental e assegurada pelo poder institucional (Althusser, 1980). O documento manifesta o estabelecimento de unidades didático-pedagógicas na formação dos profissionais, tal ação incentiva a formação de educadores, o que justifica a inclinação à formação profissional de maneira predominante.

- c) **Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias:** O discurso enuncia que bibliotecários e profissionais de áreas afins são os sujeitos que discursam em favor da educação em informação que se apresenta de forma predominante na competência em informação. Coloca os bibliotecários como autores e representantes de grandes instituições e organizações, a exemplo da FEBAB, IBICT, UnB e UNESP, assumindo a responsabilidade de garantir a inclusão da competência em informação como direito, principalmente de populações vulneráveis/minorias. O manifesto traz o tema da competência aliado ao desenvolvimento da cidadania como na perspectiva de autores da CI, entre eles, Vitorino e Piantola (2020), Campello (2003) e Behrens (1994). Neste documento, os enunciados encaminham para o entendimento de um discurso que profere carga ideológica inclinada à integração de ações de democracia e de cidadania. Os enunciados se configuram no sentido de combate à desigualdade dando prioridade às populações vulneráveis/minorias e designa a elaboração de políticas públicas para o atendimento dessas populações. O manifesto defende a institucionalização da competência em informação na formação desses profissionais com direcionamento para a formação de bibliotecários, educadores e auxiliares no combate à desinformação. Destaca-se como contexto do discurso a sociedade brasileira contemporânea. O discurso se inscreve como Competência em Informação nas áreas da

Biblioteconomia e CI. O documento utiliza de seminários para designar ações, associações e responsabilizar sujeitos e instituições para agir diante de problemas sociais relacionados à informação. A competência em informação mencionada aqui, se manifesta politicamente e se coaduna com a infoeducação ao relacionar informação, cultura, educação, história e sociedade.

- d) Declaração de Lyon:** Os enunciados enfatizam a educação e a formação de competências para lidar com a informação, porém o foco principal é a abordagem da competência em informação no tocante ao acesso e uso da informação de forma eficaz. O que significa que a inscrição do discurso da Declaração de Lyon nas áreas da Biblioteconomia e da CI se refletem na competência em informação ao manifestar processos condizentes com o conceito em maior parte das ações relacionadas à informação. A declaração defende o acesso às TIC's e as coloca como uma ferramenta quase que salvadora dos problemas informacionais e de acesso, o que demanda competências infocomunicacionais, caso contrário, pode se inclinar ao instrucionismo. As InfoCom compreendem competências em informação, mas optou-se por focar no diferencial que estas competências fornecem e que vão além da competência em informação. Os sujeitos do discurso da declaração de Lyon são chefes de Estado, de governo e altos representantes da ONU, o que explica a relação com o desenvolvimento sustentável, redução das desigualdades, erradicação da pobreza, e prioridade às populações vulneráveis, este é o discurso da Agenda 2030. O que demonstra a filiação a uma ideologia de erradicação da pobreza, redução das desigualdades, exercício da cidadania, etc. O contexto histórico é contemporâneo, mas no que diz respeito às questões informacionais pode-se caracterizar a sociedade da informação como um pano de fundo. Destaca-se que no contexto abordado pelo discurso, é mencionado o aumento considerável de informações e que o acesso, uso e compreensão destas estão no topo das necessidades das pessoas. As colocações chamam a responsabilidade de bibliotecas e de bibliotecários e demais profissionais da informação, ou seja, arquivistas, museólogos, que não estão descritos, bem como os espaços de articulação da informação. Por outro ângulo, acompanha-se a questão da vulnerabilidade de grupos marginalizados com um destaque apropriado de que estes merecem atenção especial, principalmente no acesso e uso da informação. Sustentam que a desigualdade pode ser reduzida

com o auxílio da educação e percebe-se a tentativa de ilustrar a educação como sendo a melhor solução, embora arbitrária quando se trata de igualdade, acesso e aproveitamento. Evidentemente, a declaração de Lyon ressalta responsabilidade de governantes para estabelecer políticas públicas e de ação conjunta para que se alcance a redução da pobreza e da discriminação. Isso demonstra um aspecto importante sobre a cidadania, sendo a participação ativa dos sujeitos para a construção de sociedades democráticas e acompanhamento do progresso dos compromissos públicos. Acontece que as ações de igualdade e de direitos são responsabilidades fundamentais do Estado, que garantem no papel os direitos, mas não os tornam efetivos, na prática com frequência. Muitas vezes o que o contexto demonstra é o descaso com as legislações e com os direitos dos sujeitos, que quando os cobram acabam por perder mais do que ganhar com aquilo já preconizado pela lei. Nesse sentido, não há garantias. Pode-se citar o exemplo da Lei 12.244 de 2010 que regula a universalização das bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino, mas o que se apresenta na realidade é que o Estado vem fechando escolas desde a pandemia de Covid-19 e muito antes disso.

- e) **Carta de Marília sobre Competência em Informação:** O discurso da Carta de Marília percebe o contexto contemporâneo da sociedade brasileira, no **III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências**. Neste evento, pode-se perceber que o movimento da Competência em Informação está em constante crescimento, pois já se falava em um 3º seminário. O discurso se inscreve como Competência em Informação - CoInfo nas áreas da Biblioteconomia e da CI. O documento foi constituído pela Unesp, UnB e IBICT, o que os coloca como sujeitos do discurso. O que se percebe é que os enunciados vão no sentido de proporcionar o acesso e uso da informação, que implicam no exercício da cidadania e na ALV. Para estas instituições, a CoInfo está relacionada com a redução das desigualdades e iniquidades sociais. Os enunciados demonstram que a CoInfo se pretende como uma solução para os problemas sociais do Brasil mediante políticas públicas. Em virtude da construção do conhecimento e considerando a dimensão humana e tecnológica, a competência em informação se relaciona com ideologias e valores como a democracia, exercício cidadão, inclusão social e redução das desigualdades. Por outro lado, a Carta faz uso de seu poder simbólico enquanto instituição,

preconizando a inserção da CoInfo nas diretrizes curriculares, projetos pedagógicos dos diferentes centros, áreas, níveis e contextos educacionais de forma transversal e interdisciplinar. O discurso estabelece a interlocução de diferentes atores sociais proporcionando trocas de experiências e histórias de vida com o intuito da capacitação, da formação continuada. Os enunciados trazem uma filosofia da competência em informação, o que não foi abordado em nenhum outro documento antes. O que se entende é que o conceito ainda apresenta uma consolidação em andamento. Sobre a transversalidade das competências preconizadas pela BNCC, infere-se que a competência em informação busca, através de seu movimento, articular muitas estratégias para o seu desenvolvimento. Reflete-se sobre a dimensão epistêmica da competência em informação: é área, campo, abordagem? Isso demonstra a fragilidade do conceito, e quanto a sua inserção em todos os níveis do ensino, parece ser prematura enquanto não há uma definição em suas bases epistemológicas e filosóficas. O uso e o acesso da informação estão no cerne da problematização da competência em informação neste documento, e a inclusão social depende de ambos para equiparar as condições sociais. Entende-se que a educação em informação ampara e contribui nesse sentido, sobretudo se houver um profissional devidamente formado para atuar conscientemente como mediador dentro e fora das unidades de informação, uma vez que o serviço é para a sociedade. O documento traz a informação como elemento indispensável para a construção do conhecimento e do desenvolvimento humano; exige que se mobilizem as entidades, governos, instituições, organizações, profissionais da informação e pesquisadores para ser proporcionado o acesso e mais do que isso, que os esforços e estratégias propiciem compreensão, uso e compartilhamento da informação. Destaca-se no documento projeções para o futuro, o que vai ao encontro do estabelecido na Agenda 2030.

- f) **Manifesto Político Sobre Competência em Informação: Profissional Luz:** O Manifesto emerge de um aparelho ideológico cujas bases representam a classe de bibliotecários e cientistas da informação. Nesse sentido, a FEBAB é o sujeito do discurso da CoInfo. Um discurso que situa claramente o papel e a responsabilidade do bibliotecário como mediador e educador em unidades de informação para o combate à desinformação e a **construção e a promoção de**

sociedades inclusivas, pacíficas e justas. Se depreende que apenas essa classe de cientistas entende a emergência desse papel, pois não arrola outras categorias. Cabe ressaltar o fato de estes profissionais estarem na linha de frente quanto às demandas informacionais que emergem no seio da sociedade. Destaca-se que o contexto informacional se transformou por conta do impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's). Já o contexto do discurso, embora não seja mencionado, pode-se inferir que se trata do contexto contemporâneo da sociedade brasileira, tendo em vista a **desinformação, o incentivo à leitura de conteúdos relacionados à História do Brasil** e a relação direta do Manifesto com a Agenda 2030 no enunciado **Parcerias, serviços e produtos ofertados pela pessoa bibliotecária com base na Competência em Informação (CoInfo) e na Agenda 2030.** O discurso deixa explícito que se reconhece que os sujeitos não são meros consumidores passivos, mas produtores ativos de informação em **uma sociedade interconectada** na qual se prolifera uma grande parte da desinformação e das fake news. Doravante, o discurso afirma a necessidade do desenvolvimento da CoInfo e o faz sob ideologias como **desenvolvimento humano, da inclusão, da igualdade, da justiça social, da solidariedade, da equidade, da democracia, do respeito, da ética e da paz.** Sob a perspectiva do manifesto, o bibliotecário é um profissional luz. O documento demonstra o poder simbólico de caráter prescritivo, pois enuncia o que o profissional **necessita ter e deve fazer** para atuar como um **profissional luz.** O Manifesto denota a promoção do uso de informações fidedignas para a promoção do desenvolvimento humano, atribuindo essa tarefa ao profissional luz, a pessoa bibliotecária. Segundo o discurso, é através dessa ação que se alcança a inclusão, a igualdade, justiça social, etc. O Manifesto descreve um profissional proativo para promover a competência em informação. Utiliza a *metaliteracy* como forma de estabelecer produção colaborativa e compartilhamento de informações em ambiente digital. O conceito refere-se ao reconhecimento de competências e a capacidade de acessá-las combinando e operando-as na produção e compartilhamento de conhecimento e de informações em contextos informacionais e digitais (Jacobson; Makey, 2013). Neste documento a Competência em informação está colocada como um sinônimo de *Metaliteracy*, mas ao considerar as bases fundadoras da competência em

informação é possível observar que o termo está voltado ao uso da informação de forma eficiente e eficaz, uma prática específica, enquanto a *Metaliteracy* possui definição mais ampla e diz respeito a metacognição. Consoante o documento, o profissional **deve** conhecer sobre **a produção e disseminação e incentivar o seu uso de forma confiável e com embasamento científico**. Essa colocação traz a ideia de que o conhecimento científico é a base para informações fidedignas. Não se vê a consideração do conhecimento popular sendo mencionada, que é igualmente importante nos processos de desenvolvimento humano, e tem auxiliado a humanidade em diferentes culturas a lidar com os desafios sociais em diferentes épocas. Contudo, se manifesta sob a forma da construção de debates enquanto serviços das bibliotecas como espaços de aprendizagem. Incentiva o ativismo político sob a ação de *advocacy* para o reconhecimento de que **a biblioteca é um espaço de aprendizagem**, essa visão traz a perspectiva de Perrotti (2016) quanto às bibliotecas *forum*. Assim se compreende que o papel social do bibliotecário é alvo de aprimoramento e carece de desenvolvimento para dar conta das transformações oriundas das TDIC's. Conforme o discurso o profissional necessita **realizar interlocução com a área didático-pedagógica a fim de promover práticas educativas no âmbito da informação** tal afirmação reforça a face educadora do bibliotecário. O documento traz as questões de acessibilidade e sustentabilidade, inclusão e justiça, sob a premissa da igualdade, como uma consciência a ser tomada pela **pessoa bibliotecária**, para intervir em favor das minorias e populações vulneráveis, a fim de causar transformações em suas realidades. O discurso parece passar por cima da realidade dos fatos, o desmonte dos espaços educacionais com o fechamento das escolas. Nesse sentido, o bibliotecário carece da boa vontade de governantes para auxiliar a população. O que condiz com o discurso sobre a **criação de parcerias** com conselhos e entidades, ONGs, outras classes de profissionais de esferas federais e regionais para encaminhar ações de combate à desinformação, de competência em informação e de desenvolvimento humano. O Manifesto delinea um perfil de pesquisador proativo, estratégico, comunicativo, criativo, engajado, persistente, com iniciativa e conhecimento das TDIC's. Ou seja, a expectativa é de um profissional multiqualificado e de forma multidimensional. Neste manifesto político de competência em

informação há um forte apelo aos aspectos já trabalhados na formação dos bibliotecários desde os primeiros currículos, agora com um olhar mais crítico e social. O documento atrela a competência em informação à Agenda 2030 como uma atitude política, visão holística e estratégica para promover um alinhamento estruturante com a CoInfo sob a condição de estar relacionada a princípios éticos, inclusivos e pacíficos. Pressupõe-se que um possível estatuto da CoInfo está se formando a partir deste Manifesto. Contudo, falar em ‘estruturante’, remete à ideia de que a competência em informação venha ser engendrada nos sujeitos como o que acontece em sistemas de reprodução da educação. Contrariando essa perspectiva do poder simbólico, da ideologia escolar, e da reprodução, o discurso coloca como função desse profissional **promover uma educação libertadora e pensamento crítico**, base fundante da pedagogia crítica freireana disposta em mais de uma obra do autor desde a década de 1970, como a Pedagogia do oprimido, Educação e política, Pedagogia da autonomia entre outras. O profissional deverá desenvolver ações formativas que perpassam instâncias institucionais, de ensino e de aprendizagem, que sigam instruções de tendências para a sua formação e para o desempenho das bibliotecas. Identifica-se neste discurso a exigência da formação de bibliotecários com conteúdos didático-pedagógicos.

5.2 RESULTADO DA ANÁLISE DOS MARCOS POLÍTICOS

O objetivo desta seção é compreender a relação dos Marcos Políticos com a formação de bibliotecários, buscando satisfazer o objetivo específico (A) da pesquisa. Para entender os resultados, a análise de discurso se deu em torno do contexto global e nacional para esses documentos. Para o contexto global destaca-se a declaração de Lyon de 2014, cujo discurso é pronunciado por uma associação de bibliotecários com reconhecimento internacional; e a declaração de Havana de 2012, na qual o discurso provém de seminaristas e profissionais da informação. No âmbito nacional destaca-se a Declaração de Maceió 2011, o Manifesto de Florianópolis de 2013, a Carta de Marília de 2015 e o Manifesto Político Sobre Competência em Informação de 2022.

Em 2021, Santos (2021a), apresentou na semana acadêmica do Centro Acadêmico da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (CABAM - UFRGS) um levantamento intitulado Instituições Representativas e os Marcos Políticos de Competência em Informação

(CoInfo). A apresentação foi instigante quanto à relevância de perspectivas consideradas indispensáveis para a formação dos bibliotecários na atualidade no que diz respeito à CoInfo. Santos (2021a) fala da importância da CoInfo frisando ser necessário operacionalizá-la, o que parece evocar as competências operacionais presentes nas InfoCom. Assim, concorda com a competência em informação que se promove como um aprendizado ao longo da vida.

Sinaliza-se também o Marco Político de Alexandria - apresentado por Santos (2021a) - que vê a competência informacional como um direito básico no mundo digitalizado, além de promover a inclusão social, pois “capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais” (IFLA, 2005, p. 1). Chama-se a atenção para o ‘atingimento das metas pessoais’, isso é preocupante, porque considerando a desinformação, pessoas mal-intencionadas com comportamentos vis podem utilizar esses conhecimentos para fins nocivos, o que torna relevante e indispensável uma legislação de educação em informação com vistas à ética no uso da informação.

Uma vez mencionado o mundo digitalizado, é oportuno sinalizar que Floridi defende a ética filosófica em relação à tecnologia (Kaufman, 2023), bem como Capurro (2020). Floridi sugere olhar para o futuro para se pensar os usos da tecnologia e o mesmo pode se dizer quanto à informação e a devida regulamentação. Embasado nos estudos de Grunwald (2015)³¹, Capurro (2020) menciona o consequencialismo que considera a hermenêutica e o contexto histórico, ele questiona sobretudo as “[...] questões éticas decorrentes da propagação de robôs na vida cotidiana” (Capurro, 2020, p. 18). A propósito, interroga-se nesta pesquisa quanto ao uso e à apropriação da informação tendo em vista os *chatbots*, os algoritmos e a relação dos sujeitos com a informação no período contemporâneo marcado por desafios informacionais. Estes são assuntos considerados na educação em informação, especialmente o ensino da competência em informação na formação dos sujeitos.

Para melhor vislumbrar as inferências feita ao longo da análise foi elaborado o Quadro 5 sistematizando a análise dos marcos políticos.

³¹ Para Saber mais sobre os Estudos de Grunwald: *Responsible Research and Innovation (RRI): Limits to Consequentialism and the Need for Hermeneutic Assessment*. Tradução: Pesquisa responsável e inovação (PRI): limites para o consequencialismo e a necessidade de avaliação hermenêutica. Para saber mais acesse: https://doi.org/10.1142/9789813108974_0008.

Quadro 5 - Sistematização da análise de discurso dos marcos políticos

Sistematização da Análise de Discurso	Contexto	Sujeitos	Inscrição Biblioteconomia e CI	Ideologias
Declaração de Maceió - 2011	Sociedade da Informação Mattelart (2002)	bibliotecas e instituições; IBICT; UnB; FEBAB.	Competência em Informação	cidadania; ALV; desenvolvimento humano e profissional;
Declaração de Havana - 2012	Contemporâneo contexto ibero-americano; sociedade da informação Mattelart (2002)	Docentes e demais pesquisadores do tema que se autodenominam Alfineros.	ALFIN; Competência em Informação	inclusão social; capital social; gestão do talento humano; gestão da qualidade; gestão do conhecimento; empreendedorismo; inovação; direito dos cidadãos; emprego; governo eletrônico; igualdade de gêneros.
Manifesto de Florianópolis - 2013	sociedade brasileira contemporânea	Bibliotecários e profissionais de áreas afins	Competência em Informação	Desenvolvimento social, cultural e econômico; democracia; cidadania; garantia de direitos; inclusão social; identidade; autonomia; responsabilidade profissional e ética; dirimir a desigualdade social; movimento cultural;
Declaração de Lyon - 2014	Sociedade da informação Mattelart (2002)	chefes de Estado, de governo e altos representantes da ONU	Competência em Informação	desenvolvimento sustentável; melhora na qualidade de vida; sociedade democrática; exercício e igualdade de direitos; desenvolvimento humano; sujeitos economicamente ativos, produtivos e inovadores; enriquecer sua identidade e expressões culturais; desenvolvimento da comunidade; sujeitos empoderados e protagonistas; erradicação da pobreza; acesso equitativo à informação; liberdade de expressão de associação, de reunião e de privacidade; apropriação de recursos de maneira saudável, ética, crítica e multidimensional; redução da desigualdade e da discriminação.
Carta de Marília - 2015	Contexto o país brasileiro na sociedade contemporânea; III Seminário de Competência em Informação	Unesp, UnB e IBICT	CoInfo	Redução das iniquidades sociais e desigualdades regionais; exercício da democracia; exercício da cidadania e ALV; inclusão social; desenvolvimento humano e sustentável; área estratégica de desenvolvimento social e humano e a melhoria das organizações.

Manifesto Político Sobre Competência em Informação - 2022	período contemporâneo	FEBAB	CoInfo	Sujeitos históricos; exercer a cidadania; engajar-se civicamente; empoderar-se; tomar decisões; aprender a aprender e ALV; desenvolvimento humano; igualdade; justiça social; solidariedade; democracia; respeito; ética; paz; inclusão social; combate à desinformação; produção e disseminação e incentivo do uso de informação forma confiável e com embasamento científico; metacognição; acessibilidade; sustentabilidade; intervir em favor das minorias e populações vulneráveis; educação libertadora e pensamento crítico.
---	-----------------------	-------	--------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Do ponto de vista da educação em informação, os marcos políticos discursam em favor da competência em informação, alinhados ao discurso da Comissão Europeia (1995) sob o aspecto da ALV. As inscrições na Biblioteconomia e CI que se pôde observar nos documentos foram: Competência em Informação, *Alfabetización informacional* e CoInfo. A Competência em Informação aparece predominantemente e concorda com as perspectivas da literatura da CI brasileira, este é o termo preferido dos cientistas da informação. Comprovou-se isso pelo número de estudos recuperados na Brapci, na Scielo, e na BDTD, o resultado foi unânime: Competência em Informação aparece em maior número.

Os documentos colocam o acesso e uso de acordo com o paradigma pós-custodial (Silva, 2006), acerca do acesso público e à informação. Oferecem a perspectiva da lógica científico-compreensiva da informação e transformação do quadro teórico-funcional das práticas dos profissionais da informação, conforme sugere Silva (2006).

Os sujeitos que discursam nesses manifestos e declarações são instituições, bibliotecários, profissionais da informação e universidades. Todos com sua destacada posição e o poder simbólico que vem com ela, na sociedade da informação (Mattelart, 2002) que contextualiza os discursos e o direcionamento das ações preconizadas pelos documentos. Estes sujeitos são profissionais da informação que estão na linha de frente do contexto informacional e não por acaso demandam alternativas para atender aos desafios, uma vez que os estudos apontam para uma situação periclitante para a vida de milhares de pessoas, principalmente as mais vulneráveis.

Os marcos políticos mantêm uma relação de poder com a formação dos bibliotecários, demandando através das instituições, associações de classe, líderes mundiais, etc. O discurso dos manifestantes preconiza formação teórica, metodológica e didático-pedagógica para esses profissionais para atender às demandas informacionais resultados da mesma sociedade que de acordo com Caldeiro-Pedreira e Aguaded-Gómez (2015) não conseguem mais dar conta na educação.

Na perspectiva dos autores, a alfabetização midiática é necessária para que os sujeitos não sejam meros reprodutores de opiniões, mas que desenvolvam senso crítico para utilizar as mídias e a informação de forma crítica e responsável. Por essa razão estes documentos estabelecem que o bibliotecário tenha uma formação pautada na competência em informação e também para que ele possa educar a sociedade em informação como docente, educador, mediador. Não se pode negar que os bibliotecários trabalham com a informação desde a antiguidade, o que permitiu adquirir vasta experiência, sobretudo desenvolver estudos que aprimoraram as práticas profissionais ao longo dos anos, além de desenvolver competências para lidar com a informação, e isso se deu ao longo de um processo histórico, bem como das transformações das sociedades.

Além disso, os movimentos da Competência em Informação estabelecem ações estratégicas relacionando os profissionais da informação, os ambientes e os processos da informação no intuito de fazer com que todos os envolvidos nos processos de desenvolvimento de competências possam se beneficiar, transformando suas próprias realidades com base em acesso e uso de informações de qualidade.

A institucionalização da competência em informação parece se dar de forma compulsória como solução dos problemas do país e do mundo no que se refere à informação. Pode-se dizer que é uma alternativa viável, mas ainda frágil porque o conceito da Competência em Informação parece não estar definido. Em alguns momentos é confundido com Alfin por manterem aspectos comuns. A partir dos enunciados se pode inferir isso principalmente quando é mencionado **integração das diferentes competências e letramentos necessários (múltiplas competências) para interagir adequadamente na sociedade da informação (alfabetização em leitura – escrita + alfabetização funcional + inclusão digital + competência visual + competência midiática + competência científica e/ou Competência em Informação)**. Entende-se que é cabível reflexão filosófica, epistemológica e estatutária da Competência em Informação, principalmente se ela for considerada uma área como sugere a Carta de Marília (2015) e se ela será incluída na educação em todos os níveis, mesmo que alinhada à BNCC.

O que se observa é que o conceito tem evoluído significativamente com o passar do tempo, e isso aparece na ordem cronológica dos documentos analisados. Onde a Declaração de Maceió (2011) começa associada à cidadania (Behrens, 1994; Campello, 2003), ALV e desenvolvimento profissional, e vai ganhando outras filiações ideológicas como inclusão social, desenvolvimento cultural, redução da desigualdade e erradicação da pobreza, combate à desinformação e por fim uma educação libertadora (Freire, 1997). Destaca-se a diversidade de conteúdos ideológicos mencionados no discurso do Manifesto de Florianópolis porque o contraste de contrapontos auxilia na formação do senso crítico.

Isso implica a CCI, conforme Brisola (2022) e Bezerra e colegas (2019) a fim de libertar as pessoas da opressão e do *status quo* rumo ao desenvolvimento humano e social em relação à informação. Porém, a CCI aparece ainda muito discreta no discurso. E é uma abordagem chave para a tomada de consciência dos sujeitos sobre a sua condição e sobre a garantia de provimento do bem-estar e direitos básicos que se reclamaria do Estado posteriormente através das políticas públicas. Assim, a CCI viabiliza a participação ativa, protagonista e engajada (Perrotti; Pieruccini, 2007; Brandão, 2022) o exercício da cidadania, e o desenvolvimento do pensamento crítico, de sujeitos críticos.

Outra abordagem a se considerar é a infoeducação, abordada nos marcos políticos também sem ser mencionada diretamente, mas quando arrolados o capital e apropriação culturais, bibliotecas como espaços de aprendizagem e prolíficos para o debate público, bem como para o compartilhamento de experiências e vivências. Embora a proposta seja a saída do bibliotecário da biblioteca com uma atitude proativa, - diferente da infoeducação que valoriza o espaço da biblioteca - se observa nos documentos a relação entre a informação, cultura, educação, história e sociedade, porém, o discurso não menciona a memória.

Se não se pode deixar de considerar esse avanço propiciado pela desfragmentação da informação, não se pode também deixar de lado o fato de que a nova situação exige investimentos de variadas ordens, subjetivas e objetivas, individuais e sociais para se realizar além de seus aspectos meramente mecânicos e técnicos de transmissão e arquivamento de dados. Face ao desenvolvimento tecnológico, histórico e cultural em suas diferentes dimensões, tanto informar, quanto informar-se são atividades não apenas cada vez mais imbricadas, mas também cada vez mais complexas e especializadas, envolvendo dispositivos, saberes e fazeres que, por suas características e condições, necessitam ser, eles próprios, continuamente desenvolvidos e apropriados, cultivados e redimensionados, como condição de sobrevivência e participação no universo do conhecimento e da cultura (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 51).

O manifesto de Florianópolis afirma que a Competência em Informação é um fenômeno culturalmente constituído que gera capacidade para acesso e uso inteligente da

informação, entretanto, como ficariam os processos de significação da informação? O aspecto simbólico precisa ser considerado até mesmo para evitar a educação reprodutivista ou ceder à inclinação do conceito aos preceitos capitalistas encontrados respectivamente na Declaração de Havana (gestão do talento humano, gestão da qualidade e empreendedorismo) e na Declaração de Lyon (sujeitos economicamente ativos, produtivos e inovadores).

Na declaração de Havana pode-se entender que gestão e empreendedorismo são conceitos da Administração, salienta Borges (2011, p. 142) sobre essa face do conceito “A compreensão de competências relacionada a conhecimentos, habilidades e atitudes tem sua origem na literatura de Administração que já na década de 1970 estudava as competências necessárias para cada cargo ou posição existente nas organizações”. Administração e gestão são importantes para a atuação do bibliotecário nas bibliotecas, porém, o que se percebe é que o conceito trabalhado nesse sentido pode alavancar a competitividade na busca por emprego.

Quanto à Declaração de Lyon, se questiona porque foi mencionado economicamente ativo e não economicamente consciente. Isso demonstra a variação de ideologias principalmente em declarações internacionais, não por acaso, sujeitos economicamente ativos contribuem para a estabilidade da economia mundial. Então, a herança capitalista da competência em informação ainda é motivada pelas instâncias internacionais de maneira indireta. E isso já é um diferencial do que se estimula no Brasil, uma competência em informação voltada para a cidadania.

[...] é fundamental para a consolidação de jovens democracias, como a brasileira, a constituição de uma cidadania mais forte. A habilitação dos cidadãos para empregar os recursos digitais na participação política é hoje crucial para que pratiquem a democracia em toda sua plenitude (Borges, 2011, p. 315).

As competências infocomunicacionais também abrangem a competência em informação pelo viés da cidadania, da participação política e protagonismo dos sujeitos que a desenvolvem. Porém, a abordagem extrapola para as competências comunicacionais e para as competências operacionais, evidentes no discurso e principal escopo analisado das InfoCom.

Assim, o argumento é de que o movimento em torno de conceitos como a Web 2.0 e a própria cultura em torno dos meios digitais pode estar conduzindo para a formação de um cidadão mais participativo perante as diversas questões que o cercam, entre elas as questões políticas. Se os cidadãos sentem-se ligados socialmente, corresponsáveis pelas questões do entorno e acreditam que seu contributo interessa, que faz a diferença, criam-se condições ideais para o desenvolvimento da cidadania ativa (Borges, 2011, p. 122).

As InfoCom não são mencionadas diretamente no discurso, exceto pelos enunciados que evidenciam a sua presença no tocante à comunicação e o uso de tecnologias. Tais competências impulsionam a metacognição, implicam no reconhecimento de suas próprias competências, para uma posterior articulação no uso da informação e de recursos informacionais. A partir dessa compreensão, não se consegue visualizar a competência em informação superando todos os desafios informacionais, cabe reconhecer a soma de outras abordagens vendo como um caminho a educação em informação.

O discurso acompanha o período contemporâneo, apresentando perspectivas ocidentais, que pretende avançar a partir de programas de competência em informação e trabalhos integrados entre associações e parcerias profissionais. O discurso é assegurado pelo poder institucional. É um movimento político que se mostra com potencial de avançar. Mas pressupõe-se necessário incluir nesse processo de institucionalização da competência em informação a todos, sobretudo às populações vulneráveis/minorias que não foram alfabetizadas, ou que não conseguem chegar até à escola. Nesse sentido, poderia ser introduzida a educação em informação, conforme propõe Freire (1997) a partir da leitura crítica do mundo e da relação saudável das pessoas com a informação.

Considerada tal problemática, a demanda por novas concepções, metodologias, processos e práticas que orientem *aprendizagens informacionais* indispensáveis à constituição de saberes atitudinais voltados ao referido *protagonismo cultural* em nossa era, passa a ocupar lugar privilegiado nesse debate (Passos; Pieruccini, 2021, p. 5).

Assim, as políticas públicas e ações que promovem a igualdade de direitos são de responsabilidade do Estado e contribuem ativamente na garantia de espaços de aprendizagem para atender especificamente às minorias. Segundo o Observatório da Educação Pública no Rio Grande do Sul consta que “118 escolas não têm biblioteca; 27 escolas têm bibliotecas fechadas; e que 2.182 escolas têm Bibliotecas abertas (no entanto, não informa se estes espaços têm profissionais responsáveis)” (Rio Grande do Sul, 2023, p. 61). De acordo com essa realidade, o desafio de alfabetizar a sociedade brasileira fica ainda maior.

Só no Rio Grande do Sul, 227 escolas foram fechadas por falta de recursos (Brasil de Fato RS, 2024). O argumento se concentra na falta de professores concursados. Vale lembrar que a educação é um direito básico dos cidadãos que consta na Constituição de 1988. Assim surge a indagação: como será possível dar conta de todas essas demandas se o básico está sendo relegado? Conforme preconizam os marcos políticos, a formação de bibliotecários educadores agora se torna ainda mais urgente.

Constataram-se relações com as diretrizes da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) para transformar a educação profissional, como uma espécie de *upgrade* **para a oferta de um formador em Competência em Informação**. Existe o consenso entre os diretores, gestores e docentes quanto à falta de conteúdos teóricos-pedagógicos para atuação educacional de profissionais da informação. Mata (2014) também sinalizou a falta destes na formação dos bibliotecários. E ao observar o histórico da Biblioteconomia, como respaldos para um profissional educador podem ser citados a educação de usuários, as bibliotecas escolares, e como professor em Biblioteconomia assegurado em lei. No contexto contemporâneo, o bibliotecário é o mais indicado para atuar como educador em informação na sociedade conforme o discurso.

Os documentos demonstram um caminho através da competência em informação para pensar um profissional educador, mas não aborda diretamente as subjetividades dos sujeitos, a não ser pela menção de ações culturais que remetem à infoeducação. Os documentos também não mencionam a memória e os conhecimentos populares.

O discurso deixa claro que a partir do reconhecimento de órgãos internacionais, a Competência em informação obtém aval para ser promovida e reconhecida em **instâncias governamentais, educacionais e biblioteconômicas**. Além disso, reforça a responsabilidade da Biblioteconomia e da CI quanto a esse reconhecimento e instiga o bibliotecário a assumir papel de educador, capacitar docentes e funcionários públicos em informação para atender adequadamente às populações vulneráveis e minorias. Assim se observa a exigência de um bibliotecário docente. Idealiza-se nos marcos um profissional para orientar e mediar e o discurso está alinhado à Agenda 2030.

Os documentos evidenciam tanto a educação em informação quanto a formação do bibliotecário no discurso. A partir do exame dos marcos políticos de competência em informação, pode-se perceber que estes estabelecem através dos enunciados e do poder simbólico a inclusão da educação em informação na formação dos profissionais da Biblioteconomia e demais profissionais da Informação. Sendo o Manifesto político de competência em informação (2022) o documento com maior incidência da educação em informação, e exige o olhar holístico do bibliotecário, além de demonstrar afinidade com dois paradigmas, o da pós-custodialidade e o emergente.

5.3 PLANOS DE ENSINO

Nesta seção, intenta-se cumprir com o objetivo específico (C) da pesquisa que é “Analisar como o tema da educação em informação está inserido na formação do bibliotecário brasileiro”. Com este fim, apresenta-se a análise de discurso empregada nos planos de ensino de universidades que ofertam o curso de Biblioteconomia de forma gratuita, na modalidade presencial e obrigatória, e que conste em atividade na busca avançada do site do e-MEC. Repetem-se os passos utilizados na análise dos marcos políticos, a Análise de Conteúdo é utilizada para categorização e refinamento dos dados, enquanto a Análise de Discurso ampara a análise como estrutura teórico-metodológica.

Esta é uma das principais contribuições desta pesquisa, pois compreender como a educação em informação está disposta nos currículos de Biblioteconomia brasileiros é importante para compreender os investimentos para a formação de um bibliotecário educador em informação.

Antes de adentrar a análise dos planos de ensino, cabe discutir ligeiramente a regulamentação do ensino no Brasil mediante a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.” (Brasil, 1996, ementa) e rege a educação no país. O ensino superior é regulamentado por diversos documentos normativos, administrativos, estatutos e diretrizes que preconizam e orientam as ações dos reitores, dirigentes e gestores, bem como o funcionamento das instituições. Destaca-se que a regulamentação do ensino vai se estendendo para esferas específicas nas instituições que são os departamentos dos cursos de Biblioteconomia, por exemplo.

Cada curso percebe a sua conformação regido pelas regras internas de cada IES e respectivos regimentos, portarias, projetos pedagógicos dos cursos e por fim os currículos. Isso implica dizer que os planos de ensino são documentos institucionais profundamente normatizados nos quais é necessário corresponder a elementos essenciais como a ementa, os objetivos, os conteúdos programáticos, metodologias, etc. Nestes documentos o discurso é regido por requisitos básicos que vão estruturar a formação dos sujeitos. Ou seja, o discurso é orientado a partir da regulamentação dos dispositivos reguladores dos cursos de Biblioteconomia. Um dos planos de ensino que foi analisado encontra-se exemplificado no [Anexo 1](#).

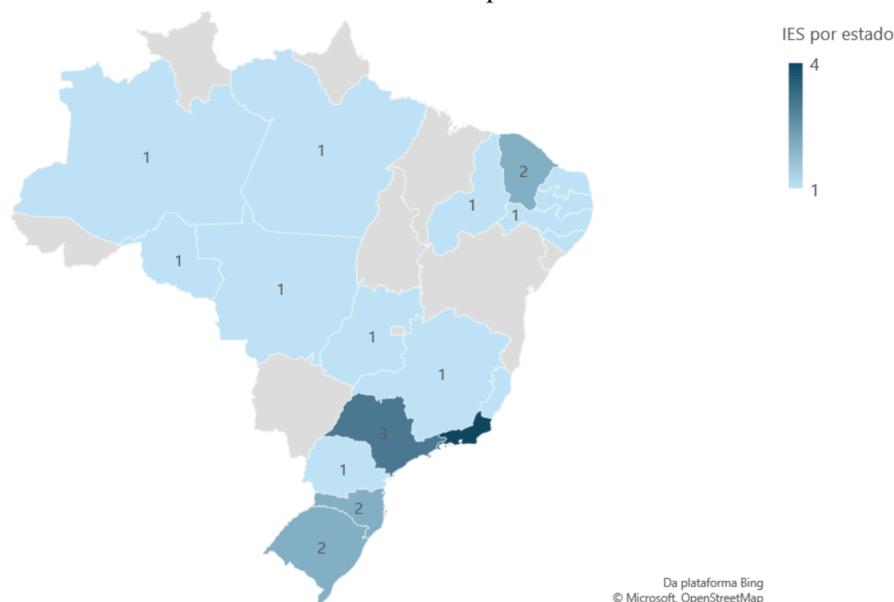
Neste estudo a análise de discurso tem como contexto imediato o âmbito institucional, cada instituição tem o seu modo de elaborar seus regimentos e documentos de acordo com suas próprias estruturas, culturas locais e regionais. A instituição, como um aparelho

ideológico do Estado, é uma instância de institucionalização das ideologias. “São estes de facto que asseguram, em grande parte, a própria reprodução das relações de produção, <<escudados>> no aparelho repressivo de Estado” (Althusser, 1980, p. 56, grifo do autor). Nestes termos, o aparelho estatal é um espaço que oportuniza a institucionalização de diversas ideologias.

Na busca avançada do e-MEC foi possível selecionar 28 IES, das quais apenas uma (UFMA) não contemplou a amostra, pois não foi encontrada uma relação consistente³² da disciplina com a educação em informação, resultando em 27 universidades. Destas, coletou-se 163 planos de ensino designados à análise documental para a busca da relação das disciplinas com a educação em informação. Incluiu-se na análise também conteúdos didáticos e/ou pedagógicos que pudessem corresponder ao tema e/ou para formar bibliotecários educadores em informação.

No Gráfico 1, apresenta-se a distribuição das IES analisadas por estado.

Gráfico 1 - Número de IES por estado brasileiro



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2024).

Dos 163 planos da primeira seleção, foram identificados 78 planos que mantêm relação com educação em informação. Excluiu-se 85 planos sem relação com o tema. No tratamento das informações, percebeu-se que as disciplinas Estudos de usuários e de comunidades - UNIRIO NOTURNO e Estudos de usuários e de comunidades - UNIRIO

³² Entende-se por uma relação consistente a existência de mais de um enunciado ou menção ligeira trazendo qualquer ação de educação em informação.

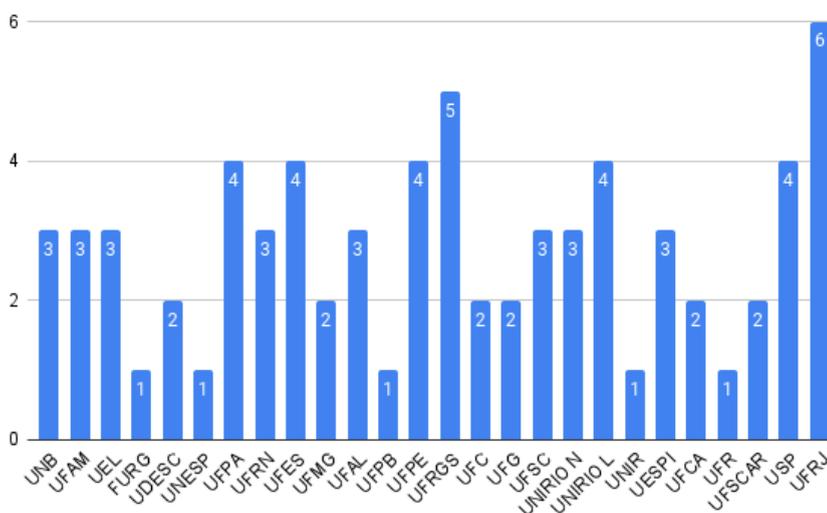
LICENCIATURA ofertadas na UNIRIO, possuíam o mesmo plano, neste caso, excluiu-se um deles para evitar discrepância no resultado.

O mesmo caso aconteceu com o plano Teoria e prática do serviço de referência - UNIRIO NOTURNO, que se repetiu na LICENCIATURA e no turno da MANHÃ. Manteve-se apenas a primeira aparição do plano. A disciplina Fontes de informação gerais - UNIRIO NOTURNO se repete no curso da MANHÃ, em decorrência disso o curso UNIRIO MANHÃ foi excluído da amostra, pois as duas disciplinas que contemplavam relação com a educação em informação já constam no curso NOTURNO e na LICENCIATURA.

Com isso, a amostra foi composta por 74 planos de ensino submetidos à análise. Além disso, tendo em vista que as disciplinas Leitura, Biblioteconomia e inclusão social - UFRGS e Serviços de referência e informação - UFRGS são ofertadas na modalidade remota e a análise limitou-se a cursos presenciais, estas duas também foram excluídas da análise. Restaram apenas 72 planos onde a análise se efetivou.

Observa-se no Gráfico 2, o quantitativo das disciplinas analisadas por IES.

Gráfico 2 - Quantitativo de disciplinas por IES



Fonte: Elaborado pela autora. (2024).

O Gráfico 2 detalha a distribuição de disciplinas por universidades e auxilia na compreensão de uma mobilização institucional contemporânea em prol da educação em informação confirmando a reinvenção do bibliotecário e a sua tomada de consciência quando se trata de acompanhar as transformações sociais, isso é sustentado pela análise dos planos.

A análise está organizada em categorias conforme os assuntos predominantes em cada item dos planos, como a ementa, os objetivos, os conteúdos e as metodologias. Buscou-se

analisar a produção de sentidos nos discursos acerca da educação em informação, uma abordagem cuja ação se pauta em uma compreensão da responsabilidade do uso da informação de forma crítica, saudável, ética, multidimensional a partir de competências e saberes informacionais (seção 3.2), visando a emancipação e autonomia dos sujeitos. Percebeu-se que as características dessa abordagem aparecem de alguma forma, e isto é o que se busca compreender a partir do exame dos enunciados nos conteúdos dos planos de ensino a partir de análise documental. Examinou-se enunciados que remetessem às competências (em informação, infocomunicacionais e crítica em informação), e à infoeducação, conceitos abordados no referencial teórico desta pesquisa.

Assim, o empenho maior desta seção consiste em trazer à luz da análise de discurso os pressupostos norteadores da produção de sentidos nos discursos produzidos pelos planos, relacionando linguagem, história e sociedade. “Podemos considerar condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (Orlandi, 2020, p. 28-29). As condições de produção de sentidos relacionam sujeitos, memórias e situações. Buscou-se identificar os sujeitos que discursam em favor da educação em informação, qual o contexto dos discursos, que ideologias carregam, bem como de que modo se dá a inscrição do tema nas áreas da Biblioteconomia e da CI, ou seja, como, se materializa o discurso da educação em informação nestas duas áreas.

A análise das ementas traz um panorama do que a disciplina pretende abordar de modo mais abrangente. Em seguida, parte-se para a análise dos objetivos dos planos nas respectivas categorias. Esta seção ainda se desdobra para a análise dos conteúdos igualmente categorizados e das metodologias presentes nos planos. Por fim, discute-se acerca das disciplinas contemplarem conteúdos que forneçam subsídios para a formação de um bibliotecário educador e se há incentivo para tal por parte dos planos. Tudo isso levará aos resultados da análise que serão descritos em uma última subseção.

5.3.1 Ementas

A educação em informação tem abordado até este momento da dissertação a competência em informação relacionada com a formação da cidadania e com a ética; as competências infocomunicacionais valorizando a sua contribuição acerca da comunicação e operacionalidade de tecnologias; a competência crítica em informação como a chave para a tomada de consciência dos sujeitos e o despertar crítico para a transformação da própria

realidade; a infoeducação que contribui ativamente com a dimensão memorial, a produção de sentidos e significados, a difusão e apropriação cultural em prol do protagonismo dos sujeitos; e a mediação como fundamento para viabilizar estas abordagens na educação em informação. Todas elas se apresentam como formas de educar em informação.

Da análise das ementas busca-se compreender para onde os enunciados se direcionam, para que formações discursivas eles apontam, qual o principal tema abordado neste item relacionado à educação em informação, a partir disso foram criadas as categorias de análise. A técnica de coleta dos dados foi a análise de conteúdo, que serviu tanto para a coleta dos dados quando para a categorização por temas identificados com maior frequência nos planos de ensino. Os principais temas encontrados podem ser acompanhados no Quadro 6.

Quadro 6 - Estabelecimento de categorias de análise

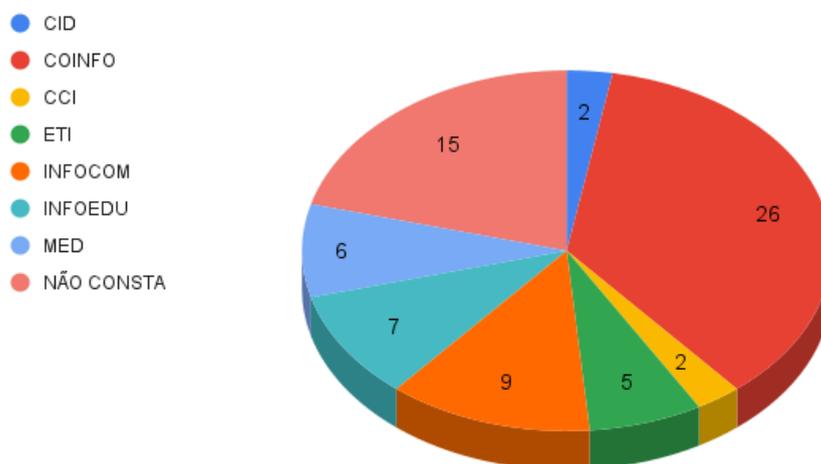
Categorias	Termos e enunciados
Cidadania (CID)	formação, desenvolvimento e construção da cidadania;
Competência em informação (COINFO)	foram considerados os elementos da competência em informação: busca, avaliação, síntese, uso, disseminação da informação, etc., Além disso, foram incluídas todas as variações do conceito, como literacia da informação, competência informacional, alfabetização informacional, letramento, etc.;
Competência Crítica em Informação (CCI)	considerou-se a formação de pensamento e competências críticas, como compreender e questionar o próprio contexto para poder agir nele;
Ética (ETI)	para esta categoria foram incluídos os aspectos éticos da profissão do bibliotecário, seu comportamento e atitudes, bem como a produção e o uso da informação de forma ética, proteção de dados e privacidade;
Competências InfoComunicacionais (INFOCOM)	foram consideradas principalmente os enunciados relacionados a comunicação e seus processos como entrevistas, e a operacionalidade de tecnologias, sendo o diferencial destas competências;
Infoeducação (INFOEDU)	nesta categoria observou-se a mediação cultural, dispositivos culturais, memória, construção de conhecimento coletivo e saberes informacionais, bem como os campos diretamente relacionados com a educação, como a psicologia e a didática;
Mediação (MED)	foram incluídos mediação da informação, mediação de leitura, serviços de informação, etc.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Elencou-se as três categorias que compreendiam o maior número de disciplinas para empregar a análise de discurso sob a interpretação da autora e quando necessário utilizou-se grifo na repetição de enunciados para auxiliar na compreensão das inferências. Embora tenha sido adotada uma classificação generalizada, obteve-se oito categorias de acordo com o principal tema abordado nas ementas dos planos de ensino. Todos esses procedimentos

empregados para a análise das ementas foram replicados nos demais itens dos planos de ensino e os dados foram tratados em planilhas do Excel.

Gráfico 3 - Distribuição das ementas nas categorias



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No panorama das ementas, as três categorias que se formaram a partir dos enunciados e com mais representatividade foram a COINFO com 26 disciplinas (36,1%), seguida pela categoria INFOCOM com nove disciplinas (12,5%), e a categoria INFOEDU com sete disciplinas (9,7%), como se pode ver no Gráfico 3. As demais categorias não foram analisadas por ter menor incidência no agrupamento dos dados.

O Gráfico 3 demonstra que as ementas elencam a COINFO em seus discursos e 15 planos de ensino não consta a descrição da ementa, o que levou a excluir estas disciplinas da análise das ementas. A categoria INFOCOM demonstra que há discurso no sentido da comunicação e da relação com as tecnologias. A quarta categoria com maior número de planos corresponde à INFOEDU, isso quer dizer que em menor porcentagem aparecem os aspectos culturais envolvidos nas ementas.

A categoria da MED aparece com seis disciplinas, o que indica que os aspectos da mediação são pouco mencionados nas ementas. Com cinco planos aparece a categoria ETI com os assuntos relacionados à ética, o que demonstra que esse tema merece atenção.

Por último, com duas disciplinas cada um, os temas da Cidadania (CID) e da Competência Crítica em Informação (CCI).

No Quadro 7 estão apresentadas as disciplinas nas categorias correspondentes.

Quadro 7 - Análise das ementas

Categorias	Disciplina - Universidade	Quant.
COINFO	Análise da informação - UNB Comportamento informacional - UEL Competência em Informação - UEL Estudo de usuários e comunidades - UDESC Serviço de informação e referência - UFRN Fontes de informação - UFRN Fundamentos educacionais em Biblioteconomia - UFES Competência informacional - UFMG Estudos de usuários da informação - UFAL Fontes e recursos de informação - UFAL Produção e uso da informação - UFPE Fontes gerais de informação - UFRGS Competência em Informação - UFRGS Recuperação da informação - UFC Competência informacional - UFSC Fontes de Informação gerais - UNIRIO NOTURNO Estudos de usuários e de comunidades - UNIRIO NOTURNO Fontes de informação - UNIRIO LICENCIATURA Estudos de usuários e comunidades - UNIR Estudo da comunidade e do usuário - UESPI Leitura e formação de leitores - UESPI Recuperação da informação - UFCA Estudos de usuários - UFR Usos e usuários da informação - UFSCAR Competência em informação - UFRJ Recursos Informacionais - UFRJ	26
INFOCOM	Serviços de informação - UNB Introdução a comunicação - UFAM Serviço de informação e referência - UEL Serviço de referência - UDESC Disseminação da informação - UFPA Estudo de comunidades, e usuários da informação - UFC Referência e serviço de informação - UFSC Teoria e prática do serviço de referência - UNIRIO NOTURNO Serviços e processos de referência - UESPI	9
INFOEDU	Estudo de usuários - UNB Biblioteca escolar e formação do leitor - UFRN Educação e Filosofia - UNIRIO LICENCIATURA Psicologia e educação - UNIRIO LICENCIATURA Didática - UNIRIO LICENCIATURA Biblioteca, informação e sociedade - USP Cultura e informação - UFRJ	7

Fonte: Elaborado pela autora com base na análise documental (2024).

A seguir deu-se início às análises organizando-as em quadros de enunciados numerados a fim de facilitar a identificação dos conjuntos enunciativos (CE) analisados. Quando necessário retomar algum enunciado no decorrer da análise, destacou-se em grifos.

As práticas ou processos informacionais, como uso, busca, análise, síntese, recuperação, avaliação de fontes e da informação, entre outros, caracterizados como

O Quadro 8 respalda as inferências da nuvem de palavras demonstrando em números as palavras mais frequentes no *corpus*.

Quadro 8 - Palavras mais frequentes no *corpus* da COINFO nas ementas

informação (37); competência (21); informacional (18); uso (13); usuário (10); recursos (9); estudo (9); avaliação (6); necessidade (5); fontes (5); prática (4); pesquisa (4); histórico (4); educação (4); gerais (3); desenvolvimento (3); conceitos (3); comportamento (3); busca (3); aplicação (3); abordagens (3); técnicas (2); recuperação (2); programas (2); profissionais (2); principais (2); panorama (2); origem (2); metodologias (2); leitura (2); evolução (2); dimensão (2); definições (2); considerando (2); comunidade (2); comunicação (2); características (2); capacidade (2); aspectos (2); análise (2); utilidade (1); treinamento (1);

Fonte: Extraído de Voyant Tools (2024).

A partir do Quadro 8 observa-se que a informação está mais relacionada aos estudos de usuários, de necessidade, de fontes e avaliação, se for considerada a frequência das 10 primeiras palavras.

Quadro 9 - Enunciados da categoria COINFO nas ementas

- EC COINFO 1. Métodos e técnicas de análise, síntese e representação da informação;
- EC COINFO 2. Conceituação, aspectos teóricos e práticos da competência em informação. O desenvolvimento da Competência em informação.
- EC COINFO 3. Fatores socioeconômicos que interferem no uso da informação.
- EC COINFO 4. Da educação do usuário à competência em informação.
- EC COINFO 5. Política e uso das informações; Avaliação e qualidade das fontes de informação.
- EC COINFO 6. O movimento da competência informacional
- EC COINFO 7. Competência em informação: origem, conceitos, evolução e tendências. Biblioteca e informação como objetos educacionais: abordagens empírico-profissionais.
- EC COINFO 8. processos de recuperação da informação;
- EC COINFO 9. Dimensões da competência informacional. Programas e modelos de desenvolvimento da competência informacional.
- EC COINFO 10. Estudo das principais fontes gerais de informação e capacidade de empregá-las no contexto profissional e de pesquisa considerando o histórico, características, funções, uso e aplicação.
- EC COINFO 11. Estudo de avaliação das principais fontes gerais e especializadas de informação e capacidade de compreendê-las corretamente em contextos profissionais e de pesquisa considerando histórico, características, funções, uso e aplicação.
- EC COINFO 12. Comportamento e atitudes de busca e uso de informação.
- EC COINFO 13. Metodologias e técnicas de elaboração de programas de treinamento de usuários no uso de bibliotecas, educação de usuários.
- EC COINFO 14. Identificar as diferentes formas de letramento;
- EC COINFO 15. A indústria da informação: geração, produção e comercialização de documentos, fontes e serviços de informação. Serviços de provisão e acesso.
- EC COINFO 16. Informação e educação. Educação informacional. O bibliotecário e a Competência em Informação. O usuário e a Competência em Informação. O Comportamento/ Prática Informacional e a Competência em Informação. Panorama da pesquisa em Competência em Informação. Dimensão prática da Competência em Informação.
- EC COINFO 17. Histórico dos Recursos Informacionais. Definições e abordagens dos Recursos Informacionais. [...] Recursos Informacionais de utilidade pública. Tipologia dos Recursos Informacionais. Avaliação dos Recursos Informacionais. Coleção de Referência. Panorama da pesquisa em Recursos Informacionais. Dimensão prática do uso dos Recursos Informacionais.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC COINFO 1: Métodos e técnicas específicas aos fazeres do bibliotecário.

EC COINFO 2: Este enunciado está alinhado com a conceituação e o desenvolvimento da competência em informação está pautado em teoria e prática e isso revela que os estudantes poderão se apropriar do conceito, conhecer a teoria e exercitar empiricamente. Mas não manifesta a elaboração de programas e ações de competência em informação, restando a dúvida quanto ao tipo de prática.

EC COINFO 3: A questão dos fatores socioeconômicos possibilita a interpretação de que o uso também está relacionado a condições financeiras. Sabe-se que nem todas as pessoas possuem condições favoráveis para acessar e utilizar a informação. A TIC domicílios de 2023³⁵ relaciona a renda familiar ao acesso às TICs, um dos principais fatores de impacto no acesso à informação; logo, se o sujeito não tem condições de acesso à informação, como irá utilizá-la? Aí entra a educação em informação como se vem trabalhando nesta pesquisa. Contudo, não se pode relegar que quem tem melhores condições financeiras possui melhores condições de acesso, contribuindo para a desigualdade socioeconômica. O que faz da oportunidade de acesso uma demanda social em caráter de emergência para estreitar a lacuna da desigualdade.

A condição de vida de pessoas que vivem às margens da sociedade e no campo, por exemplo, pode ser considerada um fator socioeconômico, pois de modo geral as populações marginalizadas são as mais desfavorecidas no que diz respeito à educação de qualidade, segurança e saneamento básico. Isso é resultado das transformações históricas e sociais, e como consequência muitos não conseguem ter acesso à escola ou à informação. Na tentativa de democratizar a educação é que se evidenciam os processos de exclusão (Bourdieu, 1992).

Segundo os dados da TIC domicílios 2023, de cada 100 famílias que vivem em regiões urbanas, 43 domicílios possuem computador enquanto 57 não; na zona rural a diferença é ainda mais evidente, apenas 22 domicílios têm computador, 78 não. Ao pontuar por região: Sudeste 47 domicílios têm, 53 não têm; Nordeste 27 têm, 73 não têm; Sul 50 têm, 50 não tem; Norte 33 têm, 67 não têm; Centro-Oeste 39 têm, 61 não (TIC domicílios, 2023). Em quase todas as regiões o número de domicílios que não têm computador é superior, com exceção da região sul que o resultado é igual.

Poderiam ser citados outros fatores que impactam no uso da informação, mas esse não é o objetivo da seção. Quanto à análise, pode-se dizer que há um reconhecimento de que a falta de recursos financeiros interfere no uso da informação. Assim, o enunciado encaminha esta análise na direção de que as instituições estão cientes dos problemas que acometem a sociedade em relação à informação.

³⁵ TIC domicílios 2023, para saber mais acesse: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2023/domicilios/A1/expandido>.

EC COINFO 4: O enunciado em sua formação discursiva indica que a competência em informação emerge como uma evolução da educação de usuários, como pontuam Mata e Casarin (2018), Dudziak (2003), Borges, Brandão e Barros (2022), onde a prática mais frequente ainda é o uso dos recursos informacionais, como se pode conferir na nuvem de palavras a seguir (Figura 15).

EC COINFO 6: o termo movimento confirma o aspecto político da competência em informação, uma vez que buscam por igualdade, justiça social, direito de trabalhadores, etc. Nesse sentido, pode-se inferir que o termo movimento pode estar associado a algo que está em processo, como o fato de o conceito estar em definição. O que parece ser uma condição de sua própria natureza, considerando o fato de ter surgido em um período de demasiadas transformações sociais e tecnológicas cujos efeitos ainda são incertos.

EC COINFO 7: O conjunto evidencia que o conceito recupera a sua origem da *Information Literacy*, a disciplina pretende abordar conceitos relacionados. O termo **evolução** pressupõe uma mudança no conceito, o termo **tendência** demonstra que a competência em informação possui inclinações, jeitos de se manifestar. Existem modelos, ou seja, mais de uma forma de promover a competência em informação, e isso se confirma pelo fato de haver diferentes iniciativas pelo mundo. O enunciado coloca a biblioteca e a informação como objetos educacionais, onde se evidencia o caráter instrumental desses elementos e se expõe abordagens de trabalho empírico.

EC COINFO 8: Demonstra a recuperação da informação como um aspecto da categoria.

EC COINFO 9, 13 e 14: nestes enunciados apresentam-se as dimensões da competência informacional pressupondo-se que sejam conforme Vitorino e Piantola (2020). Posteriormente é mencionado **Programas e modelos de desenvolvimento da Competência em informação**, a competência em informação pode ser desenvolvida mediante cursos de extensão, por exemplo, com diferentes modelos como *Framework*, *The Big 6*, etc. Isso é significativo porque o profissional pode conciliar estes conhecimentos em ações de educação em informação, basta a apropriação adequada das **Metodologias e técnicas de elaboração de programas de treinamento de usuários**. Isso auxilia na identificação de diferentes tipos de letramento também.

EC COINFO 10 e 11: A competência em informação aqui se manifesta através do conhecimento de fontes e a capacidade de emprego destas nas aplicações cotidianas.

EC COINFO 12: Destaca-se o **comportamento** e as **atitudes de busca e uso da informação** como aspectos básicos da educação em informação, mas não foram relacionadas formas saudáveis de uso.

EC COINFO 15: Se destaca a ideia proposta pela *Information Literacy* de Zurkowski, quando a ementa trata da **indústria da informação**, um termo característico dos anos 1990 início dos anos 2000, portanto desatualizado para as áreas da Biblioteconomia e da CI. O termo **indústria** remete a um discurso que remonta os preceitos da revolução industrial apoiado na **geração, produção e comercialização de documentos**. Observa-se que aqui a formação é de *information literates* para que estes saibam ainda utilizar **bancos de dados** privados que sustentam a indústria da informação.

EC COINFO 16: Neste enunciado se evidencia a relação entre **Informação e educação**; entre o **bibliotecário e a Competência em Informação**; entre o **usuário e a Competência em Informação**. O discurso coloca em evidência o **Comportamento/ Prática Informacional** relacionados ao conceito da competência em informação e enfatiza a compreensão de uma dimensão prática e do conhecimento do **Panorama da pesquisa em Competência em Informação**.

EC COINFO 17: O destaque aqui são os **Recursos Informacionais** sua utilidade pública, definições e abordagens, tipologias, avaliação e pesquisa. Isso encaminha um aspecto utilitário da informação e dos recursos.

Síntese da análise da categoria COINFO: o desafio identificado foi a falta de acesso e a questão socioeconômica, as instituições parecem estar cientes dessa demanda e atentas ao período contemporâneo. No Brasil, compreende-se que a educação de usuário evolui para a competência em informação o que difere de algumas ementas que demonstram a vertente da IL de forma mais acentuada. Identificou-se que o conceito não está devidamente definido a partir dos termos **movimento** e **evolução**, e possui tendências. Denota-se a biblioteca e informação com caráter instrumental, o que se coaduna com a educação em informação. A partir de programas e modelos, o bibliotecário pode se apropriar de diferentes metodologias para educar em informação. Observou-se a formação discursiva de viés orientado para o consumo sem mencionar o consumo consciente da informação em algumas ementas, a formação de sujeitos informacionais implica o uso saudável. O que se pode dizer das ementas é que a educação em informação se manifesta no discurso predominantemente associada à competência em informação com posicionamento ideológico em favor da democracia, de igualdade de acesso, de direitos para o cidadão e exercício da cidadania. Isso evidencia a importância do conceito para a formação de educadores com posicionamento político que

atenda as demandas sociais. As disciplinas enfocam na qualificação profissional de maneira mais individual, voltado para o comportamento e atitudes de busca e uso de informação. A Competência em informação é a abordagem predominante nas ementas porque a maioria dos enunciados evidencia os processos da competência em informação, o desenvolvimento e o histórico do conceito e ultrapassa o que tem sido abordado na literatura científica com pressupostos de uma formação educadora com aspectos da educação em informação. A Competência em Informação aparece descrita e sob a forma de elementos que a caracterizam, ou seja, ela está presente com ou sem a menção literal do conceito. Em um total de 72 planos, 26 (36,1%) ementas evidenciam isso. Os nomes das disciplinas não entraram na análise.

Para análise da categoria **INFOCOM**, os enunciados do Quadro 10 apontam para disciplinas de serviços de informação em sua maioria. Nesta prática biblioteconômica destaca-se a competência em comunicação do bibliotecário, pois ele precisa interagir diretamente com o usuário com a finalidade de auxiliar na necessidade informacional. Não somente na questão negociada, mas também na oferta de produtos e serviços da biblioteca, sejam eles convencionais ou eletrônicos. Aqui, se observa também o desenvolvimento das competências operacionais.

Quadro 10 - Enunciados da categoria INFOCOM nas ementas

<p>EC INFOCOM 1. Interação usuário/bibliotecário;</p> <p>EC INFOCOM 2. Análise prioritária da produção de sentido do processo de comunicação e seus impactos na oferta de produtos e serviços para as unidades de informação</p> <p>EC INFOCOM 3. O processo de referência e as estratégias para a entrevista de referência;</p> <p>EC INFOCOM 4. Serviços e Produtos (convencionais e eletrônicos) de informação. A Tecnologia da Informação. Informação e Comunicação.</p> <p>EC INFOCOM 5. A Informação e Comunicação como ponto de partida para interação entre usuários e serviços de informação no contexto da informação científica e tecnológica. Usuário, Sujeito, Cliente, Receptor, Comunidade e informação em busca da cidadania. Estudo da necessidade de informação de usuários como base para planejamento e organização de serviços em unidades de informação.</p> <p>EC INFOCOM 6. Competências do bibliotecário de referência</p> <p>EC INFOCOM 7. processo de referência e suas implicações manual e eletrônica; entrevista; questão; busca; Utilização da informação; Planejamento, organização e avaliação do serviço de referência em unidades de informação</p> <p>EC INFOCOM 8. Estudo Teórico e Prático do Serviço de Referência. Processo de Referência e suas Implicações (manual e eletrônico): [...] Divulgação e comunicação visual. [...]</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC INFOCOM 1: o enunciado evidencia a comunicação entre esses dois sujeitos.

EC INFOCOM 2: o exercício de analisar a **produção de sentido na comunicação e seus impactos na oferta de produtos e serviços** remete a uma visão orientada para o consumo, para atrair o público às unidades de informação como o marketing, por exemplo. Cabe lembrar que a necessidade informacional é uma necessidade básica, relacionada com o

conhecer, entender o mundo, a natureza e as pessoas, então se faz necessário orientar o consumo a partir da educação em informação.

EC INFOCOM 3, 4, 5 e 6: O processo de referência demanda competências infocomunicacionais para a realização do serviço, pois relaciona a informação, a comunicação e a tecnologia. Envolve estratégias para a entrevista, o que demanda comunicação, saber as perguntas certas a fim de melhor auxiliar os sujeitos nas unidades de informação e demais contextos de informação científica e tecnológica. A necessidade de informação é o princípio do movimento da busca por informação e isso diz respeito à competência em informação compreendida nas INFOCOM, porém, se analisa a predominância das competências em comunicação e operação, uma vez que, já foi analisada a categoria da COINFO. A relação entre estes termos **Usuário, Sujeito, Cliente, Receptor, Comunidade e informação** denotam que a finalidade do serviço de referência é a **busca da cidadania**. Contudo, o termo cliente carrega uma ideologia capitalista, pois se entende como cliente aquele que adquire determinado produto ou serviço por meio de compra.

EC INFOCOM 7: Este enunciado torna mais evidente a questão das InfoCom nesta categoria através das **implicações manual e eletrônica** quanto ao **Planejamento, organização e avaliação do serviço** também se observa conteúdos para formação de educador em informação. A avaliação pode remontar a ideia de Perrotti e Pieruccini (2007) quanto à revisão contínua para a participação do universo do conhecimento, da cultura e da informação.

EC INFOCOM 8: O estudo teórico e prático do serviço pode também fornecer subsídios para a formação de um bibliotecário educador a partir de teorias do atendimento informacional. Entender o processo de comunicação é fundamental para a construção da cidadania, pois o consumo é parte integrante do contexto dos sujeitos e tendo em vista um sistema capitalista, desenvolver o consumo consciente e crítico das informações, seja convencional ou digital, é uma questão a ser abordada. Isso enfatiza a importância transversal das competências infocomunicacionais como competências críticas e do século em vigência.

Parte considerável dos enunciados deixa explícita a relação entre a informação, a comunicação e a operacionalidade de tecnologias de informação e comunicação nos ambientes de informação. Isso demonstra que mesmo que as competências infocomunicacionais não tenham sido mencionadas, o discurso se faz presente indicando o conceito nas relações.

A interação entre bibliotecários e usuários em contexto de informação científica deixa evidente que os serviços são direcionados ao nicho de informações científicas e tecnológicas,

concordando com Silva (2006) sobre o paradigma pós-custodial. Mas se entende que a necessidade de informação dos sujeitos vai além, portanto, pressupõe-se que o profissional esteja habilitado para lidar com todo tipo de informação para dar conta das demandas em tempos de desinformação, por exemplo.

Síntese da categoria INFOCOM: optou-se por analisá-la do ponto de vista das competências comunicacionais e operacionais. A categoria apresenta um discurso voltado para o consumo, mas não menciona que tipo de consumo, nesse sentido pode se dizer que lembra a lógica capitalista. A categoria se relaciona com o serviço de referência, o que implica o marketing para atrair o público às bibliotecas, bem como comunicação e tecnologia, portanto é necessário competências em comunicação e competências operacionais. O contexto mais citado é o das unidades de informação no período contemporâneo. Percebe-se a mudança de paradigma do usuário passivo para um sujeito produtor de conteúdos. Nessa categoria, há um elemento fundamental do ponto de vista da educação em informação: o sujeito informacional. Sobre a comunicação, a interação entre os sujeitos é um fator que agrega à educação em informação como visto na mediação para a construção de sentidos, e também conforme Brisola (2022) para a construção de consciência crítica modificando o comportamento do usuário passivo para o sujeito das transformações sociais. Tal transformação colabora para o exercício da cidadania e para o consumo consciente de informação que não é mencionado.

Para análise da categoria **INFOEDU**, fica claro a partir de Perrotti e Pieruccini (2007), a dimensão cultural da informação aqui evidente no primeiro enunciado do Quadro 11.

Quadro 11 - Enunciados da categoria INFOEDU nas ementas

<p>EC INFOEDU 1. A informação como um processo cultural.</p> <p>EC INFOEDU 2. Fundamentos da biblioteconomia escolar e da infoeducação. Competências profissionais e desenvolvimento da competência em informação.</p> <p>EC INFOEDU 3. Educação e valores; educação e cultura; Teorias pedagógicas do período moderno;</p> <p>EC INFOEDU 4. Relações entre psicologia e educação; Fatores intra-pessoais e socio-ambientais do processo de educação; Conhecimento psicológico e prática educativa</p> <p>EC INFOEDU 5. A didática enquanto organizadora do trabalho pedagógico. O contexto histórico-crítico, a relação educação sociedade e suas interfaces com a Didática. A interdisciplinaridade. A didática enquanto disciplina de mediação e emancipação da prática educativa.</p> <p>EC INFOEDU 6. Estudo das interfaces entre sociedade, informação e cultura democrática. Fundamentos do direito do cidadão à informação, à educação, à cultura e ao exercício do poder. A biblioteca além do acervo de livros: porta de entrada universal para a imaginação sem fronteiras e para o conhecimento dos direitos. Noções de Estado e de Sociedade Civil.</p> <p>EC INFOEDU 7. Cultura e formações identitárias; Cultura e educação: Capital cultural e capital social; produção cultural; ação cultural; Cultura, informação e bibliotecas; Desenvolvimento de projetos culturais</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC INFOEDU 1, 2 e 3: a infoeducação aparece associada à competência em informação e à mediação cultural em mais de uma das ementas. Contudo, os enunciados apontam na direção de competências profissionais, uma abordagem que também se diferencia da competência em informação, pois diz respeito à identidade profissional no processo subjetivado de formação dos sujeitos. A categoria associa valores, cultura, Educação e Biblioteconomia escolar, teorias pedagógicas, assim, se pode compreender que a questão da identidade profissional está intimamente relacionada a esta categoria. A infoeducação por ser uma abordagem que surge da convergência de duas outras grandes áreas, como um ponto onde nenhuma das duas predomina sobre a outra, evoca a interdisciplinaridade, uma de suas principais características relacionando a Informação e a Educação.

EC INFOEDU 4: Infoeducação atrelada a questão do simbólico, relaciona **Fatores intra-pessoais e socio-ambientais do processo de educação** voltado para o protagonismo cultural

[...] compreendendo-o como ação afirmativa nos processos simbólicos, exercida por sujeitos de diferentes meios e condições, consideradas as dimensões plurais e conflitantes da vida social e pública, no mundo contemporâneo. Desse modo, apropriar-se de informação e cultura é ato próprio de protagonistas, categoria que no âmbito da educação e da cultura distingue-se das de usuários e de consumidores culturais. Em suas relações com o conhecimento e a cultura, os protagonistas criam e se recriam, num movimento são, ao mesmo tempo, sujeito e objeto dos processos em que se acham inseridos (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 77).

EC INFOEDU 5: A **Didática** aparece como uma forma de emancipação, propiciando o protagonismo, além de organizar o trabalho pedagógico, está relacionada com a infoeducação. A didática é fundamental para fornecer aporte teórico-pedagógico que oportunize sustentação à formação de bibliotecários educadores. A partir disto, também se evidencia a importância da mediação cultural para a emancipação dos sujeitos e quanto a prática educativa, ela remete a um precedente para a formação de educadores associado à identidade profissional na Biblioteconomia.

Foi identificado uma baixa oferta de disciplinas sobre didática nestes cursos e nos estudos de Mata (2014, p. 121).

Existem duas disciplinas de didática nos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros, sendo que não se teve acesso à ementa de uma delas. Os elementos abordados relacionados à didática referem-se: ao trabalho pedagógico; ao contexto histórico-crítico; à interdisciplinaridade; à mediação. Outras disciplinas que não recebem nomenclatura de didática incluem este assunto em suas ementas.

EC INFOEDU 6: a informação, a cultura e a educação são colocados como direitos do cidadão e a biblioteca é vista como **porta de entrada universal para a imaginação sem fronteiras e para o conhecimento dos direitos** reforçando a ideia da biblioteca como um dispositivo de ensino-aprendizagem (Perrotti, 2016). Evidencia-se principalmente o desenvolvimento do bibliotecário como um educador, relacionando a cultura e **Estudo das interfaces entre sociedade, informação e cultura democrática**. O enunciado deixa claro que essa relação está intrinsecamente ligada ao papel do bibliotecário, contudo a infoeducação é pouco mencionada. A menção à cultura democrática deixa evidente o posicionamento político dessa categoria. **Noções de Estado e de Sociedade Civil** aqui, percebe-se que existe uma abordagem crítica direcionando o olhar para o poder que emana do Estado, o que confirma o aspecto simbólico trazido pelo conceito da Infoeducação. Isso reafirma que a falta de noção sobre as questões do Estado e da sociedade civil são norteadores da sociedade e a instituição é uma instância que assegura o poder desses mecanismos.

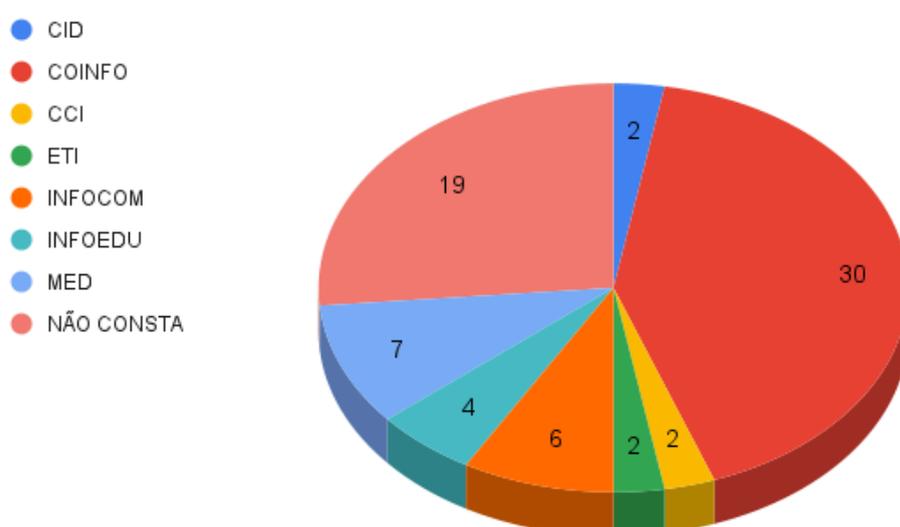
EC INFOEDU 7: se observa a diferença entre o conceito da Competência e da Infoeducação, pois a formação de identidade é um processo mais amplo e relativo à cultura. A Infoeducação trabalha diretamente com as questões culturais como a ação, produção e gestão cultural e formação da identidade social.

Síntese da categoria INFOEDU enfoca no aspecto cultural da informação, bem como na formação da identidade social e profissional nesta categoria. A infoeducação aparece atrelada à CoInfo e à mediação cultural. Existe relação com a educação em informação no desenvolvimento de competências profissionais (valores, cultura, Educação e Biblioteconomia escolar, teorias didático-pedagógicas). A informação e a cultura são mencionadas como direito do cidadão, e a biblioteca é o principal contexto mencionado. Esta categoria enfatiza a formação de educadores e tem posicionamento político e ideológico evidente por tratar dos aspectos simbólicos e da formação da cidadania. Esse posicionamento é fundamental para que bibliotecários educadores possam ser formados como protagonistas das transformações sociais, bem como para educar a sociedade com pressupostos de uma educação libertadora (Freire, 1997). Também se destaca a didática, do ponto de vista da educação em informação, como sendo necessária para proporcionar aporte teórico e metodológico, no entanto, existe apenas uma disciplina que menciona o termo nessa categoria, o mesmo acontece com a infoeducação.

5.3.2 Objetivos

Os objetivos são parte importante dos planos de ensino por descrevem o direcionamento dos conteúdos a serem ministrados durante o período letivo, ou seja, qual a finalidade dos conteúdos e que conhecimentos os estudantes devem adquirir para a formação de bibliotecários. Observa-se a partir do Gráfico 4 a distribuição das disciplinas por categoria, demonstrando maior concentração na COINFO.

Gráfico 4 - Distribuição dos objetivos nas categorias



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O Gráfico 4 demonstra que os objetivos estão concentrados na COINFO com 30 disciplinas (41,7%) e nesse sentido, pode se dizer que as disciplinas analisadas desenvolvem os sujeitos em formação à competência em informação como objetivo final de aprendizagem. Em seguida aparecem as categorias MED com sete disciplinas (9,7%), e a INFOCOM com seis disciplinas (8,3%).

No Quadro 12 apresenta-se a distribuição das disciplinas e respectivas universidades dentro das categorias ilustradas pelo Gráfico 4. Os objetivos, assim como as ementas, também apresentaram maior concentração na categoria da competência em informação sob a perspectiva da educação em informação. Em segundo lugar ficam novamente as competências infocomunicacionais e em terceiro lugar, a principal abordagem identificada foi a mediação.

Quadro 12 - Análise dos objetivos

Categoria	Disciplina - Universidade	Quant.
COINFO	Serviços de informação - UNB Análise da informação - UNB Comportamento informacional - UEL Serviço de informação e referência - UEL Competência em Informação - UEL Estudo de uso e usuários de informação - FURG Estudo de usuários e comunidades - UDESC Educação de usuários - UNESP Serviço de informação e referência - UFRN Fontes de informação - UFRN Biblioteca escolar e formação do leitor - UFRN (MEDIACÇÃO) Estudo de usuários - UFES Serviço de recuperação da informação - UFES Competência informacional - UFMG Estudos de usuários da informação - UFAL Fontes e recursos de informação - UFAL Estudo de comunidades, públicos e usuários - UFRGS Fontes gerais de informação - UFRGS Competência em Informação - UFRGS Recuperação da informação - UFC Estudo de comunidades, e usuários da informação - UFC Competência informacional - UFSC Estudos de usuários e comunidades - UNIR Estudo da comunidade e do usuário - UESPI Serviços de informação - UFCA Recuperação da informação - UFCA Estudos de usuários - UFR Usos e usuários da informação - UFSCAR Competência em informação - UFRJ Recursos Informacionais - UFRJ	30
INFOCOM	Serviço de referência - UDESC Disseminação da informação - UFPA Serviço de referência e informação - UFRGS Serviços e processos de referência - UESPI Serviço de referência e fontes de informação - UFSCAR Serviços ao usuário - USP	6
MED	Prática em mediação da informação - UFPA leitura e formação do leitor - UFMG Mediação da informação e do conhecimento - UFAL Serviços, produtos e mediação de informação - UFG Leitura e sociedade - UFG Referência e serviço de informação - UFSC Mediação de leitura - UFRJ	7

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No Quadro 13 encontram-se os enunciados extraídos dos objetivos dos planos, e posteriormente a execução da análise e interpretação do discurso.

Na categoria da **COINFO** a competência em informação é o aspecto mais evidente tanto na menção do conceito quanto na menção dos processos informacionais a ele relacionados.

Quadro 13 - Enunciados da categoria COINFO nos objetivos

- EC COINFO 1. Proporcionar aos alunos o conhecimento do SRI, preparando-os para desenvolver atividades, produtos e serviços junto aos bibliotecários e usuários.
- EC COINFO 2. Proporcionar aos estudantes o conhecimento sobre os elementos básicos da competência em informação, sua relação com a necessidade, busca e uso da informação voltados a diferentes contextos de atuação do bibliotecário.
- EC COINFO 3. elaborar projetos de estudos de usuários bem como de demandas sobre o uso da informação
- EC COINFO 4. identificar as demandas informacionais no contexto de unidades de informação
- EC COINFO 5. Reconhecer a importância do papel do bibliotecário no ensino de habilidades para educação de usuários
- EC COINFO 6. Compreender a importância dos programas de competência em informação e seu desenvolvimento em diferentes tipos de bibliotecas.
- EC COINFO 7. Discutir sobre o desenvolvimento das competências em informação e da formação de leitores, bem como o papel do bibliotecário como mediador;
- EC COINFO 8. Compreender a competência em informação como um processo de ensino-aprendizagem acerca do universo informacional
- EC COINFO 9. Identificar problemas relacionados com a implantação e a viabilização do serviço de referência em espaços tempos de informação, educação e cultura, o que acaba requerendo competências em informação e leitura tanto de quem atende quanto de quem é atendido durante o processo; Entender a função educativa da prática do bibliotecário na contemporaneidade, [...] bem como a necessidade de esse gestor aprender a aprender ao longo da vida profissional.
- EC COINFO 10. Ao final da disciplina o aluno deverá entender o conceito de competência informacional como base para a ação educativa do Bibliotecário. Ao longo da disciplina o aluno irá exercitar habilidades informacionais e refletir sobre elas.
- EC COINFO 11. Explorar diversos tipos de fontes de informações para potencializar a noção do aluno em atividades de mediação [...]; b) Aplicar estratégias didáticas que permitam ao aluno contextualizar ambientes distintos que forneçam tipologias de informação em caráter geral ou específico;
- EC COINFO 12. Compreender os objetivos dos estudos de comunidade e de usuários, identificando os problemas existentes, realizando avaliação dos benefícios e resultados desses estudos para as bibliotecas, unidades de informação, e em qualquer ambiente informacional, físico ou digital, por meio de pesquisa realizada, com a finalidade de possibilitar resultados de qualidade de maneira permanente nesses ambientes.
- EC COINFO 13. Compreender a competência em informação nas dimensões técnica, estética, ética e política, para o planejamento de programas de desenvolvimento da competência informacional na sociedade contemporânea. Discutir a relação entre formação inicial e continuada e o desenvolvimento da competência informacional; Elaborar proposta para o desenvolvimento da competência informacional em instituições públicas e privadas dirigida aos profissionais e à sociedade em geral.
- EC COINFO 14. Compreender as técnicas de elaboração de programas de treinamento para usuários de bibliotecas e centros de informação;
- EC COINFO 15. Situar a atuação bibliotecária dentro do contexto social vigente; Utilizar recursos pedagógicos visando a utilização dos serviços informacionais;
- EC COINFO 16. a) conhecer os principais marcos teóricos e conceituais; b) conhecer os principais métodos e técnicas; c) promover a competência em informação.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC COINFO 1: Os estudantes poderão tomar conhecimento do serviço de referência em informação **preparando-os para desenvolver atividades, produtos e serviços junto aos bibliotecários e usuários**. Sinaliza-se que a preparação para o desenvolvimento de atividades, produtos e serviços pode propiciar a formação de um sujeito informacional e protagonista. Este enunciado também remete à prática do estágio, principalmente quanto a trabalhar com bibliotecários em exercício e usuários. Esse entendimento vem das menções **alunos e junto**

aos **bibliotecários** que leva a interpretação para outra questão que ainda não foi levantada, os estágios docência em caso de considerar a formação de educadores.

EC COINFO 2, 3 e 4: sinalizam os elementos básicos da competência em informação como o **com a necessidade, busca e uso da informação**, estudos da necessidade fornecem diagnóstico sobre a situação em que se pretende atuar, diretamente não está contemplado na educação em informação, mas indiretamente auxilia na formulação de estratégias para satisfazer as demandas informacionais cotidianas. O conteúdo é oferecido por pelo menos 10 disciplinas nesta categoria a fim de contribuir com a elaboração de produtos e serviços.

EC COINFO 5: O enunciado centraliza o bibliotecário como educador de usuários, visando a tomada de consciência dos estudantes.

EC COINFO 6: Os objetivos também abordam os programas de competência em informação como importantes em bibliotecas de diferentes tipos.

EC COINFO 7: A competência em informação também aparece relacionada à leitura e à mediação nos objetivos **Discutir sobre o desenvolvimento das competências em informação e da formação de leitores, bem como o papel do bibliotecário como mediador** além de ser entendida como **um processo de ensino-aprendizagem acerca do universo informacional**, isso reforça a possibilidade de um bibliotecário educador.

EC COINFO 8: Este enunciado evidencia a competência em informação sob a compreensão do conceito como **processo de ensino-aprendizagem acerca do universo informacional**. Isso demonstra pressupostos da educação em informação que também entende-se no processo de ensino-aprendizagem.

EC COINFO 9: Para a implantação do serviço de referência é necessário competência em informação do bibliotecário e do usuário. Embora não mencione, a mediação também está implícita, uma vez que o serviço de referência ocorre em um processo de interferência.

A mediação está presente, de maneira não explicitada, na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho de processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e, também, no serviço de referência e informação (Almeida Júnior; Bortolin, 2008, p. 6-7).

A partir do EC COINFO 9, fica ainda mais evidente o papel educador do bibliotecário e agora com a perspectiva do aprender a aprender ao longo da vida apresentada por Avena e Pieruccini (2013). Destaca-se também a visão da formação inicial e continuada do bibliotecário, conciliando o desenvolvimento da competência informacional.

EC COINFO 10: A competência em informação é colocada **como base para a ação educativa do Bibliotecário** e compreende o exercício de **habilidades informacionais** e de **reflexão sobre estas práticas**, o que compreende a perspectiva freireana sobre a Ação-reflexão. Isso evidencia que a competência em informação é um conceito que modificou substancialmente desde a sua concepção inicial na *Information Literacy* de Zurkowski (1974).

EC COINFO 11: Este enunciado confirma a proposta da mediação como algo a ser potencializado nas noções dos estudantes através das fontes de informação. **Aplicar estratégias didáticas que permitam ao aluno contextualizar ambientes distintos que forneçam tipologias de informação em caráter geral ou específico**, aqui é mencionada a didática como algo a ser aplicado aos estudantes, mas, ao mesmo tempo, configura conteúdo para o desenvolvimento de uma formação educadora.

EC COINFO 12: Os enunciados demonstram que os estudos de usuários podem contribuir para avaliação dos serviços e produtos visando a qualidade de resultados nas unidades de informação e bibliotecas, o que também pode auxiliar na identificação de benefícios e resultados de educação em informação.

EC COINFO 13: Este enunciado demonstra a formação em torno das dimensões da competência em informação e leva a compreender que ela será desenvolvida na sociedade contemporânea para além do desenvolvimento profissional. O que denota relação com os marcos políticos. Além disso, as dimensões da competência permitem aproximação com a mediação. “A mediação da informação, assim como a competência em informação, são ações de interferência realizadas por mediadores no processo de ensino-aprendizagem de competências e habilidades informacionais em uma biblioteca” (Belluzzo; Santos; Almeida Júnior, 2014, p. 67). **Elaborar proposta para o desenvolvimento da competência informacional em instituições públicas e privadas dirigida aos profissionais e à sociedade em geral** este enunciado deixa claro que o desenvolvimento da competência em informação está direcionado aos profissionais da sociedade em geral em instituições privadas e públicas, logo não é só para bibliotecários, mas deverá partir deste profissional.

EC COINFO 14: Já neste enunciado **Compreender as técnicas de elaboração de programas de treinamento para usuários de bibliotecas e centros de informação** a perspectiva gira em torno da educação de usuários.

EC COINFO 15: **Situar a atuação bibliotecária dentro do contexto social vigente** reafirma a atualização do profissional consoante a contemporaneidade e concorda com o que vem sendo abordado nos marcos políticos de competência em informação a respeito da emergência e sua importância no contexto atual. Quanto à utilização de **recursos pedagógicos**

visando a utilização dos serviços informacionais remete ao pensamento de que a apropriação dos recursos pedagógicos pelos estudantes pode proporcionar a formação educacional deles, para além do uso de serviços informacionais. Entende-se que essa apropriação é uma oportunidade de iniciação à docência, principalmente se isso for contemplado implícita e explicitamente na ação dos docentes ao ministrar as disciplinas.

EC COINFO 16: Marcos teóricos e conceituais de competência em informação, que também são políticos, uma vez que envolvem os aspectos da cidadania, da responsabilidade social de profissionais, ética profissional, bem como de direitos e deveres, todos relacionados com a informação. Por último e contemplado pelo item (B) do enunciado, os estudantes desenvolvem técnicas e habilidades para a promoção da competência em informação. Tais recursos e métodos podem servir para instrumentalizar a atuação de bibliotecários que sejam formados para serem educadores.

Síntese da categoria COINFO: a competência em informação aparece associada com a necessidade de informação e o desenvolvimento de estudo de usuários; os principais contextos mencionados são as unidades de informação, as bibliotecas e a sociedade contemporânea. A formação nesta categoria aponta inicialmente para um educador de usuários, para utilizar os serviços e recursos informacionais com ênfase em programas de competência em informação (tanto para profissionais quanto para a sociedade em geral). Esta categoria se alinha aos problemas informacionais vigentes, mas não menciona a desinformação. O aspecto de um bibliotecário educador em informação começa a aparecer na categoria quando a competência em informação se alinha à mediação em processo de ensino-aprendizagem sobre o universo informacional. Percebe-se a transformação do conceito de competência em informação se distanciar da *IL* em direção à concepção freireana a partir da menção do exercício de reflexão sobre as práticas educativas desse profissional. Posteriormente, é mencionada a questão do aprender a aprender ao longo da vida, e ela aparece apenas uma vez na categoria. Destaca-se a apresentação de estratégias didáticas aos estudantes que podem ser reaproveitadas em virtude de uma formação de educadores. O mesmo se aplica para os conteúdos. Entre os conteúdos teórico-pedagógicos poderiam ser ofertados estágios de docência, com enfoque educador como alternativa, sem acréscimo de carga horária na formação dos estudantes que queiram seguir como educador, afinal a Biblioteconomia sempre foi capaz de dialogar com diversas áreas do conhecimento. A filiação política desta categoria encontra respaldo em marcos políticos de competência em informação.

Quadro 14 - Enunciados da categoria INFOCOM nos objetivos

<p>EC INFOCOM 1. Oferecer uma compreensão abrangente das práticas e técnicas envolvidas na prestação de serviços de referência eficazes em diversos tipos de bibliotecas. A informação está em todo lugar, o bibliotecário não pode mais viver apenas dentro da biblioteca. [...]; Explorar tecnologias e tendências para o serviço de referência virtual.</p> <p>EC INFOCOM 2. [...] no campo de atuação da Biblioteconomia e áreas afins.</p> <p>EC INFOCOM 3. entrevista do serviço de referência;</p> <p>EC INFOCOM 4. Caracterizar o papel do profissional de referência indicando suas principais atribuições, e habilidades básicas; Desenvolver competências manuais e eletrônicas no processo de referência; Utilizar sistemas de alerta e DSI como meios de propagação dos serviços de referências;</p> <p>EC INFOCOM 5. Promover a aptidão para otimizar os produtos e serviços de informação a partir de estratégias de marketing, publicidade e comunicação e ainda para otimizar ações de promoção de uso de informação na sociedade em geral, seja ela de cunho cultural, científica ou tecnológica. Compreender como desenvolver estratégias de busca pela informação;</p> <p>EC INFOCOM 6. [...] para os alunos refletirem sobre os desafios atuais e perspectivas para gestão e atuação dos Serviços de Referência.; Refletir sobre o perfil atual do Usuário em Dispositivos de Informação.</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC INFOCOM 1: Este enunciado permite identificar as competências infocomunicacionais subentendidas nas práticas e técnicas tendo em vista a utilização de diversas tecnologias o que remete às competências operacionais. **A informação está em todo lugar** tal enunciado leva a entender que a informação é onipresente, também possibilita o entendimento de variados suportes para a informação. Entende-se que talvez esteja propondo uma virada paradigmática quanto à biblioteca ser o único lugar de atuação do bibliotecário, ou quanto ao objeto do bibliotecário ser a informação, o livro ou biblioteca, ou os três - considerando também que ele é um gestor.

EC INFOCOM 2: Este enunciado limita um contexto para a atuação do bibliotecário [...] **no campo de atuação da Biblioteconomia e áreas afins.**

EC INFOCOM 3 e 4: Por outra ótica, destaca-se a competência em comunicação envolvida na prática através da palavra entrevista que deixa explícita a questão da comunicação, pois o entrevistador (bibliotecário) deve se munir de conhecimentos, habilidades e atitudes para conduzir uma entrevista factível com resultados prolíficos que possam auxiliá-lo na satisfação da demanda informacional do entrevistado (usuário). Nesse sentido, ocorre a questão negociada, conforme Borges (2018), quando a informação de que se necessita está com o outro, é necessário comunicar para obtê-la. Uma biblioteca sem sinalização, sem pronunciamento, sem comunicação com a comunidade não pode funcionar adequadamente. É necessário abordar o público, cativá-lo. Neste conjunto fica claro que existem aspectos básicos sobre o serviço de referência e que os bibliotecários devem conhecer. A confirmação da competência operacional como competências manuais e eletrônicas, remete ao fato do uso dos recursos da biblioteca - que podem ir de um lápis a um

computador, de um livro físico a um livro eletrônico - no momento da prestação do serviço.

EC INFOCOM 5: Aqui aparece a promoção de uso de informação, sem mencionar que tipo de uso. Na educação em informação o incentivo é o uso saudável e crítico.

EC INFOCOM 6: Nessa categoria **para os alunos refletirem sobre os desafios atuais e perspectivas para gestão e atuação dos Serviços de Referência** se percebe a questão do acompanhamento do contexto atual, bem como **Refletir sobre o perfil atual do Usuário em Dispositivos de Informação**. Este enunciado possibilita a compreensão de que existe um novo perfil de usuário em dispositivos de informação, entende-se aqui como dispositivos as bibliotecas e demais unidades de informação para o ensino-aprendizagem.

Síntese da categoria INFOCOM: o termo competências infocomunicacionais não é mencionado nenhuma vez na categoria. No entanto, o discurso está alinhado às InfoCom com o manuseio de tecnologias e suportes de informação. Existe intenção de deslocamento da atuação do bibliotecário do contexto da biblioteca, ou seja, este não é o único lugar de atuação, porém é o contexto mais mencionado nesta categoria. Até o momento não foi estabelecido por nenhum plano o objeto de trabalho do bibliotecário se seria a informação, o livro, a biblioteca ou os três? Além das competências operacionais, se destacam as competências em comunicação, bastante presente na categoria INFOCOM seja na entrevista de referência, nos sistemas de propagação das informações ou ainda no marketing e sinalização das bibliotecas. No que tange ao entendimento da importância das competências infocomunicacionais nesta categoria pode se dizer que ela é um conceito base para as ações dos bibliotecários em exercício. Também se destaca dessa categoria a promoção do uso da informação e novamente não há menção acerca do tipo de uso. Verifica-se que a categoria acompanha desafios atuais, entretanto o direcionamento ideológico não ficou evidente.

Quadro 15 - Análise da categoria MED nos objetivos

EC MED 1.	Propiciar vivências de mediação da informação;
EC MED 2.	debater o papel das unidades de informação e do bibliotecário como educador e mediador no processo de formação leitora; identificar as diferenças entre letramento e formação leitora
EC MED 3.	Tratar da dimensão pedagógica do bibliotecário com educação de usuário.
EC MED 4.	mediação da informação; planejar produtos e serviços de informação;
EC MED 5.	Compreender o processo de formação do leitor de maneira crítica; Entender o processo de leitura como promotora do desenvolvimento social, econômico e político;
EC MED 6.	compreender o processo de mediação e de serviços de informação em bibliotecas;
EC MED 7.	* Capacitar alunos para atuarem como agentes de promoção e incentivo à literatura para população em geral.; * Formar mediadores de leitura que possam atuar em várias áreas * Formar mediadores de leitura para crianças, jovens, idosos e portadores de necessidades especiais * Instrumentalizar os alunos para elaboração de projetos de leitura em áreas diversas (escolas, creches, Ongs, espaços comunitários e instituições culturais) * Despertar o interesse e o gosto pela leitura.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC MED 1: o enunciado estabelece a mediação da informação como vivência, uma experiência prática de uma ação de interferência que alinha o contexto dos sujeitos nos processos, tornando a ação mais significativa e crítica.

EC MED 2: Destaca-se deste enunciado a primeira menção literal de um bibliotecário educador, até então só se falava em função, atuação e, ação educativa. Ressalta-se que esse papel educador está diretamente atrelado ao perfil mediador, o que concorda com a educação em informação como uma ação mediadora. **identificar as diferenças entre letramento e formação leitora** infere-se que a competência em informação está imbuindo a palavra letramento devido frequente aparição desta entre os seus termos correlatos. A formação leitora traz a leitura através da perspectiva da apropriação da informação.

EC MED 3 e 4: Outra evidência da formação de um profissional educador sem mencionar a didática é o enunciado **Tratar da dimensão pedagógica do bibliotecário com a educação de usuário** isso demonstra pressupostos da educação em informação a partir da educação de usuário, o que leva à compreensão de que existem recursos pedagógicos para uma formação educadora. A mediação da informação pode auxiliar o planejamento de produtos e serviços informacionais voltados para a educação em informação.

EC MED 5: O discurso traz a formação do leitor como promotora do desenvolvimento social, econômico e político, o que se alinha com a leitura crítica e a importância do ato de ler (Freire, 1997).

EC MED 6: Ao **compreender o processo de mediação e de serviços de informação em bibliotecas**, os estudantes adquirem subsídios para uma atuação educadora.

EC MED 7: Mais uma vez observa-se o incentivo da formação de educadores que recebem preparo para lidar com diferentes públicos (de crianças a idosos, pessoas com deficiência (PCDs) e necessidades especiais); e para atuar em diferentes espaços, ambientes e unidades de informação a começar pela biblioteca. O discurso concorda com a ideia de que a biblioteca não é o único lugar para o exercício desse profissional.

Síntese da categoria MED observa-se o conhecimento empírico da mediação proporcionado aos estudantes. A categoria destaca o papel educador e mediador do bibliotecário em unidades de informação, principal contexto nesta categoria é a biblioteca, contudo há enunciados que sugerem que este não é o único lugar. Os enunciados colocam a ênfase da mediação na leitura com vistas à apropriação da informação, mas principalmente na experiência prática, permitindo ao estudante vivenciar o processo de mediação. Destaca-se a diferença entre letramento e formação do leitor, não há consenso. Letramento refere-se à competência em informação e aparentemente a formação do leitor se direciona para a

apropriação. A categoria não menciona aportes didáticos, mas proporciona o tratamento da dimensão pedagógica do bibliotecário, tornando evidente uma formação educadora. O discurso recebe uma carga ideológica acerca do desenvolvimento social e a inclusão social. O bibliotecário também é preparado para lidar com diferentes públicos e em diferentes espaços.

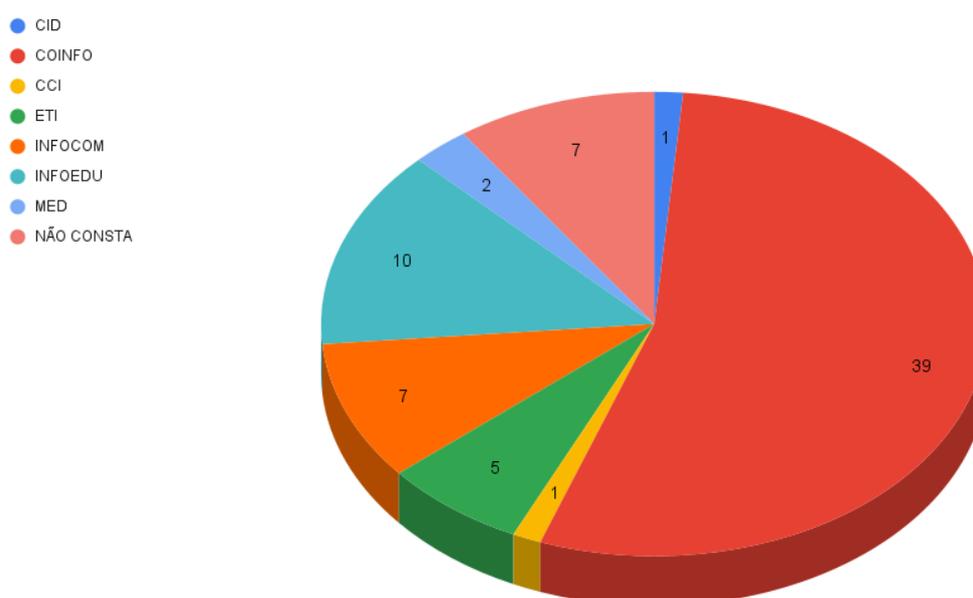
5.3.3 Conteúdos programáticos

A análise dos conteúdos programáticos buscou compreender o que está sendo priorizado na formação dos bibliotecários: quais conteúdos, temas, abordagens teóricas, metodologias e recursos didáticos.

O Gráfico 5, demonstra a distribuição dos conteúdos programáticos com maior concentração na COINFO. Isso significa que os conteúdos são voltados para a competência em informação, refletindo, portanto, a orientação da formação de bibliotecários para essa abordagem em detrimento de outras que são igualmente importantes para formar professores como a Infoeducação e a Mediação.

O que se depreende do Gráfico 5 é que os estudantes estão em contato com conteúdos de competência em informação, portanto serão expostos a bases teóricas e metodológicas alinhadas este viés de formação o que diminui o contato com as demais abordagens tornando a formação dos bibliotecários limitadas ao conceito.

Gráfico 5 - Distribuição dos conteúdos nas categorias



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Pode se observar também que existem 19 planos de ensino sem o registro do conteúdo programático, o que reforça o direcionamento da aprendizagem à COINFO com 39 disciplinas (54,2%) desfavorecendo a variabilidade de abordagens compreendidas na educação em informação, por exemplo. As outras categorias com maior representatividade foram a categoria INFOEDU com 10 disciplinas (13,9%), e a categoria INFOCOM com sete disciplinas (9,7%). No Quadro 16, listam-se as disciplinas nas respectivas categorias a partir da análise dos conteúdos programáticos.

Quadro 16 - Análise dos conteúdos programáticos

Categoria	Disciplina - Universidade	Quant.
COINFO	Serviços de informação - UNB Análise da informação - UNB Serviço de referência e informação - UFAM Comportamento informacional - UEL Competência em Informação - UEL Estudo de uso e usuários de informação - FURG Estudo de usuários e comunidades - UDESC Serviço de referência - UDESC Leitura e Competência informacional - UFPA Serviço de informação e referência - UFRN Fontes de informação - UFRN Biblioteca escolar e formação do leitor - UFRN Fundamentos educacionais em Biblioteconomia - UFES Ação cultural - UFES Estudo de usuários - UFES Serviço de recuperação da informação - UFES Competência informacional - UFMG Estudos de usuários da informação - UFAL Fontes e recursos de informação - UFAL Produção e uso da informação - UFPE Práticas de Biblioteconomia e Ciência da Informação - UFPE Estudo de comunidades, públicos e usuários - UFRGS Fontes gerais de informação - UFRGS Competência em Informação - UFRGS Recuperação da informação - UFC Leitura e sociedade - UFG Competência informacional - UFSC Estudos de usuários e de comunidades - UNIRIO NOTURNO Teoria e prática do serviço de referência - UNIRIO NOTURNO Fontes de informação - UNIRIO LICENCIATURA Estudos de usuários e comunidades - UNIR Estudo da comunidade e do usuário - UESPI Serviços de informação - UFCA Recuperação da informação - UFCA Estudos de usuários - UFR Serviço de referência e fontes de informação - UFSCAR Usos e usuários da informação - UFSCAR Competência em informação - UFRJ Recursos Informacionais - UFRJ	39

enunciados, pois sua frequência já justifica a categoria. A seguir apresenta-se o Quadro 17 com os termos mais frequentes na categoria confirmando a nuvem de palavras.

Quadro 17 - Palavras mais frequentes no corpus da COINFO nos conteúdos

informação (111); competência (45); uso (20); fontes (14); educação (14); busca (14); usuário (21); informacional (18); recuperação (10); desenvolvimento (8); biblioteca (12); necessidade (11); leitura (7); comportamento (7); avaliação (7); modelos (6); habilidades (5); estratégias (5); discussão (5); utilização (4); referência (4); projetos (4); programas (4); processo (4); pesquisa (4); letramento (4); espaços (4); demanda (4); culturais (4); contexto (8); conceituais (4); conceitos (4); compreender (4); atividades (4);

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O Quadro 17 auxilia na visão dos 33 termos mais frequentes que influenciaram a formação da categoria COINFO. Os termos no plural e no singular foram unidos.

No Quadro 18, elencam-se os enunciados extraídos dos conteúdos programáticos na categoria COINFO.

Quadro 18 - Enunciados da categoria COINFO nos conteúdos programáticos

- EC COINFO 1. Serviço de informação educativo; [...] informações falsas e infodemia;
- EC COINFO 2. Métodos e técnicas de análise, síntese e representação da informação; Produtos da Análise da informação: resumos e indexação.
- EC COINFO 3. Competência em informação (teórica)
- EC COINFO 4. o indivíduo como usuário e produtor de informação no contexto atual;
- EC COINFO 5. Programas, estratégias e ações para o desenvolvimento e formação da competência em informação em diferentes contextos informacionais. Estudo e discussão sobre os Documentos e Manifestos da Competência em Informação: Os faróis da sociedade de informação. Declaração de Maceio, Manifesto de Florianópolis, Carta de Marília e Manifesto Político sobre a Competência em informação. Orientações para elaboração de Programas e Ações para a Formação da Competência em Informação; Modelos e padrões da competência em informação;
- EC COINFO 6. métodos e instrumentos didático-pedagógicos a serem utilizados ao longo do semestre; Dimensões cognitivas, emocionais e situacionais sobre o uso da informação
- EC COINFO 7. Aspectos sociais e comportamentais da busca de informação; [...] Educação, orientação, treinamento, instrução;
- EC COINFO 8. Leitura e competência em informação. O movimento da competência em informação. A leitura como um ato político e de cidadania.
- EC COINFO 9. Tecnologias e fontes de informação: redes sociais, músicas, repositórios, listas de discussão e blogs
- EC COINFO 10. Atividades culturais de extensão e pesquisa: a criação de espaços de diálogos que possam refletir o perfil e as competências em informação e leitura do profissional da informação como educador e gestor cultural; Atividades educativas e culturais: a práxis educativa e cultural desenvolvida em espaços tempos de recuperação e compreensão da informação.
- EC COINFO 11. Desempenho educativo no processo de mediação do serviço de referência;
- EC COINFO 12. Compreender o contexto de emergência da competência em informação; - Estudar aspectos terminológicos: literacy, alfabetização, letramento e multiletramentos; - Explorar as influências que o conceito recebeu ao longo do tempo; - Compreender a concepção atual e tendências: new media literacy, metaliteracy, competências infocomunicacionais; - Perceber a biblioteca como locus de educação em informação; - Infoeducação; - Discutir o contexto e os conceitos que

<p>inter-relacionam a informação e a educação na contemporaneidade, como desinformação, pós-verdade e fake news; - Compreender o papel da inteligência artificial nas bibliotecas; - Conhecer padrões, métodos e experiência de promoção de competência em informação promovidos por bibliotecas; - Desenvolver projetos pautados na promoção de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos saudáveis relacionados à informação.</p> <p>EC COINFO 13. Competência informacional e a multidimensionalidade; desenvolvimento da competência informacional na sociedade contemporânea;</p> <p>EC COINFO 14. Atividades educacionais: da instrução ao letramento informacional</p> <p>EC COINFO 15. Bibliotecas e educação no Brasil; bibliotecas, leitura e cidadania;</p> <p>EC COINFO 16. Evolução histórica da figura do usuário na Biblioteconomia. Necessidade, desejo, demanda e uso da informação. Diferenças entre estudos de usuários, de usos, de necessidades e de práticas informacionais. Metodologias para estudos de usuários.</p> <p>EC COINFO 17. [...] levar o aluno a compreensão da dinâmica do serviço de referência/informação e capacitá-lo para elaborar e executar projetos na referida área que entendam as demandas específicas da sociedade. Levar o aluno a: Situar a atuação bibliotecária dentro do contexto social vigente; [...] Utilizar recursos pedagógicos visando a utilização dos serviços informacionais;</p> <p>EC COINFO 18. A problemática na recuperação da informação: pertinência, relevância, evocação, precisão, eficácia, eficiência na RI; Inteligência artificial no processo de recuperação da informação;</p> <p>EC COINFO 19. As tendências, padrões e "frameworks" de competência em informação;</p> <p>EC COINFO 20. A disciplina está organizada em temas relacionados à educação e à informação a partir da noção de educação em informação.</p>
--

Fonte: elaborado pela autora (2024).

EC COINFO 1: o termo educativo remete à ideia de que o serviço prestado possui finalidade educativa. Entende-se que o bibliotecário está recebendo estímulos para essa formação educadora. **Informações falsas e infodemia** é a primeira aparição na análise inteira do tema da desinformação abordado aqui como notícias falsas. O termo aparece em apenas uma disciplina que é a de Competência em Informação da UFRGS. Já o termo infodemia aparece apenas na disciplina de Serviços de Informação da UNB. Percebe-se que fazer resistência à desinformação não é um assunto frequente nos planos relacionados à competência em informação. Ela aparece majoritariamente associada ao uso dos recursos, assim como está colocado, parece que a educação de usuários passou a se chamar competência em informação e pode se inclinar a uma abordagem instrucionista.

EC COINFO 2: Aqui se evidencia a educação em informação ultrapassando a competência em informação, além da análise, síntese e representação, ocorre a produção de conteúdo como **resumos, por exemplo**.

EC COINFO 3: o enunciado passa a impressão de que não há conteúdo empírico de competência em informação na disciplina, apenas teórico.

EC COINFO 4: neste enunciado se pode perceber o reconhecimento do usuário como produtor de informação na contemporaneidade.

EC COINFO 5: Aqui se compreende que o desenvolvimento da competência em

informação pode ocorrer em qualquer contexto informacional e não apenas nas bibliotecas.; os documentos e manifestos sobre a competência em informação são tidos como **faróis** indicando uma concepção de navegação na qual o farol serve para auxiliar os navios a chegarem na costa terrestre. Nesse sentido, a competência em informação auxilia a localização no mar informacional.

EC COINFO 6 e 7: mais uma disciplina que menciona conteúdo didático a ser utilizado ao longo do semestre, isso comprova que há estímulos para a educação em informação nos conteúdos. **Por dimensões cognitivas, emocionais e situacionais sobre o uso da informação** entende-se a incorporação de conteúdos cognitivistas, competências emocionais e situacionais o que é importante para a formação de educadores, pois os estudos também se relacionam com áreas como a Psicologia, Pedagogia, e Educação. O que as tornam indispensáveis para perceber **aspectos sociais e comportamentais da busca de informação** que possam auxiliar na **educação, orientação, treinamento, instrução**. Mas não menciona a competência emocional dos bibliotecários.

EC COINFO 8: Aqui fica evidente o pronunciamento da leitura como um ato político relacionado à questão da cidadania. Estes enunciados também demonstram relação com a pedagogia freireana.

EC COINFO 9: o enunciado cita a música como uma fonte de informação, a música por ser também uma manifestação cultural é fonte de memória e um artefato cultural de informação e de memória.

EC COINFO 10: Aqui aparece o estímulo da formação de um bibliotecário educador em **espaços tempos de recuperação e compreensão da informação**, ou seja, em qualquer ambiente informacional. O aspecto cultural começa a aparecer na categoria COINFO também.

EC COINFO 11: O enunciado demonstra que o bibliotecário aprende a ter um desempenho educativo fundamentado na mediação no serviço de referência.

EC COINFO 12: O enunciado passa a ideia de que a competência em informação é urgente em um determinado contexto, que pode ser no período contemporâneo ou em outro. O plano não especifica. **Estudar aspectos terminológicos: literacy, alfabetização, letramento e multiletramentos;** quase todos os conceitos são derivados de competência em informação com exceção de multiletramentos. **Explorar as influências que o conceito recebeu ao longo do tempo;** Este enunciado deixa evidente que o conceito de competência já se modificou a partir de influências. O enunciado seguinte deixa ainda mais claro essa mudança no conceito Neste EC COINFO 12 ocorre a primeira aparição do termo educação em informação e a reflexão da biblioteca como o ambiente propício para desenvolver esse tipo de abordagem. A

aparência das competências infocomunicacionais e da Infoeducação neste plano demonstra que a abordagem da educação em informação existe em quase toda a sua totalidade, no entanto, não menciona a CCI. Também ocorre aqui a primeira aparição do termo desinformação, o plano demonstra o interesse nas questões atuais como a desinformação, pós-verdade, fake news e inteligência artificial. Por fim, explora **padrões, métodos e experiência de promoção de competência em informação promovidos por bibliotecas; para Desenvolver projetos pautados na promoção de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos saudáveis relacionados à informação**. Nestes enunciados pode se observar que há precedentes para a formação de um bibliotecário educador em informação e assim como outros poucos planos, trabalha empiricamente o desenvolvimento de projetos educativos de comportamento saudável com a informação.

EC COINFO 13: Este enunciado expõe a variabilidade de dimensões da competência em informação e a situa no contexto contemporâneo.

EC COINFO 14: Percebe-se a evidência da mudança de paradigma da educação de usuários nas atividades educacionais que migra da instrução para o letramento informacional.

EC COINFO 15: Neste enunciado existe a relação da biblioteca com a educação no contexto brasileiro e aparece como um lugar de leitura e cidadania.

EC COINFO 16: Pode se inferir que se reconhece a mudança **da figura do usuário** no que tange a **necessidade, desejo, demanda e uso da informação**, pois os conteúdos também apontam para as diferença de estudos de usos, o que se pressupõe sujeitos como produtores de informação. As **Metodologias para estudos de usuários** podem fornecer subsídios para a compreensão de uma mudança de comportamento informacional.

EC COINFO 17: Nestes enunciados se destaca o termo aluno que vem do latim *alumnus* em sua tradução literal o termo significa criança de peito, lactente que precisa ser alimentado. Nesse sentido, o sujeito do discurso deixa transparecer o seu poder como detentor desse alimento, em uma posição que lhe confere o *status* de autoridade. Pois é ele que o leva, quem o capacita para a execução de projetos para o atendimento da sociedade quanto às demandas informacionais no contexto vigente (contemporâneo) como no instrucionismo. O que diferente da educação em informação, onde os sujeitos são sensibilizados para se desenvolver por conta própria de acordo com sua experiência de vida, seu contexto e suas subjetividades (memórias). A utilização dos **recursos pedagógicos** evidenciam conteúdos para a formação de um educador.

EC COINFO 18: A categoria da COINFO nos conteúdos programáticos é predominante porque os conteúdos abordados giram em torno da necessidade, desejo,

demanda, uso, avaliação, análise, busca da informação e da [...] **problemática na recuperação da informação.**

EC COINFO 19: Nesse enunciado os estudantes têm o contato com diferentes modelos de competência em informação.

EC COINFO 20: O discurso evidencia a presença de temas que relacionam a **Educação** e a **Informação** pautados na **noção de educação em informação**. Embora não explique, a educação em informação que compreende tais temas, é possível entender que se fala de outra compreensão acerca da **educação** e da **informação**.

Síntese da categoria COINFO constata-se estímulos para a formação de um bibliotecário educador. Existe apenas uma aparição de termos como desinformação e infodemia, ou mesmo informação falsa, o que é preocupante porque estas questões são vigentes e necessitam ser consideradas pelos planos de ensino. A categoria acompanha o contexto vigente e expressa politicamente a sua posição com base nos marcos políticos de competência em informação, alinhados com ideologias referentes ao exercício da cidadania, igualdade de direitos, etc., além disso, elege estes marcos como faróis da Sociedade da Informação. Na categoria se vê o incentivo e o fornecimento de instrumentos para a elaboração de programas com base em modelos e padrões de competência em informação. Existe a disponibilidade de conteúdos didáticos-pedagógicos, estes podem servir como repertórios em uma formação mais educadora. Outro aspecto que reforça o posicionamento ideológico da categoria é a leitura como um ato político, ideia de base freireana que está relacionada com a luta pela liberdade e emancipação dos sujeitos, dos mecanismos que os aprisionam em condições precárias de conhecimento. Pela primeira vez se observa a aproximação da competência em informação com a memória e com aspectos culturais em atividades culturais, de extensão e de pesquisa. Também tenta discutir a atuação dos bibliotecários como gestores culturais. O papel educador do bibliotecário nesta categoria se perfaz fundamentado em mediação durante o serviço de referência. A competência em informação é urgente em determinados contextos e evidencia-se a proposta de discussão terminológica, mais uma vez parece que o conceito não está definido e que evoluiu a partir de influências como *new media literacy*, *metaliteracy* e competências infocomunicacionais. Nessa categoria há menção literal do conceito de educação em informação mais de uma vez, também é abordado a questão da multidimensionalidade da competência em informação. Os enunciados apontam para a biblioteca como um lugar de leitura e cidadania. Também é elencado o aspecto das inteligências artificiais sob o aspecto utilitário nas bibliotecas. A categoria aborda conteúdos empíricos de educação em informação através do

desenvolvimento de programas e projetos visando uma relação saudável com a informação. Percebe-se a menção das dimensões da competência em informação e uma possível mudança de paradigma na educação de usuários que se inclina ao letramento informacional relembrando a competência em informação.

A seguir (Quadro 19) consta a relação dos enunciados da categoria INFOCOM.

Quadro 19 - Enunciados da categoria INFOCOM nos conteúdos

<p>EC INFOCOM 1. Processo comunicacional: processos sociais da comunicação: Comunicação assertiva; comunicação frágil; comunicação verbal e não-verbal; PROCESSOS TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO - Informação e mídia; Hipertexto e Hiperímia; Novas mídias e convergência digital; Perspectivas e tendências e influências culturais;</p> <p>EC INFOCOM 2. Direitos autorais; Informação e Comunicação; Formatos convencionais e eletrônicos</p> <p>EC INFOCOM 3. Comportamento de busca dos usuários e sua instrução/orientação. 4. Competências e atitudes do bibliotecário de referência. A mediação. A interação e a colaboração nas redes sociais: a Web 2.0.</p> <p>EC INFOCOM 4. O processo de entrevista. A entrevista em buscas informatizadas; Comunicação Interpessoal e não-verbal; O Controle Emocional do Bibliotecário Facilitando o Processo de Comunicação na Entrevista de Referência; Comunicação Interpessoal; Comunicação não-verbal; Prestar Atenção; Reação.</p> <p>EC INFOCOM 5. Estratégias de Comunicação: Usuários potenciais, reais e não usuários; receptores, sujeitos, clientes e públicos. Aspectos psicológicos, econômicos, culturais e sociais, que interferem na condição de usuários.</p> <p>EC INFOCOM 6. Bibliotecas, educação [...]; Letramento informacional e competência em informação;</p> <p>EC INFOCOM 7. Novos canais de comunicação com o usuário; Interação bibliotecário e usuário; bibliotecas de pesquisa no contexto dos recursos digitais. Formação de Usuários e Serviços aos Usuários. Ética nas redes sociais. Competências e papéis do profissional da informação/Função educativa dos bibliotecários.; Da produção ao uso: a mediação do Serviço de Referência e o acesso à informação. Serviços ao Usuário: ética profissional, autoria intelectual e direitos autorais em mídias digitais, fake news.</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC INFOCOM 1: Estes enunciados evidenciam a tarefa do bibliotecário no que tange a comunicação com os usuários, cabe mencionar que as formas de comunicação são variadas e o bibliotecário ao estar atendo aos sinais emitidos pelos usuários podem ser mais eficazes no cumprimento das demandas. Aqui se destaca que as InfoCom não são mencionadas nos conteúdos dos planos, porém, subentende-se o desenvolvimento dessas competências ao lidar com as tecnologias **Informação e mídia; Hipertexto e Hiperímia; Novas mídias e convergência digital**. Esses termos foram cruciais para a decisão dos conteúdos na categoria. **Perspectivas e tendências e influências culturais** a partir deste enunciado se observa a característica cultural onde se pressupõe o acompanhamento das transformações culturais.

EC INFOCOM 2: A menção aos direitos autorais pressupõe a produção de conteúdos onde os sujeitos precisam estar cientes do comportamento ético quanto à atribuição de

créditos aos autores para não incorrer em plágio, uma prática criminosa que pode ocorrer com ou sem a intenção. **Informação e Comunicação;** A relação entre a informação e a comunicação é amplamente trabalhada nas competências infocomunicacionais e estas duas áreas estão intimamente relacionadas pelo fato de a informação ser o conteúdo da mensagem nos processos de comunicação.

EC INFOCOM 3: se observa o caráter educativo do bibliotecário a partir dos termos **instrução/orientação** e **mediação**. O discurso relaciona também as **Competências e atitudes do bibliotecário de referência. A interação e a colaboração nas redes sociais: a Web 2.0.** Neste conteúdo o contexto são as redes sociais e a *Web 2.0*.

EC INFOCOM 4: Estes enunciados colocam a inclusão social sem a mencionar, uma vez que abrange a comunicação não verbal, pode ser entendido isso também como a comunicação por libras para pessoas com deficiência auditiva. Além disso, a competência emocional do bibliotecário é um dos principais recursos para estreitar os laços entre os diferentes sujeitos que frequentam as bibliotecas. Contudo, a menção é o controle emocional do bibliotecário para facilitar o processo de comunicação, que também requer atenção às diferentes formas de comunicação que podem auxiliar em resposta visando o atendimento.

EC INFOCOM 5: os enunciados confirmam que são desenvolvidas nas disciplinas **Estratégias de Comunicação**. O enunciado a seguir carrega também a noção de usuário, mas complementa com outros termos levando a entender a mudança de perspectiva para estes termos. **Usuários potenciais, reais e não usuários; receptores, sujeitos, clientes e públicos.** Neste ponto, o envolvimento de **Aspectos psicológicos, econômicos, culturais e sociais, que interferem na condição de usuários**, configuram características abordadas nas disciplinas de Didática, o que se pode inferir que apesar de não mencionada, a disciplina incentiva a formação de educadores.

EC INFOCOM 6: a relação entre **bibliotecas e educação** parece estar pautada nas ações de **competência em informação** e do **letramento informacional**.

EC INFOCOM 7: Formação de Usuários e Serviços aos Usuários. A formação de usuários pressupõe a ideia de um indivíduo passivo, consumidor dos serviços, essa ideia se configura a partir do direcionamento dos serviços **aos usuários**. No enunciado **Da produção ao uso: a mediação do Serviço de Referência e o acesso à informação**, o principal foco parece ser o acesso à informação. Aqui também se menciona o aspecto ético nos processos informacionais e na postura do bibliotecário em mídias digitais e diante das *fake news*.

Síntese da categoria INFOCOM: a ênfase dessa categoria é a comunicação e seus processos, juntamente com a competência operacional, estes são os conteúdos mais evidentes.

A categoria também faz alusão à produção de conteúdos, trabalha a relação entre a Informação e a Comunicação. Percebe-se o acompanhamento das transformações culturais. Na INFOCOM também se delinea, embora mais tangencialmente do que nas outras categorias, a formação de um profissional educador através da mediação. Incluem-se as competências no plural, o que remete a um conjunto de competências como as InfoCom e a interação nas redes sociais. Trata de diferentes tipos de comunicação e estabelece conexão com o controle emocional do bibliotecário e a comunicação. A categoria também reflete sobre aspectos psicológicos, econômicos, culturais e sociais em relação aos usuários. Embora esteja relacionada à produção de conteúdos, a questão de um usuário passivo ainda é presente e acrescenta-se a visão de cliente, remetendo a um sistema capitalista e a informação como um produto comercial. Por outro lado, observam-se ideologias inclinadas à inclusão social. Entra em discussão também a questão do acesso à informação e a ética profissional.

Quadro 20 - Enunciados da categoria INFOEDU nos conteúdos

- EC INFOEDU 1. Reconhecer a informação como um processo cultural e a influência da biblioteca nos processos sociais.
- EC INFOEDU 2. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem em contextos informacionais; Boas práticas de ensino-aprendizagem em contextos informacionais.
- EC INFOEDU 3. Leitura e apropriação da informação; construção de sentido; leitura e competência em informação; o papel social e pedagógico do bibliotecário como mediador da leitura e da biblioteca escolar como agente ativo no processo de mediação
- EC INFOEDU 4. Epistemologias e educação; pedagogia da autonomia; Pedagogias crítico-sociais; Ser autêntico; Liberdade; A ética na educação;
- EC INFOEDU 5. Psicologia e educação: uma complexa relação; Diferentes concepções do desenvolvimento humano e suas implicações para a educação; O processo de aprendizagem; Estudo da teoria piagetiana; Estudo da teoria de Vygotsky; Estudo da teoria de h. Wallon.
- EC INFOEDU 6. 1) Escola, ensino e didática: contextualização 2) A construção da identidade de professor: saber, pensar, fazer 3) Cotidiano de sala de aula, culturas e opções políticas, epistemológicas e didáticas 4) Planejamento e avaliação: autonomia e cidadania nos processos de ensinoaprendizagem
- EC INFOEDU 7. Biblioeducação como abordagem conceitual e campo de práticas bibliotecárias; iniciativas de criação e desenvolvimento de bibliotecas educativas no país; Biblioeducação: uma abordagem educativa da Biblioteconomia Biblioteca e Educação na modernidade: acesso e difusão cultural; Dispositivos de mediação cultural: definição e conceitos correlatos; Biblioeducação: ordem dialógica, mediação e apropriação cultural; Biblioeducação: repertório dialógico (coleção/acervo) [...]; Biblioeducação: práticas culturais dialógicas [...]; Biblioeducação: gestão dialógica [...]; Biblioeducação: mediação, mediadores [...];
- EC INFOEDU 8. Aula 2: Experiências de conhecimento e ecologia dos saberes I Aula 5: Sociedade da Informação e/ou Sociedade do Conhecimento? Aula 7: Visita externa Aula 8: Informação e sociedade no contexto da internet Aula 9: Agenciamentos e interlocuções: memória, cultura e informação I Aula 11: Dispositivos de cultura e informação e mediação cultural Aula 13: Outras naturezas, outras culturas
- EC INFOEDU 9. Fundamentos do liberalismo político (Revolução Francesa e Revolução Americana). - O direito à informação. - Noções de sociedade e de comunidade. - Origens da ideia de biblioteca pública. - Conceitos de Informação: como categoria matemática, como mercadoria, como História,

como conhecimento, etc. - Verdade factual. - Relações entre Informação e Comunicação. - Relações entre Cultura e Informação. - O estatuto dos fatos no pensamento político. - Informação pública, ação e gestão cultural. - Redes sociais, pós-verdade e informação confiável.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

EC INFOEDU 1: A informação enquanto um processo cultural remete ao paradigma da apropriação dos bens simbólicos, já que ele se constitui através da cultura como capital cultural. A biblioteca aqui se destaca como, na visão de Perrotti (2016), um dispositivo de ensino-aprendizagem quanto a sua influência nos processos sociais.

EC INFOEDU 2: A partir desse enunciado, pode-se inferir que os estudantes aprendem a planejar e atuar em processos de ensino aprendizagem, logo os futuros bibliotecários recebem estímulos para serem educadores nesta categoria.

EC INFOEDU 3: aqui a apropriação da informação se dá através da leitura, quanto à construção de sentido pode-se dizer que esta encontra respaldo na relação com o bibliotecário durante o processo de mediação. A biblioteca escolar como agente ativo oferta um repertório de leitura que pode viabilizar o processo de apropriação da construção de sentidos. Percebe-se educação em informação de maneira evidente, o que significa que ocorre a formação de educadores com enfoque no **papel social e pedagógico do bibliotecário**.

EC INFOEDU 4: Epistemologias e educação constituem fundamento para a formação de educadores. Nestes enunciados se pode notar a base freireana com a pedagogia da autonomia, bem como a pedagogia crítica. Ser autêntico pode estar relacionado ao protagonismo dos sujeitos que se emancipam, daí a **Liberdade** como enunciado pode fazer sentido pelo viés da apropriação e da autonomia. Quanto a **ética na educação** pode-se inferir que diz respeito à postura ética do educador do bibliotecário durante sua prática. Isso confirma a formação do educador.

EC INFOEDU 5: O estudo da psicologia, do desenvolvimento humano, de teorias de Piaget, Vygotsky e H. Wallon são conteúdos fundamentais para a formação de educadores o que evidencia que a categoria da INFOEDU é prolífica no quesito de formar bibliotecários que possam se desenvolver como educadores. Até este momento da análise, esta categoria está mais relacionada com a área da Educação do que as outras.

EC INFOEDU 6: Os estudantes são contextualizados acerca da Escola, do ensino e da didática, o que mais uma vez reforça a formação do bibliotecário educador. A construção da identidade de professor é possibilitada pelo comportamento que implica saber, pensar, fazer. O sentido do enunciado deixa claro que a formação é de professor. Os enunciados oferecem a experiência empírica da sala de aula ao que parece. **Culturas e opções políticas**,

podem significar as diferentes ideologias que se cruzam na escola. Enquanto as opções epistemológicas e didáticas trazem o sentido de complementar a formação desses professores. O planejamento e a avaliação vem com a finalidade de desenvolver autonomia e cidadania nos processo de ensino e aprendizagem.

EC INFOEDU 7: A Biblioeducação se descreve como um campo de práticas bibliotecárias, uma abordagem que tem suas raízes na infoeducação. O EC INFOEDU passa a ideia de que se formam iniciativas para bibliotecas educativas, entende-se que há uma mobilização nesse sentido. Igualmente a categoria coloca que a Biblioeducação surge da junção da Biblioteconomia, da biblioteca e da educação, daí se entende a formação de bibliotecas educativas como resultado da Biblioeducação como dispositivos de mediação cultural se colocam as bibliotecas educativas que proporcionam uma **ordem dialógica**, através da **mediação e apropriação cultural**; A biblioteca também fornece o **repertório dialógico (coleção/acervo)** e **práticas culturais dialógicas [...]** **Biblioeducação: gestão dialógica** neste enunciado se entende por gestão dialógica uma ação de mediação que conduz e orienta o diálogo em espaços propícios. Neste enunciado se evidencia que a formação que passa pela abordagem da Biblioeducação é a mediação cultural. Os enunciados evidenciam o caráter político da Biblioeducação quando se trata de difusão cultural e acesso, pois essa ação visa proporcionar igualdade de direitos em relação à informação.

EC INFOEDU 8: A partir da perspectiva de uma ecologia dos saberes, Santos (2021b) explica que é necessário criar espaços de diálogo para que se encontrem diferentes saberes incompletos, com seus preconceitos e diferentes linguagens para a construção do conhecimento de forma coletiva. Nesse sentido, a ecologia permite colocar em diálogo as diferentes visões de mundo. **Sociedade da Informação e/ou Sociedade do Conhecimento?** Este enunciado provoca a reflexão relacionada ao contexto em que se vive, deixando a entender que os estudantes é que vão construir sua própria concepção contextual. O próximo enunciado, a **Visita externa** permite compreender que haverá exposição de alternativas que ultrapassam a sala de aula, isso permite aos estudantes o contato com o real, a observação das diferentes realidades que acontecem, mas que nem sempre são reconhecidas. **Informação e sociedade no contexto da internet** Neste enunciado entende-se que Informação e sociedade se perfazem no âmbito digital também e cabe análise para compreender este universo. Já no enunciado seguinte **Agenciamentos e interlocuções: memória, cultura e informação** há a possibilidade de entender que o sentido está posto em torno do diálogo entre a memória, a cultura e a informação. Percebe-se nitidamente a educação em informação nestes enunciados, bem como a formação de educadores.

EC INFOEDU 9: Os enunciados colocam o posicionamento político do aprendiz, não por coincidência o posicionamento da Biblioteconomia é o liberalismo cujas bases se encontram no Iluminismo quando a luta dos movimentos tem por finalidade a democratização do conhecimento e da cultura. Compreende-se aqui um alinhamento com a mesma ideologia que busca a igualdade de direitos. **Noções de sociedade e de comunidade.** Tal enunciado permite pensar a questão coletiva espelhada na noção de comunidade, o que pressupõe situar o sujeito em seu contexto. **Conceitos de Informação: como categoria matemática, como mercadoria, como História, como conhecimento, etc.** Este enunciado passa a ideia de estudos quantitativos e qualitativos a serem contemplados na disciplina. Como mercadoria, a informação pode ser desnudada do ponto de vista do capitalismo ou como uma abordagem crítica ao modelo. Como história pode oferecer fontes, memória e cultura. Como conhecimento, a informação, pode ser vista da perspectiva epistemológica.

Relações entre Cultura e Informação. Isso pode indicar que entre estas relações está a memória, termo que se faz presente na Infoeducação, porque “instituições de memória como as do passado, não serão vistas como depósitos inertes a serem cultuados, mas repositórios culturalmente marcados, onde contemporâneos podem se alimentar para protagonizar o presente e o futuro.” (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 63).

O estatuto dos fatos no pensamento político. Pode-se inferir que o pensamento político deriva de uma concepção histórica e cultural de observação da realidade e um estatuto é o termo regulador dos fatos, o que indica que o pensamento político é regulamentado por leis específicas intrínsecas a ele. Isso demonstra que a dimensão política no plano de ensino é em si uma estrutura da formação dos sujeitos. Daí decorrem a **Informação pública, ação e gestão cultural.** mecanismos eficientes de manutenção do simbólico, do capital cultural.

Redes sociais, pós-verdade e informação confiável. As redes sociais podem ser significativas para a construção de sentido, entorno da informação e consolidação da apropriação sob o olhar comunitário para que o contexto da **pós-verdade** seja desaparelhado. Nessa situação está imbricado o sentimento de pertença dos sujeitos e o fortalecimento dos valores da comunidade que dialoga. Daí entra a Infoeducação oportunizando os espaços dialógicos em bibliotecas forum incentivando a ecologia do saber.

Síntese da categoria INFOEDU é forte a presença de aspectos culturais, tais como reconhecer a informação como um processo cultural, a biblioteca como um lugar de ensinoaprendizagem, apropriação, construção de sentidos e memória. O bibliotecário é colocado como mediador cultural, seu papel é discutido no âmbito pedagógico e ele é despertado para noções de sociedade e comunidade. Ou seja, o profissional recebe mais do

que estímulos, mas conteúdos teóricos e empíricos, didáticos e pedagógicos para uma formação educadora. O principal contexto arrolado é a biblioteca escolar, o que evidencia a relação da biblioteca com ambientes educacionais. Nesta categoria, aparece pela primeira vez a formação da identidade de professor. Também há uma tendência ao desenvolvimento da autonomia dos sujeitos nos processos de ensino-aprendizagem. Um novo conceito que surge é a Biblioeducação, como um campo de atuação definido para as práticas bibliotecárias. É a primeira e única aparição do conceito de bibliotecas educativas em todo o *corpus*. Além disso, há referência à gestão dialógica, oferecendo uma ordem dialógica no âmbito das bibliotecas que propiciam a mediação cultural e a apropriação cultural. A partir daí também surge pela primeira vez no *corpus* o conceito de ecologia dos saberes. O posicionamento político da categoria está relacionado ao liberalismo oriundo das revoluções francesa e americana que defendiam o direito à informação. Também há associações com ideologias capitalistas como o conceito de informação como mercadoria, o que parece relacionar uma perspectiva crítica se for considerado o questionamento à cultura. Outras ideologias são identificadas de maneira mais expressiva como a igualdade de direitos, cidadania, autonomia e protagonismo.

5.3.4 Metodologias

A análise das metodologias mencionadas nos planos de ensino permitiu entender como a educação em informação está sendo trabalhada na formação dos sujeitos. Entre os conteúdos analisados, 51 disciplinas apresentaram metodologias, recursos didáticos e/ou pedagógicos condizentes com a educação em informação e 21 não incluíam o item no plano de ensino.

Entre as metodologias condizentes com a educação em informação encontram-se sala de aula invertida, uma metodologia que faz com que os estudantes se inteirem do material antes da aula, para que tragam suas dúvidas e questionamento para serem debatidos em aula. Um exemplo é a exposição dialogada que permite que o estudante possa falar no mesmo momento da apresentação em caso de dúvida ou de contribuição com o tema proposto. Os seminários também são uma alternativa prometedora, pois a partir dela é possível identificar se os estudantes estão aderindo aos conhecimentos abordados. É também uma alternativa viável de avaliação sem ter que fazer prova.

Na Figura 16, é possível confirmar que o termo **discussão** é um dos mais mencionados nas metodologias após **aulas e textos**.

conteúdo (7); análise (3); visita (2); uso (2); unidades (2); teoria (2); tematicamente (2); temas (2); protagonismo (2); projetos (2); processo (2); problemas (2); podendo (2); pesquisas (2); organizada (2); material (2)

Fonte: Elaborado pela autora a partir do software Voyant Tools (2024).

No entanto, esta metodologia é importante para a educação em informação, pois evoca a responsabilidade e o comprometimento dos estudantes com os temas a serem discutidos, possibilitando que eles entrem em contato com o material antes da aula para discuti-lo trazendo seu posicionamento e suas dúvidas para compartilhar com o **grupo**. Dessa forma, entende-se que a sala de aula invertida é eficaz por proporcionar uma ecologia de saberes, colocando em debate as diferentes histórias e saberes individuais. Assim, as aulas se tornam mais dinâmicas e colaborativas.

A produção de **seminários** como atividade exigida dos estudantes possibilita a comprovação de aderência ao conteúdo além de amparar uma formação com conhecimentos ofertados que possam prepará-los para questões futuras como apresentações em eventos, demais trabalhos em outras disciplinas, para a defesa de seus conhecimentos e principalmente para serem educadores.

No Quadro 22 apresentam-se as disciplinas com as metodologias que podem fornecer subsídios para a formação de bibliotecários educadores.

Quadro 22 - Disciplinas que contemplam metodologias

Metodologias e recursos didáticos e educacionais de Educação em informação
1. Análise da informação - UNB
2. Serviço de referência e informação - UFAM
3. Introdução a comunicação - UFAM
4. Informação e cidadania - UFAM
5. Comportamento informacional - UEL
6. Serviço de informação e referência - UEL
7. Competência em Informação - UEL
8. Estudo de uso e usuários de informação - FURG
9. Estudo de usuários e comunidades - UDESC
10. Serviço de referência - UDESC
11. Educação de usuários - UNESP
12. Ética e informação - UFPA
13. Disseminação da informação - UFPA
14. Leitura e Competência informacional - UFPA
15. Prática em mediação da informação - UFPA
16. Serviço de informação e referência - UFRN
17. Fontes de informação - UFRN
18. Biblioteca escolar e formação do leitor - UFRN
19. Fundamentos educacionais em Biblioteconomia - UFES
20. Ação cultural - UFES
21. Estudo de usuários - UFES
22. Serviço de recuperação da informação - UFES
23. Leitura e formação do leitor - UFMG

24. Estudos de usuários da informação - UFAL
25. Mediação da informação e do conhecimento - UFAL
26. Ética da informação - UFPB
27. Estudo de comunidades, públicos e usuários - UFRGS
28. Serviço de referência e informação - UFRGS
29. Fontes gerais de informação - UFRGS
30. Filosofia e ética da informação - UFRGS
31. Competência em Informação - UFRGS
32. Estudo de comunidades, e usuários da informação - UFC
33. Recuperação da informação - UFC
34. Serviços, produtos e mediação de informação - UFG
35. Leitura e sociedade - UFG
36. Proteção de dados pessoais: uma leitura jurídica - UFSC
37. Referência e serviço de informação - UFSC
38. Competência informacional - UFSC
39. Estudos de usuários e comunidades - UNIR
40. Serviços de informação - UFCA
41. Recuperação da informação - UFCA
42. Estudos de usuários - UFR
43. Serviço de referência e fontes de informação - UFSCAR
44. Usos e usuários da informação - UFSCAR
45. Serviços ao usuário - USP
46. Biblioeducação: elementos, conceituais e metodológicos - USP
47. Informação, conhecimento e cultura - USP
48. Biblioteca, informação e sociedade - USP
49. Competência em informação - UFRJ
50. Recursos Informacionais - UFRJ
51. Mediação de leitura - UFRJ

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Relativo à frequência de palavras no *corpus* de análise, esta justifica-se pela memória do discurso que lhe confere historicidade. Muitos termos aparecem seguidamente em função da sua dimensão histórica, pois a Biblioteconomia tem um grande percurso de estudos e muitos termos estão associados a essa cultura como usuário, recursos informacionais, busca, acesso e uso, para citar alguns exemplos.

5.4 RESULTADO DA ANÁLISE DOS PLANOS DE ENSINO

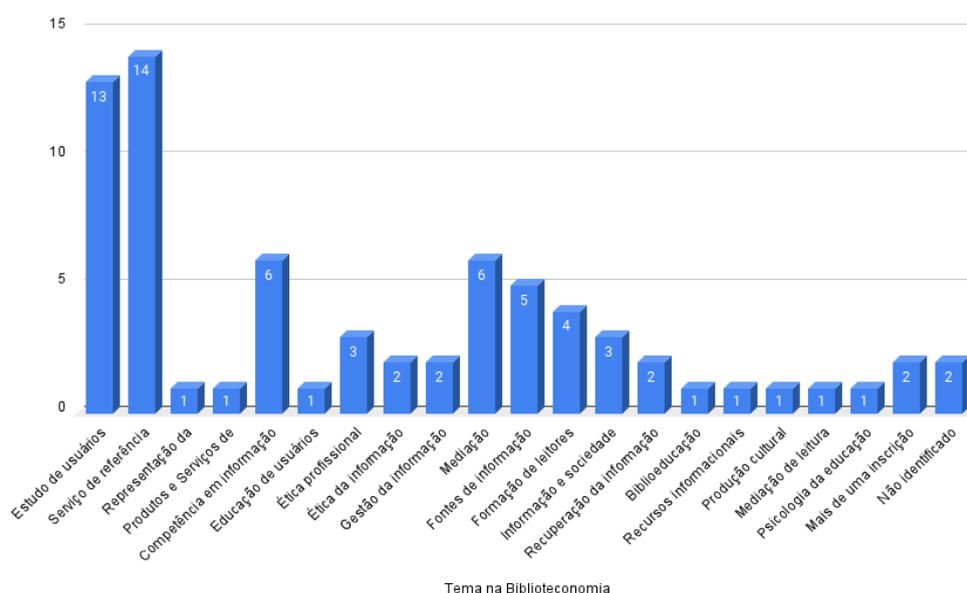
Para discutir os resultados da análise dos planos retomam-se dois pontos: o objetivo específico (C) analisar como o tema da educação em informação está inserido na formação do bibliotecário brasileiro; e o objetivo da análise de discurso: compreender como o tema da educação em informação está empregado áreas da Biblioteconomia e da CI; com quais ideologias se relaciona; quem são os sujeitos que discursam e quais são suas posições por trás de seus discursos; em qual(ais) contexto(s) o tema da educação em informação se insere.

A manifestação da educação em informação nos planos de ensino se traduz predominantemente através da abordagem da CoInfo, das InfoCom e da Infoeducação.

Apenas duas disciplinas mencionam o termo educação em informação, a saber: Competência em Informação - UFRGS e Competência em Informação - UFRJ. Ambas trabalham com uma abordagem em comum que é a Competência em Informação, conceito que dá nome à disciplina. Mas contam com conteúdos diferentes, a disciplina da UFRGS mantém abordagem significativa das InfoCom, pois trabalha a Informação e a Comunicação; também da Infoeducação que trabalha a Informação e a Educação, além de tratar dos aspectos educativos como abordagens empírico-profissionais e dispositivos de ensino-aprendizagem. A disciplina da UFRJ não dispõe de informações suficientes acerca dos conteúdos.

Sob a análise de discurso, a educação em informação se inscreve nas áreas da Biblioteconomia e da CI em diferentes formações discursivas. A inscrição diz respeito à materialidade do tema nestas duas áreas e para identificá-la nas respectivas áreas, realizou-se uma análise individual nos planos (plano a plano) e obteve-se que os temas serviço de referência e estudos de usuários são predominantes na Biblioteconomia. Cada um dos 72 planos se inscreveu em um determinado conceito na área. O mesmo procedimento foi adotado para verificar os planos na área da CI. Cada plano está materializado nas áreas a partir dos enunciados, os temas de inscrição que emergiram desta parte da análise de discurso encaminham o disposto no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Inscrição dos planos de ensino na Biblioteconomia

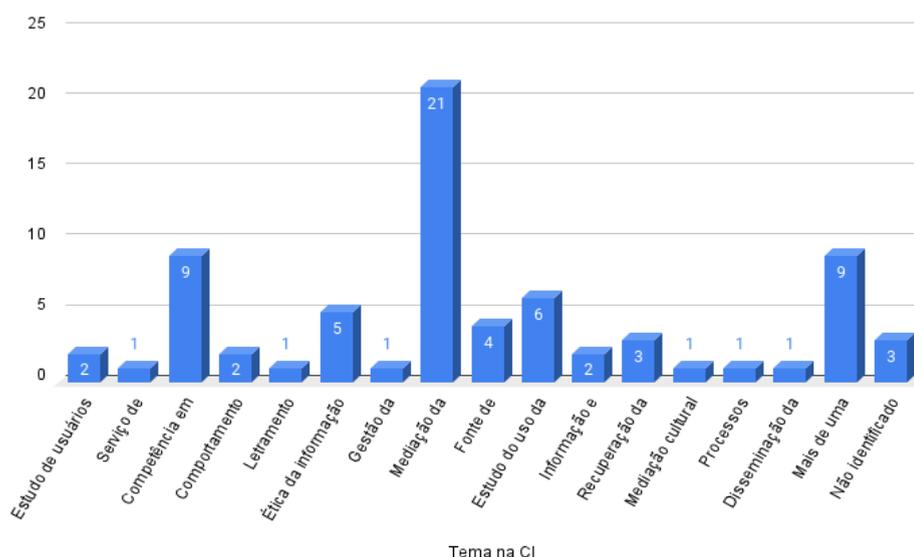


Fonte: elaborado pela autora (2024).

O tema mais relevante inscrito na Biblioteconomia consoante a materialização dos planos de ensino foi o Serviço de Referência, seguido dos estudos de usuários. Isso significa que a educação em informação se materializa nesta área a partir destes temas que se demonstraram mais recorrentes. Assim, a competência em informação (categoria mais expressiva da educação em informação na análise dos planos) não é oriunda apenas da Educação de Usuários como se pensava, o Gráfico 6 demonstra que ela também se materializa através do Serviço de referência. Ao todo foram identificados 20 temas: sendo que em dois deles não foi possível identificar e; outros dois se inscreviam e mais de um tema.

Na CI obteve-se outro resultado, a materialização da educação em informação está concentrada na Mediação da Informação como o principal tema. O que acontece é que a Biblioteconomia e a CI são áreas relacionadas com processos e serviços em comum, mas se ocupam de objetos diferentes, de visões diferentes, os gráficos evidenciam isso. Em ambas as análises foi desconsiderado o nome da disciplina, porque não fornece dados suficientes para a devida classificação de cada plano de ensino. Nessa área foram identificados 16 temas, destes três planos não foi possível identificar o tema central, e nove planos se direcionavam a mais de um tema como se pode observar pelo Gráfico 7.

Gráfico 7 - Inscrição dos planos de ensino na CI



Fonte: elaborado pela autora (2024).

O Gráfico 7 permite relacionar a educação em informação diretamente com a mediação da informação. Isso demonstra que a mediação da informação pode ser caracterizada como o fundamento da educação em informação como se traz nesta pesquisa.

Ao retomar a compreensão das Instituições como o contexto imediato do discurso dos planos de ensino e que nesse contexto permeiam diversas ideologias como coloca Althusser (1980), pode se identificar ideologias que se voltam para o consumo, a informação como mercadoria e bancos de dados, bem como a formação de *information literates*. Estas foram frequentemente associadas às categorias da COINFO. Ideologias desse tipo visam o acúmulo de riqueza, o individualismo e o apoio do Estado na conquista da felicidade.

Por outro lado, pode-se dizer que as outras ideologias identificadas defendem ideais de igualdade de acesso à informação, de justiça social, de direitos do cidadão exercício da cidadania, inclusão social, etc. Estas também estão associadas aos movimentos de competência em informação e são predominantes no discurso da educação em informação. Isso comprova a transformação do conceito da Competência em Informação desde a *Information Literacy*. O que se justifica enquanto a instituição visa atender às demandas sociais contemporâneas e isso implica na atualização do conceito. A instituição é “[...] um fenômeno que emerge como resposta a determinados problemas engendrados no seio da sociedade” (Thiesen 2013, p. 79). Portanto, é natural que as respostas dos planos de ensino busquem a transformação do contexto social. Nesse sentido, tem-se que os problemas informacionais, entre tantos que acometem a sociedade, reclamam por essa resposta das IES.

Os sujeitos que discursam são docentes investidos pelo poder que lhes confere a posição ocupada dentro da instituição. Para Foucault (1996), o sujeito discursivo é o lugar que o constitui sujeito do seu discurso, a sua posição social. O corpo docente tem poder sobre os alunos e é esse mesmo corpo docente que constroi os planos de ensino. Os planos de ensino carregam a memória institucional e a memória discursiva. A primeira assegura o poder da instituição (Thiesen, 2013) e os mecanismos de condições de produção. A segunda, sendo a que interessa nesta análise, diz respeito aos enunciados que foram suprimidos da análise por serem muito frequentes.

Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso à parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (Orlandi, 2020, p. 46).

Logo, o sentido dos enunciados é investido de dever institucional. Portanto, a relação da educação em informação com a formação dos bibliotecários se dá mediante relações de poder. Poder este que emana das IES. Outra relação que se observa aqui é que de fato está sendo cumprido o que os Marcos Políticos de Competência em Informação têm colocado, como a inclusão da abordagem na formação dos bibliotecários, e nesse sentido, esta pesquisa reflete como é dada essa inclusão. Tanto os Marcos Políticos quanto os planos de ensino são constituições das IES, sejam elas nacionais ou internacionais.

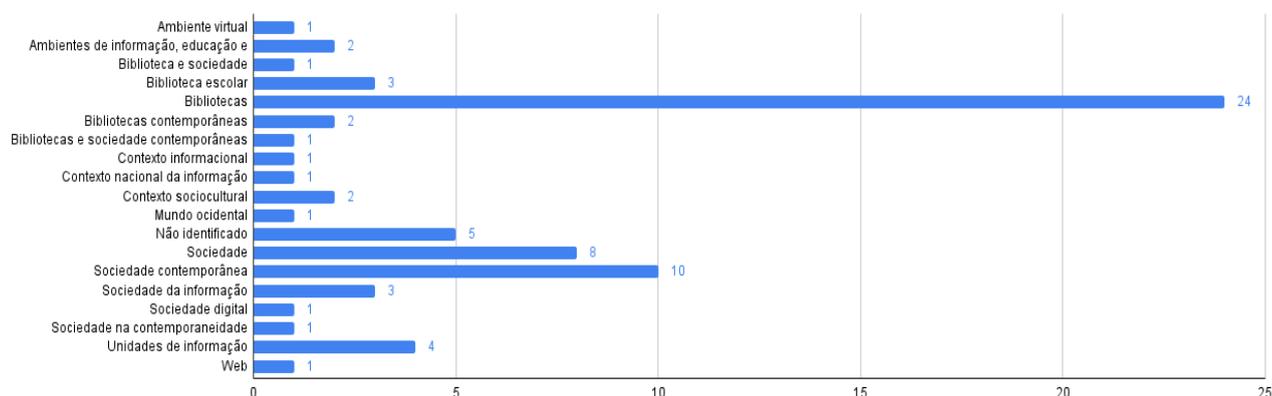
A instituição se configura como um símbolo de poder e é através dela que se chega na sociedade, por isso as profissões são formadas em seus seios, pois entendendo elas como sendo instituídas pela e para a sociedade, as profissões se compõem de um fim comum: satisfazer as demandas sociais. No caso da Biblioteconomia, esse retorno se dá em relação à informação.

Assim, a educação em informação é uma resposta contemplada parcialmente pelos currículos, pois a CCI foi pouco difundida, apenas 5 disciplinas apresentaram a abordagem nos enunciados (duas nas ementas, duas nos objetivos e uma nos conteúdos). A CCI auxilia na emancipação dos sujeitos como um movimento transformador relacionando teoria e prática (Bezerra *et al.*, 2019). A abordagem é fundamental para que os sujeitos possam se desenvolver politicamente questionando o porquê de as coisas serem como são e não de outra maneira, para questionar suas realidades e seus contextos.

Por conseguinte, o contexto imediato é a instituição, do ponto de vista da análise de discurso. Um espaço onde as diferentes ideologias se cruzam, elas também são úteis para apresentar contrapontos em determinadas situações, além de representar as tensões entre as visões tecnicistas e visões sociais. As ideologias performam um conjunto de crenças que orientam a prática organizacional da sociedade (Althusser, 1980). A educação em informação, por exemplo, é igualmente atravessada por ideologias que visam o bem coletivo, a garantia dos direitos, a justiça social e igualdade, valores que propiciam aos sujeitos condições dignas de existência.

Na análise individual dos planos de ensino identificou-se mais de um contexto associado às bibliotecas, à sociedade geral, etc. A partir do Gráfico 8, pode-se observar a variedade de conceitos e a sociedade aparece como a principal receptora dos produtos e serviços ofertados por bibliotecários e bibliotecas.

Gráfico 8 - Distribuição dos contextos por plano de ensino



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

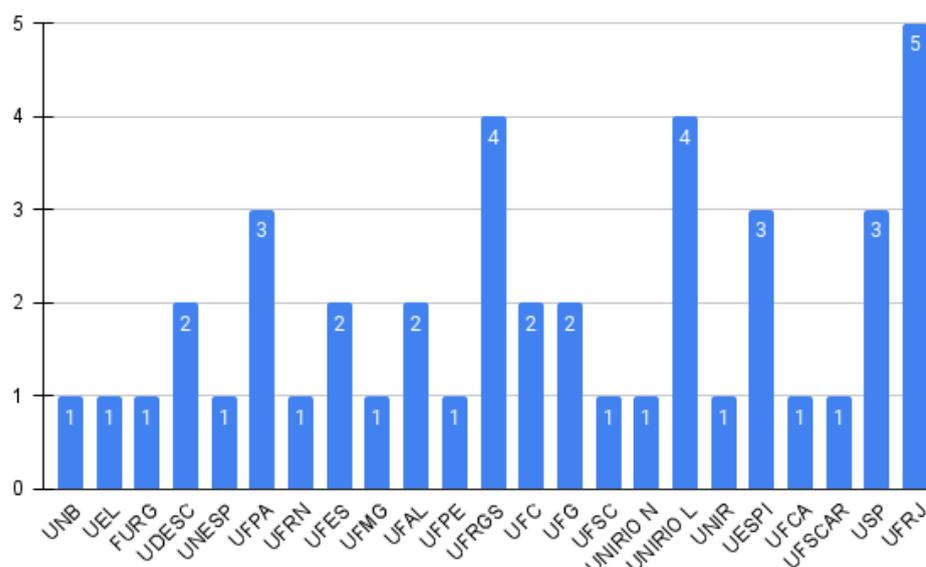
Enfatizando a sua importância, as bibliotecas são destacadas pela IFLA como aliadas para o cumprimento de todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) constantes no planejamento da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

O plano da Agenda 2030 também estabelece ações para que o bibliotecário garanta que todos os ODS sejam conhecidos pela população por meio das bibliotecas. Isso pressupõe características da educação em informação, como a busca, apropriação e uso crítico e saudável de informações que possibilitem a reflexão e a tomada de decisões baseadas na qualidade e precisão destas. A Agenda 2030 estabelece padrões de atividades e serviços capazes de transformar as bibliotecas, que abordam perspectivas que afetam diretamente as ações e práticas dos bibliotecários.

Nos planos de ensino analisados, encontraram-se conteúdos teóricos, pedagógicos e didáticos para uma formação de bibliotecários educadores. Parte destes conteúdos não é necessariamente voltada para esse tipo de formação, mas o bibliotecário poderia se apropriar desses conteúdos para suas ações de educação em informação.

No Gráfico 9 estão em destaque as universidades que possuem disciplinas que contêm conteúdos didático-pedagógicos para os bibliotecários. Na legenda se pode identificar quantas disciplinas por universidade ofertam tais conteúdos.

Gráfico 9 - Universidades que contemplam conteúdos didáticos



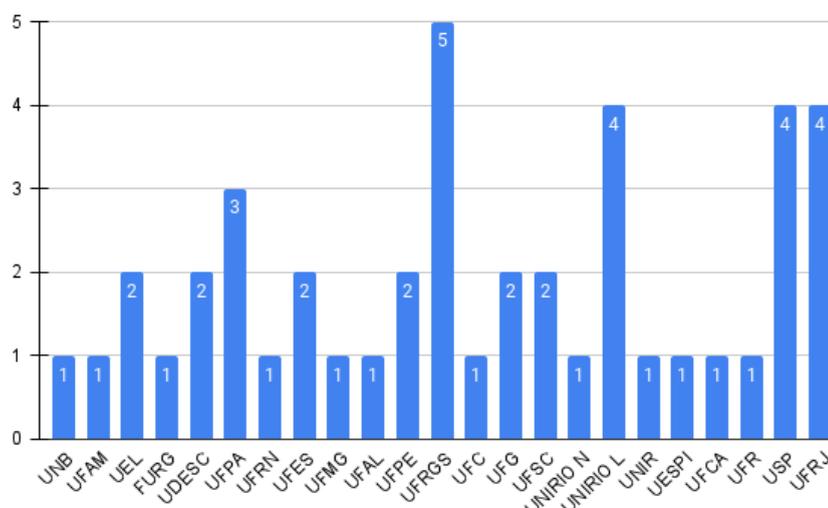
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O Gráfico evidencia que a UFRJ é a universidade que mais compreende conteúdos didáticos que podem ser aproveitados em uma formação de educadores. Em segundo lugar vêm empatadas a UNIRIO Licenciatura e a UFRGS.

Acredita-se que podem ser abordadas noções básicas acerca da didática, de teorias de aprendizagem e da avaliação no processo de ensino-aprendizagem. O ideal seria o aluno cursar uma disciplina de didática, com um professor com formação adequada para ministrá-la. Alguns participantes da pesquisa acreditam que os alunos podem aprimorar suas habilidades didáticas por meio da prática e também realizando cursos ou por meio da simulação de um programa. Já outros discorrem que não é possível adquirir essas habilidades somente cursando uma disciplina de Competência Informacional. (Mata, 2014, p.166).

O Gráfico 10 demonstra o número de disciplinas que prepara educadores por universidade. A partir do Gráfico entende-se que houve um crescimento comparado aos achados de Mata (2014) em relação à competência em informação. Considerando que a amostra utilizada por ela, teve um recorte diferente do utilizado por esta pesquisa, que teve o objetivo de buscar relação com a educação em informação, isso fez com que a quantidade de planos analisada fosse expandida.

Gráfico 10 - Universidades que preparam educadores



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A categoria da CIDADANIA também foi pouco difundida, cinco disciplinas foram identificadas nela (duas nas ementas, duas nos objetivos e uma nos conteúdos). Tal afirmação concorda com a Vitorino e Piantola (2020) que afirmam que há pouca preocupação com o tema. Isso se justifica uma vez que a cidadania também faz parte da composição ideológica bastante difundida nos planos. No entanto, merece destaque na formação pelo fato de que a exigência das demandas explicitam a sua importância como um ato político no contexto contemporâneo.

A categoria da ÉTICA aparece um pouco mais (cinco nas ementas, 2 nos objetivos, 5 nos conteúdos) a ética é importante por amparar a conduta dos sujeitos. O resultado de sua aparição se justifica pelo fato de que as disciplinas de ética são base tanto filosófica quanto profissional para a formação dos bibliotecários.

A categoria da COINFO se mostrou predominante em todos os itens dos planos (26 nas ementas, 30 nos objetivos, 39 nos conteúdos) o que demonstra a orientação da educação em informação nos planos. Isso significa que os conteúdos poderiam ser mais equilibrados em virtude da educação em informação. O resultado não surpreende se considerado que o tema vem desde a década de 1970 e cresce exponencialmente no mundo.

A categoria INFOCOM (9 nas ementas, 6 nos objetivos, 7 nos conteúdos), aparece de maneira mais esparsa, no entanto, está fundamentalmente presente em quase todos os planos analisados. Ela é importante principalmente porque a sua contribuição está no cerne da educação em informação, fornecendo conhecimentos, habilidades e atitudes que despertam as capacidades metacognitivas dos sujeitos em formação.

A INFOEDU (7 nas ementas, 4 nos objetivos, 10 nos conteúdos) é a categoria que mais apresenta pressupostos da formação de bibliotecários educadores. Isso é importante, pois quando se acreditava não haver conteúdos teórico-pedagógicos nos cursos de Biblioteconomia a categoria prova que existem. Entende-se necessário a apropriação adequada destes conhecimentos para institucionalizar a educação em informação.

A categoria MED (6 nas ementas, 7 nos objetivos, 2 nos conteúdos), a mediação por sua vez, proporciona o fundamento para uma formação mais consciente e de sujeitos protagonistas.

Cabe salientar a preocupação com a desinformação que pouco foi citada nos planos de ensino. O conceito foi abordado em apenas uma disciplina, como observado na análise. Os planos de ensino analisados datam de 2019 a 2024, portanto poderiam estar alinhados com a contemporaneidade no sentido de incluir o desafio da desinformação. Nesse sentido, a educação em informação passa a ser uma abordagem capaz de complementar o ensino e somar à formação uma perspectiva multidimensional de resistência à desinformação.

Se depreende das análises que ao relacionar a educação e a informação toda a população pode se beneficiar, não apenas bibliotecários em formação, se for compreendido que a informação viabiliza a educação através da comunicação. Os sujeitos se educam informando-se e se informam educando-se reciprocamente, já a comunicação é o processo oportunizado no âmbito da mediação, entende-se que muitos processos acontecem concomitantemente no ato da mediação e do debate. Assim, todos os sujeitos envolvidos passam a compreender esse mundo informacional que permeia a vida em sociedade por meio da ideia de ecologia de saberes, conteúdo mencionado em um dos planos de ensino.

A ecologia dos saberes para Santos (2021b) é a interlocução de diferentes conhecimentos, saberes [e competências] em contextos dialógicos. Pode ser citada a modalidade de bibliotecas fórum (Perrotti, 2016), um paradigma que proporciona o caráter cultural e, portanto, político às bibliotecas. Isso justifica a proposta da educação em informação ser mediada por bibliotecários, mas nada impede de arrolar demais profissionais da informação como abordam os marcos políticos. Neste trabalho, o enfoque é dado aos bibliotecários.

A educação em informação está compreendida na educação do bibliotecário sob um viés político e social, visando atender os direitos da sociedade no que se refere às demandas sociais e democráticas de informação. Contudo, há que se considerar uma transformação no currículo em relação a alguns conhecimentos defasados ou que não condizem mais com a realidade atual.

6 CONCLUSÃO

No início desta dissertação foram feitas algumas perguntas que motivaram o desenvolvimento deste estudo. Cabe uma retomada para contextualizar o que foi trazido nesta seção. Quanto à formação do bibliotecário, será que esta vem acompanhando as demandas contemporâneas? O bibliotecário vem transformando as suas práticas ao longo dos séculos, mas será que atualmente está devidamente amparado por competências e saberes capazes de fazer frente a tais transformações? Será que os cursos de Biblioteconomia estão preparando bibliotecários educadores? Como a educação em informação está presente nos currículos dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas brasileiras, auxiliando na formação dos bibliotecários? Pretende-se trazer as respostas articuladas ao longo da seção, bem como os resultados de todos os objetivos.

Ao analisar os marcos políticos que abordam a educação em informação e a sua relação com a formação do bibliotecário percebe-se que os marcos políticos possuem uma relação de poder que envolve a construção dos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros, pois apontam diretrizes/caminhos para a inclusão da competência em informação, indicando a formação, o perfil do bibliotecário, ainda que as bases filosóficas e conceituais da competência em informação não estejam plenamente desenvolvidas. Os marcos políticos acompanham as demandas contemporâneas e preconizam conteúdos pertinentes para a formação de bibliotecários educadores. Porém, ainda é necessário avaliar em que bases filosóficas e culturais se dá a inclusão da competência em informação. Por exemplo, somente com a análise dos planos de ensino não foi possível determinar se a formação limita-se a uma abordagem instrumental da promoção de competências ou se alcança a educação em informação, nos termos tratados nesta dissertação: uma educação reflexiva, crítica e libertadora.

A partir do estudo curricular realizado percebeu-se que as competências e os saberes necessários para que o bibliotecário exerça potencialmente o seu papel de educador em informação implicam no fato de ele estar atualizado e sensível às problemáticas sociais que envolvem a produção, a comunicação e a apropriação da informação. Ao se apropriar da mediação e de estratégias, como a educação popular, considerando o contexto dos sujeitos envolvidos em um processo de educação em informação, o ensino-aprendizagem pode se tornar significativo e condizente com as reais necessidades informacionais da contemporaneidade.

A ação educativa deve considerar o contexto sócio-histórico, político e informacional da sociedade e dos sujeitos, pois ela é importante para o desenvolvimento coletivo do ensino-aprendizagem. A ação educativa através da informação, possibilita que os sujeitos sejam mobilizados por seus interesses pessoais ou fragmentos de sua realidade social. Como orienta a perspectiva freireana, não há como desenvolver a ação educativa com grupos sociais sem considerar elementos significativos que dizem respeito às suas realidades e o seu contexto.

Portanto, para os sujeitos adquirirem a consciência necessária para a transformação da sua realidade, eles precisam explorar os desafios que surgem a partir do seu entorno. O bibliotecário poderá desenvolver essa sensibilidade permitindo auxiliar na transformação da realidade dos grupos sociais, desde que ele possua uma formação crítica relacionada à educação em informação. Nos currículos de Biblioteconomia, por exemplo, as disciplinas de “estudos de comunidades e de usuários” podem auxiliar nesse processo.

A esse profissional cabe compreender-se como ser humano limitado e incompleto, um sujeito que por ter noção de suas limitações, possa estabelecer uma educação significativa e contínua em um espaço de diálogo para todos os envolvidos, inclusive para ele próprio. Cabe ao bibliotecário proporcionar uma ecologia de saberes, valorizando o conhecimento do outro, eliminando o preconceito e as barreiras que impedem a construção do conhecimento coletivo. Entende-se que a educação em informação pode ser desenvolvida em ações formais e informais, além de independer do espaço físico da biblioteca.

A mediação pode ser um caminho para se educar em informação, através do desenvolvimento de competências e saberes informacionais entre os sujeitos e enfatizando o papel social e consciente do bibliotecário. Esse papel pode ser desenvolvido tendo a biblioteca e demais unidades de informação como um dispositivo que propicie e potencialize as ações de mediação. Educar em informação, pelo viés da mediação, implica na atuação do profissional enquanto educador e da unidade enquanto educadora. Ambos proporcionam um ambiente de trocas de conhecimentos em prol de uma comunidade protagonista. A mediação coaduna com essa perspectiva porque é interação, troca de conhecimentos entre os sujeitos através da comunicação (Gomes, 2022, verbalizado).

A educação em informação é um processo que ocorre em espaços de mediação, onde se propicia a aproximação de saberes e competências diversos por meio de debates, de diálogos. Os saberes contribuem nos processos de significação, na relação dos sujeitos com os contextos e com os outros, enquanto as competências podem impulsionar esses processos que

ocorrem concomitantemente com a educação em informação. Quando há oportunidade de os sujeitos se colocarem em exercício para refletir-agir-refletir, a educação em informação se desenvolve de forma multidimensional, proporcionando aos sujeitos o exercício da autocrítica. Ainda nestes espaços mediados pelo bibliotecário, os sujeitos são instigados a refletir sobre seus contextos e sua realidade local, no intuito de que eles possam se reconhecer como sujeitos autônomos e cientes das transformações quer para si e para a sua comunidade, visando o bem-estar coletivo. Assim, se estimula o exercício do pensamento crítico, do comportamento cidadão com vistas ao protagonismo.

Outro aspecto importante observado a partir da análise dos planos de ensino é a CCI, esta é a abordagem menos mencionada, embora seja fundamental ao se considerar os diversos regimes informacionais existentes no mundo. Além disso, o seu objetivo é formar cidadãos com pensamento crítico, questionando a falta de acesso, as múltiplas informações que circulam em diversos meios. A CCI também é importante para o desenvolvimento da cidadania, outro tema pouco presente nos planos de ensino que está diretamente relacionado ao acesso à informação.

A educação em informação se encontra nos currículos dos cursos de Biblioteconomia distribuída da seguinte forma: em Cidadania, CoInfo, CCI, Ética, Infocom, Infoeducação e Mediação. A concentração do tema se dá principalmente em CoInfo, Infocom, Infoeducação e com pouca incidência em Mediação. A abordagem do tema é permeada por ideologias da educação que refletem posições capitalistas, liberais, conservadoras, democráticas e socialistas.

Ao analisar como o tema da educação em informação está inserido nos currículos dos cursos de Biblioteconomia, foi possível verificar que potencialmente a formação curricular do bibliotecário contempla o tema da educação em informação em várias disciplinas dos cursos de Biblioteconomia, estando o currículo alinhado com as transformações contemporâneas. Entretanto, em relação ao tema emergente da desinformação houve apenas um plano de ensino, abordando essa questão. A esse respeito observou-se que faltam propostas de combate à desinformação. Nesse sentido, a educação em informação pode ser um caminho para auxiliar no enfrentamento deste desafio.

As universidades públicas brasileiras estão formando educadores em informação? A resposta é afirmativa, uma vez que as disciplinas curriculares dos cursos de Biblioteconomia contemplam os conteúdos que tratam do tema, ainda que não de forma plena. No estudo se observou que existe claramente a intenção para a formação de bibliotecários educadores, no

entanto, na prática, não é trabalhado de forma específica, com exceção da UNIRIO que oferece o curso de Biblioteconomia Licenciatura. Este é o único curso do estudo que busca a formação de professores, sujeitos protagonistas na ação de educar e que especifica a abordagem; os demais cursos formam bibliotecários com algum conteúdo didático e/ou teórico pedagógico de Educação de maneira mais tangencial.

Concluindo, a formação do bibliotecário está diretamente ligada com os manifestos que efetivamente demandam aos órgãos de classe das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e às instituições, mobilização. Quanto à formação e a educação em informação, a relação está evidente. Os currículos consideram o tema, bem como a formação de educadores. Mas ainda é incipiente, portanto é salutar considerar a incorporação da educação em informação nas grades curriculares e nos projetos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros para amparar uma formação consistente aos bibliotecários para fazer resistência à desinformação no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARY – ACRL. **Characteristics of programs of information literacy that illustrate best practices: a guideline**. Chicago: ALA, 2003. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/characteristics>. Acesso em: 05 set. 2024.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. **Information Literacy Glossary**. Chicago: ALA, 2006. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/issues/infolit/overview/glossary>. Acesso em: 05 set. 2024.

ALMEIDA, J. L. S. DE; FREIRE, G. H. DE A. Competências em informação na biblioteca multinível: uma atividade de rotina ou uma atividade baseada em projetos?. **Folha de Rosto**, v. 3, n. 2, p. 15-27, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/251>. Acesso em: 11 dez. 2024.

ALMEIDA, Maria da Graça Gomes. A integração da alfabetização informacional (ALFIN) na formação do estudante universitário: análise de iniciativas no Brasil e na Espanha. 2016. **Repositório - FEBAB**. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4394>. Acesso em: 16 dez. 2024,

ALMEIDA, M. G. G. **O papel do profissional da informação bibliotecário no apoio à prática da medicina baseada em evidências: olhares convergentes entre profissões em Salvador**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7939>. Acesso em 05 set. 2024.

ALMEIDA, Maria da Graça Gomes. **La Integración de la Alfabetización Informacional (ALFIN) en la Formación del Estudiante Universitario: análisis de iniciativas en Brasil y España**. 2014. Tese (Doutorado - Departamento de Biblioteconomía y Documentación), Universidad Carlos III de Madrid, Gatafe. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15488/1/Tesis%20completa%20versi%c3%b3n%20final.pdf>. Acesso em: 5 set. 2024.

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11170>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira formação do profissional. *In*: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: CBBB, 2013. v. 25, p. 1-12. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/files/original/8/2396/1508-1521-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da informação, sociedade e biblioteca pública**. 2016. [online] Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=9. Acesso em: 06 mar. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277769128_Mediacao_da_Informacao_e_da_Leitura. Acesso em: 20 ago. 2024.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ARAÚJO, C. A. A. Movimentos epistemológicos da ciência da informação. **Códices**, v. 14, n. 1, p. 61-78, 2018. Disponível em: <https://cnb.gov.co/codices/online/Vol14-2018I/VI.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

AVENA, M. J.; PIERUCCINI, Ivete. Aprender a pesquisar: desafios da construção de um saber informacional na educação a distância. **DataGramaZero: Revista de Informação**.v. 14 n. 5. out. 2013. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19122011-224258/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BARBIER, Frédéric. **História das Bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais**. São Paulo: Edusp, 2018, tradução de Regina Salgado Campos.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. A análise discurso de Michel Pêcheux e a organização do conhecimento: possibilidades teórico-metodológicas. 2021, p. 61-78 *In*: AMORIN, Igor Soares; SALES, Rodrigo. **Ensaio em organização do conhecimento**. Projeto gráfico Chris Dalla Costa - Florianópolis: UDESC, 2021. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000084/000084d4.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação: das origens às tendências. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 1–28, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57045. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57045>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A Competência em Informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Revista Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p.60 - 77, maio/ago. 2014. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995/pdf_21. Acesso em 05 set. 2024.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2014. Cap. 2 p. 67 – 121.

BEHRENS, Shirley J. A Conceptual Analysis and Historical Overview of Information Literacy. **College & Research Libraries**, v. 55, n. 4, p. 309-323, Jul. 1994. Disponível em:

<https://www.semanticscholar.org/reader/ed3c5ee5d8a3d252b27d2fd382cf95be32d4814d>. Acesso em: 05 set. 2024.

BEZERRA, A. C. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 68-81, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/zxgymJJ9DrB6xCKWtRfNHwq/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Suzane. **Educação para a informação**: Como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

BORGES, Jussara. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p.123-140, jan./ abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38289/19699>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BORGES, J. **Participação política, internet e competências Infocomunicacionais**: estudo com organizações da sociedade civil de Salvador. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5558/1/Tese%20Poscom%20Jussara%20Borges.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BORGES, Jussara. Porque promover competências infocomunicacionais?. *In*: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Suzane. **Educação para a informação**: Como promover competências infocomunicacionais. São Paulo, Pimenta Cultural, 2022.

BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo. Privacidade e ética na comunicação da informação. *In*: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Suzane. **Educação para a informação**: Como promover competências infocomunicacionais. São Paulo, Pimenta Cultural, 2022.

BOTTENTUIT, Aldinar; CASTRO, César. **Movimento fundador da Biblioteconomia no Maranhão**. São Luís: Imprensa Universitária, 2000.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claud. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRANDÃO, Gleise da Silva. **A mediação da informação e o papel do mediador: perfil e competências necessárias para uma atuação consciente**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/34438>. Acesso em: 10 set. 2024.

BRANDÃO, Gleise da Silva. O que são competências infocomunicacionais?. *In*: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Suzane. **Educação para a informação**: Como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

BRASIL DE FATO RS. **Observatório da Educação Pública do RS revela escolas fechadas, redução de concursados e evasão escolar.** Porto Alegre - RS. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/09/observatorio-da-educacao-publica-do-rs-revela-escolas-fechadas-reducao-de-concursados-e-evasao-escolar#:~:text=A%20terceira%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Observat%C3%B3rio,redu%C3%A7%C3%A3o%20de%2042.854%20professores%20concursados>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 set. 2024.

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n.º 12.244, de 30 de junho de 2010.** Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 5 set. 2024.

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **Cursos de Educação Profissional Tecnológica de Graduação e Pós-Graduação.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/educacao-profissional-tecnologica-de-graduacao-e-de-pos-graduacao>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rce-s007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 13 jan. 2022.

BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano:** diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1165/1/BRISOLA_ANNA_TESE_A%20CCI%20como%20Resist%c3%aancia.pdf. Acesso em: 05 dez. 2024.

BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S. Forjando em Freire as bases epistemológicas e de práxis da competência crítica em informação. p. 21-33. *In:* BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. **Competência crítica em informação:** teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

BRUCE, Christine Susan. Workplace experiences of information literacy. **International Journal of Information Management**, v. 19, n. 1, p. 33-47, 1999. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0268401298000450>. Acesso em: 05 set. 2024.

BUCKINGHAM, David. Rethinking digital literacy: media education in the age of digital capitalism. **Digital Education Review**, n. 37, jun. 2020. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/der/article/view/30671/pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

CALDEIRO-PEDREIRA, M.; AGUADED-GÓMEZ, I. Alfabetización comunicativa y competencia mediática en la sociedad hipercomunicada. **RIDU**, Lima, v. 9, n. 1, jun. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5156473>. Acesso em 16 jun. 2024.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CAMPELLO, Bernadete. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANALLI, Rodrigo L. Direito fundamental à verdade: uma defesa constitucional da integridade informacional. *In*: **Desinformação o mal do século: distorções, inverdades, fake news: a democracia ameaçada**. 2023, p. 79- 96. Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/campanha/anexo/combate/ebook_desinformacao_o_mal_d_o_seculo.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2021.

CAPURRO, Rafael. Em busca do fio de Ariadne em labirintos digitais. *In*. MARQUES, Maria Beatriz; GOMES, Liliana Esteves. **Ciência da Informação: visões e tendências**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343830444_Ciencia_da_Informacao_visoes_e_tendencias. Acesso em: 05 set. 2024.

CAPURRO, Rafael. A liberdade na era digital. *In*. GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nelida; CIANCONI, Regina de Barros. **Ética da informação: perspectivas e desafios**. Niterói: PPGCI/UFF: Garamond, 2017. Disponível em: https://ppgci.uff.br/wp-content/uploaites/86/2020/04/Livro_Etica_da_informacao.pdf. Acesso em 12 dez. 2024.

CAREGNATO, S. O desenvolvimento de habilidades informacionais: papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Rev. Biblioteconomia e comunicação**, v. 8, n. 1, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/99818>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

COMISSÃO EUROPEIA. **Livro Branco: “Ensinar e aprender. Rumo à sociedade cognitiva”**. Luxemburgo: Comissão Europeia, 1995. Disponível em:

<https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/d0a8aa7a-5311-4eee-904c-98fa541108d8/language-pt>. Acesso em: 11 dez. 2020.

CORTELLA, Mario Sergio; BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética e vergonha na cara!**. Campinas: Papirus 7 mares, 2014.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAHER JUNIOR, F. J.; BORGES, J. . Ciência da Informação e Competências Infocomunicacionais: possíveis diálogos epistêmicos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 26, n. 4, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/37612>. Acesso em: 5 set. 2024.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan. - abr. 2003. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. Os faróis da Sociedade de Informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, vol. 18, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>. Acesso em: 05 set. 2024.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **O Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática**. São Paulo: Febab, 2013. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/24879c3f-4ae4-4fec-8727-c83ce5cc0286/002847979_1.pdf. Acesso em: 11 dez. 2023.

META. FACEBOOK. Termos de Serviço. 2022. Disponível em: https://web.facebook.com/terms.php/?_rdc=1&_rdr. Acesso em: 08 abril 2023.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES - FEBAB. **Bibliotecas por um mundo melhor - Agenda 2030**: Ações em prol da Agenda 2030 já são realidade em diversas partes do Brasil. Podemos avançar mais ainda. 2018. E-book. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4563>. Acesso em: 16 nov. 2023.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES - FEBAB. **Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação**. 2011. Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES - FEBAB. **Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias**. 2013. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4554>. Acesso em: 05 set. 2024.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES - FEBAB. **Manifesto Político Sobre Competência em Informação: Bibliotecário Profissional Luz**. 2022. Repositório - FEBAB, Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6255>. Acesso em 05 de set. 2024.

FIORIN, Jose Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, Niterói, v.22, n. 44, p. 970-985, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33544/19531>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 53. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29.ed. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Edição especial. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2012.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 11. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1997.

FURTADO, C.; MAGELA, T. A pessoa bibliotecária como agente de combate à desinformação na área da Ciência da Informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 19, p. 1–19, 2023. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1929>. Acesso em: 05 set. 2024.

GALLO-LEÓN, José-Pablo. La biblioteca es servicio (y en ello está nuestro futuro)?. **El profesional de la información**, v. 24, n. 2, 2015, p. 87-93. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2015.mar.01/18801>. Acesso em: 05 set. 2024.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 2, n. 1. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/rt/printerFriendly/41315/25245>. Acesso em: 05 set. 2024.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262479939_Pesquisa_qualitativa_tipos_fundamentais. Acesso em: 11 dez. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e Informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida. **Epistemologia, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 91-107.

GOMES, H. F. Informação, estudos e fazeres: travessias assertivas da mediação e suas dimensões como fundamento da ciência da informação. **Informação & Informação**, v. 26, n.

4, p. 109-145, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/169934>. Acesso em: 11 dez. 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Perspectivas do digital. Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2018. Tradução de Lucas Machado.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2022. Tradução de Lucas Machado.

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.49 n.2, p. 189-204, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196/5254>. Acesso em: 10 dez. 2024

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS – IFLA. **Declaração de Havana**. 2012. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/information-literacy/publications/Declaration/Compet.Declara-de-Havana.2012.Portu-Brasil.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS – IFLA. **Declaração de Alexandria sobre Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida**. 2005. Disponível em: <https://repository.ifla.org/server/api/core/bitstreams/9a81219d-5d77-4de6-9532-4d4d8324022d/contenthttps://repository.ifla.org/server/api/core/bitstreams/9a81219d-5d77-4de6-9532-4d4d8324022d/content>. Acesso em: 05 set. 2024.

JACOBSON, Trudi; MACKEY, Thomas. Proposing a metaliteracy model to redefine information literacy. **Communications in Information Literacy**, v. 7, n. 2, p. 84-91, 2013. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/comminfolit/vol7/iss2/2/>. Acesso em: 05 set. 2024.

JESUS, I. P.; GOMES, H. F. Dimensões da mediação da informação e suas contribuições para a formação do mediador da leitura: aproximações teóricas e empíricas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 26, p. 1-24, 2021. DOI: 10.5007/1518-2924.2021.e83369. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/83369>. Acesso em: 15 maio 2023.

JESUS, Deise Lourenço; CUNHA, Murilo Bastos. A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao presente. **Informação & Informação**, v. 24, n. 3, p. 311-334, 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38022/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Ao encontro do saber do Outro. In: JOVCHELOVITCH, Sandra. Os contextos do Saber: representações, comunidade e cultura. Petrópolis; RJ: Vozes, 2008. p. 212-258.

KAUFMAN, Dora. É uma ideia boba pensar que criamos algum tipo de inteligência artificial: Criamos algo que é eficiente, mesmo tendo zero inteligência. **Época Negócios: Tecnologia**. Editora Globo S/A. [S/I]. 05 jun. 2023. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2023/06/e-uma-ideia-boba-pensar-que-cri>

amos-algum-tipo-de-inteligencia-artificial-criamos-algo-que-e-eficiente-mesmo-tendo-zero-in
teligencia.ghtml. Acesso em: 13 maio 2024.

MANSELL, Robin ; TREMBLAY, Gaëtan. *Renewing the Knowledge Societies Vision for Peace and Sustainable Development*. UNESCO, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002245/224531E.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: Planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINI, Paula; MORIGI, Valdir. Cultura, memória, instituição e habitus na formação da identidade profissional. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, v. 8, p. 26-41, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/IRIS/article/view/254409>. Acesso em: 05 set. 2024.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: a história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MATA, Marta Leandro da. **A inserção da Competência Informacional nos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil e nos cursos de Informação e Documentação na Espanha**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de PósGraduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista / UNESP, Marília, 2014. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_do_mar.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

MATA, Marta Leandro da; CASARIN, Helen de Castro Silva. Inserção de disciplinas sobre competência informacional nos cursos de Biblioteconomia do Brasil. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 1–16, 2018. DOI: 10.5007/1518-2924.2018v23n51p1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23n51p1>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. 2.ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002. Traduzido por Nicolás Nyimi Campanário.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: prática de fichamentos, resumos, resenhas. 13.ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. *In*: MULLER, Suzana Pinheiro Machado. **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, n. 1, 1986. <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222/222>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de Índio**: uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

NASCIMENTO, L. D. S.; PERROTTI, E. Informação e educação: um estudo do relatório inaugural da information literacy. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência Da Informação, 2017. **Anais...**, . Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/192139>. Acesso em: 11 dez. 2024.

OKADA, T. C. R.; ALCARÁ, A. R.; SANTA ANNA, J. O bibliotecário como educador e multiplicador da competência em informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 786-807, 2021. DOI: 10.26512/rici.v14.n3.2021.36725. Acesso em: 02 abr. 2023.

OLIVEIRA, Maria Livia Pachêco de; SOUZA, Edivanio Duarte de. Competência Crítica e desordem da informação: da atuação dos agentes ao protagonismo social. p. 77-96. In: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. **Competência crítica em informação**: teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

OLIVEIRA, A. J. B. de; CRANCHI, D. C. O papel da Biblioteca Universitária como espaço de afiliação estudantil e o Bibliotecário como Educador e Agente Inclusivo. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32654>. Acesso em: 5 set. 2024.

O QUE entendendo por Ciência da Informação e como isso impacta as minhas pesquisas: Aula aberta da disciplina de Perspectivas em Ciência da Informação com a Profa. Henriette Gomes. 2022. Publicado pelo canal PPGCIN-UFRGS. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_6mz8efSEgC&t=144s. Acesso em: 04 maio 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Declaração de Lyon**. 2014. Disponível em: <https://www.lyondeclaration.org/content/pages/lyon-declaration-pt.pdf>. Acesso em: 5 set. 2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PARISER, Eli. **Tenha cuidado com os "filtros-bolha" online**. TED. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8ofWFx525s>. Acesso em: 05 set. 2024.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Revista Informação@Profissões**. Londrina, v. 5, n. 2, p. 04 – 31, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314/20500>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PERROTI, Edmir e PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In.: LARA, M. L. G.; FUGINO, A.; NORONHA, D.P. **Informação e**

contemporaneidade: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001826107.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

PERROTI, Edmir e PIERUCCINI, Ivete. **I Fórum Internacional de Biblioeducação - 08/10/2022 - Tarde** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mSa6yDt0lSU&list=PLU258oego81c5S6t9rsMpVQGNQKTu8Dio>. Acesso em: 05 set. 2024.

PASSARELLI, Brasilina *et al.*, Identidade conceitual e cruzamentos disciplinares. *In*: PASSARELLI, Brasilina; SILVA, Armando Malheiro; RAMOS, Fernando (org.). e **Infocomunicação: estratégias e aplicações**. São Paulo: Senac, 2014. p. 79-122.

PASSOS, M. P.; PIERUCCINI, I. Mediação cultural e “infoeducação”: construção de saberes e conhecimento. **Médiations et usages sociaux des savoirs et de l’information. Regards croisés France-Brésil**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/edc.13974> . Acesso em: 05 set. 2024.

PORTUGAL. Ministério da Educação e Ciência. Rede de Bibliotecas Escolares. Aprender com a Biblioteca Escolar. 2 ed. Lisboa, 2017. Disponível em: [https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=99&fileName=referencial_2017_impres.pdf](https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=99&fileName=referencial_2017_impres.pdf). Acesso em: 05 set. 2024.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Editora Vozes. 25.ed. 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência E Tecnologia. **Observatório da educação pública no Rio Grande Do Sul - 2023**. Disponível em: https://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CECDCT/OBSERVATORIO_2023_web.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira: 1915 - 1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6158>. Acesso em: 04 set. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Boaventura de Sousa Santos explica a Ecologia de saberes**. 2021. [S. l.], [s. n.], 2021b. 1 vídeo (2h 58min.). Publicado pelo canal CUMULUS TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iEUqQyaZW_Y. Acesso em 05 de set. 2024.

SANTOS, Camila Araújo dos. Instituições representativas e os marcos políticos de competência em informação (COINFO). [Apresentação em Semana Acadêmica: Competência Informacional na Biblioteconomia - SAIBAM 2021.]. [S. l.], [s. n.], 2021a. 1 vídeo (1h 32min 45s). Publicado pelo canal Cabam UFRGS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o2CcigzeMvw>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SANTOS, E. M. dos .; DUARTE, E. A.; PRATA, N. V. Cidadania e trabalho na sociedade da informação: uma abordagem baseada na competência informacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 3, p. 208–222, set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362008000300014>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SHAPIRO, Jeremy J.; HUGHES, Shelley K. Information Literacy as a liberal art: Enlightenment proposals for a new curriculum. **Educom Review**, v. 31, n. 2, mar-abr. 1996. Disponível em: https://wikis.evergreen.edu/selfstudy/images/6/67/Educom_review.pdf. Acesso em: 11 dez. 2024.

SHNEIDER, Marco. Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. *In*: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SILVA, Armando Malheiro da. Informação e Cultura. *In*: _____. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Fundamentos da informação I**: perspectivas em Ciência da Informação. São Paulo: ABECIN Editora, 2017. Cap. 3, p. 30-91. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000042/00004231.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SNAVELY, Loanne; COOPER, Natasha. The information literacy debate. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 23, n. 1, p. 9-14, jan. 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0099133397900665#preview-section-references>. Acesso em: 05 set. 2024.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 set. 2024.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia no Brasil**: profissão e educação. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários: Biblioteca Universitária da UFSC, 1997.

SOUSA, Maria Eliziana Pereira de. FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Infoeducação nas teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 51 – 81, jan./mar. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/89941096/Infoeduca%C3%A7%C3%A3o_nas_teses_e_disserta%C3%A7%C3%B5es_dos_Programas_de_P%C3%B3s_Gradua%C3%A7%C3%A3o_em_Ci%C3%A4ncia_da_Informa%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil?auto=download. Acesso em: 05 set. 2024.

TANUS, G. F. S.C. (Re)visitando os caminhos do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, p. 171-194, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1102/1080>. Acesso em: 10 dez. 2024.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB; INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT. **Carta de Marília sobre Competência em Informação**. 2014. Disponível em: https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546#:~:text=Os%20participantes%20e%20as%20institui%C3%A7%C3%B5es,garantir%20que%20todos%20tenham%20acesso%2C. Acesso em: 05 set. 2024.

URIBE-TIRADO, A. Interrelaciones entre veinte definiciones-descripciones del concepto de alfabetización en información: propuesta de macro-definición. **ACIMED**, v. 20, n. 4, p. 1-22, 2009. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v20n4/aci011009.pdf>. Acesso em: 5 set. 2024.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. **Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212553>. Acesso em: 12. dez. 2024.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc Em Revista**, v. 16, nº 2, e5391. Dez. 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/download/5391/5112/18199>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ZURKOWSKI, P. G. The Information Service Environment Relationships and Priorities: report 5. **Washington, D.C.**, National Commission on Libraries and Information Science, Nov. 1974. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

ANEXO 1 - EXEMPLO DE UM PLANO DE ENSINO

22/01/24, 14:43

www1.ufrgs.br/ensino/planodeensino/php/paginas/visao/Visualizar.php

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Departamento de Ciências da Informação

Dados de identificação

Disciplina: **COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO**Período Letivo: **2024/1**Período de Início de Validade : **2024/1**Professor Responsável: **JUSSARA BORGES DE LIMA**Sigla: **BIB03293**

Créditos: 4

Carga Horária

			Carga Horária Total (CHT)
CH Teórica 30h	CH Prática 30h		60h
CH Coletiva 38h	CH Autônoma 22h	CH Individual 0h	60h
Carga Horária de prática Extensionista (CHE) 20h			

Súmula

Competência em informação: origem, conceitos, evolução e tendências. Biblioteca e informação como objetos educacionais: abordagens empírico-profissionais. Infoeducação.

Currículos

Currículos	Etapa Aconselhada	Pré-Requisitos	Natureza
BIBLIOTECONOMIA	3	Nenhum pré-requisito	Obrigatória

Objetivos

- * Compreender o contexto de emergência e evolução da competência em informação;
- * Conhecer a terminologia, o conceito e as metodologias inerentes à promoção de educação em informação;
- * Desenvolver projetos pautados na promoção de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos saudáveis relacionados à informação.

Conteúdo Programático

Semana	Título	Conteúdo
1 a 5	Competência em informação: origem, conceitos, evolução e tendências	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o contexto de emergência da competência em informação - Estudar aspectos terminológicos: literacy, alfabetização, letramento e multiletramentos - Explorar as influências que o conceito recebeu ao longo do tempo - Compreender a concepção atual e tendências: new media literacy, metaliteracy, competências infocomunicacionais
6 a 10	Competência em informação: elementos	<ul style="list-style-type: none"> - Fontes, busca e seleção de informação - Compreensão, organização e síntese da informação - Avaliação crítica da informação - Produção de conteúdos - Propriedade intelectual, direitos autorais e plágio
11 a 14	Biblioteca e informação como espaço e objeto de educação: abordagens empírico-profissionais	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a biblioteca como lócus de educação em informação; - Infoeducação; - Discutir o contexto e os conceitos que inter-relacionam a informação e a educação na contemporaneidade, como

<https://www1.ufrgs.br/ensino/planodeensino/php/paginas/visao/Visualizar.php>

1/5

22/01/24, 14:43

www1.ufrgs.br/ensino/planoedeensino/php/paginas/visao/Visualizar.php

Semana	Título	Conteúdo
		desinformação, pós-verdade e fake news; - Compreender o papel da inteligência artificial nas bibliotecas; - Conhecer padrões, métodos e experiência de promoção de competência em informação promovidos por bibliotecas; - Desenvolver projetos pautados na promoção de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos saudáveis relacionados à informação.
15 a 17	Seminários	- Apresentação e discussão dos trabalhos finais produzidos pelos alunos - Apropriação e desenvolvimento dos conceitos aplicados à projetos de promoção de competência em informação
18 a 19	Avaliação geral	Avaliação geral - Avaliação do componente curricular - Prova de recuperação

Caracterização da Prática Extensionista

Atividade de Extensão: **49492 - SUPER 8: PESQUISA E USO DA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA (2023)**

Procedimento: **1 - Introdução à pesquisa com bases de dados - Competência em informação (BIB 03293)**

Área Temática: **EDUCAÇÃO**

Área de Conhecimento: **Ciências Sociais Aplicadas**

Público Alvo: **Alunos de graduação, pós-graduação, docentes, técnico-administrativos da UFRGS e público em geral.**

Metodologia

No período da carga horária coletiva serão utilizados diferentes processos de ensino e aprendizagem, como:

- sala de aula invertida;
- exposição oral e dialogada;
- estudos de casos;
- discussão de textos teóricos e de documentos;
- palestras com bibliotecários convidados;
- esclarecimento de dúvidas;
- orientação para o desenvolvimento do trabalho final da disciplina;
- fóruns de discussão;
- uso de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) no Moodle;
- visitas a bibliotecas;
- parte da disciplina (até o limite de 20%) será ministrada no formato EaD em comum acordo com os alunos.

A carga horária autônoma refere-se ao período em que o aluno, autonomamente, irá analisar e/ou construir um Projeto de Promoção de Competência em Informação.

Esta disciplina oferece procedimentos curriculáveis de extensão através da participação dos alunos no planejamento, execução e/ou avaliação de projetos de promoção de competência em informação, a exemplo do Super 8 do Sistema de Bibliotecas da UFRGS.

Metodologia da Prática Extensionista

O evento é constituído de diferentes módulos que possuem o propósito comum de desenvolvimento de competências informacionais a partir de uma metodologia identificada como Super 8. O Super 8 é uma modelagem desenvolvida pelas equipes do SBUFRGS por intermédio da adaptação de uma abordagem de competência informacional conhecida internacionalmente como Big 6. O Big 6 propõe a existência de seis passos para o desenvolvimento de competências informacionais, considerando essencialmente os indivíduos como usuários de informação. O Super 8 amplia a concepção do Big 6 pela proposição de dois passos adicionais, contemplando a função importante para o contexto acadêmico de autor de informação. Com essa adaptação, os passos inerentes ao desenvolvimento de competência informacional no Super 8 são apresentados como: a) reconhecer: identificação da informação necessária; b) buscar: Identificação dos tipos de documentos que podem conter a informação necessária e as bases que os cobrem; c) recuperar e acessar: identificação das formas de recuperação e acesso aos documentos com a informação necessária; d) usar: identificação da informação necessária nos documentos acessados; e) sintetizar e produzir: organização dos documentos utilizados para criar uma biblioteca pessoal e produção de sínteses e novas informações sobre o assunto pesquisado; f) publicação: escolha do canal de comunicação para divulgação da informação produzida; g) leitura e avaliação: utilização de ferramentas que facilitem a leitura, avaliação e visibilidade da produção científica; h) revisar: revisão dos resultados obtidos ao longo do desenvolvimento de cada um dos passos. O projeto trabalhará uma série de procedimentos e ferramentas auxiliares para a realização dos passos do Super 8, buscando disseminar alguns recursos relacionados com a literatura científica entre a comunidade universitária.

O evento é distribuído durante o ano com turmas incluídas mensalmente para atender as demandas.

Experiências de Aprendizagem

Atividades gerais, como:
 Estudos dirigidos de textos teóricos, documentos e vídeos;
 Atividades individuais e em grupos;
 Redação de textos em escrita individual ou coletiva;
 Participação em fóruns de discussão;
 Estudo de casos;
 Realização de exercícios;
 Discussão de aspectos práticos da promoção de competência em informação com profissionais;
 Visitas a bibliotecas;
 Seminários.

Atividades específicas, como:
 Identificar os critérios principais para elaboração de um Projeto de Promoção de Competência em Informação;
 Analisar e elaborar um Projeto de Promoção de Competência em Informação;
 Apresentar e discutir o Projeto de Promoção de Competência em Informação em seminário;
 Discutir e colaborar com os trabalhos dos colegas no âmbito dos seminários.

Experiências de Aprendizagem da Prática Extensionista (Forma de realização)

Será realizada a atividade de promoção de competências em informação, isto é, o módulo do Super 8 "Introdução à pesquisa com bases de dados", onde os alunos da disciplina participarão como:

- Apoio pedagógico
- Apoio técnico ou
- Ministrantes

Critérios de Avaliação

A avaliação da aprendizagem será realizada processualmente por meio das experiências de aprendizagem. As avaliações serão sistemáticas e contínuas, através de realização e registro das atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) MOODLE, elaboração e entrega dos trabalhos solicitados pelo professor, provas e elaboração e apresentação do trabalho final. A cada aula, o aluno será informado da atividade a ser realizada e o peso (valor) da atividade.

O conjunto dessas notas fica disponível no Moodle com uma nota final com a seguinte equivalência com os conceitos:

CONCEITOS - Equivalência quantitativa

- A - 9,0 a 10,0
- B - 8,0 a 8,9
- C - 7,0 a 7,9
- D - Inferior a 7,0

Observações importante quanto à avaliação:

- Não serão considerados trabalhos entregues ou postados depois dos prazos acordados;
- Trabalhos com trechos copiados sem as devidas citações e referências são desconsiderados para efeitos de avaliação, sem direito a novo trabalho de reposição;
- A compreensão do que é solicitado em termos de exercícios e trabalhos faz parte da avaliação.

Critérios de avaliação

- a) Apropriação adequada das ideias dos autores citados;
- b) Apresentação de um avanço no conhecimento estudado, contextualização ou integração com o domínio de outras áreas e disciplinas;
- c) Sistematização coerente das ideias e sequência lógica de discurso;
- d) Expressão correta, clara e concisa;
- e) Uso adequado da terminologia da área;
- f) Atendimento aos prazos previamente estabelecidos.

Relação entre os critérios de avaliação e os conceitos

Conceito A - o aluno demonstra ter aprendido o conteúdo ministrado; usa adequadamente o vocabulário da área; aplica com propriedade os padrões bibliográficos estudados; utiliza bibliografia atualizada e pertinente; apresenta os trabalhos elaborados à turma; evidencia conhecimento do referencial teórico; contribui com a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem, através de questionamentos, observações ou outra forma de participação. O aluno é assíduo, participativo e responsável.

Conceito B - o aluno demonstra ter aprendido o conteúdo ministrado, mas ainda evidencia lacunas em seu conhecimento, manifestas por meio de dúvidas ou incorreções em seu desempenho, em relação: ao uso do vocabulário da área, à aplicação dos padrões bibliográficos estudados, à utilização da bibliografia atualizada e pertinente, à apresentação de trabalhos solicitados, ao conhecimento do referencial teórico; contribui com a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem, através de questionamentos, observações ou outra forma de participação.

Conceito C - o aluno demonstra ter aprendido, em parte, o conteúdo ministrado; apresenta dúvidas e imprecisões conceituais e metodológicas; pouco contribui com a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem, através de questionamentos, observações ou outra forma de participação.

Conceito D - o aluno demonstra não ter aprendido o conteúdo ministrado; apresenta muitas falhas conceituais e metodológicas; não contribui com a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem, através de questionamentos, observações ou outra forma de participação.

Critérios de Avaliação da Prática Extensionista

Avaliação Super 8:

Número de eventos de capacitação; número de horas de capacitação; número de vagas disponibilizadas para capacitação; percentual de bibliotecas do SBUFRGS participantes no projeto; aplicação do conteúdo do módulo; nível de atendimento da expectativa.

22/01/24, 14:43

www1.ufrgs.br/ensino/planoedeensino/php/paginas/visao/Visualizar.php

Avaliação dos precedimentos curriculares:

A avaliação da aprendizagem será realizada processualmente por meio das experiências de aprendizagem. As avaliações serão sistemáticas e contínuas, através de realização e registro das atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) MOODLE, elaboração e entrega dos trabalhos solicitados pelo professor, provas e elaboração e apresentação do trabalho final. A cada aula, o aluno será informado da atividade a ser realizada e o peso (valor) da atividade

Atividades de Recuperação Previstas

Será oferecida a oportunidade da Recuperação Terapêutica através de um Projeto de Promoção de Competência em Informação por escrito que evidencie todos os conteúdos estudados ao longo do semestre.

Alunos que não atingirem 75% de frequência às aulas serão reprovados por FF.

Prazo para Divulgação dos Resultados das Avaliações

Sete dias antes da prova de recuperação.

Bibliografia**Básica Essencial**

ALVES, Fernanda M. M.; CORRÊA, Elisa C. D.; LUCAS, Elaine R. O. (Orgs.). Competência em informação: políticas públicas, teoria e prática. Salvador: EdUFBA, 2016. ISBN 9788523215408. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22598>

BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Orgs.). Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. ISBN 9786559394234. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-informacao>

VITORINO, Elizete V.; PIANTOLA, Daniela. Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: UFSC, 2019. ISBN 9788532808400.

Básica

CAMPELLO, Bernadete. Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. ISBN 9788575263907.

GASQUE, Kelley C. G. D.. Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: UnB, 2012. ISBN 978-85-88130-09-8.

TARANGO, Javier; MENDOZA-GUILLÉN, Gabriela (Eds.). Didáctica básica para la alfabetización informacional. Buenos Aires: Alfagrama, 2012. ISBN 9789871305698.

Complementar

Sem bibliografias acrescentadas

Outras Referências**Título Texto**

Título	Texto
Artigos	AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Information Literacy Competency Standards for Higher Education, 2000. Disponível em: Acesso 01 nov. 2008. ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação. Palavra Chave (La Plata), v. 10, n. 2, p. e116-e116, 2021. AREA-MOREIRA, M.; RIBEIRO-PESSOA, M.T. De lo sólido a lo líquido: las nuevas alfabetizaciones ante los cambios culturales de la Web 2.0. Comunicar: Revista Científica de Comunicación y Educación, v. 19, n. 38, p. 13-20, 2012. ARENAS, Judith Licea de. La evaluación de La alfabetización informacional: principios, metodologías y retos. Anales de Documentación, n. 10, 2007, p. 215-232. Disponível em: Acesso em: 20 set. 2011. BELLUZZO, R.C.B.; SANTOS, C.A.D.; ALMEIDA. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. Informação & Informação, v. 19, n. 2, p. 60-77, 10/09; 2015/06/12 2014. BERMAN, E. Transforming information literacy in the sciences through the lens of e-science. Communications in Information Literacy, v. 7, n. 2, p. 161-170, 2013. BORGES, Jussara. Competências Infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. Informação & Sociedade, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em: http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/issue/view/2010/showToc . Acesso em 13abr.2018 BOTTE, Alexander et al. Learning Information Literacy across the Globe. Frankfurt am Main, May 10th 2019. 2021. CALDEIRO-PEDREIRA, M.; AGUADED-GÓMEZ, I. Alfabetización comunicativa y competencia mediática en la sociedad hipercomunicada. RIDU, Lima, v. 9, n. 1, jun. 2015 CAMPELLO, Bernadete. Letramento informacional:

<https://www1.ufrgs.br/ensino/planoedeensino/php/paginas/visao/Visualizar.php>

4/5

Título	Texto
	<p>função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. CATTS, R.; J. LAU. Towards information literacy indicators Paris: Unesco, 2008. CERETTA, M.G.; MARZAL, M.Á. Desarrollo de competencias em informació: otra modalidad para fortalecer las competencias lectoras. <i>Ciência da Informação</i>, v. 40, n. 3, p. 364-378, 2013. CERIGATTO, M.P.; CASARIN, H. Novos leitores, novas habilidades de leitura e significação: desafios para a media e information literacy. <i>Informação & Sociedade: Estudos</i>, v. 25, n. 1, p. 52, 2015. CUEVAS CERVERO, A.; MARQUES, M.; PAIXÃO, P.B.S. A alfabetização que necessitamos: informação e comunicação para a cidadania. <i>Informação e Sociedade</i>, v. 24, n. 2, p. 35-48, 2014. DEMO, P. Alfabetizações: desafios da nova mídia. <i>Ensaio</i>, v. 15, n. 57, p. 543-564, out./dez. 2007. DÍAZ, Marlerly Sánchez. Las competencias desde la perspectiva informacional: apuntes introductorios a nivel terminológico y conceptual, escenarios e iniciativas. <i>Ciência da Informação</i>, Brasília, v. 37, n. 1, p. 107-120, jan./abr. 2008. Disponível em: Acesso em: 20 set. 2011. DUDZIAK, E. A. Competência informacional e midiática no ensino superior: desafios e propostas para o Brasil. <i>Prisma.com</i>, v. 13, p. 1-19, 2011. DUNAWAY, M. Connectivism: Learning theory and pedagogical practice for networked information landscapes. <i>Reference Services Review</i>, v. 39, n. 4, p. 675 - 685 Disponível em: http://dx.doi.org/10.1108/00907321111186686 FARIAS, Gabriela Belmont de; MATA, Marta Leandro da; ALVES, Ana Paula Meneses; SANTOS, Camila Araújo dos. 20 anos de pesquisa sobre Information Literacy no Brasil: análise temática das teses e dissertações do Catálogo da CAPES. <i>Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação</i>, Brasília, v. 14, n. 1, p. 289-301, jan./abr. 2021. FARIAS, G. B.; BELLUZZO, R. C. B. Como desenvolver a competência em informação mediada por modelagem conceitual teórico-prática. Londrina, Abecim, 2015 FERRÉS PRATS, J.; PISCITELLI, A. La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. <i>Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación</i>, n. 38, p. 75-82, 2012. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, N. Alfabetización para una cultura social, digital, mediática y en red. <i>Revista Española de Documentación Científica</i>, v. 35, n. Monográfico, p. 17-45, 2012. JACOBSON, T.E.; MACKEY, T.P. Proposing a metaliteracy model to redefine information literacy. <i>Communications in Information Literacy</i>, v. 7, n. 2, p. 84-91, 2013. JACOBSON, Trudi; MACKEY, Thomas; O'BRIEN, Kelsey. Developing metaliterate citizens: designing and delivering enhanced global learning opportunities. In: <i>Learning Information Literacy across the Globe</i>. Frankfurt am Main, May 10th 2019. 2021. p. 74-89. KOUTAY, T. A new direction for library information Science: the communication aspect of information literacy. <i>Information Research</i>, v. 12, n.4, oct. 2007 KOMESU, Fabiana Cristina; FISCHER, Adriana. O modelo de ?letramentos acadêmicos?: teoria e aplicações. <i>Filologia e linguística Portuguesa</i>, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014. LLOYD, A. Information literacy as a socially enacted practice. <i>Journal of Documentation</i>, v. 68, n. 6, p. 772-783, 10/12; 2012. MANSO-RODRÍGUEZ, R. iLeer, comentar, compartir! El fomento de la lectura y las tecnologías sociales. <i>Transinformação</i>, v. 27, n. 1 12/18; 2015/06/11 2014. LUMINA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Juiz de Fora. Dossiê: Competência midiática para a cidadania, v. 12, 1.p. 6-16, jan./abr. 2018 MAIA, Cristina Marchetti. Inovação das práticas de competência informacional com o uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem em bibliotecas universitárias. 2020. MARQUES, M. Ação comunicativa e de informação: modelo transdisciplinar para o aprender a aprender. <i>Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação</i>, v. 8, n. 2, p. 194-211, 2015. MARZAL GARCÍA-QUISMONDO, M.Á. La evaluación de los programas de alfabetización en información en la educación superior : estrategias e instrumentos. OJS, 2010. MARZAL, Miguel-Ángel. Una propuesta taxonómica para las multialfabetizaciones y sus competencias. <i>Profesional de la información</i>, v. 29, n. 4, 2020. MOELLER, S. et al. Towards media and information literacy indicators Paris: Unesco, 2011. MONTALVO, J.A.C. La competencia comunicativa en la formación universitaria. In: LAZO, C.M., LACRUZ, M.C.A. & ARTUR, M.I.U. (Orgs.) <i>Competencias interdisciplinares para la comunicación y la información en la sociedad digital: Icono 14</i>, 2012. NAREA CORTÉS, Álvaro. Serie N° 123: Inteligencia artificial: cultura y bibliotecas. 2023. O'BRIEN, K. L. et al. Metaliteracy as Pedagogical Framework for Learner-Centered Design in Three MOOC Platforms: Connectivist, Coursera and Canvas. <i>Open Praxis</i>, vol. 9 issue 3, July?September 2017, pp. 267?286 PATROCÍNIO, T. A educação e a cidadania na era das redes infocomunicacionais. <i>Revista FACED</i>, v. 15, p. 47-62, jan./jul. 2009. PHILLIPPI, A.; AVENDAÑO, C. Empoderamiento comunicacional: competencias narrativas de los sujetos. <i>Comunicar: Revista Científica de Educomunicación</i>, v. 18, n. 36, p. 61-68, 2011. PONJUÁN, G.; PINTO, M.; URIBE TIRADO, A. Conceptualización y perspectivas de la alfabetización informacional en Iberoamérica: un estudio Delphi. <i>Information Research</i>, v. 20, n. 3, p. 1-26, 2015. PRESSER, N.; SILVA, M. L. Competência e comportamento em informação: uma análise social. <i>Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud, La Habana</i>, v. 26, oct./dic. 2015 RIGHETTO, Guilherme Goulart; MURIEL-TORRADO, Enrique; VITORINO, Elizete Vieira. ? Imbecilización? en la sociedad de la desinformación: ¿ qué puede hacer la alfabetización informacional al respecto?. <i>Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información</i>, v. 35, n. 87, p. 33-55, 2021. SANCHES, T., ANTUNES, M. L., LOPES, C.(2023). Relatório síntese do projeto: Literacia da informação e pensamento crítico no Ensino Superior: combater a desinformação [ebook]. Lisboa: BAD, 2023 SCOLARI, C. Alfabetismo transmedia: estratégias de aprendizagem informal y competencias mediáticas em la nueva cologia de la comunicación. <i>Telos</i>, feb./mayo 2016 SILVA, A. M. D. Inclusão digital e literacia informacional em Ciência da Informação. <i>Prisma.com</i>, v. 7, p. 16-43, 2008. SILVA, Carlos Robson Souza; NUNES, Jefferson Veras; TEIXEIRA, Thiciane Mary Carvalho. Do conceito de informação ao discurso sobre competência em informação. <i>INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação</i>, v. 11, n. 2, p. 185-205, 2020. STORDY, H.P. Taxonomy of literacies. <i>Journal of Documentation</i>, v. 71, n. 3, p. 456-476, 2015. TRIPP, L. Digital Youth, Libraries, and New Media Literacy. <i>The Reference Librarian</i>, v. 52, p. 329?341, 2011 URIBE-TIRADO, A. 75 lições aprendidas de programas de competência em informação em universidades da Ibero-americanas: 2009-2013. <i>Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação</i>, v. 1, n. 2 2015. WILSON, C. et al. Alfabetización mediática e informacional: curriculum para profesores. Paris: Unesco, 2011</p>

Observações

Esta disciplina recebe alunos de pós-graduação para o estágio docente.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DAS DISCIPLINAS ANALISADAS

Nº	IES	Ano	Disciplinas analisadas
1	1. UNB	2023/1	Estudo de usuários - UNB
2		2022/2	Serviços de informação - UNB
3		2023/1	Análise da informação - UNB
4	2.UFAM	2023/1	Serviço de referência e informação - UFAM
5		2023/2	Introdução a comunicação - UFAM
6		2023/1	Informação e cidadania - UFAM
7	3.UEL	2023	Comportamento informacional - UEL
8		2023	Serviço de informação e referência - UEL
9		2023/1	Competência em Informação - UEL
10	4.FURG	2019/1	Estudo de uso e usuários de informação - FURG
11	5. UDESC	2023/1	Estudo de usuários e comunidades - UDESC
12		2023/2	Serviço de referência - UDESC
13	6.UNESP	nc	Educação de usuários - UNESP
14	8.UFPA	nc	Ética e informação - UFPA
15		nc	Disseminação da informação - UFPA
16		nc	Leitura e Competência informacional - UFPA
17		nc	Prática em mediação da informação - UFPA
18	9.UFRN	2023/1	Serviço de informação e referência - UFRN
19		2021/1	Fontes de informação - UFRN
20		nc	Biblioteca escolar e formação do leitor - UFRN
21	10.UFES	2023/1	Fundamentos educacionais em Biblioteconomia - UFES
22		2021	Ação cultural - UFES
23		2023	Estudo de usuários - UFES
24		2023	Serviço de recuperação da informação - UFES
25	11.UFMG	2023	Leitura e formação do leitor - UFMG
26		2019	Competência informacional - UFMG
27	12.UFAL	nc	Estudos de usuários da informação - UFAL
28		2023/1	Mediação da informação e do conhecimento - UFAL

29		2022/3	Fontes e recursos de informação - UFAL
30	13.UFPB	2023/2	Ética da informação - UFPB
31	14.UFPE	nc	Informação e sociedade - UFPE
32		nc	Serviços de referência e Informação - UFPE
33		nc	Produção e uso da informação - UFPE
34		nc	Práticas de Biblioteconomia e Ciência da Informação - UFPE
35	15.UFRGS	2023/2	Estudo de comunidades, públicos e usuários - UFRGS
36		2023/2	Serviço de referência e informação - UFRGS
37		2023/2	Fontes gerais de informação - UFRGS
38		2023/2	Filosofia e ética da informação - UFRGS
39		2024/1	Competência em Informação - UFRGS
40	16.UFC	2023/1	Estudo de comunidades, e usuários da informação - UFC
41		2023/1	Recuperação da informação - UFC
42	17.UFG	2023/2	Serviços, produtos e mediação de informação - UFG
43		2023/2	Leitura e sociedade - UFG
44	18.UFSC	2024/1	Proteção de dados pessoais: uma leitura jurídica - UFSC
45		2023/2	Referência e serviço de informação - UFSC
46		2024/1	Competência informacional - UFSC
47	19.UNIRIO N	nc	Fontes de Informação gerais - UNIRIO N
48		nc	Estudos de usuários e de comunidades - UNIRIO N
49		nc	Teoria e prática do serviço de referência - UNIRIO N
50	20.UNIRIO L	nc	Educação e Filosofia - UNIRIO L
51		nc	Psicologia e educação - UNIRIO L
52		nc	Fontes de informação - UNIRIO L
53		nc	Didática - UNIRIO L
54	22.UNIR	2023/2	Estudos de usuários e comunidades - UNIR
55	23.UESPI	2022.2	Estudo da comunidade e do usuário - UESPI
56		2021/2	Serviços e processos de referência - UESPI
57		2022	Leitura e formação de leitores - UESPI
58	24.UFCA	2015.1	Serviços de informação - UFCA
59		2017.2	Recuperação da informação - UFCA

60	25.UFR	2017.1	Estudos de usuários - UFR
61	26.UFSCAR	2023/2	Serviço de referência e fontes de informação - UFSCAR
62		2023/1	Usos e usuários da informação - UFSCAR
63	27.USP	2022/1	Serviços ao usuário - USP
64		2023/1	Biblioeducação: elementos, conceituais e metodológicos - USP
65		2023/1	Informação, conhecimento e cultura - USP
66		2022/1	Biblioteca, informação e sociedade - USP
67	28.UFRJ	2023/2	Competência em informação - UFRJ
68		2023	Recursos Informacionais - UFRJ
69		nc	Ética da informação - UFRJ
70		nc	Biblioteca, informação e sociedade - UFRJ
71		nc	Cultura e informação - UFRJ
72		nc	Mediação de leitura - UFRJ